

Comuni dades e famílias multi espécies:



APORTES À SAÚDE ÚNICA EM PERIFERIAS

ie] A Instituto de
Estudos Avançados da
Universidade de São Paulo



SUP
Saúde Única
em Periferias

amavisse

Oswaldo Santos Baquero e Érica Peçanha (Organizadores)

Comunidades e famílias multiespécies: aportes à Saúde Única em Periferias

DOI USP 10.11606/9786588152218



Copyright © 2021 by Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo

Comunidades e famílias multiespécies: aportes à Saúde Única em Periferias, 2021.



Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citadas a fonte e a autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Fabio Osmar de Oliveira Maciel – CRB-7 6284

B222c

Baquero, Oswaldo Santos

Comunidades e famílias multiespécies: aportes à Saúde Única em Periferias / Oswaldo Santos Baquero, Érica Peçanha (organizadores). Eliana Sousa Silva, Martin Grossmann (coordenadores). – 1. Ed. São Paulo: Editora Amavisse, 2021. – 1. ed. – São Paulo : Editora Amavisse, 2021. 350 p. ; 21 cm. – (Coleção Democracia, Artes e Saberes Plurais - IEA/USP; Cátedra Olavo Setubal de Arte, Cultura e Ciência)

ISBN 978-65-88152-21-8

DOI USP 10.11606/9786588152218

1. Ciências Sociais. 2. Humanidades. 3. Estudos multiespécies. 4. Saúde. 5. Periferias - São Paulo (SP). 6. Universidade de São Paulo. I. Peçanha, Érica. II. Título. III. Série.

322-235-21

CDD : 300

Editora Amavisse – Selo de Livros

Acadêmicos da Editora Patuá.

Rua Luís Murat, 40 – Pinheiros

São Paulo – SP – CEP: 05436-050

www.editorapatua.com.br

Cel.: (11) 98365-4985

editoraamavisse@gmail.com

**Oswaldo Santos Baquero
Érica Peçanha
(organizadores)**

**Comunidades e famílias multiespécies:
aportes à Saúde Única em Periferias**

Dedicado a Ricardo Lima da Silva
(in memoriam)

Sumário

Apresentação: periferias do saber, urbanas e animais <i>Oswaldo Santos Baquero</i>	13
A USP em relação com as comunidades periféricas: percepções a partir de um projeto de pesquisa e extensão <i>Érica Peçanha e Kaio Gabriel Gameleira da Silva Pinto</i>	43
Saúde coletiva e as famílias multiespécies nas periferias urbanas <i>Yasmin da Silva Alexandre</i>	63
O animal no cotidiano: o olhar de um pesquisador de campo <i>Douglas Henrique Santos</i>	78
Byenveni! Da ilha caribenha ao Jardim Keralux: reflexões sobre a presença e interação com a comunidade de imigrantes haitianos na zona leste de São Paulo <i>Jacqueline Jaceguai Chagas Nunes dos Santos e Diana Cristina Enriquez Cueva</i>	85
Visita do censo <i>Eduarda Ribeiro Rodrigues</i>	96

Relações entre infraestrutura urbana, animais e saúde nos territórios Jardim Keralux e Vila Guaraciaba	101
<i>Amanda Escobar Costa e Isadora Nunes Ferreira</i>	
Da cidade sustentável à periferia multiespécie	116
<i>Danilo Pereira Sato</i>	
A marginalização dos coletivos multiespécies nas periferias urbanas	129
<i>Raquel de França Bezerra</i>	
Sobre saúde e o lugar onde cresci	134
<i>Francisca Eveline dos Santos</i>	
Retratos etnográficos: a relação entre animais e humanos e a interface de saúde e meio ambiente na periferia São Remo	141
<i>Luciana Lima Marques</i>	
Especismo: vamos pensar sobre isso	153
<i>Ricardo Lima da Silva</i>	
Vida eletrônica, vida em condição periférica e a felicidade possível	159
<i>Ricardo Lima da Silva</i>	

Córrego, quintais e vielas: espaços de convívio multiespécie na Vila Guaraciaba	164
<i>Carla Maria dos Santos Silva</i>	
Laços entre animais	180
<i>Dayane Pereira de Souza</i>	
Deixem-nos respirar! Uma breve perspectiva sobre o cotidiano da favela a partir das noções de racismo ambiental e necropolítica na comunidade Jardim Keralux – zona leste /SP	185
<i>Jacqueline Jaceguai Chagas Nunes dos Santos</i>	
Viagens rotineiras	195
<i>Adna Ribeiro Cavalcante Costa</i>	
As mulheres do Keralux e seus animais de companhia: uma entre tantas relações de afeto na periferia	209
<i>Caio Gabriel da Silva</i>	
A relação dos moradores das ruas Helenira de Rezende e Beira Rio, do Jardim Keralux – São Paulo (SP), com o meio ambiente e os animais sinantrópicos	218
<i>Diana Cristina Enriquez Cueva e Rafaela Campos</i>	

Comunidades e famílias multiespécies nas periferias urbanas: reflexão sobre a relação homem-animal na comunidade São Remo <i>Isamara Oliveira Guimarães e Paulo Rogério Nunes dos Santos</i>	238
Inclusão dos animais de estimação como membros da família e adaptação à vida moderna <i>Raquel Pereira Ires</i>	258
Reflexões sobre a periferia: uma abordagem histórica e conceitual das relações sociais dentro da saúde e de composições multiespécies <i>Fagner de Souza Gonçalves</i>	269
“Política da morte”, educação e saúde: o que estão fazendo com nossas vidas? <i>Mayara Bertanhe</i>	285
A relação entre humano e cão é mais do que uma amizade <i>Nayara Klinger Castilho dos Santos</i>	296
O caráter multiespécie e multidimensional das noções de bem viver latino-americanas <i>Gabriel Castro Siqueira Júnior, Bruno Simões Gonçalves e Alessandro de Oliveira dos Santos</i>	303

Sobre autoras e autores	327
Realização e parcerias	334

Apresentação: periferias do saber, urbanas e animais

Oswaldo Santos Baquero

As periferias são vivenciadas e teorizadas, exploradas e negligenciadas, assistidas e incompreendidas, reinventadas. Nas universidades é de se esperar uma relação teórica com as periferias, mas não apenas. As universidades em si tornam-se periféricas quando localizadas no Sul global e longe do topo nas listas coloniais de ranqueamento. Dentro das universidades, as periferias também estão presentes. Tomando como exemplo as brasileiras, é clara a maior porcentagem de mulheres negras nos trabalhos menos valorizados – como a limpeza de banheiros – quando comparada com a escassez delas no corpo docente. Por outro lado, as ações afirmativas, embora insuficientes, têm ampliado o ingresso de estudantes oriundos de contextos periféricos. Entretanto, o ingresso por si só não resolve a marginalização e em certa forma se configura como um deslocamento não inclusivo, uma passagem das periferias externas à universidade para as internas. Estando dentro, os saberes periféricos têm relativamente pouco espaço, ainda mais se proferidos desde a graduação ou posições não acadêmicas.

Este livro abre um espaço desde o cruzamento entre periferias do saber, urbanas e animais. Surge principalmente da vivência de estudantes de graduação da Universidade de

São Paulo (USP), ligados à rede Saúde Única em Periferias (SUP) e/ou ao Censo Pontes e Vivências de Saberes do Instituto de Estudos Avançados da USP. Nos projetos da rede SUP e no censo, a seleção de estudantes privilegiou quem estava em situação socioeconômica desfavorável, tinha vivências periféricas ou interesse por questões sociais e, no caso do censo, também foi privilegiado o desempenho acadêmico. Conjuntamente, os projetos possibilitaram a participação de 72 estudantes nos anos 2019 e 2020, sendo 61 de graduação procedentes de 23 cursos e 11 da pós-graduação, de sete programas diferentes. O contexto do censo dado pelo projeto Democracia, Artes e Saberes Plurais (DASP) será apresentado no capítulo “A USP em relação com as comunidades periféricas: percepções a partir de um projeto de pesquisa e extensão”, enquanto a análise dos dados censitários será objeto de outros dois livros. Aqui vale adiantar que nas comunidades recenseadas encontramos que os domicílios tinham mais animais de companhia do que crianças, 50 tipos de animais foram identificados em conflitos multiespécies e diversos foram os motivos para se responsabilizar pelo cuidado de plantas.

Os censos proporcionam dados indispensáveis para o planejamento de ações populacionais – seja em favor ou em detrimento das periferias – e ganham valor com os avanços computacionais que permitem extrair cada vez mais informações. A inteligência artificial tem popularizado a lógica assentada na detecção de regularidades para pre-

dizer tendências e efeitos de intervenções, residindo nisso sua potência e limitação. Cada variável é uma dimensão e quanto mais variáveis, maior o número de possíveis combinações entre elas e de informações extraíveis. Isto desafia os algoritmos de aprendizado de regularidades. É o que em programação se apelida de maldição da dimensionalidade (*curse of dimensionality*). Em outras palavras, explosão combinatória, diversidade, singularidade e subjetividade além do algoritmo dissolvendo regularidades.

As alunas e os alunos que escreveram os capítulos trazem um pouco disso, do que escapa à análise censitária convencional. Relatos, ficções, lembranças e dados não registrados no formulário, misturados por vezes com uma pitada de dados propriamente censitários. Foram 22 estudantes de graduação, três doutorandos, dois pós-doutorandos e dois professores, a maioria de origem periférica. As áreas de formação dos 29 coautores envolvem 18 cursos e as contribuições não se restringem a elas. O elo entre os capítulos são as experiências periféricas envolvendo humanos e outros viventes nas atividades de campo dos projetos, e em alguns casos, nas vivências periféricas prévias.

Organizei este livro com a minha cara colega Érica Peçanha, a quem agradeço por essa empreitada e pelo trabalho excepcional na coordenação das atividades pedagógicas e de campo do censo. No processo de revisão valorizamos as contribuições originais independentemente das ideias

elaboradas, limitando-nos a sugerir considerações pontuais, nem sempre incorporadas. Isso veio justamente ao encontro do que procurávamos, não a defesa de determinados posicionamentos (por mais que isso seja parte da nossa atuação em outros contextos) e sim a reunião de saberes plurais, aportados desde diferentes momentos e lugares.

Tal pluralidade também reside na Saúde Única em Periferias (SUP), um campo de práxis emergente, relativo à vivência, entendimento e transformação de coletivos multiespécies marginalizados. Os entendimentos da saúde definem o que está no campo da saúde, quem pode e deve tê-la, bem como o escopo e o tipo de práticas de saúde. Portanto, a construção e a desconstrução de saberes sobre a saúde é uma prática que muda a prática, uma metaprática. Daí parte o argumento que chega à ecologia de saberes como indispensável para a promoção decolonial da SUP, reconhecendo que a saúde sempre foi de coletivos multiespécies e não apenas humana¹. Este livro oferece recursos para pensar tal promoção.

1. BAQUERO, Oswaldo Santos. One Health of Peripheries: Biopolitics, Social Determination, and Field of Praxis. **Frontiers of Public Health**, v.9, p. 1-12, jun. 2021.

BAQUERO, Oswaldo Santos; FERNÁNDEZ, Mario Nestor Benavidez; AGUILAR, Myriam Acero. From Modern Planetary Health to Decolonial Promotion of One Health of Peripheries. **Frontiers of Public Health**, v.9, p. 1-11, jun. 2021.

A antropóloga Érica Peçanha e o graduando em Gestão de Políticas Públicas Kaio Gabriel Gameleira da Silva escreveram o capítulo “A USP em relação com as comunidades periféricas: percepções a partir de um projeto de pesquisa e extensão”. O Kaio é também morador da Vila Guaraciaba, um dos territórios pesquisados no censo. Os autores começam o capítulo trazendo uma noção antropocêntrica de comunidade, para depois contrastá-la com uma noção multiespécie e pontuar a conotação prevalecente no contexto universitário. No caso da USP, são várias as iniciativas comunitárias e o capítulo foca numa delas, o projeto Democracia, Artes e Saberes Plurais (DASP), conformado por três frentes: Centralidades Periféricas, Conexões USP-Periferias e o censo. Sobre este último, descrevem de forma geral seus propósitos, logística, caráter multiespécie e ações pedagógicas a partir de ações afirmativas. O Kaio relata sua condição ambivalente, marcada pela fronteira entre seu bairro e sua universidade. Primeiro morador, depois morador e estudante da USP. Enquanto morador, percebia aquele lugar distante e alheio do outro lado do muro. Ao cruzá-lo e virar estudante, ganhou compreensão das múltiplas discriminações sofridas pelos seus vizinhos dentro da universidade. Desde então, tem se envolvido na luta por quebrar essa barreira. Foi assim que terminou participando no censo, com o qual ganhou e ofereceu outros entendimentos, deu sentido ao censo animal e percebeu como “os animais” se

prestam também para discriminações entre humanos. O capítulo fecha com uma reflexão sobre as expectativas e possíveis desdobramentos do DASP.

Yasmin da Silva Alexandre, graduanda em Medicina Veterinária, é a autora de “Saúde coletiva e as famílias multiespécies nas periferias urbanas”. Nasceu e cresceu no Jardim São Remo, outro dos territórios pesquisados no censo e lugar onde acontecem vários projetos da rede SUP. O capítulo é um resgate de memórias pessoais e exemplifica histórias nordestinas de migração às periferias urbanas. Seu pai veio de Ferreiros (PE) e construiu uma casa numa rua icônica da luta comunitária do Jardim São Remo, a Travessa Luiz Carlos Viotti. Ele teve canários para lembrar o Nordeste, mas a vontade de ver essas aves livres foi maior e deixou de tê-las em gaiolas. Para a Yasmin, seu nascimento e a constituição multiespécie da sua família são fenômenos coetâneos. As lembranças de infância a remetem à relação com cães semidomiciliados e comunitários, desde uma cadela vítima de violência sexual, às infecções que se espalhavam na sua família multiespécie, às dificuldades de acesso a serviços médico-veterinários. A Yasmin nos conta o que se costuma calar, a infiltração da violência na sua própria casa, onde os ratos também se adentravam e seus caros familiares não humanos eram abandonados. Desde a academia conceitua-se a intrincada relação entre violência interpessoal e violência contra outros animais, assim como as zoonoses e as deter-

minações sociais da saúde. A Yasmin comprehende bem esses objetos de estudo desde a infância. Em retrospectiva, ela vê a carência de informações que acompanhou seu crescimento na comunidade São Remo. Entende-se, assim, o envolvimento dela nas ações educativas da rede SUP na São Remo, que descreve como “objetivando provocar conflitos nos indivíduos, criando assim oportunidade da pessoa pensar e repensar a sua cultura e ela própria transformar sua realidade”.

Quem escreve “O animal no cotidiano: o olhar de um pesquisador de campo” é o Douglas Henrique Santos da Silva, graduando em Gestão de Políticas Públicas e em Direito. No início, uma citação do Guimarães Rosa, que em uníssono com Derrida, lembra-nos da diferença entre “o animal” e “os animais” não humanos. Há subjetividades animais e o censo, mesmo sem exprimi-las nos seus dados, é considerado pelo Douglas como uma inovação por abordar a demografia de três espécies animais além da humana. O Douglas reflete sobre os anseios e as responsabilidades presentes na relação dos moradores entrevistados com seus companheiros não humanos, deixando de lado a imagem da família matrimonializada, para entender arranjos multiespécies moldados por forças sociais em que alguns animais assumem o estatuto de “bichos de estimação”, “companhia das crianças”, “filhos ou filhas”. Isso nas periferias urbanas, no Jardim Keralux, outro dos territórios pesquisados pelo censo, onde a solidão da terceira idade encontra alívio na

companhia de outras espécies animais. Entre as anedotas, reaparece a triangulação origem-migração-pássaro também comentada pela Yasmin, desta vez no formato de um papagaio vindo da Região Norte com seu companheiro humano, orgulhoso da liberdade e autonomia do papagaio que transita pelas redondezas da sua casa. Nos interstícios das entrevistas, o Douglas se depara com o esforço dos entrevistados para superar os entraves do cotidiano esmagador a fim de abrir um espaço para poder passear com seus companheiros não humanos. Em suma, motivações mais-que-humanas em busca do bem viver.

“*Byenveni!* Da ilha caribenha ao Jardim Keralux: reflexões sobre a presença e interação com a comunidade de imigrantes haitianos na zona leste de São Paulo”. Isso mesmo, *Byenveni*, não *Bienvenue*, em crioulo haitiano, pois é deles que escrevem a Jacqueline Jaceguai Chagas Nunes dos Santos, doutoranda em Mudança Social e Participação Políticas, e a Diana Cristina Enriquez Cueva, graduanda em Ciências Biológicas. As autoras nos trazem mais uma dimensão das multiplicidades periféricas, a periferia haitiana compondo e complexificando a periferia do Jardim Keralux. Propõem-nos uma viagem no tempo para situar-nos no marco decolonial instituído com a primeira república negra das Américas antes de referenciar o Hati atual, marginalizado até o ponto de expelir muitos dos seus habitantes. Alguns vieram parar em casas improvisadas no Brasil, onde lutam para pagar os aluguéis

que garantem essas moradias pequenas, escuras, úmidas e pouco ventiladas. Jacqueline e Diana perceberam o arraigo cultural da comunidade haitiana dentro do Jardim Keralux, graças ao intérprete Charles Pierre que traduzia as perguntas do questionário do censo e retornava respostas e histórias. A pergunta “Você se considera negro?” parecia fora do lugar haitiano, assim como o convívio com animais de companhia. Jacqueline e Diana atribuem a ausência desses animais nos domicílios à falta de condições para cuidá-los, pois a situação dos haitianos é particularmente desafiadora, em vista das dificuldades linguísticas somadas aos abusos policiais e à exploração laboral. Mas, sobretudo, a atribuem a diferenças culturais, em especial religiosas.

Eduarda Rodrigues é graduanda em Letras e a partir da sua vivência como recenseadora na São Remo se incluiu como personagem em “Visita do censo”, uma ficção espelcular na qual se enxerga através dos olhos de uma entrevistada. Ela narra o peso acrescentado pelas entrevistas a cotidianos atribulados e saturados, à dificuldade de parar para responder enquanto a casa não para. Atender a entrevistadora é abrir a porta e expor intimidades. A narrativa introduz medos históricos da São Remo, como o expressado pelo receio do censo ser um estratagema da USP para expulsar os moradores da comunidade, pois parte do terreno da São Remo é propriedade da universidade. A mulher que atende a entrevista se lamenta do sucateamento do Hospital

Universitário, onde nasceram todos os filhos e onde hoje as possibilidades de atendimento são remotas. Debate-se entre encerrar os filhos numa casa minúscula de um cômodo ou deixá-los brincar entre o esgoto que circunda o lar, onde crianças vizinhas já foram atropeladas. Na entrevista, a mulher ouve termos estranhos como cisgênero e transgênero e uma pergunta sobre sua cor de pele, que por sinal não é branca, é negra como a da Eduarda. A mulher não sabe responder, pergunta à Eduarda qual a cor dela, mas como ela não responde, fica sem referência e assinala “parda”. A entrevistada tem medo dos ratos mexerem nas roupas das crianças e na comida; quer um gato, mas não tem espaço. Assim, a entrevista da sua casa não tem dados demográficos sobre cães, gatos ou pássaros. Porém, ela comenta sobre a vizinha, que se diz mãe da Mel, uma porquinha-da-Índia na qual gasta bastante dinheiro. A vizinha e o marido não têm filhos e estão satisfeitos com a Mel, mas não com a entrevista, pois só coletou detalhes demográficos de cães, gatos e pássaros. Da Mel apenas registrou sua presença como se ela fosse menos que cachorro ou gato.

Amanda Escobar Costa é graduanda em História e junto à Isadora Nunes Ferreira, graduanda em Gestão de Políticas Públicas, escreveu “Relações entre infraestrutura urbana, animais e saúde nos territórios de Jardim Keralux e Vila Guaraciaba”. Elas relatam como num período relativamente curto o território albergou um empreendimento

industrial falido, foi apropriado por um banco e passou por processos de grilagem, ocupação irregular, ameaças de reintegração de posse e regularização fundiária. Partindo de discussões sobre favelas paulistanas, habitação e direto à cidade, abordam a heterogeneidade interna no Jardim Keralux e na Vila Guaraciaba em termos de infraestrutura, saneamento básico e riscos à saúde de pessoas e outros animais. Para isto, valem-se da experiência que adquiriram como recenseadoras, analisam dados do censo e acrescentam informações obtidas numa entrevista com a Laís Rodrigues da Cunha, moradora que ajudou a articular os trabalhos de campo do censo. A Amanda e a Isadora mostram que o avistamento de escorpiões e cobras foi mais frequente entre os moradores de domicílios próximos a um córrego a céu aberto. Já a Laís trouxe na entrevista preocupações de saúde humana e animal decorrentes da contaminação do ar e da água, bem como a necessidade de ter uma Unidade Básica de Saúde com capacidade para atender a demandas de uma população em crescimento. Essas preocupações somam-se àquelas associadas a alagamentos e problemas de contaminação ambiental e de saúde denunciados há mais de uma década. Assim, a precariedade que a Amanda e a Isadora encontraram durante o recenseamento vem de longa data, mostrando o descaso com demandas para atender necessidades básicas das comunidades periféricas.

Danilo Sato atuou em todos os territórios recenseados: Jardim Keralux, Vila Guaraciaba, Jardim São Remo e Sem Terra. Cursa o doutorado em Geografia e escreveu “Da cidade sustentável à periferia multiespécie”. A reflexão do Danilo procede da experiência na coordenação das atividades de campo do censo, somada aos debates sobre cidades sustentáveis. Ele apresenta conceitos de tal debate, para quem tem interesse em se aprofundar no assunto: sustentabilidade fraca e forte, ecologia profunda, cidades cinzas e verdes. Na visão dele, o recenseamento multiespécie ajuda a situar a complexidade dos territórios, as agências humanas e não humanas, as possíveis coexistências e os caminhos para construir cidades mais-que-humanas. No campo ganhou intimidade com o espaço dos territórios e no capítulo contextualiza a localização mediante sistemas de informação geográfica. Mostra-nos o Jardim Keralux e a Vila Guaraciaba entre as várzeas do Rio Tietê e limitados por áreas arbóreas para explicar porque nessas comunidades houve relatos de avistamento de espécies animais selvagens. Contrasta isso com o terreno inclinado e verticalizado do Jardim São Remo e Sem Terra, onde os relatos envolviam espécies sinantrópicas típicas de ambientes urbanos. O Danilo chama a atenção para a heterogeneidade socioambiental interna dos territórios e a conveniência da saúde única para equacionar riscos sanitários nas periferias.

A marginalização dos coletivos multiespécies nas periferias urbanas é a contribuição da Raquel de França

Bezerra, graduanda em Ciências Contábeis e moradora da periferia. O capítulo começa com uma foto na qual se reconhece o contorno da cabeça de um gato e no fundo uma periferia urbana. Logo depois vem uma citação da Carolina Maria de Jesus: “A favela é o quarto de despejo de uma cidade. Nós, os pobres, somos os trastes velhos”. E a Raquel retrata a marginalização dos seres vivos dos territórios periféricos como um abismo social mais-que-humano, marcado por hierarquias de classe, raça e espécie. Ela mora numa comunidade periférica parte de uma reserva ambiental, onde presencia carros chegando para abandonar cachorros e gatos, onde os animais são jogados junto aos escombros e ao lixo. Por isso, as palavras da Carolina de Jesus têm significado literal. A Raquel associa tais vivências à resposta que os moradores da São Remo davam à pergunta sobre a forma de aquisição dos cachorros e dos gatos, já que nas entrevistas realizadas por ela foram frequentes os relatos de animais abandonados pегos na rua, alguns despejados na porta da casa dos moradores. O rosto sem traços do gato na fotografia do início não é fortuito, a Raquel fala das representações da periferia sem rosto, onde todos os indivíduos são estereotipados e iguais. A crítica da Raquel, fundamentada no pensamento abissal do Boaventura de Sousa Santos, dirige-se contra a civilização capitalista vendedora de um modelo de bem-estar consumista. Modelo em que o valor dos indivíduos advém do capital associado a eles, enquanto

outros atributos são secundários e objeto de marginalização. Assim, ela exemplifica com o documentário *Ilha das flores*, “[o] que coloca os seres humanos da ilha das flores depois dos porcos na prioridade da escolha de alimentos é o fato de não terem dinheiro nem dono”.

Francisca Eveline dos Santos é estudante de Medicina Veterinária e escreveu “Sobre saúde e o lugar onde cresci”. Sua família emigrou do Nordeste em busca de melhores oportunidades e foi parar no Pimentas, bairro periférico de Guarulhos onde a maioria das memórias de infância da Francisca foram construídas e algumas corroboram a fama de periculosidade do local. Ela resgata lembranças que hoje relaciona com o que vem aprendendo sobre saúde coletiva. Naquilo que antes via apenas brincadeira – acesso a torres de eletricidade que deveriam estar isoladas, a terrenos utilizados como depósito de entulho – hoje vê também, sob a influência da epidemiologia moderna, fatores de risco. Recorda a dificuldade para andar na rua em que se localizava sua casa, pois a inclinação, principalmente em dias de chuva, era insuperável para alguns carros e causa de acidentes para sua avó e outros familiares. Também mostra que a falta de água, uma ameaça até difícil de imaginar em outras classes sociais, era realidade para ela e sua família nordestina, mesmo no polo econômico e metropolitano da América do Sul. No curso de graduação ela ouve falar sobre doenças transmitidas por alimentos, zoonoses, controle de roedores

e comércio de fauna. Na infância via porcos abertos e pendurados no bar, ratos em decomposição na caixa d'água da casa da sua sobrinha bebê, mercados vendendo animais vivos. A partir de novos conhecimentos, a Francisca dá outros sentidos a suas memórias e imagina que os adultos da sua infância eram cientes dos riscos sanitários, porém, não tinham condições materiais para superá-los.

Luciana Lima Marques é graduanda em Ciências Sociais e graduanda em Saúde Pública e autora de “Retratos etnográficos: a relação entre animais e humanos e a interface de saúde e meio ambiente na periferia São Remo”. Uma das entrevistas que a Luciana fez na São Remo foi numa casa com onze cachorros. A entrevista não foi fácil, pois a moradora respondente estava em luto, tinha perdido recentemente o marido, com quem a filha tinha ensaiado a valsa para a festa de quinze anos a ser realizada no mês seguinte. Entretanto, as perguntas sobre os animais amenizaram a entrevista, a moradora trouxe afetos e resgatou memórias da sua família e de passeios com os animais. Dos choros passou a sorrir com o relato da companhia recebida pelos seus cachorros. Para a Luciana, os animais aumentaram a aceitação das entrevistas e os moradores tornavam-se mais receptivos ao ver como ela interagia com os animais na rua. Encontrou gansos, hamsters, porquinhos-da-Índia, coelhos e vários tipos de pássaros. Também se deparou com a divisão de postura quanto à presença de animais selvagens na comu-

nidade. Enquanto alguns gostavam desses animais, outros criticavam a prática de ter pássaros em gaiolas. Como em outros capítulos, no texto da Luciana os animais aparecem como motivação para obter uma moradia mais espaçosa, apta para o convívio multiespécie, e até como motivação para sair da periferia. Os relatos da Luciana trazem subjetividades animais e particularidades dos diferentes contatos multiespécies que ela estabeleceu no campo. Isso é complementado por reflexões sobre a cooperação e os conflitos multiespécies na comunidade.

Ricardo Lima da Silva, graduando em Geografia, escreveu dois capítulos: “Especismo: vamos pensar sobre isso” e “Vida eletrônica, vida em condição periférica e a felicidade possível”. No primeiro coloca o sistema hegemônico atual como a provável causa que leva as pessoas a ignorarem a boa vida dos animais e a São Remo como exemplo de resistência passível de ser replicado. As pessoas da São Remo, apesar da escassez de recursos para si, conseguem aportar à boa vida dos seus animais. E se na São Remo é possível, em outros lugares deve sê-lo também. Tal é o ponto de partida para imaginar futuros menos especistas mediante um experimento mental. Acreditando que a colonização de Marte ocorrerá nas próximas décadas, o Ricardo imagina gerações humanas marcianas com uma visão particular da Terra, mais ciente do valor dos recursos finitos e da natureza, especialmente dos animais. Retrata os humanos terrestres

como primitivos e tribais, organizados em moldes patriarcais, sexistas e racistas. Nos humanos marcianos e compassivos vê a possibilidade de outras formas de organização mais evoluídas, capazes de alcançar um estágio de modernidade desejável, sob uma economia mercantil e extrativista. Assim, trata-se de um cenário em que esse tipo de economia e a noção de modernidade, tidas como o problema em várias perspectivas críticas, passam a ser parte da solução, ou pelo menos, compatíveis com um futuro melhor. Em “Vida eletrônica”, o Ricardo trabalha a analogia entre o papel dos animais domésticos nas famílias multiespécies e o papel dos animais virtuais de um jogo eletrônico de mundo aberto. Em ambos os casos, cada um com suas particularidades, os animais satisfazem a necessidade humana por afeto e sociabilidade, produto da coevolução neurobiológica. Na São Remo, o Ricardo vê condições de vida pouco favoráveis à aquisição de um jogo de quase três mil reais e ao mesmo tempo muitas residências com animais de companhia. Estes assumem a função de desencadeadores de cascatas neuroendócrinas na busca pela felicidade empreendida por trabalhadores explorados, com pouco dinheiro e sem tempo livre.

Carla Maria dos Santos Silva escreveu “Córrego, quintais e vielas: espaços de convívio multiespécie na Vila Guaraciaba”. A Carla é graduanda em História e no capítulo reflete sobre a organização social multiespécie da Vila Guaraciaba e a relação com o espaço, principalmente numa re-

gião da Vila onde quintais, vielas, um córrego e um muro separando o bairro da universidade conformam um ambiente particular. Nas periferias urbanas é persistente a preocupação com o espaço, sua falta e a ocupação do disponível. Portanto, um quintal que poderia ser um cômodo e continua quintal tem muito a dizer. A Carla ouviu as histórias dos quintais e a partir delas nos revela lugares com mata ciliar, de lazer, fontes de renda, de socialização, de hortas e de criação de animais. Ouiu também o que não foi perguntado no questionário e o contrasta com o perguntado. É o caso de uma moradora que tinha por passatempo olhar cobras e lagartos perseguindo ratos no córrego; no questionário, coerentemente, a moradora não relatou a existência de animais que a incomodassem. De forma semelhante, contrasta a ausência de questões sobre animais comunitários no questionário com a vida social das vielas por vezes organizada entorno do cuidado coletivo de animais que oscilavam entre o abandono e o estatuto semidomiciliado. Essas e outras oscilações são vistas pela Carla desde uma perspectiva biopolítica. E voltando ao questionário, ela comenta como questões de demografia animal, por um lado, tornavam a entrevista mais cansativa e, por outro, a facilitavam com os entrevistados que gostavam de falar dos seus animais de estimação.

Dayane Pereira de Souza é graduanda em Engenharia Elétrica e seu capítulo intitula-se “Laços entre ani-

mais”. Como em outros capítulos, neste se fala da reação dos moradores frente a um censo mais-que-humano. A Dayane diz que os moradores ficavam felizes ao saber que uma pesquisa que traria benefícios sociais não se esqueceu dos seus animais. Conta a história de uma avó entusiasmada ao responder questões sobre seus gatos e sinaliza a importância da companhia que os idosos recebem dos outros animais, especialmente nas periferias, onde as opções de lazer e socialização para idosos são insuficientes e desconhecidas. A solidariedade e os afetos multiespécies marcam o relato da Dayane, porém, os conflitos mencionados tangencialmente tornam-se conspícuos. Assim, ela escreve sobre moradoras que em meio à escassez material tinham compaixão suficiente para dividir e acolher animais abandonados, mas também tinham perdido animais por envenenamento. Se por um lado há compaixão, por outro lado a intolerância leva ao abandono e à morte. A Dayane relata a presença de animais das ruas cuidados coletivamente, mediante esforços comunitários como campanhas de adoção nas quais a equipe do censo chegou a colaborar.

A Jacqueline, doutoranda em Mudança Social e Participação Política, é a autora de “Deixem-nos respirar! Uma breve perspectiva sobre o cotidiano das famílias em meio ao racismo ambiental e necropolítica na comunidade Jardim Keralux – ZL/SP”. Ela retoma os problemas habitacionais e sanitários na várzea do Rio Tietê desde o século XIX e

os relaciona com a marginalização que a população negra vem sofrendo desde o fim da abolição da escravatura. Visto de outra forma, os relaciona com a apropriação de espaços socioecononomicamente vantajosos por parte dos grupos dominantes. É nesse contexto, na continuidade do paradigma colonial, que se situa o Jardim Keralux com sua população economicamente pobre, oprimida racialmente e submetida a crimes ambientais. No Keralux há descaso estatal, mas acima de tudo ou por meio deste, preservam-se espaços favoráveis à violação de direitos. Entretanto, a comunidade luta para se organizar em meio às forças que tendem a moldá-la e sujeitá-la. Resiste e se mobiliza para reivindicar demandas locais em fóruns e outros espaços formais. Como parte das resistências, a Jacqueline destaca o fato do Keralux estar na maior metrópole da América do Sul e mesmo assim manter elementos rurais: criação de animais de produção e transporte de mercadorias em carroças; o fato de ter uma Unidade Básica de Saúde insuficiente para as necessidades do território e, ao mesmo tempo, produção de ervas medicinais para auxiliar tratamentos alternativos com benzedeiras e curandeiras. A Jacqueline vê no entendimento do processo de formação da comunidade possibilidades de ressignificação de subjetividades e espaços.

Adna Ribeiro é autora de “Viagens Rotineiras” e graduanda em Medicina Veterinária. Mora na periferia e despende seis horas diárias no transporte público, conseguindo

habitar sua moradia à luz do sol apenas aos finais de semana. A Adna continua se perguntando como é possível aguentar tal rotina, pois ela vem acompanhada de má alimentação, uma jornada acadêmica insensível às dificuldades externas e políticas de mobilidade que pioram o que já está ruim. Na faculdade recebe instruções para explorar eficientemente populações de animais, no transporte diário vê instruções análogas a ela aplicadas. Para além de uma simples analogia, coloca as duas situações dentro do mesmo sistema desenhado para manter o privilégio das elites. A Adna chega às 8 da manhã já exausta na universidade, para encontrar um ambiente que não a representa, onde as pessoas que trabalham muito e ganham pouco em serviços terceirizados se parecem com ela. Como exceção à hostilidade da universidade cita os projetos da rede SUP, com os quais se identifica. Também traz referências à cultura de rua, além de comentários sobre mudanças no convívio multiespécie ao longo dos anos no seu bairro e nas histórias familiares.

“As mulheres do Keralux e seus animais de companhia: uma dentre tantas relações de afeto na periferia”, é o capítulo escrito por Caio Gabriel da Silva, estudante de Letras. Aqui, o assunto central são as relações de afeto entre mulheres idosas e animais nas famílias multiespécies. O Caio nos compartilha exemplos que ilustram a marcada presença nordestina no bairro, carregada de costumes e relações com a terra, animais e plantas. No caso do recorte demográfico

co que ele mais aborda, atenta-nos para a condição solteira ou viúva das idosas que encontram nos animais uma forma de evitar a solidão. Contudo, seus exemplos não se restrinjam a isso, abordam também a importância da companhia multiespécie para homens idosos, e os afetos que motivam o acolhimento de animais, em especial os que se encontram em situação de rua. Para situar melhor as relações multiespécies encontradas no Keralux, o Caio traz uma abordagem antrozoológica, desde a qual contrasta o individualismo das sociedades modernas às necessidades sociais de humanos e outros animais. O ethos moderno é relativizado mediante a afirmação de algo que às vezes é esquecido: outras formas de ser e de se relacionar são possíveis. Não é só uma questão de solidão, trata-se também de poder se relacionar com o outro sem perpassar pela dominação, sem antropocentrismo. O Caio encontra exemplos concretos de tal possibilidade no Keralux e os complementa com uma referência ao perspectivismo ameríndio do Viveiros de Castro.

Diana Cristina Enriquez Cueva e Rafaela Campos, estudantes de Ciências biológicas e Geografia, respectivamente, escrevem o capítulo “A relação dos moradores das ruas Helenira de Rezende e Beira Rio, do Jardim Keralux – São Paulo (SP), com o meio ambiente e os animais sinantrópicos”. Nele concentram a atenção numa região próxima a um córrego a céu aberto e recentemente ocupada, após o último censo demográfico do IBGE. A contaminação quí-

mica do córrego, procedente de atividades industriais, soma-se ao acúmulo de biogases no solo da região, resultante da decomposição de restos animais e vegetais na várzea do Rio Tietê. Esse acúmulo tem afetado inclusive a Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP), que à diferença do Keralux, não é uma periferia urbana e tem conseguido implementar tratamentos de drenagem de gases. Às ruas analisadas neste capítulo devem se acrescentar outros problemas: os domicílios sofreriam mais com a falta de coleta de resíduos domésticos na porta das moradias e com a falta de ligação à rede de esgoto. Consequentemente, era mais comum o descarte de resíduos sólidos e de esgoto no córrego. Além do mais, deve-se notar que o córrego é contíguo ao Parque Ecológico do Tietê e nele confluem uma maior diversidade de fauna e flora e os resíduos domiciliares. Assim, cria-se um ambiente propício para várias espécies sinantrópicas e, portanto, outra preocupação para os moradores da Helenira de Rezende e da Rua Beira Rio. Nas considerações finais, a Diana e a Rafaela apontam melhorias incorporadas no território mediante esforços comunitários organizados, porém insuficientes para resolver externalidades industriais e de urbanização.

Isamara Oliveira Guimarães é graduanda em História, enquanto Paulo Rogério Nunes dos Santos é estudante de Arquitetura e Urbanismo. Ambos escrevem “Reflexão sobre a relação humano-animal na comunidade São Remo”,

aventurando-se em releituras foucaultianas entrelaçadas com histórias fictícias e croquis de domicílios por eles recenseados. Num primeiro momento, a reflexão é sobre sistemas de classificação na episteme clássica trabalhada pelo Foucault, sobre o antropocentrismo a partir do qual o sistema de classificação baseia-se na distância de outras espécies em relação aos humanos, e nessas distâncias assenta-se um aparato de subjugação. O sistema classificatório também funciona entre humanos, alguns estando mais ao centro e outros sendo mais explorados. A Isamara e o Paulo veem práticas de dominação entre humanos informadas pelo discurso especista e trazem analogias que o Joseph Pugliese faz entre humano-animal e racional-irracional na leitura de *História da loucura*, através de lentes “desantropocentrizantes”. Num segundo momento, os questionamentos são sobre as intervenções humanas na biologia de outras espécies animais, aproveitando exemplos que encontraram na São Remo. Castração e capacidade de resistência animal são discutidas nesse contexto. Finalmente, o texto volta-se às relações de poder de forma mais direta, abordando transgressões identificadas nos comportamentos dos animais e situações que sujeitam humanos e outros animais. Neste último caso, a Isamara e o Paulo compararam, mantendo as devidas ressalvas, a situação de uma família de imigrantes bolivianos e de animais silvestres na São Remo, pois em ambos os casos encontraram confinamento num ambiente estranho e circunstâncias que docilizam corpos.

“Reflexões sobre a periferia: uma abordagem histórica e conceitual das relações sociais dentro da saúde e de composições multiespécies” é o capítulo escrito por Fagner de Souza Gonçalves, graduando em Lazer e Turismo. Ele abre questionando a dicotomia *campi/vizinhança periférica* dos *campi*, que por um lado representa a construção de lugares para o desenvolvimento educativo e, por outro, construções para abrigar a quem constrói. Contudo, no Jardim Keralux e na Vila Guaraciaba não se trata de um território inicialmente ocupado em função da construção da EACH-USP. Segundo um morador entrevistado pelo Fagner, nos anos 1980 havia trabalhadores da indústria Keralux S.A que moravam na fábrica e, após uma demissão em massa, passaram a residir no território e aceleraram seu adensamento populacional. Os legados industriais vão além, como constatam os registros de infrações ambientais cometidas pela Bann Química Ltda., resgatados no capítulo. A detecção de tais crimes ambientais no Keralux são um exemplo concreto do que se conceitua como função sentinela da saúde animal. Nesse caso, a morte de animais foi um sinal de alerta desdoblado em fiscalizações que levaram à identificação de um problema de Saúde Única: ambiente, animais e humanos acometidos pela contaminação química. Por se tratar de um agravo num contexto capitalista no qual a geração de lucro é mais importante que o bem viver de coletivos multiespécies marginalizados, o Fagner adota uma perspectiva de Saúde

Única em Periferias (SUP). Assim, pode-se pensar num processo histórico expressado em perfis epidemiológicos distribuídos heterogeneamente dentro do território e, marcado por exclusão social mais-que-humana, precariedade urbana e comorbidades decorrentes da imposição de fatores de risco.

“Inclusão dos animais de estimação como membros da família e adaptação à vida moderna” é o capítulo escrito pela Raquel Pereira Ires, graduanda em Geologia. O ponto de partida é o cruzamento de duas tendências presentes em várias cidades ditas modernas ou em busca da modernização: o aumento no número de famílias com animais de companhia e a redução no tamanho das residências, do qual resulta a intensificação das interações multiespécies. Os animais são obrigados a modificar comportamentos próprios da sua espécie e da sua individualidade, a fim de adequá-los à vida moderna. A Raquel vê nas propagandas do mercado *pet* uma das causas da popularidade dos animais de companhia, com efeitos provavelmente condicionados pela classe social. Na sua experiência no censo, verificou a presença comum de famílias multiespécies no Jardim Keralux e percebeu a preocupação e o esforço das pessoas para prover cuidado, saúde e segurança aos seus companheiros de outras espécies. Entretanto, a Raquel problematiza o estatuto de membro da família conferido aos animais, notando as diferenças morais mantidas entre humanos e não humanos, a posição subordinada destes últimos, bem como a vulne-

rabilidade decorrente da facilidade com que tal estatuto é perdido. A Raquel também considera diferentes posições hierárquicas em função da espécie, sendo cães e gatos frequentemente mais privilegiados nos discursos morais e na indústria *pet*. Por outro lado, comenta sobre esse estatuto como alvo de constrangimento social, uma vez que há tutores julgados por tratar o “bicho como gente”, ameaçando assim a fronteira que mantém a excepcionalidade dos humanos e os separa de outros animais. Em suma, o capítulo afasta-se de concepções simplistas da família multiespécie e convida olhares mais aprofundados.

A Nayara Klinger Castilho dos Santos é estudante de Geografia e autora do capítulo “A relação entre humano e cão é mais do que uma amizade”, no qual refere-se a sepulturas milenares de humanos e cachorros e menciona os diversos marcadores sociais dos humanos que se envolvem nessa relação. A Nayara também ilustra a distribuição global da relação trazendo estimativas populacionais. No caso do Brasil, referencia uma conhecida figura gerada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE): nos lares brasileiros há mais cães que crianças. Na sua experiência de campo durante o recenseamento, a Nayara verificou a popularidade dos cães e a diversidade de espécies com as que os humanos se relacionam em contextos domiciliares e comunitários. Para além das relações numéricas, no capítulo encontramos também sutilezas do convívio entre humanos

e cachorros. Numa das moradias recenseadas, a entrevistada se dividia entre as perguntas do questionário e a demanda de atenção do seu companheiro canino. Entre as múltiplas interrupções, a Nayara se deparou com a mesa e a cadeira destinadas à alimentação do cachorro, quando não com as histórias pelas quais a mulher enaltecia atributos que diferenciavam seu filho canino de outros cachorros.

“Política da morte, educação e saúde: o que estão fazendo com nossas vidas?” é o capítulo escrito pela estudante de Medicina Veterinária, Mayara Bertanhe. Marcada pelos esforços desmedidos da mãe e do pai para que ela tivesse acesso à educação de qualidade, ela nos mostra alguns dos entraves a serem enfrentados por quem na periferia ousa investir na educação. Ora, a mãe pernoitando na fila para tentar garantir uma vaga na escola pública, ora a Mayara estudando numa cidade e morando em outra. Chegou à universidade corriqueiramente classificada por rankings coloniais como a melhor da América Latina e sabe bem que não foi por mérito. Há um abismo social e só uma ponte frágil que não aguenta o peso das massas. Ela teve a sorte de cruzá-la e a consciência do percurso mostrou-lhe que é um programa de Estado o que mantém os dois lados na distância. Por isso encontra eco nas palavras do Darcy Ribeiro – “[...] a crise educacional do Brasil, da qual tanto se fala, não é uma crise, é um programa. Um programa em curso, cujos frutos, amanhã, falarão por si mesmos” – e

na necropolítica do Achile Mbembe. A jovem virologista vai além do cânône biomédico. A preocupação da Mayara com a educação e a determinação social da saúde assumiu várias formas nas trocas de saberes dos projetos educativos da rede SUP: ensaios de bateria, conversas sobre zoonoses, promoção do bem-estar animal, prevenção de mordeduras e cuidado do ambiente.

“O caráter multiespécie e multidimensional das noções de bem viver latino-americanas” é o capítulo final escrito pelo doutorando Gabriel Castro Siqueira Júnior, o pós-doutorando Bruno Simões Gonçalves e o professor Alessandro de Oliveira dos Santos, todos do Instituto de Psicologia da USP. A colonialidade, a modernidade e as culturas não ocidentais, comentadas em outros capítulos, convergem aqui na apresentação de uma alternativa ou, mais precisamente, um conjunto de alternativas reunidas pela expressão “bem viver”. A tendência individualizante da modernidade e a consequente dificuldade de pensar para além do benefício próprio contrasta com a coletividade a partir da qual povos indígenas da América Latina se relacionam com outros seres, animados e inanimados, sob “uma concepção de mundo em que o território, enquanto espaço de vida, é a medida para todas as coisas e, portanto, tem um valor intrínseco e independente da utilidade que tem para o ser humano”. Desde o bem viver torna-se mais evidente a arbitrariedade e contingência de modelos ocidentais que oprimem

e marginalizam mediante a insistência em arranjos sociais rígidos com relação a seus elementos e formas de relação, como é o caso da família humana, heteronormativa, consanguínea e patriarcal. Os povos que praticam o bem viver, alguns desprovidos de um termo equivalente à “saúde”, são uma referência para o campo da saúde, especialmente o da promoção que em vários sentidos se propõe chegar a, e vai descobrindo, modos de bem viver com uma longa história latino-americana. Assim, os autores reforçam a perspectiva decolonial da Saúde Única em Periferias e com esta compartilham o entendimento do bem viver não como indicativo de um contexto indígena a ser replicado e sim como demonstração de que outras formas de organização social assentadas no bem comum e mais-que-humano são possíveis.

A USP em relação com as comunidades periféricas: percepções a partir de um projeto de pesquisa e extensão

Érica Peçanha

Kaio Gabriel Gameleira da Silva Pinto

Comunidade é uma noção polissêmica e de interesse de diferentes áreas do saber. De modo geral, denota um fragmento da sociedade, que pode ser delimitado em termos empíricos a partir de aspectos geográficos, (bio)políticos e culturais. Ou ainda, em termos simbólicos, em referência a indivíduos e grupos interligados por suas formas de organização, origens, crenças, valores, pertencimentos, direitos, identidades, vínculos contratuais, obrigações mútuas, discursos ou práticas comuns, entre outros aspectos (VALLADARES, 2005; SANTOS, 2009).

Em discussões mais recentes, comunidade contempla também uma variedade de espécies em convívio e interação (animais humanos, animais não humanos, vegetais e outros seres vivos) (BUCHOLZ; OLIVEIRA, 2016), a partir de revisões realizadas pela biologia, psicologia, filosofia e antropologia que consideram as semelhanças e diferenças, mas também as continuidades e descontinuidades entre natureza e cultura (SUSSEKIND, 2018). A noção de comunidade multiespécie se contrapõe, então, ao dispositivo

antropocêntrico e aos referenciais moderno-ocidentais que produziram divisões entre as espécies, por meio de discursos e processos de hierarquização, domesticação, marginalização e dominação, especialmente dos humanos com relação a outras espécies de animais (BAQUERO, 2021).

No contexto universitário, no entanto, a noção de comunidade ainda tem como principal referência os animais humanos e é mobilizada tanto para se referir ao conjunto de estudantes, docentes e funcionários que dele fazem parte, como também para referenciar grupos sociais e territórios externos com os quais uma universidade estabelece relações por meio de seus projetos de pesquisa, ensino e extensão. Especialmente a extensão é vista como o eixo em que são desenvolvidas ações para ofertar conhecimentos e serviços para um público externo, assim como para promover o acesso dos acadêmicos a realidades, demandas e saberes extramuros universitários.

No caso da USP, além da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária², que é um órgão específico de desenvolvimento de políticas, projetos e programas, há uma série de equipamentos que estão abertos à comunidade externa (como hospital e centros culturais) e de recursos oferecidos por diferentes instâncias para a realização de iniciativas de docentes e estudantes com foco no diálogo, produção de conhecimento e intervenção da universidade junto à sociedade.

2. Ver: <http://prceu.usp.br/>. Acesso em: 17 set. 2020.

Este texto focaliza uma dessas iniciativas, o projeto Democracia, Artes e Saberes Plurais (DASP), desenvolvido pelo Instituto de Estudos Avançados da USP (IEA-USP) para promover interações e pesquisas que contribuam para aproximar a USP e as periferias, reconhecer suas produções e ampliar os meios para maior representação dos sujeitos e experiências periféricas na universidade. Mais precisamente, o que se pretende é discutir como o DASP se relacionou com as comunidades periféricas, tendo como referência o histórico do projeto, as percepções de uma de suas pesquisadoras e de um morador de um dos territórios pesquisados.

O DASP na percepção de uma pesquisadora-coordenadora

O DASP foi idealizado pela pesquisadora e ativista social Eliana Sousa Silva³ para sua titularidade na Cátedra Olavo Setubal de Arte, Cultura e Ciência⁴, iniciada em mar-

3. Diretora fundadora da organização Redes de Desenvolvimento da Maré, no Rio de Janeiro, e pesquisadora das temáticas da violência, da segurança pública e dos direitos humanos.

4. As cátedras são uma estrutura de apoio para docentes e pesquisadores ligados às diferentes iniciativas do IEA-USP, a partir de parcerias com instituições públicas e privadas. A Cátedra Olavo Setubal foi lançada em 2016 e é desenvolvida desde então em parceria com o Itaú Cultural, com o objetivo de fomentar reflexões sobre temas artístico-culturais, científicos e sociais nos âmbitos regional e global. Ver: <http://www.iea.usp.br/pesquisa/catedras-e-convenios/catedras-e-convenios-atuais/catedra-olavo-setubal-de-arte-cultura-e-ciencia> (Acesso em: 17 set. 2020).

ço de 2018. O projeto é desenvolvido sob a coordenação acadêmica do professor Martin Grossmann e está estruturado em três ações: o ciclo de eventos Centralidades Periféricas, a plataforma digital Conexões USP-Periferias e o censo demográfico das comunidades do entorno da USP nomeado Pontes e Vivências de Saberes.

O Centralidades Periféricas consistiu em uma série de seis diálogos sobre literatura, música, teatro, narrativas visuais e expressões do corpo, realizados entre 2018 e 2019, com a participação dos produtores culturais periféricos, docentes e pesquisadores. Nessa ação, ao mesmo tempo que se destacava os artistas e as expressões periféricas como centrais para debates contemporâneos, também se colocava, lado a lado, acadêmicos, artistas e ativistas para falar sobre um mesmo tema no ambiente universitário.

Já a plataforma digital Conexões USP-Periferias⁵ é resultado de uma pesquisa sobre as ações e produções desta universidade nos eixos ensino, pesquisa e extensão no que diz respeito às formulações teóricas e particularidades empíricas das periferias e favelas, suas populações, representações sociais, equipamentos, ações coletivas, manifestações artísticas e políticas públicas específicas no contexto nacional e internacional. Tendo como fontes outras bases e bancos de dados da própria USP, além de sites institucionais e

5. O acesso ao seu conteúdo está disponibilizado no endereço www.conexoesperiferias.iea.usp.br

pessoas de referência (estudantes, pesquisadores e professores), é uma ação que se volta tanto para a comunidade acadêmica como também para a comunidade externa, e por isso mesmo foi idealizada para ter suporte em meio digital, caráter multidisciplinar, acesso público e fácil interação.

No caso do Censo Pontes e Vivências de Saberes⁶, trata-se de um diagnóstico sociocultural e econômico das comunidades vizinhas à Cidade Universitária (Jardim São Remo e Sem Terra) e à Escola de Artes, Ciências e Humanidades – EACH-USP – (Jardim Keralux e Vila Guaraciaba), com ênfase no perfil demográfico das populações que ali residem, incluindo suas práticas culturais e formas de relacionamento histórico com a universidade, além de um censo animal⁷, com a caracterização dos cães, gatos e pássaros domiciliados, bem como de escorpiões e roedores presentes nessas localidades. O censo foi a única ação do DASP que buscou produzir dados sobre a presença e a relação entre humanos e animais no contexto periférico, do mesmo modo que demandou o deslocamento dos pesquisadores uspianos para os territórios pesquisados, com vistas a realizar entrevistas para o levantamento de dados.

Assim como as questões sobre acesso a bens e servi-

6. A realização das entrevistas do censo ocorreu entre fevereiro de 2019 e março de 2020.

7. Em parceria com o Projeto Saúde Única em Periferias, financiado pelo Programa Aprender na Comunidade da Pró-Reitoria de Graduação da USP e coordenado pelo Prof. Dr. Oswaldo Baquero.

ços, nível de renda, trabalho, saúde e práticas culturais visam gerar dados representativos do peso demográfico e da participação social e econômica dos moradores de periferias no contexto da cidade de São Paulo e do Brasil, as perguntas sobre os animais domesticados e sinantrópicos no censo sinalizam uma preocupação em não continuar ignorando o caráter multiespécie das periferias, sendo essa uma dimensão fundamental para se pensar a intersecção entre ambiente, humanos e não humanos, bem como os desdobramentos dessa relação, tais como as doenças, as iniquidades, os processos de alimentação, as dinâmicas familiares etc. (BAQUERO, 2021).

A realização do censo sempre dependeu da qualidade da relação estabelecida entre pesquisadores e pesquisados para estimular a adesão de respondentes aos questionários e permitir maior cobertura dos territórios. Estratégias de divulgação com panfletagem, grupos de WhatsApp, carro de som circulando com a propaganda da pesquisa e reunião com atores locais dos territórios também foram realizadas para apresentar a equipe e os objetivos do trabalho, em um esforço de aproximar-se ainda mais dos moradores das comunidades recenseadas.

Além de se constituir como uma pesquisa, o censo tem se caracterizado como uma ação de extensão, uma vez que desde o início investe na organização de uma rede de

atuação nos próprios territórios⁸ e conta com participação de moradores dessas localidades na equipe, sendo eles os responsáveis por apresentar suas comunidades aos pesquisadores, difundir os objetivos do censo, agendar as entrevistas e intermediar o diálogo com outros moradores e instituições que atuam nas localidades pesquisadas.

Para viabilizar as ações do DASP, a coordenação selecionou estudantes de graduação e pós-graduação com base em critérios que privilegiaram o desempenho acadêmico, a relação pessoal e profissional com as periferias, o interesse por questões sociais e a condição socioeconômica, o que resultou na participação de estudantes de variados cursos, mas, predominantemente, de origem popular, negra e periférica. Já na formação da equipe, portanto, tinha-se a intenção de aproximar-se das comunidades periféricas por meio de sujeitos da comunidade universitária que compartilhavam com seus pesquisados algumas semelhanças de perfil social. O que não estava previsto, contudo, é que esses pesquisadores encontrassem no projeto um espaço de acolhimento de suas questões de ordem subjetiva e objetiva e até de ressignificação dos vínculos com a USP a partir dessa experiência acadêmica.

8. Um efeito concreto dessa relação estabelecida com os contextos pesquisados foi o uso dos dados parciais e da metodologia do censo pelas instituições locais dos territórios para identificar famílias vulneráveis e distribuir cestas básicas e kits de higiene, com o intuito de minimizar os efeitos da atual pandemia da Covid-19.

A formação da equipe abrangeu reuniões regulares com a leitura de textos, compartilhamento de experiências de campo e desenho de estratégias para o levantamento de dados. A participação dos moradores/articuladores foi importante nesse processo, porque havia sempre a contribuição a partir da vivência nos territórios e de outros repertórios que lhes são próprios. Além disso, as formações voltavam-se para apresentar conceitos e pesquisas que rompiam com a estigmatização das periferias como territórios de carências e ausências, dando visibilidade às suas formas de sociabilidade, práticas culturais, iniciativas econômicas e de mudança social.

Considerando-se todo o projeto, pode-se dizer que há uma preocupação em construir uma relação de proximidade com territórios e indivíduos periféricos que se manifestou na escolha das formas de execução e divulgação de todas as atividades, na participação de sujeitos externos à USP e ao universo acadêmico, nas ações realizadas nos territórios pesquisados, na composição e formação da equipe. Tanto porque isso influiu nos resultados a serem alcançados pelas diferentes ações, mas também porque dialoga com a premissa de adensar “a relação entre o que é produzido na universidade e o que a sociedade, em geral, e as favelas e periferias, em particular, efetivamente demandam”⁹.

9. Informação fornecida por Eliana Sousa Silva durante sua posse como titular da Cátedra Olavo Setubal de Arte Cultura e Ciência, em março

A comunidade USP na perspectiva de um morador-universitário-articulador

Entre os territórios pesquisados pelo censo estão o Jardim Keralux e a Vila Guaraciaba, onde vivo desde 2015. Foi a partir desse ano que iniciei o processo de construção de laços com o local e seus equipamentos. Suas características eram bem distintas de outros lugares em que havia morado até então, seja pelos muros que nos cercam ou pela luta por regulamentação fundiária e asfalto que duram até os dias de hoje. Já frequentava a comunidade mesmo antes de me tornar morador, porque uma das minhas irmãs, em 2013, construiu sua casa na Vila Guaraciaba e eu passava minhas férias e alguns finais de semana com ela. Desde então, já observava a expansão do bairro, cada vez com mais casas, algumas delas em locais que antes se criavam galinhas, por exemplo. O fato é que ali se tornou o lugar onde desenvolvi afeto e pertencimento, olhava suas qualidades e também seus defeitos, me vi fazendo parte da comunidade quando as lutas que queria travar eram também as lutas dos moradores mais antigos e que vieram antes de mim.

O bairro é vizinho à EACH-USP, também conhecida como USP Leste. Mas apesar de morar ao lado da USP e ter

de 2018. O discurso está disponível em <http://www.iea.usp.br/midioteca/video/videos-2018/posse-eliana-sousa-silva-catedra-olavo-setubal-de-arte-cultura-e-ciencia>. Acesso em: 17 set. 2020.

realizado meu ensino médio em uma escola estadual que divide o mesmo muro com a universidade, não tinha conhecimento sobre a faculdade, nem que existiam universidades públicas e nem que eu poderia um dia prestar um processo seletivo para me tornar estudante do ensino superior. Descobri todo esse universo em 2016, quando tive a oportunidade de ser bolsista de pré-iniciação científica, tendo como orientador um professor da USP que já realizava projetos de extensão e divulgação científica no bairro, e essa foi também minha primeira experiência de contato com a ciência¹⁰. No início, o que tinha compreendido era que havia ganhado um curso de graça da USP e só depois descobri que receberia dinheiro para realizar um projeto de pesquisa. Foi um choque maior ainda, porque a lógica que vivia até então era de pagar para frequentar espaços de carácter formativo e profissionalizante, como cursos de informática, inglês etc.

Foi, então, que comecei a frequentar a universidade

10. A pré-iniciação tem como objetivo promover a cultura científica em estudantes do Ensino Médio, com o desenvolvimento de projetos de pesquisa em todas as áreas sob orientação de um docente de nível superior. Passei a integrar o grupo de pesquisa em educação INTERFACES - Interfaces e Núcleos Temáticos de Estudos e Recursos da Fantasia nas Artes, Ciências, Educação e Sociedade, coordenado pelo Prof. Dr. Luís Paulo de Carvalho Piassi. Atuei na linha de interesse L.U.C.I.A. - Literaturas, Utopias e Cenas na Investigação da Arte-Ciência, que se utilizava especialmente de leituras (livros, histórias em quadrinhos, contos etc.) como fonte de inspiração para realização de atividades lúdicas com jovens entre 10 e 14 anos, de escolas públicas da região, para discutir temas sociocientíficos e culturais presentes nas narrativas.

e a perceber certas desigualdades em relação ao tratamento recebido pelos moradores da Vila Guaraciaba e do Jardim Keralux em relação aos estudantes da unidade. Entre elas, o fato de os uspianos terem uma carteirinha que dá acesso ao *campus*, enquanto eu e outros moradores precisávamos apresentar o RG, dizer aonde iríamos e o que iríamos fazer – isso quando não éramos barrados de vez por informar que faríamos a travessia até a estação de trem, que tem conexão direta com o *campus* da EACH-USP.

Na pré-iniciação havia uma espécie de tutoria, pela qual uma estudante da graduação ficava responsável por monitorar os bolsistas. Minha tutora me levou para conhecer o *campus* da Cidade Universitária e o chamado “quadrilátero da saúde”¹¹, onde, inclusive, acompanhei uma aula de graduação que falava sobre raça e saúde. Tive acesso a bibliotecas, salas de informática e restaurantes universitários, e isso só fortaleceu minha vontade de ingressar na graduação, de fazer parte efetivamente da comunidade USP. Fui aprendendo com o tempo que aquele espaço também era meu e que poderia fazer parte dele.

Conversando com os estudantes, conheci uma iniciativa que acabara de ser fundada, o Cursinho Popular EACH-USP, do qual fui aluno e em 2017 conheci a rede de

11 Em referência às unidades: Faculdade de Medicina, Faculdade de Saúde Pública, Escola de Enfermagem e Instituto de Medicina Tropical da USP.

cursinhos da UNEafro Brasil¹², da qual fui bolsista em seu programa de permanência estudantil. Conseguí ingressar na USP Leste em 2018, no curso de Lazer e Turismo, sendo o primeiro morador da Vila Guaraciaba a realizar tal feito. Apesar disso ser uma alegria, também é algo a se questionar, já que só depois de quase 15 anos de fundação daquele *campus*, um morador do território ao lado tornou-se estudante de graduação.

Algumas coisas mudaram a partir do meu ingresso na universidade, uma delas foi o olhar da população em relação ao fato de ter me tornado estudante da USP: isso pareceu soar estranho a algumas pessoas, outras passaram a me ver como “metido”, muitos chegaram a me perguntar quanto eu pagava para estudar lá, e é sempre uma surpresa quando digo que não pago nada e que, na verdade, consigo receber um auxílio para permanecer estudando. Já para mim, foi uma surpresa em relação às oportunidades que o ambiente universitário poderia me oferecer, para além das aulas de graduação, como atividades de pesquisa, extensão, intercâmbio, monitorias, entre outras. Ao me tornar um uspiano, obtive a compreensão de alguns dos papéis que a

12. A UNEafro é um movimento que tem diversas áreas de atuação, sendo seu trabalho mais conhecido os cursinhos populares pré-vestibulares, divididos em 35 núcleos que são espalhados por regiões periféricas dos estados de São Paulo e do Rio de Janeiro. Fui aluno no núcleo Tereza de Benguela, que funcionava aos sábados no CEU Jambeiro, em Guaianases. Ver: <https://uneafrobrasil.org>, acesso em: 17 set. 2020.

universidade tem para com a sociedade, sendo um deles a devolução do conhecimento.

Com tudo isso, quis que a minha comunidade soubesse e também tivesse acesso a todas essas oportunidades. Foi atuando no Cursinho Popular EACH-USP que pensamos, de forma coletiva, em uma maneira de inserir mais moradores do entorno da EACH-USP, já que nosso público-alvo são pré-universitários da zona leste de São Paulo. No processo seletivo para estudantes, prioriza-se moradores do Jardim Keralux e da Vila Guaraciaba, além de fazermos uma divulgação específica na comunidade, com cartazes, conversas na escola de ensino médio do bairro e até com parceria com as Agentes Comunitárias de Saúde, que conseguem dialogar mais diretamente com a população e nos ajudam explicando o que é o cursinho, como é a seleção, que é de graça etc.

A essas experiências que me ajudaram a refletir mais criticamente sobre as barreiras de interação efetiva entre as comunidades interna e externa da USP, soma-se a minha participação no DASP. Conheci o projeto em 2019 e logo fui convidado a atuar no censo como articulador local dos territórios que ficam ao lado da EACH-USP. Minha função principal foi justamente realizar o intermédio entre a comunidade – já que sou morador do território – e os pesquisadores da universidade, buscando facilitar a comunicação e a divulgação do projeto, além de auxiliar os recenseadores em

campo. Aceitei o convite por entender a importância de tal projeto na aproximação entre comunidade e universidade, e também para exercitar a cobrança e produção de políticas públicas voltadas às comunidades pesquisadas.

Era mais óbvio para mim as potencialidades do uso dos dados referentes às condições de vida e saúde dos moradores humanos da comunidade. Tive dificuldade em pensar a importância do censo animal que estava sendo realizado, em parte porque, como articulador do projeto, não recebi formação específica sobre os temas e questões presentes no censo; em parte porque, como estudante de Gestão de Políticas Públicas, infelizmente, não tenho contato com disciplinas que foquem em ações que envolvam humanos, não humanos e ambiente em conjunto, ou mesmo, que abordem os direitos de animais¹³. Foi mais ao final do levantamento de dados que descobri o quanto relevante seria o uso dos dados sobre animais para a comunidade, tal como a possibilidade de organizar campanhas de vacinação contra a raiva ou de castração de cães e gatos

As questões sobre animais e ambiente se mostram importantes para pensar, também, em algumas distinções que existem no território, tal como acontece de maneira mais acentuada com o setor conhecido como “Curral”, loca-

13. Para a grade curricular do curso, ver: <https://uspdigital.usp.br/jupiterweb/listarGradeCurricular?codcg=86&codcur=86350&codhab=204&tipo=N>. Acesso em: 17 set. 2020.

lizado no Jardim Keralux. O nome está ligado à história de um morador que criava gados na região e vendia o leite para os demais moradores, mas também ao fato de ser uma ocupação recente e mais afastada do centro comercial do bairro. Há certo preconceito com os que moram lá e muitas vezes o local é referenciado de modo pejorativo, principalmente por ainda estar em desenvolvimento e pela presença de animais que são mais comuns em áreas tidas como rurais, como cavalos e porcos. O local também é um dos mais vulneráveis dentro do bairro, pois, como algumas casas foram construídas na várzea do Rio Tietê, acabam sendo mais afetadas por inundações causadas pelas fortes chuvas que ocorrem no verão paulistano.

Vale considerar que entendo que a associação da minha imagem ao projeto (assim como a de outros moradores-articuladores) contribuiu para a dinâmica do trabalho de campo, pois conseguimos construir, como equipe, uma relação de muita proximidade, respeito e confiança com as comunidades recenseadas. Por isso mesmo, um dos receios que sempre tive foi de o censo não alcançar um dos seus objetivos, que é o de dar uma devolutiva com relação aos dados e reflexões produzidos, o que, consequentemente, geraria cobrança e pressão por parte dos moradores sobre nós, articuladores, que vivemos e estamos todos os dias no território.

De fato, o que percebo, sendo parte tanto da comunidade interna como da comunidade do entorno da USP, é

que ainda falta certa comunicação da própria universidade com as comunidades periféricas, pois os territórios ainda são, preferencialmente, apenas campos de estudo da universidade, que muitas vezes não trazem nenhum retorno às populações pesquisadas. O diálogo entre o que é feito dentro e o que está fora da universidade é extremamente importante, por isso é preciso investir na forma de apresentar projetos ou o conhecimento produzido de forma objetiva, clara e acessível a não acadêmicos. O pilar da cultura e da extensão pode auxiliar no cumprimento desse papel, pois há trocas a serem feitas entre esses dois universos que podem contribuir com a evolução da ciência e da sociedade.

Considerações finais

A polissemia que pode ser percebida em torno da noção de comunidade se fez presente no DASP e em outras ações de pesquisa e extensão mencionadas ao longo deste texto. Especificamente no caso do DASP, o uso do termo comunidade fez referência a alguns territórios empíricos (São Remo, Sem Terra, Jardim Keralux e Vila Guaraciaba) e a outras periferias geográficas e simbólicas contempladas pelo projeto, assim como às coletividades formadas por aqueles que possuem vínculos com a USP (professores, funcionários, estudantes e pesquisadores) e pelos que não estão ligados ao universo acadêmico.

A síntese aqui apresentada indica que, associada a projetos de pesquisa e extensão, o foco em comunidades periféricas demanda o investimento em uma conduta ética durante a obtenção, divulgação e devolutiva dos dados, no relacionamento com os pesquisados e na formação da equipe. Mas também requer perspectivas teóricas que considerem o caráter multiespécie desses territórios e suas potências político-culturais. Pois, do contrário, compromete a possibilidade de produção de conhecimento e intervenções que façam sentido para os envolvidos ou que contribuam para integrar territórios e indivíduos externos ao cotidiano da universidade.

Cabe ressaltar, ainda, que todo projeto acadêmico, além de ser um conjunto sistematizado de teorias e métodos, é uma carta de intenções, de objetivos e expectativas de desdobramentos. O DASP tem no seu embrião a possibilidade de conectar o que está fora (foi idealizado por uma ativista-pesquisadora sem vínculo com a USP, tem ações inspiradas em iniciativas de uma organização da sociedade civil e conta com a participação de sujeitos dos contextos pesquisados) e o que está dentro da USP (pesquisadores, recursos, repertórios teórico-metodológicos e de intervenção). Mas também tem limites em realizar essa conexão e muitos desafios que, certamente, são comuns a outros projetos acadêmicos.

O principal deles é a efetiva interação universidade-

-sociedade, especialmente com relação aos grupos sociais populares, dadas algumas questões históricas que a perpassa: a hierarquização dos saberes e a centralidade da universidade como produtora de conhecimento; o desprestígio que a extensão tem diante dos eixos de ensino e pesquisa, ainda que haja um discurso de indissociabilidade entre eles; a falta de ações de divulgação científica para ampliação do acesso ao conhecimento acadêmico e de uma instância administrativa que possa mediar, especificamente, a relação entre as comunidades interna e externa; além do contexto muito recente de ações afirmativas voltadas para sujeitos historicamente alijados do ensino superior.

Nos casos das comunidades pesquisadas no censo, há outras complexidades de relacionamento por conta da proximidade geográfica com a USP. Trata-se de territórios frequentemente utilizados como campo para realização de trabalhos de disciplinas, projetos e pesquisas, porém há muitas queixas de moradores que se ressentem por não terem devolutiva dos resultados produzidos. Existem barreiras de acesso dos moradores aos *campi* universitários que estão relacionadas à atuação da governança da USP. E há também expectativas quanto ao papel da universidade que são irreais, como, por exemplo, de que o conhecimento produzido seja sempre aplicado e subsidie políticas públicas, ou mesmo, de que a universidade providencie serviços que são de responsabilidade do poder público (como o saneamento

básico, o asfaltamento de ruas ou a regularização da documentação fundiária etc.).

É preciso considerar, por fim, que o projeto aqui enfocado é uma das iniciativas que se voltam para o adensamento das interações entre USP e os grupos e territórios populares, no sentido de incluí-los como parte dessa comunidade externa que se quer alcançar nos variados projetos e programas de docentes, pesquisadores e estudantes. Uma iniciativa que anuncia em seus pressupostos e objetivos algumas contribuições para influir nas relações históricas que a universidade estabeleceu com sua vizinhança, bem como para refletir sobre as atividades de ensino, pesquisa e extensão que se voltam para grupos sociais periféricos no contexto contemporâneo.

Referências

- BAQUERO, Oswaldo Santos. One Health of Peripheries: Biopolitics, Social Determination, and Field of Praxis. **Frontiers of Public Health**, v.9, p. 1-12, jun. 2021.
- BUCHHOLZ, Márcio Alexandre; OLIVEIRA, Carlos Alberto. A vida contra o poder: anarquismo, comunidades e indistinção nas relações entre humanos e animais. **Revista Latinoamericana de Estudos Críticos Animales**, ano 3, v. 1, p. 97-120, 2016. Disponível em: <http://revistaleca.org/journal/index.php/RLECA/article/view/58/52>. Acesso em: 20 jan. 2021.

MARRAS, Stélio. Virada animal, virada humana: outro pacto. **Scientiae Studia**, v. 12, n. 2, p. 215-60, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ss/v12n2/a02v12n2.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2021.

SANTOS, Vilbégina M. dos. A construção de uma comunidade imaginada no Sisal. In: **V ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares**, 2009, Salvador, Bahia. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19154.pdf>. Acesso em: 25 set. 2020.

SUSSEKIND, Felipe. Sobre a vida multiespécie. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 69, p. 159-178, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rieb/n69/2316-901X-rieb-69-00159.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2021.

VALLADARES, Licia. **A invenção da favela:** do mito de origem à favela.com. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

Saúde coletiva e as famílias multiespécies nas periferias urbanas

Yasmin da Silva Alexandre

A São Remo, comunidade localizada ao lado da Cidade Universitária da USP, é o lugar onde nasci e construí a maioria das minhas memórias e vivências. É lá que a trajetória da minha família se iniciou por volta de 1985, quando meu pai e seus familiares saíram de Ferreiros, Pernambuco, em busca de oportunidade e melhores condições de trabalho. Ele mesmo construiu nossa casa na São Remo, no beco da Travessa Luiz Carlos Viotti, nomeado assim em homenagem a um morador que lutou por muitas melhorias para a comunidade naquele início e que, inclusive, meu pai conheceu. Em 1998 eu nasci, e logo nossa família multiespécie começou.

Família multiespécie pode ser definida como uma composição que agrupa animais humanos e não humanos como membros. Quando pensamos em animais inseridos no contexto familiar é importante destacar os benefícios que essas interações podem trazer à saúde humana, mas também é necessário considerar os riscos à saúde dependendo da forma que são cuidados e do ambiente em que estão inseridos. A partir dessas considerações vou relatar aqui algumas situações da minha família multiespécie no contexto da São Remo que, se antes naturalizadas, hoje me

trazem muitas reflexões a respeito das interações humano-animal-ambiente em periferias.

A primeira lembrança que tenho quando penso nessa relação com os animais são os cães semidomiciliados e os comunitários: não eram muitos e no meu beco, especificamente, circulavam a Susi e a Pitchula. A Pitchula (comunitária) era mãe da Susi (semidomiciliada) e, inclusive, teve muitas gestações até ser levada junto com a Susi para esterilização em uma campanha da prefeitura que acontecia em uma frequência baixa nas escolas da região, sempre anunciada com uma faixa na entrada da São Remo. As duas eram dóceis e receptivas em relação às pessoas, lembro-me que a Susi sabia “dar a pata” e todas as crianças amavam isso. Houve um triste episódio em que a Pitchula sofreu violência sexual por um vizinho, mas, quando os outros souberam, logo impediram novas tentativas. Como falarei mais adiante, esse tipo de violência é gravíssimo e pode ser indício de outros abusos, nos quais as vítimas geralmente são pessoas que convivem com o agressor. Ambas recebiam alimentação, água, abrigo e carinho, mas não havia assistência e monitoramento veterinário. Consequentemente, elas podiam se tornar fonte de infecção para outros animais e humanos, aliás, frequentemente, apresentavam infestação por carrapatos, o que tornava comum encontrá-los dentro da nossa casa.

Desde muito cedo, me recordo da presença de aves também, meu pai tinha dois canários de origem desconhe-

cida (fator que pode favorecer a ocorrência de doenças transmitidas de animais para pessoas, as chamadas zoonoses) criados em gaiola, que o lembravam do tempo em que ele morava em Pernambuco. No fim, desistiu por compadecimento, dizendo que as aves estavam livres, cantando.

Aos cinco anos de idade tive meu primeiro cachorro, um filhote sem raça definida chamado Toby, doado por um vizinho. Ele se alimentava das sobras de nossas comidas e vivia em um espaço pequeno, assim como nós, e era bastante comum observarmos a presença de vermes em suas fezes. Nossa casa era conjunta e os parentes que moravam na parte de cima sempre se queixavam das fezes com vermes do Toby (já que não existia barreira física, ele circulava livremente e acessava a parte de cima). Não demorou muito para que o problema de verminose atingisse os humanos, principalmente as crianças: eu, minha irmã e meu primo (este morava em cima). Por isso, e pela reclamação constante dos parentes, esse filhote acabou sendo doado para outra família rapidamente. Apesar de todo o respeito e amor que o Toby teve enquanto esteve com a gente, existia um grau de negligência. Ele não tinha todas as necessidades nutricionais atendidas, tampouco cuidados sanitários, e vivia em um espaço pequeno sem nunca ser levado para passear. Situações de negligência dos animais presentes no lar podem indicar condições de vulnerabilidade da família, como desvantagem econômica e baixo grau de escolaridade, mostrando que es-

ses também são vítimas da situação socioeconômica da família, como era o caso aqui descrito. Além disso, o problema das verminoses nos humanos persistiu por um tempo considerável, evidenciando a importância da Educação em Saúde de que poderia contribuir com a prevenção desse problema naquela realidade.

Mais tarde, quando completei 11 anos, meus parentes que moravam na parte de cima adotaram o Joe, um cachorro adulto da raça Cocker. Eles deixavam evidente que o fato do cachorro possuir uma raça era um grande motivo para a adoção ter acontecido. Em razão da moradia conjunta, eu, minha irmã e minha mãe tivemos bastante contato com Joe desde a sua chegada, o que acabou gerando uma relação muito benéfica para todos os envolvidos. Porém, Joe começou a sofrer maus-tratos por parte do chefe de sua família praticamente toda semana, e sempre ouvíamos os berros desse tutor e o choro do cachorro por vários minutos. O agressor se justificava dizendo que o motivo da violência era devido ao fato de o cão realizar suas necessidades fisiológicas no lugar errado. Depois de um tempo, o Joe começou a morder na hora em que estava apanhando, o que piorou a gravidade das agressões, até chegar a um ponto em que ele foi abandonado. Joe conseguiu voltar para casa sozinho e ameaçaram abandoná-lo novamente, mas meu pai interferiu e, considerando a ligação que nossa família construiu com ele, pediu para adotá-lo. Como mencionei superficialmente antes, os maus-tratos aos

animais são relevantes, não só porque a vida e o respeito ao animal importam, mas também pelo fato de indicarem que algo não vai bem com essa família. Animais maltratados podem servir como indicadores para violência doméstica e diversos estudos demonstram que os lares violentos têm alta prevalência de agressões contra os animais de estimação. Embora os meus relatos sejam sobre dinâmicas familiares, é preciso reconhecer que a violência doméstica é determinada socialmente, em especial pelo patriarcado (BAQUERO, 2021).

Apesar de continuar compartilhando praticamente os mesmos espaços, o Joe passou a estar sob responsabilidade da nossa família. Ele se alimentava de ração, passeava pela São Remo todas as noites comigo, minha irmã e minha mãe (que nesse momento aproveitava para alimentar alguns cães comunitários) e, nos finais de semana, passeávamos também na Cidade Universitária, eu e minha irmã na bicicleta e Joe com minha mãe. Por conta dos pelos da raça, de tempos em tempos, ele frequentava o *pet shop*, tomava a vacina anual contra a raiva na campanha que acontecia próxima a um supermercado e nós também passamos a administrar vermífugo (sem orientação veterinária), mas ainda eram frequentes as infestações de pulgas e carapatos.

Havia diferenças em relação ao Joe quando lembro do Toby. Dessa vez, a dieta era mais adequada, havia um controle sanitário mínimo, os passeios eram rotineiros e, hoje, me perguntando o porquê, consigo destacar algumas

coisas: a nossa situação socioeconômica tinha tido uma pequena melhora e minha mãe conta que aprendeu muito sobre as necessidades dos animais nos programas de televisão, evidenciando aqui mais uma vez a importância da educação humanitária. Essas pequenas mudanças acabaram, de certa forma, trazendo bem-estar para todos os envolvidos, já que, por exemplo, passamos a prevenir os problemas de verminose e havia um estímulo para os passeios que promoviam atividade física para o animal e para nós, além dos benefícios emocionais e sociais dessa interação humano-animal.

Figura 1 – Joe em um de seus passeios na Cidade Universitária



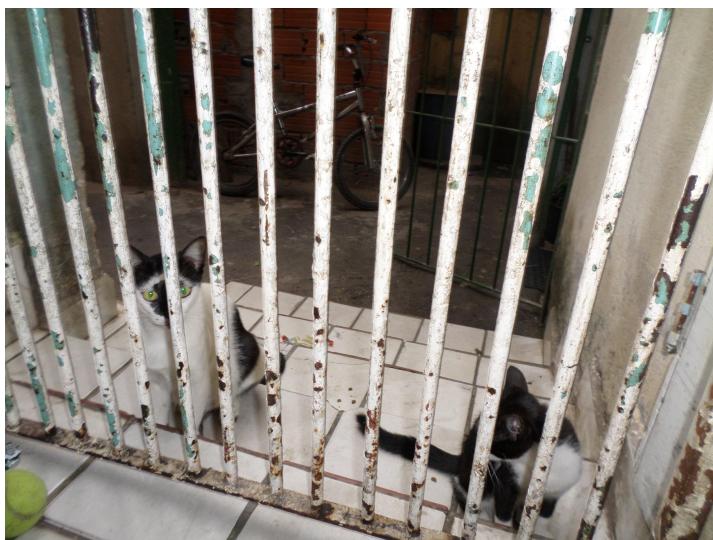
Fonte: Acervo pessoal Yasmin da Silva Alexandre (2010).

No entanto, apesar dos benefícios da relação, Joe passou a morder com muita frequência, muito provavelmente devido aos maus-tratos que sofreu. Perdi a conta das vezes que ele atacou de forma bastante violenta, sempre causando alguma lesão, principalmente às crianças. Casos semelhantes envolvendo alguns cães da São Remo não eram raros, e houve um episódio em que minha irmã foi mordida ao tentar, de forma inesperada, uma interação com um dos cães comunitários (um dos que não circulavam, especificamente, no nosso beco). As mordeduras podem não só causar lesões, mas também transmitir patógenos, além da possibilidade da transmissão da raiva, doença grave, que, na maioria das vezes, leva a óbito. Minha irmã foi levada ao hospital universitário, onde foram realizados quatro pontos cirúrgicos na região da mordida. Os custos diretos e indiretos elevados em relação ao tratamento médico dos acidentados são recursos que poderiam ser aplicados em programas de Educação em Saúde, contribuindo para que as pessoas adquiram autonomia para identificar e utilizar meios de prevenção a partir do seu contexto, melhorando a sua qualidade de vida.

Nessa mesma época, outros dois animais passaram a fazer parte da nossa família, ambos gatos domésticos. A primeira foi Janete, única sobrevivente da ninhada de uma gata que circulava pelo meu beco. Em todo cio essa gata emprenhava e, na maioria das vezes, todos os filhotes morriam.

No nosso beco, ela só era alimentada pela minha mãe, pois outros vizinhos se incomodavam bastante com o barulho que ela acabava causando nos telhados à noite. Depois que a Janete nasceu, as duas sempre caminhavam até nosso portão para serem alimentadas. Pela boa relação que se estabeleceu entre nós, Joe e Janete, esta por fim foi adotada e passou a viver dentro de casa.

Figura 2 – Mãe e filha comunitárias esperando alimento



Fonte: Acervo pessoal Yasmin da Silva Alexandre (2011).

O segundo membro felino adotado foi Lion, e sua história começa de forma bastante conturbada. O primeiro encontro dele com nossa família foi através do meu pai, que

nesse momento passava boa parte dos dias na cidade de Carapicuíba, onde tínhamos um terreno adquirido há muito tempo e que, por conta dos recursos, teve a construção iniciada e interrompida diversas vezes. Lion tinha sido jogado de uma laje e foi resgatado se afogando em um esgoto a céu aberto, muito parecido com a situação do Riacho Doce na São Remo; no entanto, tratava-se do ambiente ao lado do qual seria construída nossa futura casa.

Figura 3 – Esgoto a céu aberto em Carapicuíba
semelhante ao Riacho Doce



Fonte: Acervo pessoal Yasmin da Silva Alexandre (2011).

Figura 4 – Lion momentos após o resgate



Acervo pessoal Yasmin da Silva Alexandre

Apesar de todos os problemas que apresentava quando chegou à São Remo, Lion não foi levado ao veterinário por questões financeiras. Uma semana após ter sido resgatado, ele apresentou algumas lesões na pele que, mais tarde, apareceram nas pessoas que tiveram maior contato com ele: minha irmã, mãe e eu. Nós conectamos o surgimento das lesões à transmissão pelo gato, ainda assim, não nos consultamos com um médico, pois, mesmo preocupadas, o receio de retaliações pelo contato com o animal era maior. As lesões desapareceram com o tempo, tanto em nós quanto em Lion.

No ano de 2012, por circunstâncias bastante peculiares, Sid, um jabuti, passou a ser o novo membro da família. Tudo começou quando a mãe de um amigo da família não o queria mais, visto que o motivo dela ter o animal era o fato de acreditar na simpatia popular de que um jabuti debaixo da cama curaria a bronquite do seu filho, “puxando” a doença para si. Manter esse animal embaixo da cama é extremamente prejudicial para sua saúde, dado que animais ectotérmicos necessitam de calor externo para regularizar sua temperatura corpórea e esse ambiente é frio e empoeirado, o que pode ocasionar o desenvolvimento de problemas respiratórios nos mesmos. Acabamos ficando com o jabuti e apesar da boa intenção, não tínhamos nenhum conhecimento e condições para atender às necessidades físicas, mentais e naturais desse animal. Além disso, existia a intenção de encontrar uma instituição que aceitasse o animal, mas a falta de informação sobre tal lugar e o medo de sermos denunciados (por ser um animal silvestre) nos impediu. Desse modo, mais uma vez, é possível destacar a negligência (logo, o papel dos animais como um indicador de vulnerabilidade) e a importância da educação e da informação acessível para promoção do bem-estar geral, dos humanos e não humanos.

Figura 5 – Sid tomando sol



Fonte: Acervo pessoal Yasmin da Silva Alexandre (2012).

Dessa forma, 27 anos após meu pai chegar à São Remo, nossa família era composta por meus pais, minha irmã, dois gatos, um cachorro, um jabuti e eu. Nesse momento da nossa vida, com um pequeno avanço socioeconômico e de acesso às informações, já sabíamos dos benefícios e importância da castração, entre outras coisas. No entanto, o contexto social no qual estávamos inseridos ainda limitava muito o acesso a possíveis melhorias. Conseguimos castrar o Lion e a Janete (antes do seu primeiro cio) em uma veterinária do bairro, mas a mãe da Janete que continuava empreenhendo em todo cio não passou pelo mesmo processo por falta de dinheiro. No SUVIS (Serviço Social e Supervisão

de Vigilância em Saúde)/ Butantã existe o posto de inscrição para castração gratuita de cães e gatos, se soubéssemos da existência desse recurso na época teríamos realizado sua castração também.

A nossa casa na São Remo era pouco ventilada, com apenas uma janela na cozinha que ficava aberta, e o portão era vazado, o que impossibilitava o controle do trânsito de nossos gatos, que comumente realizavam “voltinhas”. Consequentemente, eles eram expostos a brigas, tentativas de envenenamento e doenças com frequência, podendo carregar uma infinidade de parasitas. Ainda assim, não tínhamos condições físicas para impedir que tais situações ocorressem.

Enquanto a mudança para Carapicuíba não era possível, convivíamos com um esgoto ao lado do banheiro de casa e, por causa disso, a frequência com que ratos apareciam era bem alta. O Joe sempre os matava e, com a presença dos gatos, essa frequência dos ratos diminuiu bastante. Nos passeios com o Joe sempre passávamos por locais com acúmulo de resíduos, algo bem comum na São Remo, nos quais a quantidade de ratos permanecia constante. Como o Joe passeava com a guia, conseguíamos impedir seu contato com esses animais, mas houve dois episódios que gostaria de destacar: uma vez Joe encontrou um rato morto e capturou-o antes que pudéssemos notar, trazendo-o para nossa casa; em outro episódio, ele se deparou com um rato que

aparentava estar falecendo e acabou levando uma mordida do animal. Isso se faz relevante uma vez que a leptospirose é uma zoonose causada por uma bactéria, e os roedores são os grandes responsáveis pela sua transmissão através da própria urina que contamina o ambiente, a água e os alimentos; assim, o cão infectado pode se tornar fonte de infecção para a família da qual faz parte. Nesse mesmo contexto de acúmulo de resíduos da região, me lembro do dia em que o gato da minha amiga de infância morreu por envenenamento e seu corpo fora descartado em um desses locais, no qual entramos para “nos despedir”. Esses são claros exemplos da influência do ambiente - com o acúmulo e proximidade dos resíduos - na saúde de todos.

Os parentes que moravam na parte de cima da nossa casa, mencionados anteriormente, continuaram morando lá por todo o período descrito. Um ano após o Joe passar a fazer parte da nossa família, eles adotaram outro cachorro, dessa vez um filhote sem raça definida chamado Baby. O animal foi adquirido por terceiros e, após 6 meses de convivência e da criação de laços com a nossa família, Baby foi abandonado com a justificativa de problemas comportamentais. Dois anos depois, adotaram outro filhote, Beethoven, abandonado com a mesma justificativa depois do mesmo período de convivência. Diferentemente de Joe, nenhum dos dois foi capaz de voltar para casa sozinhos, o que gerou bastante sofrimento pelos laços que já haviam sido criados.

Figura 6 – Baby



Fonte: Acervo pessoal Yasmin da Silva Alexandre (2012).

Referência

BAQUERO, Oswaldo Santos. One Health of Peripheries: Biopolitics, Social Determination, and Field of Praxis. **Frontiers of Public Health**, v.9, p. 1-12, jun. 2021.

O animal no cotidiano: o olhar de um pesquisador de campo

Douglas Henrique Santos da Silva

Quero descobrir o que caracteriza
o vôo de cada pássaro,
em cada momento.

Não quero palavra, mas coisa,
movimento, vôo.

(João Guimarães Rosa)

Ao longo do processo de pesquisa vivenciado no Jardim Keralux, zona leste da cidade de São Paulo, fruto do censo do IEA-USP nas comunidades de periferia vizinhas aos seus *campi* Leste e Butantã, além do mapeamento de pessoas, domicílios e instituições socioculturais, há uma inovação: o mapeamento de animais (cães, gatos e pássaros) que habitavam esses locais no período de realização do censo, tendo como data de referência janeiro de 2019.

O mapeamento trouxe inúmeras reflexões para o pesquisador de campo sobre qual é a relação estabelecida entre os moradores entrevistados e seus animais, como essa vida animal não humana contemplava os anseios humanos ou como cada pessoa encarava a responsabilidade pelo cuidado com a vida ali presente, especificamente, vidas animais não humanas que habitam contextos periféricos. Em suma:

questões como limitações, possibilidades no cuidado, manutenção ou mesmo na afetividade proporcionada a eles e por eles. Isso num contexto familiar multiespécie, seguindo as ideias de Leviski e Duarte (2019, p. 213):

Embora ainda se tenha a concepção de que a família atende a reprodução, a transformadora realidade introduzida pela produção em massa e a tecnologia levou a sociedade humana a uma potencializada linha cíclica. A rotina, aliada ao atual modelo de mercado é a base central para que muitos casais desistam de ter filhos e se concentrem na busca de ideias. Nesse diapasão é que surge um novo arranjo familiar, que além de combater a solidão da vida a dois, desmistifica o velho paradigma da família matrimonializada e chameja a busca da felicidade. É a chamada família multiespécie, composta pelos animais de estimação no seio familiar.

Nesse sentido, o cotidiano da pesquisa de campo revelou que os moradores percebiam os animais de diferentes formas, alguns denominavam “bichos de estimação”, outros “animais de guarda da casa”, “companhia de crianças pequenas”, “filhos ou filhas”. Em muitos casos, eram comprados

ou adotados para fazer companhia aos idosos que estavam distantes dos familiares. Além disso, não foram raras as situações em que os animais “filhos ou filhas” estavam diretamente relacionados com o bem-estar emocional do entrevistado, como mencionado, expressamente e com alegria, por muitos moradores.

Para Heiden e Santos (2012, p. 489):

O animal de estimação não é só um elo que une os seres humanos a um passado recente, de acordo com Garcia (2005) a necessidade de tê-los em casa foi estimulada pelo aumento na expectativa de vida, por mais pessoas estarem morando sozinhas e adiando o plano de ter filhos.

Percebeu-se, em muitas ocasiões no campo, que o afeto oferecido pelos cuidadores ou proprietários decorria de uma manifestação de gratidão, outros em razão da necessidade de manter o animal saudável, ou ainda, por questões estritamente sanitárias. Nas conversas com os moradores, após a aplicação do questionário, muito se ouviu sobre a vontade de sair diariamente com o animal para passear, repreendida pelas condições estruturais precárias de asfaltamento no bairro, ausência de iluminação noturna nas redondezas arborizadas, horários apertados em virtude da rotina profis-

sional, falta de condições de mobilidade pessoal por doença ou outros compromissos domésticos e familiares. Além disso, os entrevistados manifestavam o desejo de estar mais presentes na vida do animal, ampliar o espaço em que ele habita, comprar “mimos”, levar ao veterinário anualmente, medicar, mantê-lo limpo e cuidá-lo mesmo na fase terminal.

Conforme Willet (2016, p. 245):

(...), el rango de valor y significado en los campos de los afectos apunta a un ámbito más amplio de la ética. Los animales participan en nuestros mundos como algo más que objetos de piedad. Ellos pueden añadirse a una dinámica social de mensaje y respuesta, obteniendo grados adecuados de respeto, y de atención a la equidad y la reciprocidad. La sintonía afectiva ancla la posibilidad de una respuesta ética a las criaturas de otras especies (criaturas co-evolucionadas o paralelas) quienes, como nosotros, viven en un mundo postlapsario, es decir, un mundo del bien y del mal.

O sentimento comum percebido em muitas dessas conversas com o pesquisador é o de que o animal faz parte da vida do morador, está habituado à rotina do morador

e é visto e tratado como indispensável ao seu cotidiano. O cão, o gato e o pássaro passam a mediar relações. Torna-se objeto de disputa familiar ou entre vizinhos, motivando boas conversas ou alguns atritos decorrentes do latido, da passagem dos gatos para o terreno vizinho, de qual morador da casa ficará com ele no fim de semana, da regularidade do cuidado com alimentação e higiene, por exemplo.

Várias vezes nas caminhadas de campo constatamos a existência de um papagaio cujo cuidador o adquirira há mais de vinte anos, quando ainda morava na Região Norte do Brasil, embora já seja há muitos anos morador do território objeto da pesquisa. Imensa era a familiaridade do papagaio com o ambiente em que estava acolhido que, não utilizando qualquer coleira ou corrente, transitava da porta da casa até um comércio próximo, na mesma calçada, refazendo o percurso várias vezes ao longo do dia. Em seguida, escalava uma bicicleta ancorada na porta da casa onde habitava e ali observava o movimento da rua, os carros, motos e o trânsito de pessoas até o entardecer, quando então recolhia-se falante para dentro da residência, e seu cuidador exibia imenso orgulho pelo familiar que exercia sua liberdade com segurança e autonomia, segundo relatou nas conversas tidas quando o pesquisador estava em campo e por ali passava.

Casos como esse ilustram a familiaridade e o tratamento que o morador oferece ao animal que está sob seus cuidados. Como percebido nas muitas conversas do coti-

diano, e nos mais variados exemplos que vimos, a falta do animal em virtude de alguma ocorrência como perda por fuga, distração ou mesmo o óbito de causas naturais ou acidentais é bastante sentida, lamentada. Em muitos casos, os moradores relataram que foi preciso algum tempo para recuperar-se do sentimento de perda ou até optar pela adoção ou compra de outro cão, gato ou pássaro, e nessas situações, o animal perdido era lembrado com certa tristeza, a tristeza da saudade: percebia-se, claramente, que o lugar do animal perdido não é substituído ou esquecido, antes, porém, lembrado, preservado, respeitado.

Referências

DUARTE, Isabel Cristina B.; LEVISKI, Daiane Schneider. Família Multiespécie: o animal no rompimento das relações afetivas. **(RE)Pensando Direito**. Revista do Curso de Graduação em Direito da Faculdade CNEC Santo Ângelo, ano 9, n. 18, 2019, p. 208-223. Disponível em: <http://local.cnecsan.edu.br/revista/index.php/direito/index>. Acesso em: 01 set. 2020.

HEIDEN, Joyce; SANTOS, Wellington Benefícios psicológicos da convivência com animais de estimação para os idosos. **Ágora : Revista de divulgação científica**, [S.l.], v. 16, n. 2, esp., p. 487-496, 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.unc.br/index.php/agora/article/view/138>. Acesso em: 02 set. 2020.

WILLET, Cynthia. La sintonía afectiva en la relación cuidador-infante y entre especies. Ampliando el alcance ético de eros. **Revista Latinoamericana de Estudios Críticos Animales**, ano II, v. II, p. 244-245, 2016. Disponível em: <http://revistaleca.org/journal/index.php/RLECA/article/view/51/46>. Acesso em: 03 set. 2020.

Byenveni¹⁴! Da ilha caribenha ao Jardim Keralux: reflexões sobre a presença e interação com a comunidade de imigrantes haitianos na zona leste de São Paulo

Jacqueline Jaceguai Chagas Nunes dos Santos

Diana Cristina Enriquez Cueva

Neste ensaio temos a intenção de refletir sobre a significativa presença haitiana no território do Jardim Keralux, quais as implicações desta ocupação e como acontecem as interações dentro da comunidade. Tal reflexão será a partir do olhar de pesquisadoras que interagiram com a comunidade durante o levantamento de dados promovidos pelo censo, uma das ações do Projeto Democracia Artes e Saberes Plurais (DASP).

Antes de qualquer análise propriamente dita, sugerimos uma viagem no tempo para que possamos entender o contexto histórico e os cenários desenhados a partir da realidade. Dito isso, o pioneirismo da independência no Haiti teve o protagonismo da comunidade escravizada que se rebelou diante dos colonizadores franceses e tornou-se a primeira república negra das Américas: “foi um caso excepcional, onde se produziu, no mesmo movimento his-

14. O termo *Byenveni* resulta da apropriação da língua do colonizador pelos haitianos e transformação numa língua própria, o crioulo.

tórico, uma revolução nacional, social e racial. Quer dizer, uma descolonização real e global do poder” (QUIJANO, 2005 p.134). Desde então, o país passou por diversos problemas tanto no âmbito social quanto econômico, pois a ocorrência de guerra civil, de terremotos e de furacões abalaram a lógica de sobrevivência dos indivíduos e devastaram o país (SILVA, 2019).

Devido ao convívio com os imigrantes haitianos em Keralux, percebemos algumas particularidades nos seus relatos que estão diretamente associadas a alguns fatores históricos, haja vista as diferenças de entendimento em relação às questões raciais vivenciadas por eles. A despeito do processo de colonização pela França e sua independência, os haitianos apresentam-se como maioria étnica em seu país, a referência estética perpassa pela admiração do fenótipo similar ao próprio negro, além da construção da sua autoestima e valores distintos dos parâmetros eurocêntricos encontrados no Brasil. Os referenciais acerca da formação social e histórico-cultural desses indivíduos pode ser observado numa das perguntas elaboradas pelo censo: “Você se considera negro?”. A pergunta causava determinados conflitos, pois essas questões não eram problemas em seu país de origem, já que eram a maioria e grande parte dos enfrentamentos cotidianos estavam em outras esferas, seja de ordem econômica, política, religiosa ou mesmo cultural.

As motivações que fizeram os haitianos migrar para

o Brasil estão para além dos fenômenos naturais ocorridos no país (terremotos e furacões) e se devem à falta de assistência pública, manutenção de privilégios e vantagens de acesso a programas públicos restritas a alguns membros da sociedade. As políticas públicas de reconstrução do país mostram-se frágeis e pouco abrangentes, visto que, atualmente, mais da metade da população vive abaixo da linha da pobreza, apresentando índice de desenvolvimento humano de 0,483, com aproximadamente 60% da população subnutrida e que vive com menos de 1 dólar por dia (ONU, 2014).

Diante das situações extremas, imigrantes haitianos foram expelidos do país e pulverizados pelo mundo em busca de novas perspectivas, melhores condições de vida e reinserção social, com o propósito de recomeçar suas trajetórias. De acordo com os relatos e a observação em campo, os imigrantes vivem situações precárias no Jardim Keralux, a grande maioria mora em casas pequenas e improvisadas, muitas com falta de iluminação, pouca circulação de ar, condições deploráveis e com espaço insuficiente para acomodação de famílias numerosas e, muitas vezes, pagam valores exorbitantes referentes ao aluguel das casas.

O conjunto desses fatores ambientais possuem grande potencial de ter efeito direto na saúde dos haitianos que habitam domicílios com tais condições. Segundo estudo de Fábio Gonçalves, Anderson Nedel e Maria Regina Alves (2012), a alta taxa de umidade relativa num ambiente pode

se tornar um agravante latente de sintomas respiratórios (como asma e alergia em crianças), cardíacos e reumáticos. Além disso, ambientes úmidos e com pouca iluminação são propícios também para a proliferação de fungos e ácaros que são os responsáveis por diversas patologias em humanos.

As instalações de moradia irregular, fiação elétrica improvisada, condições sanitárias insalubres e saneamento básico insuficiente são características nos cortiços e amontoados, o que propicia a proliferação de bactérias, fungos e pragas.

Os haitianos vivenciam no Brasil, assim como a grande maioria da comunidade negra brasileira, a herança escravocrata que deixou a população descendente de africanos jogada à própria sorte para construir seus caminhos com poucos recursos, repletos de incertezas e desassistidos socialmente no período pós-Abolição.

Segundo Paulo Farah (2017), a invisibilidade dos sujeitos, a restrição linguística, o desmerecimento social e o descrédito intelectual (em todos os níveis de atuação) constroem relações desiguais que formam subjetividades basilares para a construção de fenômenos como a xenofobia, racismo e sexismo. As práticas de opressão em espaços de favelizados, por exemplo, podem ser entendidas como reprodução de ações cometidas uns pelos outros e que disputam espaços e o controle de poder, esse micropoder apresenta-se multifacetado e multidimensional, a fim de firmar

hierarquias entre os indivíduos. Estes fenômenos são construídos e mantidos em múltiplas dimensões sociopolíticas e históricas. Assim, o Jardim Keralux, além de sofrer com a marginalização estrutural enquanto periferia de uma megalópole, apresenta dinâmicas internas, como o micropoder conceituado por Michel Foucault (2007). Nas múltiplas dimensões há forças de dominação dos corpos, contrapostas por movimentos de resistência.

Aliás, poder é um tema central nas ciências sociais, diversos autores dedicaram-se a estudar esse fenômeno, não havendo consenso a respeito, devido à tamanha pluralidade e envergadura da temática. A partir da observação em campo, percebemos a tentativa da população haitiana do Jardim Keralux muitas vezes de fechar-se em sua própria comunidade, pois utilizam essa estratégia com a finalidade de fortalecer os princípios identitários, obter maior representação comunitária, além de ser uma resposta diante das agruras vivenciadas por eles. Durante as entrevistas, normalmente, os haitianos relataram episódios de violência policial, exploração nas práticas trabalhistas e a falta de direitos constitucionais. Muitos trabalham na região do Brás, localizada no centro de São Paulo, onde atuam como vendedores ambulantes e este fato incrementa o vínculo remoto com o território, pois muitos utilizam o bairro apenas como dormitório e suas interações sociais e culturais passam a ser direcionadas durante o extenso deslocamento pendular. Alguns haitianos

trabalham como ajudantes em pátios de construção civil, enquanto o trabalho de outros é esporádico e sem vínculos empregatícios.

Mesmo diante desse processo há uma perspectiva de permanência no território e mudança de vida, uma vez que muitos entrevistados relataram o desejo de estudar, aprender o Português e engajar-se em projetos de trocas de saberes. No censo foi possível conhecer e compreender algumas das histórias dos haitianos a partir da atuação do intérprete Charles Pierre, que conseguia traduzir em crioulo e francês todas as perguntas do questionário. Essa possibilidade de adicionarmos um intérprete na equipe surgiu em decorrência da representatividade significativa de haitianos no território e da necessidade de ouvi-los, para realmente conhecer quais eram as suas demandas, as percepções e vivências.

Os haitianos enfrentam o que Beatriz Nascimento chama de “emaranhado de sutilezas” no cotidiano, na busca de trabalho e na própria saúde. Eles insistem em manter os vínculos comunitários com a terra natal e nutrir as relações com o território em que agora se encontram. A maioria tinha constituído uma família, tentava estabelecer-se no bairro e mantinha a esperança de ter condições dignas e representação equitativa na conquista de direitos (RATTS, 2006).

Observações feitas em campo referentes à interação dos haitianos com os animais sugeriam que estes não fazem parte de famílias haitianas, em contraste com a conforma-

ção multiespécie da maioria das famílias da comunidade. Segundo dados do censo realizado pelo IEA-USP, nenhum dos 45 domicílios de haitianos entrevistados possuía algum tipo de animal. A situação instável de permanência no território, relatada por muitos deles, principalmente por aqueles que tinham menos tempo de estadia no Brasil, pode ser um fator que influencia na opção de ter animais nos domicílios, uma vez que a insegurança de permanecer no território ou migrar novamente é algo recorrente para eles. Por outro lado, mesmo aqueles que estão no Brasil há mais tempo não relataram ter possuído algum animal no domicílio, o que nos leva a aprofundar um pouco mais a relação entre haitianos e animais.

Um aspecto importante trata-se da estrutura histórica, social e econômica do Haiti. Vale lembrar que a religião vodu influencia diretamente o caráter político, pois foi determinante para a tomada do poder pelo movimento revolucionário haitiano, em negação ao contexto escravocrata. Segundo Joseph Handerson (2010), antes das guerras ou qualquer confronto os haitianos invocavam seus voduns como proteção e reverência à ancestralidade.

Assim como diversos ritos e celebrações religiosas europeias trazem suas particularidades, dentro das religiões de matrizes africanas não é diferente. O contato com o sagrado se dá por meio do culto das divindades que são representadas pela natureza, por isso é muito comum a ofer-

ta de frutas, flores e animais. Levando-se em consideração a herança ancestral, o contexto histórico-social e cultural, entende-se que a relação estabelecida entre humanos e animais segue determinada lógica que propicia a consciência¹⁵ do sujeito a partir da relação estabelecida entre a natureza, os animais e por fim, entre eles mesmos.

O vodu aproxima-se do candomblé Jeje¹⁶ em relação aos seus preceitos religiosos por diversos formatos, inclusive quando aludimos o continente africano como origem mãe desta religião. Cerca de 80% da população haitiana pratica o vodu ao mesmo tempo que são adeptos ao cristianismo¹⁷. Sendo assim, a religião está diluída no cotidiano e permeada de ações sociais, políticas e econômicas. Obviamente, a relação entre os haitianos e os animais perpassa pela apreensão dos fundamentos da religião, ou seja, segundo a religião o vínculo com os animais deve respeitar a relação que se tem com o outro indivíduo, pois entendem que a fauna e a flo-

15. Adotamos o termo “consciência” a partir da teoria geral do ser cunhada por Aristóteles (2012). Podemos dizer que a teoria do conhecimento de Kant (1988) também aborda o contexto ontognoseológico utilizado na construção intelectual deste parágrafo. Neste caso, entende-se que a consciência é resultado do sentido que é atribuído à preservação das práticas históricas e socioculturais atreladas ao conhecimento teórico.

16. “É o candomblé que cultua os voduns do Reino do Daomé levados para o Brasil pelos africanos escravizados em várias regiões da África Ocidental e África Central” (CANDOMBLÉ JEJE, 2021, s.p.).

17. Ver: https://pt.wikipedia.org/wiki/Religi%C3%A3o_no_Haiti. Acesso em: 22 jan. 2020.

ra são extensões de si. Para além disso, os deuses são integrantes da natureza, os animais são guardiões e, segundo a mitologia haitiana, esses animais transitam entre o mundo dos homens e o metafísico, além de expressarem poder e soberania por estarem próximos às divindades.

Diante disso, a relação que os haitianos têm com os animais perpassa pelo entendimento e vivência com o sagrado, ou seja, maltratar os animais, cercear sua liberdade ou mesmo tratar de maneira indigna seria atingir o próprio corpo, ceifar ou subtrair a própria alma, já que os animais podem ser considerados extensão de si. Pensar nos contextos de comunidades e famílias multiespécies está para além dos paradigmas ocidentais (quando falamos da relação entre homens e animais), abarca também intolerâncias de toda ordem, principalmente religiosa, agravadas pelas marcas sociais e processos de estigmatização que os haitianos vivenciam durante suas trajetórias.

Referências

- ARISTÓTELES. **Metafísica**. Livro I. 2^a Ed. São Paulo: Edipro, 2012.
- CANDOMBLÉ JEJE. *In: WIKIPÉDIA*, a enclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2021. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Candombl%C3%A9_juje. Acesso em: 14 mar. 2021.

FARAH, Paulo Daniel. Combates à xenofobia, ao racismo e à intolerância. **Revista USP**, n. 114, p. 11-30, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i114p11-30>. Acesso em: 1 set. 2020.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 23. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

GONÇALVES, Fábio Luiz T.; NEDEL, Anderson S.; ALVES, Maria Regina C. Uma análise da umidade relativa do ar em ambientes internos e externos na cidade de São Paulo: deve-se umidificar ou secar os ambientes internos? **Revista Brasileira de Medicina**, São Paulo, 2012.

HANDERSON, Joseph. **Vodu no Haiti Candomblé no Brasil**: identidades culturais e sistema religiosos como concepções de mundo afro-latino-americano. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Instituto de Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010.

INSTITUTO DE ESTUDOS AVANÇADOS DA USP. **Censo vizinhança USP**. Características domiciliares e socioculturais do Jardim São Remo e Sem Terra. São Paulo: Cátedra Olavo Setubal de Arte, Cultura e Ciência, 2021.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Coleção Os pensadores, vol. II. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LADNER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: Colección Sur Sur,

CLACSO, 2005. p. 117-138.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **RANKING IDH Global**. ONU, 2014.. Disponível em: <https://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0/rankings/idh-global.html> . Acesso em: 01 set. 2020.

RATTS, Alex. **Eu sou Atlântica:** sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

RELIGIÃO NO HAITI. In: **WIKIPÉDIA**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Religi%C3%A3o_no_Haiti. Acesso em: 22 jan. 2020.

SILVA, Karin; AMORIM, Luiza. Migração haitiana e apatridia na República Dominicana: intersecções entre racismo e colonialidade. **Revista da Faculdade de Direito UFPR**, v.64, n. 2, p. 9-35, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/direito/article/view/62391>. Acesso em: 20 jul. 2021.

Visita do censo

Eduarda Ribeiro Rodrigues

Hoje o pessoal do censo passou aqui em casa, tem tempos que os vejo passando na viela. Aqui foi uma mulher que passou, pensei que a entrevista seria mais rápida, quanta pergunta, queriam saber até o que a gente gosta ou não de comer.

A dona da casa disse para eu não responder porque eles estão colhendo informações para tirar a gente daqui, que o sonho da USP é colocar todo mundo aqui para fora. Mas tenho uma amiga que está trabalhando com eles e disse que isso é invenção do pessoal que não tem o que fazer, que o que eles querem é saber quantos somos e como vivemos para que assim seja possível realizar melhorias. Então, decidi acreditar e fazer a bendita entrevista, mas, meu Deus, quanta pergunta!

Eu não sabia se respondia ou olhava as crianças, não é fácil cuidar de três crianças sozinha. A mulher disse que tudo bem, que poderia responder no meu tempo. Tive medo que ela reparasse na bagunça da casa, sabia que um dia eles passariam aqui, só não sabia que seria hoje. Mas para ser sincera, qualquer dia estaria do mesmo jeito. É uma loucura, desde que acordo é um arrumar para as crianças bagunçarem. Coitadas, elas não fazem por mal, não têm espaço para brincar. Com o dinheiro que tenho só consegui alugar essa

casa de um cômodo, o esgoto passa aqui na porta, deixar as crianças brincarem na viela é pedir para pegarem uma doença. Não posso nem pensar em alguém aqui de casa ficar doente, o Hospital Universitário não atende mais, só em caso de muita urgência, se não estiver muito ruim eles falam para procurar um outro. Fico triste com essa situação, todos os meus filhos nasceram nesse hospital, é bom ter um lugar que atende em caso de doença. Espero que essa situação se resolva logo.

Respondi na entrevista que queria que aqui na São Remo tivesse uma creche e um lugar para as crianças brincarem. Aqui elas não têm nem calçada para brincar, quando não é viela são ruas que só têm espaço para os carros. Pouco tempo atrás uma criança foi atropelada, um menino de 7 anos, a mãe pediu para comprar cebola e, quando ele estava atravessando a rua, uma moto em alta velocidade bateu nele. Eu que moro quase no fim da viela consegui ouvir os gritos, foi de cortar o coração.

Essa questão da rua e do pouco espaço para as crianças brincarem é geral, mas algumas pessoas vivem bem aqui. Possuem casas bem espaçosas e bem mobiliadas. Infelizmente, esse não é meu caso. Por causa do pouco espaço, as minhas coisas vivem amontoadas, morro de medo de entrar ratos e passar nas roupas das crianças ou na comida. Aqui tem muito rato e barata, o jeito seria arranjar um gato, mas não tem espaço nem para mim e as crianças. Na entrevista,

a mulher perguntou sobre escorpião, nunca vi aqui. Só falta!
Mais uma coisa para se preocupar...

A minha vizinha tem uma porquinha-da-Índia chamada Mel, aliás, aqui em São Paulo chama porquinho-da-Índia, onde nasci é chamado de preá. Ela cuida como se fosse uma filha. Acho engraçado o dinheiro que ela gasta. Ai de você se falar que ela não é mãe do bichinho. Vou te mostrar uma foto que ela me mandou da Mel, olha só que gracinha:

Figura 7 – Mel, porquinho-da-Índia



Fonte: Acervo pessoal de Bruna Gomes de Oliveira (2020).

Depois que a mulher do censo foi embora, minha vizinha veio aqui reclamar que não fizeram perguntas sobre a porquinha. Que havia pergunta sobre gato, cachorro e passarinho, mas nenhuma sobre a Mel. Como se a Mel fosse menos que os cachorros e gatos. Eu ouvia as queixas e balançava a cabeça concordando, vou falar o quê?

Gosto dessa minha vizinha, ela tem a cabeça boa. Moram só ela e o marido e eles não querem ter filhos, dizendo ela que basta a Mel. Os dois trabalham muito, ele é terceirizado e trabalha como segurança na USP. Ela é manicure, trabalha em casa mesmo. A casa dela está sempre com clientes, até a mulher da entrevista pegou o número de telefone para fazer a unha depois.

Falando da entrevista, tinha umas perguntas estranhas sobre ser cisgênero ou transgênero, precisei que ela me explicasse. Uma outra era sobre a cor da minha pele, nunca tinha parado para pensar nisso, sou da mesma cor da mulher que fez a entrevista. Perguntei qual era a cor dela, ela disse que não poderia interferir, mas na dúvida coloquei “parda”. Na minha certidão de nascimento está “branca”, mas não sou branca nem aqui nem na China.

Eram muitas perguntas, mas fiquei com uma na cabeça: “Tem interesse de voltar a estudar?”. Respondi que não, como estudar com três crianças pequenas? Mas quero sim, preciso terminar os estudos para conseguir dar uma vida melhor para meus filhos. Talvez eu procure uma EJA

(Educação de Jovens e Adultos) mais para frente, seria bom se pudesse levar as crianças porque não tenho ninguém de confiança para poder deixar. Quero que meus filhos cresçam e tenham um bom futuro.

Não sei se você chegou a ver, mas no final da viela tem um portão branco. Passando por ele tem três casas, é de Dona Maria, moram ela e os quatro filhos. Coitada, nenhum dos filhos consegue emprego e o mais velho é alcoólatra. Esse filho já foi internado algumas vezes, mas não resolveu muito. Gosto muito de Dona Maria, ela é muito católica, das quelas praticantes, e sabe benzer como ninguém. Qualquer sintoma de mau-olhado eu já peço o benzimento dela.

Dona Maria realmente é um amor de pessoa, mesmo com todos os problemas você precisa ver como ela recebeu a mulher do censo. Parecia até que eram da mesma família. Ah, Dona Maria... Espero que as coisas melhorem na vida dela e de todos nós.

Estou falando que não tenho um minuto de paz, as crianças já estão chorando! Vou ver o que aconteceu...

Relações entre infraestrutura urbana, animais e saúde nos territórios Jardim Keralux e Vila Guaraciaba

Amanda Escobar Costa

Isadora Nunes Ferreira

Introdução

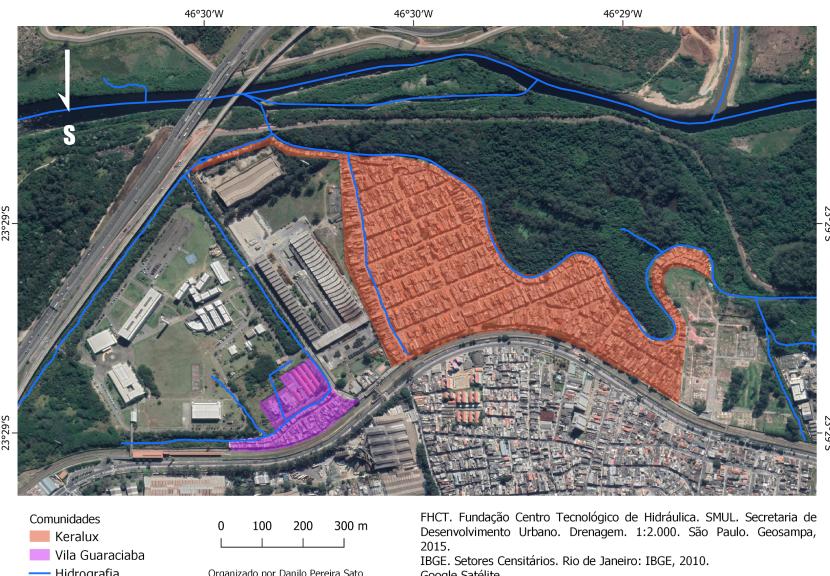
Jardim Keralux e Vila Guaraciaba são territórios vizinhos da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP) e agregam diferentes características geográficas, ambientais e urbanas. De acordo com Ana Barbour (2011), a história desses bairros está ligada à presença da antiga fábrica de Keralux S/A Revestimentos Cerâmicos, que decretou falência na década de 1970. Desde então, parte do terreno passou a ser propriedade do Banco do Brasil e outra parte pertencente à Massa Falida da Construtora Alfredo Mathias Ltda. Anos depois, um grupo de grileiros loteou o terreno e vendeu ilegalmente para aqueles que seriam seus primeiros moradores e que mais tarde foram surpreendidos por mandados de reintegração de posse. Após uma década de negociação da Prefeitura de São Paulo com o banco, foi acordado em 2017 a regularização do terreno.

A nossa atuação no censo do Jardim Keralux e Vila Guaraciaba levou-nos a refletir sobre como a regularização faz parte de uma luta mais ampla por melhorias sanitárias,

ambientais, socioeconômicas e de saúde pública nos territórios. Durante o recenseamento foram identificadas ruas de terra, córregos com esgoto a céu aberto e pontos com grandes quantidades de lixo exposto pelas ruas. Com frequência, os domicílios em estradas de terra também eram os mais próximos aos córregos a céu aberto, demonstrando desigualdades espaciais internas. No mapa abaixo podemos observar a hidrografia do território, onde estão localizados os córregos do Jardim Keralux e Vila Guaraciaba, afluentes de um rio que contorna a região.

Figura 8 – Mapa hidrográfico dos córregos

Jardim Keralux e Vila Guaraciaba



Fonte: Ibge (2010)

O período em que realizamos o recenseamento, entre maio de 2019 e março de 2020, permitiu-nos dialogar com moradores que vivem ao lado dos córregos e entender a complexidade do território, assim como perceber a reação deles quando se era perguntado sobre a presença de algum bicho em grande quantidade próximo ao domicílio que poderia causar doenças ou pôr em risco algum morador. Era comum ouvir reclamações de que além da presença de ratos, cobras e alguns tipos de insetos que serão analisados ao longo deste ensaio com base nos dados censo, também era relatado o enfrentamento e a preocupação com os períodos chuvosos, em que as águas do córrego localizado na Rua Independência invadiam suas casas. Essas percepções foram reconstruídas a partir dos diários de campo e registros fotográficos dos pesquisadores responsáveis pelo recenseamento dos domicílios vizinhos ao córrego.

Os fatores mencionados sobre o enfrentamento do bairro por melhorias das condições sanitárias devem ser destacados, pois nos permitem fazer uma breve leitura sobre a história periférica de São Paulo. A análise feita pela antropóloga Teresa Pires do Rio Caldeira (2000), por exemplo, na obra *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*, identifica três padrões de segregação socioespacial de formação da cidade de São Paulo.

Ainda que não seja a proposta discutir sobre a base da segregação social de São Paulo, é necessário considerar

a formação urbana de uma cidade que no contexto atual é referência econômica, mas sofre com as desigualdades sociais e revela que ainda não superou problemas básicos de saúde pública.

Pensando nas reflexões propostas, o objetivo do presente trabalho foi contribuir com discussões sobre infraestrutura urbana, saúde pública e relações com animais por meio da experiência de moradores e pesquisadoras que compuseram a equipe de recenseamento do Jardim Keralux e Vila Guaraciaba. As conversas com Laís Rodrigues da Cunha, moradora do Jardim Keralux na Rua Independência, ajudaram a entender melhor os problemas diários enfrentados pelos moradores que são vizinhos aos córregos.

Argumentação

A composição das favelas contemporâneas é heterogênea. Vários determinantes influenciam na construção social e física dos territórios, como o histórico da comunidade, período de formação, constituição étnico-racial e demográfica, tempo de ocupação, conjunturas políticas e econômicas externas e a disponibilidade de recursos. Esses elementos se manifestam na pluralidade das experiências dos moradores de uma mesma favela e devem ser considerados nas pesquisas das periferias. Apesar das inúmeras particularidades que compõem as regiões, algumas ge-

neralizações podem ser levantadas em relação às favelas paulistanas, uma vez que nascem em contextos urbanos e de crescimento populacional e englobam a discussão de habitação e direito à cidade. Uma delas é a própria estrutura das ocupações, que não mais são necessariamente compostas por barracos feitos de material improvisado. É o que argumenta Rosana Donaldi (2003, p. 43):

Após um século de favela, muitas mudanças são percebidas. A imagem da favela associada ao ‘barraco’ não corresponde mais à realidade da maioria das favelas em metrópoles. A invasão, gradual ou repentina, individual ou em grupo, de uma terra sem infra-estrutura, com a autoconstrução de uma moradia com material provisório como madeira, palha, deixam de ser características predominantes.

Além dos fatores supracitados, pode haver diferenças dentro de um mesmo território de acordo com a desigualdade de renda, preço das moradias e até mesmo as condições ambientais. Essa é uma característica observável nos territórios de Jardim Keralux e Vila Guaraciaba.

Durante o período em que realizamos o recenseamento, entre maio de 2019 e março de 2020, a diferença da

percepção dos moradores sobre animais que oferecem algum tipo de risco à saúde mostrou-se ligada à localização do domicílio, se distante ou não do único córrego do local. Essa distinção ficou mais perceptível entre os pesquisadores que trabalharam em setores censitários com condições sanitárias e estruturais distintas. Isso foi observado no decorrer de conversas informais entre as perguntas dos formulários, ocasião em que população residente próxima ao córrego se queixou muito mais da falta de saneamento básico, infraestrutura urbana e da presença de bichos que potencialmente seriam vetores de doenças. Apesar de em outras regiões do mesmo território os apontamentos se configurarem de maneira semelhante, o mau cheiro, o contato direto de animais de rua e crianças com as águas contaminadas e a ocorrência de enchentes e inundações em épocas chuvosas eram específicas da região de várzea.

Uma das anotações feitas em nosso diário de campo foi de uma entrevistada que mora ao lado do córrego e compartilhou a experiência de um acidente. O acesso a muitas casas do local se dava por pontes improvisadas e num descuido a neta da entrevistada caiu no córrego. Ela também nos disse que era comum esses acidentes acontecerem por falta de estrutura adequada. É importante ressaltar que os bairros possuíam apenas três das suas ruas asfaltadas, fator que causou indignação no espaço dos dois bairros.

Figura 9 – Rua Independência, Jardim Keralux



Fonte: Acervo pessoal de Laís Rodrigues da Cunha (2020).

Para complementar a argumentação, no dia 4 de setembro de 2020 foi realizada uma conversa informal com Laís Rodrigues da Cunha, moradora da Rua Independência no Jardim Keralux, uma das ruas atravessadas pela passagem do córrego. Laís era uma das articuladoras locais do censo e desempenhou papel decisivo para a cobertura adequada dos setores, realização das entrevistas e bom relacionamento dos pesquisadores com a comunidade. Também participou ativamente das mobilizações sociais e artísticas da região, inclusive junto ao Instituto União Keralux (Inker). Segundo ela, a convivência próxima ao córrego e a falta de asfalta-

mento interferiam diretamente na qualidade de vida e saúde dos moradores, assim como na dos animais da região, principalmente por conta da qualidade do ar e do contato com a água contaminada. Ressaltou também a ocorrência constante de animais domésticos que bebem dessa água.

Tal reclamação feita pela moradora também foi constatada pelos dados do censo. Para realizar a comparação entre os espaços, o critério de caracterização dos domicílios como próximos ou distantes do córrego se deu a partir da base de ruas do GeoSampa combinada com a base da hidrografia do IBGE. Tal combinação possibilitou a identificação das faces dos setores censitários que compunham o entorno dos rios. Nos domicílios localizados em setores censitários contíguos ao córrego, relatou-se com maior frequência a presença de escorpiões e outros bichos que podem causar riscos à saúde (Tabelas 1 e 2).

Tabela 1 – Presença de escorpiões de acordo com a proximidade do córrego, Jardim Keralux e Vila Guaraciaba, 2019

Viu ou ouviu falar de escorpiões em Keralux/Vila Guaraciaba?	Até 50m de distância	%	Distância maior que 50m	%	Total Geral
1- Sim	237	17%	186	12%	423
2- Não	1158	83%	1370	88%	2528
3- Sem Informação	2	0%	4	0%	6
Total Geral	1397	100%	1560	100%	2957

Fonte: IEA-USP/Censo Vizinhança USP.

Elaboração das autoras (2021).

Na Tabela 1 é possível observar que a frequência de moradores dos domicílios próximos ao córrego que viram ou ouviram falar de escorpiões é percentualmente maior que a observada na totalidade dos territórios. Essa tendência se repete na pergunta seguinte, quando questionados sobre animais diversos que representam potencial risco.

Tabela 2 – Presença de bichos que causam risco aos moradores,
de acordo com a proximidade do córrego, Jardim Keralux
e Vila Guaraciaba, 2019

Presença de bi- cho que causa risco a algum morador(a)	Até 50m de distância	%	Distância maior que 50m	%	Total Geral
1- Sim	794	57%	807	52%	1601
2- Não	597	43%	748	48%	1345
3- Sem Infor- mação	6	0%	5	0%	11
Total geral	1397	100%	1560	100%	2957

Fonte: IEA-USP/Censo Vizinhança USP.

Elaboração das autoras (2021).

Em relação ao tipo de animais citados pelos moradores dos domicílios que responderam “sim” à pergunta da Tabela 2, aqueles localizados próximos ao córrego foram os que mais relataram a presença de cobras, entre outros diversos tipos de animais apontados. Já aqueles localizados em regiões mais distantes, tiveram as cobras em sexta posição na frequência de apontamentos. Ratos, baratas e pernilongos lideraram as queixas em ambos os territórios.

Do ponto de vista sanitário e ambiental, a presença de um sistema de esgotos sanitários de qualidade gera

melhorias nas áreas afetadas e elimina os focos de contaminação, poluição e naturalmente diminui o número de doenças relacionadas à falta de saneamento básico (LEAL, 2008). Além disso, o provimento satisfatório de saneamento básico, além de eliminar focos de contaminação e poluição, e de reduzir a incidência de determinadas doenças infecciosas, também contribuiria à redução de acidentes com animais peçonhentos.

Em relação à falta de asfaltamento e qualidade do ar relatados pela moradora, uma reportagem realizada pela revista Adusp em janeiro de 2011, que trouxe o título “Keralux, vizinho especial em busca dos seus direitos” (BARBOUR, 2011), abordou ocorrências de dermatites, problemas respiratórios e diarreias causados pelas condições sanitárias e ambientais, além de relatar a presença de resíduos do pesticida BHC no solo de Keralux e Vila Guaraciaba. De acordo com o laudo do Instituto Adolfo Lutz, a água consumida pelos moradores estava contaminada com hexaclorociclohexano, substância presente no pesticida BHC, que é proibido no Brasil desde 1985.

Após a repercussão das denúncias feitas por moradores e jornalistas, foi publicada em 2 de dezembro de 2014, na página da Câmara Municipal de São Paulo, uma notícia com a seguinte manchete “Contaminação no Jardim Keralux não ameaça moradores, diz Cetesb”, em que o técnico da Cetesb (Companhia de Tecnologia de Saneamento Am-

biental) afirmava para vereadores que a contaminação do terreno não trazia risco para a saúde dos moradores e, na época, segundo a Prefeitura de São Paulo, foi realizado um processo de descontaminação. Contudo, a empresa considerou que a única via de exposição seria o contato da pele das pessoas com esse material e recomendou a pavimentação das ruas do bairro como medida preventiva. Já em 2020, o prefeito Bruno Covas homologou, no dia 16 de julho, o projeto de pavimentação, drenagem de águas pluviais e complementação de rede de esgoto sanitário de mais oito ruas. Segundo o prefeito, o restante das ruas precisava de tratamento por se localizar abaixo do nível do rio.

Outro apontamento de Laís foi em relação à Unidade Básica de Saúde (UBS) Jardim Keralux, que não conseguia acompanhar a demanda crescente de atendimentos devido ao crescimento populacional. De acordo com os dados oficiais do IBGE de 2010, a região possuía 2.346 domicílios no ano de referência. Já em 2019, de acordo com o censo do IEA-USP¹⁸, já foram registrados 2.957 domicílios. Essa informação indica a invasão de novas áreas, juntamente com a verticalização do bairro. Dessa forma, o desenho e abrangência das políticas e estrutura dos equipamentos públicos do bairro devem ser redesenhasadas de acordo com os indicadores populacionais. Esse adensamento populacional se traduz em maior despejo de esgoto, lixo e entulho,

18. A data de referência para o levantamento de dados é janeiro de 2019.

favorecendo o crescimento das populações de animais perniciosos e aumentando os riscos decorrentes da exposição ao córrego a céu aberto. Portanto, a persistência do córrego a céu aberto não leva a um problema de saúde constante e sim a um complexo de problemas que se agravam. Isto aumenta a sobrecarga da UBS e demanda soluções integradas de prevenção.

Considerações finais

Os estudos ambientais e sociais das favelas são essenciais para o conhecimento íntegro da região e facilitação da intervenção estatal. Por conta disso, pesquisas como o censo populacional realizado pelo Instituto de Estudos Avançados da USP são de suma importância para o levantamento dessas informações, elaboração de diagnóstico, fomento de espaços de disputa e formulação de políticas públicas. Além disso, é preciso ressaltar a necessidade de replicação dessa experiência, que já foi inspirada em censo realizado pela Redes da Maré em outras comunidades do Rio de Janeiro.

Dentre os demais diagnósticos que podem ser realizados e fortalecidos a partir de realizações como essa, infraestrutura urbana, relações com animais e saúde pública se mostraram pontos de suma importância já identificados pelos moradores das favelas analisadas. A representação dessas observações em dados quantitativos ferramenta a sociedade

civil organizada e explicita a necessidade de ter esses assuntos pautados e considerados na agenda governamental.

Dessa forma, este ensaio se coloca como um convite para a realização de trabalhos futuros que aprofundem a temática do urbanismo e infraestrutura na região.

Referências

BARBOUR, Ana. Keralux, vizinho especial em busca dos seus direitos. **Revista Adusp**, São Paulo, jan. 2011. Disponível em: <https://drive.google.com/open?id=1nU7sktseGilMcpPn60EH07UHDiTKROsE>.

CALDEIRA, Teresa P. do R. **Cidade de muros:** crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Editora 34/Edusp, 2000.

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. **Contaminação no Jardim Keralux** não ameaça moradores, diz Cetesb. São Paulo: Câmara Municipal de São Paulo, 2 dez. 2014. Disponível em: <http://www.saopaulo.sp.leg.br/blog/contaminacao-no-jardim-keralux-nao-ameaca-moradores-diz-cetesb/>. Acesso em: 3 set. 2020.

CUNHA, Laís. Relações entre infraestrutura urbana, animais e saúde nos territórios Jardim Keralux e Vila Guaraciaba. **Entrevista** concedida a Amanda Escobar, São Paulo, 4 set. de 2020. Disponível em: <https://drive.google.com/open?id=1nU7sktseGilMcpPn60EH07UHDiTKROsE>.

DENALDI, Rosana. **Políticas de urbanização de favelas: evolução e impasses.** Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA *et al.* **Glossário dos Termos genéricos dos nomes geográficos utilizados no mapeamento sistemático do Brasil.** 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. Volume 1. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101626_v1.pdf. Acesso em: 18 jul. 2021.

INSTITUTO DE ESTUDOS AVANÇADOS DA USP. **Censo vizinhança USP.** Características domiciliares e socioculturais do Jardim Keralux e da Vila Guaraciaba. São Paulo: Cátedra Olavo Setubal de Arte, Cultura e Ciência, 2021.

LEAL, Fabiano Cesar T. Sistemas de saneamento ambiental. Faculdade de Engenharia da Universidade Federal de Juiz de Fora. **Curso de Especialização em análise Ambiental.** 4 ed., Juiz de Fora 2008. Notas de Aula.

REZENDE, Fernanda. Projeto Democracia, Artes e Saberes Plurais. **Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo**, São Paulo, 18 jan. 2019. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/pesquisa/catedras-e-convenios/catedra-o-lavo-setubal-de-arte-cultura-e-ciencia/censo-jardim-sao-remo-jardim-keralux-e-vila-guaraciaba-1>. Acesso em: 4 set. 2020.

Da cidade sustentável à periferia multiespécie

Danilo Pereira Sato

A reflexão aqui proposta tem como base discussões sobre coletivos multiespécies, questões urbanas e ambientais, assim como a experiência de campo nos territórios de Keralux, Vila Guaraciaba, São Remo e Sem Terra. Essa discussão é imprescindível quando consideramos a crescente necessidade de se pensar a Saúde Única e as Cidades Resilientes/Sustentáveis. Para construção deste ensaio, primeiramente situa-se a discussão de cidades sustentáveis seguida da compreensão sobre comunidades multiespécies e Saúde Única, para então relacioná-las às periferias dentro de uma perspectiva socioambiental e urbana.

O debate sobre cidades sustentáveis tem ganhado importância por ser indispensável para se alcançar os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável da Organização das Nações Unidas (ONU) e avançar na Nova Agenda Urbana (ONU, 2017). No entanto, é importante refletir sobre qual é a sustentabilidade incorporada nessas agendas, uma vez que existem diversas propostas que podem variar entre mais antropocêntricas ou ecocêntricas. Em função de sua complexidade, a sustentabilidade tem diversas abordagens (SARTORI *et al.*, 2014) e na literatura são encontradas discussões sobre sustentabilidades “fraca” e “forte” da economia

ecológica (CAVALCANTI, 2010; VEIGA, 2010). Tais propostas são associadas à ecologia profunda¹⁹ e à necessidade de se considerar outras dimensões²⁰ para além do tripé da sustentabilidade (social, ambiental e econômico) (SACHS, 1994, 1999). No âmbito urbano, as discussões sobre sustentabilidade se refletem nas cidades verdes ou cinzas (WACHSMUTH; ANGELO, 2018), nos conflitos e tensões entre as dimensões econômica, social e ambiental (CAMPBELL, 1996; 2016), nas cidades mais-que-humanas (ou multiespécies) (STEELE *et al.*, 2019).

As discussões sobre a vida multiespécie envolvem diversas contribuições, colaborações e leituras críticas do que é produzido pelas ciências humanas, biológicas e exatas (DOREEN; KIRSKEY; e MÜNSTER, 2016). Nesse âmbito, nenhuma espécie é isolada das outras nem dos outros elementos que compõem o ambiente (os humanos são mais uma espécie) e é importante observar interdependências/

19. Termo cunhado pelo filósofo Arne Naess em 1973 a partir de uma palestra em que defendia um ambientalismo com uma abordagem ecocêntrica e uma tentativa de igualitarismo biosférico com as outras espécies, pautada em uma lógica de cooperação (biocenose), combate à exploração de classes, contra a poluição e o esgotamento dos recursos naturais. Também defendia a necessidade de uma abordagem complexa (não fragmentária) e da descentralização valorizando a autonomia local (NAESS, 1973).

20. Ignacy Sachs propôs cinco dimensões: social, ambiental, econômica, cultural e territorial em 1994, e ao longo da sua produção ampliou com mais dimensões, chegando em 1999 a 7 dimensões ao incorporar a política nacional e internacional (SACHS, 1994, 1999).

simbioses conflitos/competições que existem entre as diferentes espécies (DOREEN; KIRSKEY; MÜNSTER, 2016; SÜSSEKIND, 2018). Wendy Steele, Ilan Wiesel e Cecily Maller (2019) incorporam a discussão multiespécie em uma política/ética para se coabitar as cidades. A partir destes pontos, a intenção neste capítulo é explorar e relacionar elementos naturais e culturais, e discutir como isso impacta a(s) vida(s) na periferia.

O conceito de Saúde Única também tem ganhado importância recentemente e é definido pela integração entre o ser humano, os animais e o meio ambiente (SOARES, 2020). Nessa temática, diversas pesquisas apontam que essa interrelação deve ser considerada conjuntamente para um controle e tratamento efetivo de diversas doenças e epidemias (SOARES, 2020).

Situar os territórios, os animais e as populações das comunidades (Keralux, Vila Guaraciaba, São Remo e Sem Terra) é importante para pensar em suas condições e relações. Como Isabelle Stengers comenta: “toda vez que um ser levanta o problema da sua condição de existência, isto está no domínio da abordagem ecológica” (STENGERS, 2014 apud DESPRET; MEURET, 2016; tradução nossa).

Essa relação é muito importante, uma vez que as periferias se inserem em uma complexidade de agências humanas e naturais que, ao serem naturalizadas, permitem a manutenção das condições existentes, injustiças e racismos

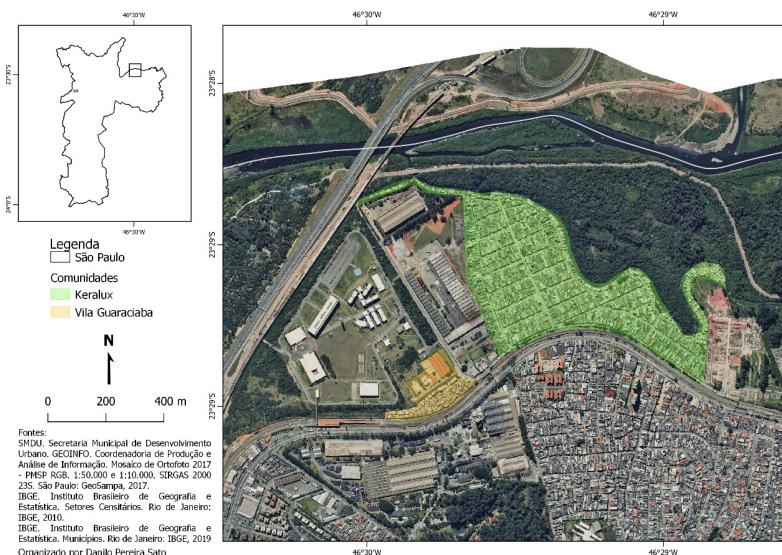
ambientais. Por outro lado, questionar essas condições por uma ótica multiespécie e de uma ecologia profunda abre caminho para se perguntar que coexistências são possíveis, como isso impacta as condições das vidas e nos possibilita pensar em uma cidade mais-que-humana como a discutida por Wendy Steele *et al.* (2019).

A partir da experiência em campo e da literatura, o olhar se direciona às comunidades multiespécies e aos conflitos nesses territórios. Keralux e Vila Guaraciaba, na zona leste, e São Remo e Sem Terra, na zona oeste de São Paulo, são contextos distintos, mas que nos possibilitam pensar a partir da comparação das similaridades e diferenças. Importante destacar que cada uma das comunidades tem origens e histórias distintas e que não serão tratadas exaustivamente por este texto.

As comunidades de Keralux e Vila Guaraciaba são vizinhas entre si e do *campus* da USP Leste, no mapa abaixo (Figura 10). A região em que se inserem esses territórios é marcada pelo processo de industrialização na zona leste que se desenvolveu próxima à linha do trem (MORCELLI, 2013). Ainda hoje são presentes algumas fábricas na região e tem-se um histórico de vários passivos ambientais deixados por empresas como a Bann Química Ltda. e a Cerâmicas Keralux (RAMIRES; RIBEIRO, 2011; CMSP. 2014; MAPA DE CONFLITOS, 2020). O território do Keralux tem sua origem ligada ao loteamento do terreno da antiga fábrica

de mesmo nome em meados dos anos 1990 (SÃO PAULO, 2006). A Vila Guaraciaba, por outro lado já foi delimitada no mapeamento do SARA Brasil de 1930 e é citada como potencial beneficiária da expansão da estrada de ferro da Penha até Estação Engenheiro Goulart na década de 1950, no entanto o levantamento de 1958 apresenta somente uma fábrica e uma olaria onde seria a atual Vila Guaraciaba (SÃO PAULO, 1953; SMDU, 2008; GEOPORTAL, 2015).

Figura 10 – Keralux e Vila Guaraciaba



Fontes: GeoSampa (2017), IBGE (2010; 2019).

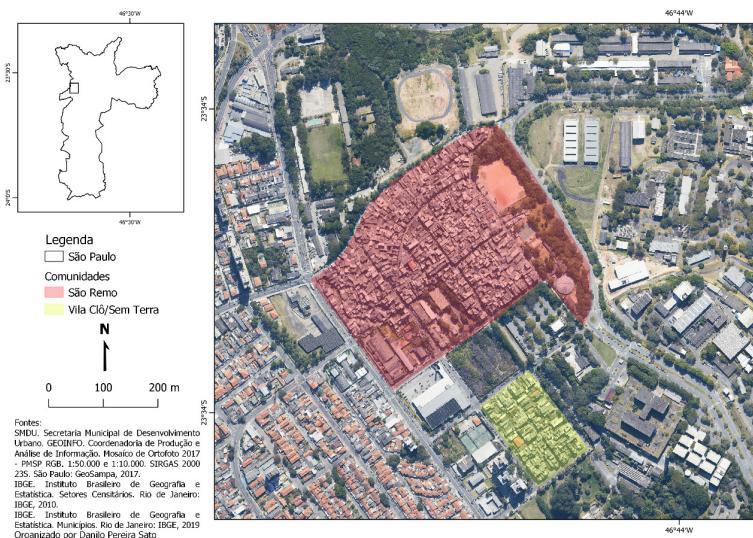
Elaboração do autor (2021).

As duas comunidades estão inseridas nas várzeas do Rio Tietê, o que implica em inundações recorrentes nas comunidades. Enquanto a Vila Guaraciaba tem um padrão orgânico de arruamento e está entre córregos que desaguam no Rio Tietê, o Keralux, em sua maior parte, tem um desenho ortogonal e está em contato com um dos braços do Rio Tietê (limite sinuoso na parte norte do Keralux), além dos córregos que percorrem o bairro. Acrescenta-se que uma parcela importante do Keralux é de ruas de terra e que começou a ser asfaltada recentemente, além da vizinhança com a Área de Proteção Ambiental da Várzea do Rio Tietê (FUNDAÇÃO FLORESTAL, 2013) e com áreas de cobertura arbórea e arbustiva.

Essa proximidade permite a presença de diversos animais, além daqueles que são mais comuns e adaptados ao meio urbano. Vários deles foram identificados pelos moradores quando questionados que animais incomodavam no território (ratos, baratas, mosquitos, gambás, escorpiões, cachorros, gatos, lagartos, capivaras etc.).

Por outro lado, as comunidades de São Remo e Sem Terra são territórios que se encontram na zona oeste de São Paulo, entre os limites dos distritos do Butantã e Rio Pequeno, e são vizinhas entre si e da Cidade Universitária (Figura 11).

Figura 11 – São Remo e Sem Terra



Fontes: GeoSampa (2017), IBGE (2010; 2019).

Elaboração do autor (2021).

Diferentemente dos territórios de Keralux e Vila Guaraciaba, São Remo e Sem Terra têm uma área relativamente menor, sobre um terreno inclinado, muito mais verticalizada, com menos rios ou córregos evidentes. Da mesma forma que as outras comunidades, tanto São Remo e Sem Terra têm históricos e situações internas bem distintas (LIMA, 2003).

Nesses territórios, os animais identificados como geradores de incômodo, em sua maioria são comuns ao meio urbano como aranhas, baratas, ratos, marimbo-

dos, abelhas, mosquitos, pombos, entre outros. Há uma quantidade significativa de escorpiões nas reclamações dos moradores.

Baseando-se na breve descrição anterior, pode-se pensar nas semelhanças e distinções dessas comunidades multiespécies. Elas têm aspectos comuns enquanto periferias em relação aos desafios urbanos e condições de moradia, porém não são homogêneas internamente com relação a aspectos socioeconômicos e exposição a riscos ambientais. Os aspectos ambientais têm uma agência mais evidente nas comunidades da zona leste, enquanto na São Remo essa agência parece estar mais restrita ao entorno do Riacho Doce, um córrego a céu aberto.

Para os territórios observados, os animais elencados pelos entrevistados como perigosos à saúde estão muito associados aos fatores ambientais de cada uma das comunidades. Questões de acúmulo de lixo e entulho, problemas de saneamento e uso intenso do solo criam ecossistemas complexos nas periferias.

Para tratar dessa complexidade, e considerando os casos relatados, evidencia-se a necessidade de uma abordagem multiespécie e de Saúde Única. Uma vez que diversas questões e desafios das comunidades envolvem não humanos, essas abordagens podem ampliar a sensibilidade do olhar para captar múltiplas relações que existem nas comunidades multiespécies das periferias. A partir dessa percepção, pensar

ou planejar uma periferia multiespécie é fundamental para que se possa discutir e implementar uma Cidade Sustentável.

Referências

CAMPBELL, Scott. Green Cities, Growing Cities, Just Cities? Urban Planning and the Contradictions of Sustainable Development. **Journal of the American Planning Association**, v. 62, n. 3, p. 296-312, 1996.

CAMPBELL, Scott. The Planner's Triangle Revisited: Sustainability and the Evolution of a Planning Ideal That Can't Stand Still. **Journal of the American Planning Association**, v. 82, n. 4 p. 388-397, 2016.

CAVALCANTI, Clóvis. Concepções da economia ecológica: suas relações com a economia dominante e a economia ambiental. **Estudos Avançados**, v. 24, n. 68, p. 53-67, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142010000100007&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 17 set. 2020.

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. **Contaminação no Jardim Keralux não ameaça moradores, diz Cetesb**. São Paulo: Câmara Municipal de São Paulo, 2 dez. 2014. Disponível em: <http://www.saopaulo.sp.leg.br/blog/contaminacao-no-jardim-keralux-nao-ameaca-moradores-diz-cetesb/>. Acesso em: 18 jul. 2021.

DESPRET, Vinciane; MEURET, Michel. Cosmoeological

Sheep and the Arts of Living on a Damaged Planet. **Environmental Humanities**, v. 8, n. 1, p. 24–36, 2016.

DOREEN, Tom Van; KIRSKY, Eben; MÜNSTER, Ursula. Estudos multiespécies: cultivando artes de atentividade. Tradução de Susana Dias. **ClimaCom Cultura Científica – pesquisa, jornalismo e arte**, ano 3, n.7, p. 39-65, 2016.

FUNDAÇÃO FLORESTAL *et al.* **Plano de Manejo APA Várzea do Rio Tietê**. São Paulo: 2013. Volume Principal. Disponível em: <http://arquivos.ambiente.sp.gov.br/fundacaoforestal/2018/03/diagnostico-apa-varzea-do-rio-tiete.pdf>. Acesso em 06 set. 2020.

GEOPORTAL. **Geoportal Memória Paulista**. Imagens de 1958 da região metropolitana de São Paulo. Disponível em: <https://www.geoportal.com.br/memoriapaulista/>. Acesso em: 18 jul. 2021.

LIMA, Ângela Maria Machado de. **Saúde no envelhecimento: o discurso sanitário nos programas de saúde**. Dissertação (Mestrado em Medicina Preventiva). Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

MAPA DE CONFLITOS ENVOLVENDO INJUSTIÇA AMBIENTAL E SAÚDE NO BRASIL. SP – Duas empresas deixam grave passivo ambiental na região leste da cidade de São Paulo. Rio de Janeiro: Neepes/ENSP/Fiocruz, 01 abr. 2015. Disponível em: <http://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/?conflito=sp-duas-empresas-deixam-grave-passivo-ambiental-na-regiao-leste-da-cidade-de-sao-paulo>. Acesso em: 12 set. 2020.

MORCELLI, Danilo da C. **Paisagens paulistanas, memória e patrimônio às margens do rio Tietê**. Dissertação (Mestrado em Mudança Social e Participação Política). Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

NAESS, Arne. The shallow and the deep, long range ecology movement. A summary. **Inquiry**, v. 16, n. 1-4, p. 95-100, 1973.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Nova Agenda Urbana. Tradução por Escritório do ONU-Habitat Brasil, ONU-Habitat, CAU/BR. ONU, 2017. Disponível: <https://uploads.habitat3.org/hb3/NUA-Portuguese-Brazil.pdf>. Acesso em: 12 set. 2020.

VEIGA, José Eli da. Indicadores de sustentabilidade. **Estudos Avançados**, v. 24, n. 68, p. 39-52, 2010. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext & pid=S0103-40142010000100006 & lng= en\&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142010000100006&lng=en\&nrm=iso). Acesso em: 17 set. 2020.

RAMIREZ, Jane; RIBEIRO, Wagner C. Gestão dos Riscos Urbanos em São Paulo: as áreas contaminadas. **Confins**, v. 13, p. 73-23, 2011.

SACHS, Ignacy. Le développement reconcidéré: quelques réflexions inspirées par le Sommet de la Terre. **Revue Tiers Monde**, t. 35, n. 137, p. 53-60, 1994. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/tiers_0040-7356_1994_num_35_137_4848. Acesso em: 17 set. 2020.

_____. Social sustainability and whole development: exploring the dimensions of sustainable development. In: BECKER, Egon; JAHN, Thomas. **Sustainability and the social sciences**: a cross-disciplinary approach to integrating environmental considerations into theoretical reorientation. London; New York: Zed Books; New York : Distributed in the USA by St. Martin's Press, 1999. p.25-36.

SÃO PAULO (Estado). **Indicação nº 435-53**. Diário Oficial do Estado de São Paulo (E.U. do Brasil), ano 63, nº 72, 29 mar. 1953. Disponível em: https://www.imprensaoficial.com.br/DO/BuscaDO2001Documento_11_4.aspx?link=%2f1953%2fexecutivo%2fmarco%2f29%2fpag_0026_EEAIV8TI8Q4GBe83D183D806QIB.pdf&página=26&data=29/03/1953&caderno=Executivo&páginaordenacao=100026. Acesso em: 17 set. 2020.

SÃO PAULO (Município). Auto de Infração nº 30.001091 de 22/06/2006. Processo nº 30.00304/06. **Diário Oficial Cidade de São Paulo**, ano 51, nº 236, 19 de dez. 2006, p. 129. Disponível em: https://www.imprensaoficial.com.br/DO/BuscaDO2001Documento_11_4.aspx?link=%2f2006%2fdiario%2520oficial%2520cidade%2520de%2520sao%2520paulo%2fdezembro%2f19%2fpag_0129_2MF68D75AA4MBe28LQTISGMDND.pdf&página=129&data=19/12/2006&caderno=Di%C3%A1rio%20Oficial%20Cidade%20de%20S%C3%A3o%20Pau-lo&páginaordenacao=10129. Acesso em: 17 set. 2020.

SARTORI, Simone; LATRONICO, Fernanda; CAMPOS, Lucila M.S. Sustentabilidade e desenvolvimento sustentável: uma taxonomia no campo da literatura. **Ambient. Soc.**, v. 17, n. 1, p. 01-22, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-753-2014000100002X&lng=en&nrm-iso. Acesso em: 17 set. 2020.

SOARES, Thiago F. Meio Ambiente e Saúde Única: o que podemos esperar? **Revista Brasileira de Meio Ambiente**, v. 8, n. 4, p. 74-80, 2020. Disponível em: <https://revistabrasileirademioambiente.com/index.php/RVBMA/article/view/546>. Acesso em: 17 set. 2020.

STEELE, Wendy; WIESEL, Ilan; MALLER, Cecily. More-than-human cities: Where the wild things are. **Geoforum**, v. 106, p. 411-415, 2019. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0016718519301174?via%3Dihub>. Acesso em: 17 set. 2020.

SUSSEKIND, Felipe. Sobre a vida multiespécie. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 69, p. 159-178, 2018. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/rieb/n69/2316-901X-rieb-69-00159.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2021.

WACHSMUTH, David; ANGELO, Hillary. Green and gray: new ideologies of nature in Urban Sustainability Policy. **Annals of the American Association of Geographers**, 2018.

A marginalização dos coletivos multiespécies nas periferias urbanas

Raquel de França Bezerra

Figura 12 – Gato do Riacho



Fonte: Acervo pessoal de Raquel de França Bezerra, 2019.

A favela é o quarto de despejo de uma cidade.

Nós, os pobres, somos os trastes velhos.

Carolina Maria de Jesus

As periferias brasileiras carregam uma estrutura histórico-social marcada por um processo hierárquico de classes, grupos raciais e espécies. O conjunto desses territórios passa a se distanciar não apenas geograficamente, mas também em questões de humanização, uma vez que sua população tem seus direitos esmaecidos. O abismo social

mais-que-humano retrata a marginalização do conjunto de seres vivos presentes nesses territórios, demonstrando como as comunidades periféricas são espelhos das desigualdades presentes na sociedade.

O fato de viver em uma comunidade que, além de periférica, também faz parte de uma reserva ambiental e se encontra distante da região central da cidade, fez com que me deparasse com situações de abandono de animais indefesos. Entre essas cenas, as mais comuns se resumiam em carros vindo, possivelmente da cidade, e abandonando os animais, cachorros e gatos, na periferia. Outras vezes ainda era possível se deparar com animais jogados em escombros e lixos para que morressem de fome, sede, frio ou fossem esmagados na próxima coleta.

Curiosamente, tal especificidade também pode ser observada por meio dos relatos de moradores da São Remo no momento da entrevista, que continha uma pergunta referente a como o animal chegou até a família. Nessas respostas, observei com grande frequência que os moradores relataram como seus animais foram encontrados abandonados nas ruas ou até mesmo despejados em sua casa.

Indo ao encontro com o trecho de Carolina, citado no início deste texto, observa-se então que, se de um lado temos a marginalização da população periférica pelo Estado, de outro temos o abandono de espécies animais pelas pessoas, sendo assim, ambas despejadas por não se encaixarem nos moldes estabelecidos por seus ambientes de convívio.

Aos olhos da civilização capitalista, uma de suas representações dominantes é a da periferia que não tem rosto, cuja faces são vazias. Todos os seres periféricos são iguais perante essa sociedade, e tal igualdade não é caracterizada positivamente, uma vez que os corpos periféricos detêm a imposição de estereótipos pela classe dominante. Seus corpos são desvalorizados e vistos como selvagens, como posto por Boaventura de Sousa Santos (1998, p. 6-7) no contexto do fascismo social.

Trata-se da segregação social dos excluídos, por meio de uma cartografia urbana dividida em zonas selvagens e civilizadas. As selvagens são as zonas do Estado de natureza hobbesiano. As civilizadas são as zonas do contrato social; vivem sob a constante ameaça das selvagens. Para se defender, tornam-se castelos neofeudais, encraves fortificados que caracterizam as novas formas de segregação urbana. Nas zonas civilizadas, o Estado age democraticamente, como protetor, ainda que muitas vezes ineficaz ou não confiável. Nas selvagens, age fascistamente, como Estado predador, sem nenhuma veleidade de observância, mesmo aparente, do Direito.

A exclusão, impulsionada pelo estereótipo da agressividade, dá espaço ao surgimento da discriminação que, no caso dos animais, os coloca como sujos, descuidados e reservatórios de enfermidades. E assim, o ser vivo, seja ele pessoa ou animal, por estar inserido na atual organização socioeconômica, está vulnerável a ser marginalizado.

A indústria capitalista vende um modelo ideal de bem-estar e modos para o consumidor. A classe dominante é proprietária de ativos financeiros e sociais que dão a ela o poder de compra deste modelo ideal, estendido também para animais de outras espécies incluídos nessa classe. Assim, pode-se pontuar que o tratamento de animais domésticos pertencentes a uma família com maior poder aquisitivo, provavelmente, é melhor que o recebido por muitos humanos da periferia. Para compreender este processo, observa-se o que acontece no documentário Ilha das Flores²¹, que associa o fator das diferenças à criação de uma escala de bem-estar e prioridades a partir do medidor de capital: “O que coloca os seres humanos da ilha das flores depois dos porcos na prioridade da escolha de alimentos é o fato de não terem dinheiro nem dono”.

Nessa escala, tem-se então graus de acesso ao bem-estar, vindo primeiro os humanos e animais da classe mais alta e, no final, na classe mais baixa, os humanos, os animais

21. Ilha das Flores é um documentário brasileiro que retrata a desigualdade através da trajetória de um tomate, do início da sua produção até o consumidor final.

com tutor e os animais abandonados. Diante disso, essa categorização é antiética por classificar os seres humanos e os animais por meio de um filtro capitalista que acarreta a criação e a perpetuação de bolhas sociais.

As reflexões supracitadas inferem que as maiores problemáticas relacionadas aos coletivos multiespécies são a categorização e o distanciamento físico e social determinados por vínculos capitalistas. Deste modo, as relações humano-humano e humano-animal estereotipam e marginalizam, subjugam e inferiorizam, criam uma escala prioritária como a retratada no documentário *Ilha das Flores*. É nessa escala que as periferias urbanas são segregadas física, social e economicamente pelo estado e diferentes grupos sociais, sendo apenas massa produtiva ou “descarte” dos mais poderosos.

Referências

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 3. ed. São Paulo: Ática, 1994.

ILHA das Flores. Produção: Jorge Furtado. Brasil: Casa de Cinema de Porto Alegre, 1989. 1 vídeo (13 min 07 s). Canal Nação Brasileira. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cvpjgAZd63w>. Acesso em: 7 set. 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Os fascismos sociais. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 6 set. 1998. p. 6-7. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz06099808.htm>. Acesso em: 23 ago. 2020.

Sobre saúde e o lugar onde cresci

Francisca Eveline dos Santos

Depois que recebi o convite para contribuir com este capítulo, passei muito tempo pensando sobre o que exatamente gostaria de escrever, sobre quais experiências queria compartilhar. Tive a oportunidade de reviver algumas memórias, a maior parte de minha infância, e pude ainda perceber a relação entre elas e o que tenho aprendido sobre determinantes de saúde coletiva no meu curso de medicina veterinária. Determinantes sociais, econômicos, culturais, psicológicos, entre outros, estão intimamente relacionados às condições de moradia, alimentação, escolaridade e renda. Devo admitir que antes de ter contato com esses conceitos, nunca havia pensado na complexidade do significado da expressão “ser uma pessoa saudável”, e que, até reviver minhas memórias de infância, não tinha noção sobre as condições e riscos aos quais estive exposta durante quase toda a minha vida.

Este texto trata dessa autoanálise. Vou me ater a episódios que estão relacionados à saúde, e aos riscos que a comprometem.

Cresci na cidade de Guarulhos, região metropolitana de São Paulo, em um bairro afastado do centro da cidade chamado Pimentas. A região era conhecida entre os guarulhenses por ser perigosa. De fato, durante minha infância presenciei episódios que faziam jus à fama. Minha família

é nordestina. Meus pais, avós e tios vieram para São Paulo pelos mesmos motivos que trouxeram milhares de outras famílias: a busca por oportunidades. Toda a minha família morava em um mesmo quintal, onde havia cinco casas – um ou dois cômodos, duas delas com banheiro externo compartilhado entre mais de um núcleo familiar.

Tenho boas recordações da minha infância, principalmente daquelas antes de começar a frequentar a escola. Meus pais trabalhavam fora durante a semana, e eu ficava sob tutela da minha avó, assim como meus primos. Nós passávamos a maior parte do dia na rua, brincando com outras crianças da vizinhança. Ficávamos soltos – corríamos pelas ruas, nos metíamos em terrenos baldios, que também eram utilizados como destino para móveis velhos e lixo. Minha casa fica bem próxima a torres de transmissão de rede elétrica, que deveriam estar em local isolado, mas que na verdade era um dos locais favoritos durante as nossas brincadeiras, como esconde-esconde e empinar pipas. O gasoduto da Petrobras também era próximo, e em seu entorno sempre eram descartados sofás, colchões e outros móveis. Algumas vezes esses objetos precisavam ser queimados para evitar que a passagem de carros fosse prejudicada. Só quando mais velha reparei nas placas no entorno ao gasoduto que alertava sobre os perigos das atividades com fogo nas proximidades.

Morei em uma rua inclinada e de terra. Era difícil se locomover por lá em dias de chuva, mesmo com auto-

móveis. Quanto mais forte a chuva, maior a quantidade de buracos e mais escorregadia a rua ficava. Cansei de ouvir a expressão “cuidado para não patinar!”, quando alguém da minha família estava prestes a arriscar sair de casa em dias chuvosos. Também presenciei acidentes com a minha avó e vizinhos, mas pelo que recordo, nenhum grave. Admito que era engraçado ver a dificuldade dos carros em subir a rua – alguns não subiam de jeito nenhum. Por causa disso, alguns serviços eram dificultados como, por exemplo, a entrega de supermercados. Os veículos utilizados para entrega simplesmente não tinham como acessar a rua.

No final da rua, na parte mais baixa dela, existia o que todo mundo chamava de mina (um cano por onde saía água a todo tempo, mas que até hoje não sei sobre sua origem). Quando ficávamos sem serviço de abastecimento de água, problema que foi diminuindo ao longo dos anos, os moradores costumavam se abastecer da mina. Era comum as casas terem tambores de reserva para água, enchidos em uma espécie de mutirão para transportar baldes d’água da mina para as casas. Tanto adultos quanto crianças participavam. Eu tinha meu próprio balde para as ocasiões. Em casa, a água dos tambores era utilizada para banhos e para o banheiro, nunca foi utilizada para beber ou cozinhar. Mas não ficaria surpresa em saber que alguém a usasse para esses fins, não era uma questão de opção. Algumas vezes o problema de abastecimento era resolvido com caminhões-pipa

enviados pela prefeitura (acredito eu), para encher as caixas d'água dos moradores. Cada casa tinha direito a abastecer uma caixa apenas. Se existisse mais de uma família, independentemente do tamanho, não poderia ser abastecida.

Aos domingos, costumava acompanhar meus pais ao supermercado ou à feira. No percurso, saímos da região de estrada de terra e passávamos para a região asfaltada, a feira de domingo acontecia logo depois dessa transição. Mas antes de passar para a área asfaltada, tínhamos que atravessar uma ponte de madeira, mais tarde substituída por concreto, que ficava sobre um córrego. Havia muitas casas no entorno do córrego, algumas com encanamentos visivelmente desembocando nele. Muitas sacolas de lixo e o mau cheiro característico me incomodavam muito. Não entendia como as pessoas conseguiam viver ali tão perto do córrego.

A feira foi a primeira coisa em que pensei para este texto. No meu curso, lembro dela desde as aulas de Introdução à Medicina Veterinária. Isso porque era comum encontrar tanto produtos de origem animal quanto animais vivos. A feira era um local onde as pessoas costumavam comercializar pássaros, peixes ornamentais e pintinhos. Um dia ganhei um cor rosa. Fiquei muito contente por finalmente ter um animal de estimação. Mas ele não sobreviveu, e o motivo descobri anos depois na faculdade.

E por falar em animais, em frente à minha casa existia um bar. Aos fins de semana era normal ter churrascos

que reuniam um grande número de pessoas, principalmente em dias de clássicos ou final de campeonato de futebol. Em algumas ocasiões, os donos do bar recebiam algum animal vivo e faziam o abate no bar mesmo, e depois era vendido. As pessoas saíam com sacolas brancas repletas de carne. Lembro com clareza do quanto ficava incomodada ao ver suínos com o corpo aberto pendurados pelos pés dentro desse bar.

No quintal de casa sempre tivemos problemas com os ratos. As casas do bairro eram muito próximas umas das outras, o que facilitava que os ratos habitassem nos pequenos espaços entre elas. Era comum encontrá-los até mesmo dentro de casa. Uma tia deixava bem claro quando isso acontecia – muitos gritos pedindo por socorro seguidos pela diversão que causava nos demais membros da família, era muito caricato. Na maioria das vezes era o meu avô quem revia as questões envolvendo os ratos com seu caixote de madeira cheia de ratoeiras. Quem dava de cara com algum (um rato mais desinibido andando pelo quintal à luz do dia), era só avisar ao meu avô que ele ia buscar ratoeiras na caixa. Quando os apreendia, quase sempre os queimava. Presenciei muitos episódios como esse. O momento era uma espécie de atração. Meus primos avisavam uns aos outros para que todos fossem assistir à condenação do animal.

Um outro evento, um tanto perturbador, aconteceu logo após uma das minhas tias ter tido sua primeira filha. Ela começou a estranhar a água da casa em que morava (e

que tinha uma caixa d'água independente). Ela acreditava que poderia ser um problema na rede de abastecimento, mas ninguém mais tinha qualquer queixa como a dela. Passados alguns dias, o marido foi verificar a caixa d'água no telhado. Foi muita surpresa encontrar um rato em estado de decomposição dentro da caixa. Toda a família ficou aterrorizada e preocupada, especialmente com a saúde da bebê. Minha tia e a família foram ao médico e verificaram que estava tudo bem, nada além do susto.

Quando era criança não tinha noção dos riscos que todos esses detalhes e acontecimentos ofereciam a mim, à minha família e aos demais moradores do bairro. Acredito que os adultos sabiam e se importavam, mas infelizmente, para a maioria, viver sob essas condições não era uma opção, e sim o único meio de sobreviver. A falta de recursos, as condições de moradias, os hábitos, tudo favorecia para situações como as que descrevi.

É pelo fato de ter vivenciado essas experiências que muitos dos conteúdos trabalhados nas disciplinas de Saúde Coletiva, para mim, fazem tanto sentido, e que as ações de educação em saúde me parecem tão urgentes. Embora não viva mais no Pimentas, e apesar de muitas ações terem sido tomadas para que as pessoas que vivem lá possam deixar de sofrer por problemas de saúde que fora das periferias são facilmente preveníveis, ainda há muito a ser feito. Como disse, até ter contato com os conceitos que hoje conheço e

reviver as situações mencionadas, nunca havia me ocorrido pensar desde uma perspectiva sanitária nas condições sob as quais cresci. Condições que nem de longe foram as piores – o que me dá sensação de alívio (por mim), e ao mesmo tempo me faz pensar sobre como seria crescer em um ambiente mais hostil e insalubre, e o pior, com menores expectativas de transformação. Só me resta desejar, e dentro de minhas possibilidades, promover ambientes e estilos de vida saudáveis.

Retratos etnográficos: a relação entre animais e humanos e a interface de saúde e meio ambiente na periferia São Remo

Luciana Lima Marques

Em um sábado do mês de janeiro de 2020, lá estava eu em mais um dia de coleta de dados para o censo na São Remo, ao lado dos demais pesquisadores e do supervisor de campo. Naquele dia, entrei em um domicílio com 11 cachorros. Alguns estavam no quintal e disputavam lugares nas minhas pernas, pulando no momento em que entrava no portão da casa da entrevistada. Subi algumas escadas da garagem para o domicílio, competindo com os movimentos dos cachorros que me acompanhavam com empolgação.

A moradora da comunidade, também dona daquela casa, estava à minha espera no sofá, ao lado de mais dois cachorros. Alguns tinham raça, outros eram vira-latas. Entre eles, havia adotados, outros comprados, alguns filhos dos cachorros mais velhos da casa. Poodle, Yorkshire Terrier, Lhasa Apso e o famoso Caramelo eram os fenótipos presentes entre os caninos da casa.

Comecei a entrevista, logo me deparei com uma mulher triste, enlutada e o tempo todo amparada pelos seus animais. Fazia dois meses que aquela senhora havia perdido seu marido em razão de um câncer, diagnosticado em está-

gio avançado. Ela tinha uma filha e estava preparando seu aniversário de 15 anos, para o qual o pai tinha ajudado durante muitos meses para realização de uma recepção em um belo salão de festa. O aniversário seria no mês seguinte, e ela me contava sobre o estado emocional da filha, sem qualquer ânimo para se vestir como debutante, sem o companheiro com quem tanto havia ensaiado o momento da valsa.

A entrevista era dividida entre o preenchimento dos questionários e aquele momento, vivenciado pela partida de seu companheiro de vida. O começo da conversa foi marcado por pausas, pois a entrevistada chorava muito. No entanto, senti que seu temperamento mudou quando o questionário de animais começou. Ali estavam seus afetos e seus resgates de memórias familiares felizes ao lado de sua filha e cônjuge, acompanhados dos acontecimentos que incluíam passeios com os animais. Naquele instante, pude ver a mulher sorrindo e mais confortável, inclusive trouxe em seu relato momentos de solidão que eram preenchidos pela presença desses *pets*.

O relato dessa entrevista não foi muito diferente de muitos outros coletados de todo o censo. Percebi, nas visitas a campo, as relações de troca estabelecidas entre os animais presentes na comunidade e as pessoas moradoras do local. Muitos não sentiam vontade de realizar a entrevista em um primeiro momento. Com o tempo, à medida que adentrava pelo território, dia após dia, ganhava a confiança

dos animais que, aos poucos, iam se acostumando com minha presença. Quando os donos dos animais percebiam que seus *pets* me recebiam a ponto de oferecerem carinhos ou brincarem, muitos aceitavam participar da entrevista para a pesquisa do IEA-USP.

No campo, tínhamos a presença de muitas espécies de animais. Entre elas, pude ver pássaros de vários tipos, cães, gatos, porquinhos-da-Índia, hamsters, ratos, gansos e coelhos. Os ambientes domiciliares eram pequenos e alguns moradores levavam seus cachorros para passear, outros deixavam os gatos soltos, enquanto alguns os limitavam dentro de suas casas.

Durante as entrevistas, ouvi muitos relatos de moradores que não queriam ter animais por falta de espaço. Muitos criticaram o fato de existirem pássaros em gaiolas e defendiam a liberdade de animais silvestres presentes na periferia, entre eles os papagaios. Havia uma visão bastante dividida sobre questões relacionadas à situação de moradia. Muitos moradores também tinham em mente o fato de viverem em situação de estresse e nem todos possuíam apego ao território, de modo que falavam em buscar locais mais espaçosos para a família e seus animais.

A noção de família defendida por boa parte de moradores da São Remo associava seus animais como membros. Então, aqui, a noção se desdobra para além de um núcleo entre humanos. Os animais fazem parte da vida das pessoas

e também participam, ao lado delas, do processo da coleção de memórias afetivas e na partilha de seus sofrimentos e vulnerabilidades. Aquilo que cabe na qualidade de vida das pessoas ali também se estende aos animais.

O estado emocional é sentido pelo comportamento deles no território. Poucos animais ofereciam defesa ou eram hostis com aqueles que escolhiam abordá-los e ofereciam carinho e comida. Durante todas as minhas visitas a campo, não era muito difícil encontrar gatos ou cachorros entre os becos me acolhendo no território ou à espera de acolhimento, carinho ou alimento. A espera por alimentação nem sempre estava associada à escassez em suas casas, pois muitos comiam em qualquer lugar. Não se pode negar que havia animais abandonados na comunidade e que também necessitavam de acolhimento. Apesar disso, havia moradores que além de alimentarem sua família multiespécie, também ofereciam comida aos animais do entorno que não possuíam donos.

Além do interesse no alimento, os animais eram muito observadores e acompanharam todo o desenvolvimento do trabalho de campo. Me recordo do meu primeiro dia de reconhecimento do território, quando entrei nos becos e fiz o mapeamento da primeira quadra de meu setor censitário. Em um dos becos, me deparei com um cachorro idoso de porte grande acorrentado a um portão de um conjunto de domicílios. Logo que via pessoas se aproximarem, se levantava e começava a rosnar ou latir.

Nos primeiros dias, a visita nessa parte do campo era dificultada por me sentir intimidada pela presença desse cachorro no portão. Até que um dia, um dos moradores daquele complexo de domicílios me informou que o cachorro era manso e não mordia. Vacilei durante alguns dias e muitas das vezes me aproximava apenas para dizer “oi”. No inverno, em julho de 2019, me aproximei dele, ofereci minha mão direita para que ele cheirasse. Em seguida, lhe ofereci carinho nas orelhas e no alto da cabeça. Ele recebeu com animação, balançando o rabo. Foi ali que percebi que ele tinha confiado em minha presença em campo.

Figura 13 – O cão “intimidador”



Fonte: Acervo pessoal de Luciana Lima Marques (2019).

Dali em diante, quando passava naquele bloco da São Remo, o mesmo cachorro me via, rosnavia e latia para mim. Já sabia que ele já não me oferecia perigo, apenas estava me chamando para fazer carinho nele. O carinho se tornou parte da rotina. As trocas afetivas entre nós também. Assim como muitos cachorros que permaneciam presos e esperavam algumas oportunidades de receber atenção e cafunés com aqueles que estivessem dispostos a oferecer. Alguns permaneciam presos entre corredores como guardas na entrada dos becos. Outros permaneciam soltos e corriam pelo território.

Alguns moradores relataram que, se deixados soltos, muitos de seus animais poderiam correr em direção a motocicletas e carros e serem atropelados. Então, eram mantidos no interior dos domicílios, enquanto outros ficavam presos. A rotina de passeio dos animais também variava de acordo com a rotina dos donos entre trabalhos, estudos e outras atividades. Quando se tratava de pássaros, muitos donos os deixavam na gaiola e, quando estavam em casa, soltavam no domicílio e fechavam as janelas para interagir com eles.

Figura 14 – Papagaio de um dos moradores da São Remo



Fonte: Acervo pessoal de Luciana Lima Marques (2019).

Com relação a roedores, boa parte ficava limitada a uma gaiola e, oportunamente, corria pelas casas quando os donos estavam por ali. Quando se tratava de gatos, muitos donos optavam por deixá-los soltos. Alguns gatos costumavam caminhar pelos becos onde moravam e exploravam os telhados da comunidade. Durante a noite, muitas pessoas relataram barulhos entre os gatos. Havia algumas queixas sobre o barulho da vida noturna desses animais entre a vizinhança. Mas a maior reclamação de barulho não estava associada aos animais: as queixas eram provenientes de car-

ros de som, casas ou bares com dispositivos de música ou televisões em volumes altos.

O convívio com os animais na comunidade mobilizava em mim conhecimentos interdisciplinares, os quais dialogavam com muitas aulas de verminoses, infectologia e patologia clínica oferecidas entre as disciplinas de saúde na graduação. Pude identificar a função dos animais no processo inverso, na redução de danos, e o avanço de animais como ratos e insetos em boa parte do local. No questionário do censo incluímos uma pergunta com o objetivo de identificar se havia bichos ao redor da região que poderiam causar doenças ou colocar em risco a saúde dos moradores. Não era incomum relatos dos moradores explicitando o processo colaborativo de seus animais na redução e controle de pragas em seus domicílios.

No Riacho, local em que fiquei boa parte da coleta por ser responsável por um dos setores da região que ali se concentrava, muitos moradores tinham gatos. Tal fato impossibilitava a entrada de ratos e influía na diminuição de baratas e outros insetos no interior das casas. Não há como negar que os animais estavam em risco pelo contato com essas espécies. No entanto, durante a aplicação do questionário, nas perguntas sobre problemas de saúde foram raros os relatos de doenças como leptospirose, por exemplo.

Ainda que houvesse as famosas verminoses, os animais continuavam sendo considerados como parceiros e

cooperadores no avanço de pragas. Alguns moradores dos becos criavam galinhas como forma de reduzir o avanço de insetos. Inclusive, cheguei a presenciar um galo expulsando ratos que corriam pelos corredores e voltavam para o riacho temendo as bicadas do animal.

Figura 15 – O galo corajoso



Fonte: Acervo pessoal de Luciana Lima Marques (2019).

Em uma parte dos questionários sobre saúde e meio ambiente havia perguntas sobre avistamento ou acidentes com escorpiões. Muitos dos entrevistados não relataram acidentes, mas sim avistamento e a criação de galinhas para

que comecem baratas e outros alimentos dos escorpiões. Isto, segundo os moradores, diminuía seu avanço e a frequência das picadas. Tais estratégias de controle de animais sinantrópicos são uma resposta ao que poderíamos considerar como riscos fabricados (BECK, 2010) presentes, mas nem sempre percebidos pelos moradores da São Remo. Frente à dificuldade em mudar a situação socioeconômica vivenciada, marcada por desigualdades, iniquidades e a correspondente carência de políticas públicas, o que resta às vezes é a mudança na sensação de segurança trazida pela manutenção de animais desejados para controlar os indesejados. Mas é claro que galinhas e gatos não resolvem os impasses estruturais quanto à correta destinação dos resíduos domiciliares e do esgoto. De certa forma é algo semelhante ao que acontece com usuários de crack na região central paulista, na Cracolândia. A piteira, um dispositivo acoplado aos cachimbos, reduz o contato à saliva dos outros e evita ferimentos, diminuindo a transmissão de algumas doenças (NASSER, 2016). Entretanto, a piteira está longe de resolver a problemática que leva ao consumo de crack e a que é causada por esse consumo.

Para além das doenças físicas, os animais da comunidade também ganham um papel fundamental em relação às doenças psicossomáticas. Muitos moradores declararam estar em tratamento ou já terem sido diagnosticados com depressão, ansiedade, síndrome do pânico, entre outras

doenças ligadas à saúde mental. Em diversos momentos, pessoas levantavam seus animais e os apontavam como mediadores de tratamento ou como agentes capazes de contribuir para a redução da dor e dos sintomas típicos das doenças psicossomáticas.

Em alguns domicílios ocupados por idosos, muitos tinham em seus animais uma companhia e um agente redutor da sensação de solidão trazida pela depressão ou similares. Enquanto há uma relação de diminuição da progressão dos quadros e dos problemas oferecidos por contextos de saúde mental, temos também a aproximação entre humanos. Em muitos lugares, só consegui realizar entrevistas porque os animais demonstravam ser afetuosos comigo. Alguns moradores apresentavam crenças em relação a isso. Não foi raro ouvir declarações sobre os animais me autorizarem a fazer entrevista com os moradores por oferecer “boa energia”.

Desde o começo do projeto, pude perceber que os animais eram pontes entre os moradores e pesquisadores na comunidade. Sempre fui identificada pela minha afinidade com os animais em campo. Estes foram os famosos porteiros para o desenvolvimento da pesquisa, já que as pontes eram oferecidas pelas trocas de afetos que tinha com eles e, a partir daí, havia uma espécie de permissão para avançar ou entrar nos domicílios e realizar o levantamento de dados domiciliares.

Referências

BECK, Ulrich. **Sociedade de risco:** rumo a uma outra modernidade. São Paulo: Ed. 34, 2010.

NASSER, Marina M. S. **No labirinto:** formas de gestão do espaço e das populações na Cracolândia. 2016. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-10032017-142143/pt-br.php>. Acesso em: 25 jan. 2021.

Especismo: vamos pensar sobre isso

Ricardo Lima da Silva

Caminhar na São Remo é uma experiência rica e traz possibilidades de raciocínio das mais variadas vertentes. É reconfortante saber que ali existem pessoas que não abrem mão de oferecer um lar a um animalzinho, de fornecer a ele uma vida que lhe possibilite desfrutar de algum carinho e segurança.

A humanidade, em geral, talvez por causa das falhas de seu sistema econômico hegemônico, comete o erro de ignorar a necessidade de conceder garantia legal de boa vida a todas as espécies de animais. Várias famílias do bairro São Remo, no entanto, contrariam esta tendência como podem. Com tal observação, ao imaginar as próximas décadas dos seres humanos e suas façanhas possíveis, surgiu a ideia: se pequenos grupos de pessoas num bairro periférico contrariam, em certa medida, uma inclinação global, como uma sociedade humana estabelecida fora da Terra, sob pressões transformadoras únicas, lidaria com a relação entre humanos e animais?

É bastante provável que alguns dos maiores e mais importantes defensores do reconhecimento completo dos direitos à vida plena para os animais serão, no século XXII, os humanos nascidos no Planeta Marte. A colonização do planeta vermelho deve se iniciar de maneira concisa até o

ano de 2050. No início, provavelmente serão apenas equipes de pesquisadores em seus respectivos bunkers, relativamente isolados uns dos outros, de modo análogo ao que é feito nos dias de hoje na Antártida. A habitação regular e aberta a civis terrestres deve levar pouco mais de meio século a se estabelecer. As primeiras cidades surgirão e logo a espécie humana começará a gerar os primeiros *Homo sapiens* não terrestres. Entretanto, por qual razão ter um ponto de vista aparentemente tão singular?

É possível repensar tudo aquilo cuja aplicabilidade aqui na Terra nos parece habitual, se for considerar qual será o ponto de vista de um humano nascido em outro corpo celeste do Sistema Solar. Como tais pessoas enxergarão os costumes da humanidade terrestre? Que opiniões terão de nossas organizações nacionais e supranacionais? Nosso sistema econômico? As religiões terrestres? Nossas relações internacionais? Nossa relação com o meio ambiente e, claro, nossa relação com aquilo que possivelmente será visto por humanos marcianos como a mais espetacular característica da Terra: a existência de animais? Como assim?

Em Marte, a vida dos humanos será radicalmente distinta da maneira que vivemos aqui neste terceiro planeta a partir do Sol. A água será rara e cara. O oxigênio será pago – e esta será a principal razão pela qual ter um animal doméstico no planeta vermelho será virtualmente impossível ou bastante dispendioso: animais consomem oxigênio. Da-

das as dificuldades para a produção do gás que nos é indispensável à vida, por certo, os governos humanos de Marte tomarão medidas no sentido de, inicialmente, proibir outras formas de vida além da humana por lá. Depois, em algum momento em que a tecnologia desenvolva uma capacidade de fornecimento em massa de ar respirável de modo mais adequado e financeiramente seguro é que, talvez, as proibições comessem a cessar – mas com pedágios salgados para aqueles cujo desejo for o de ter um animalzinho orgânico de verdade em casa.

O turismo de Marte para a Terra terá anúncios do tipo: “o lugar onde o ar é de graça e infinito!”. Assim, a abundância terrestre será vista como absolutamente espetacular pelos humanos marcianos. As florestas, os pântanos, os imensos rios como o Amazonas, os oceanos e mares serão todos utilizados pelas empresas de turismo de lá como recursos convidativos para induzir à compra de pacotes turísticos pelo público consumidor. Porém, a atração que mais maravilhará essa gente do futuro e de outro mundo serão os animais. Mesmo um simples gatinho doméstico será visto como espetacular por essas pessoas. Documentários terrestres como os comumente vistos em canais como o Discovery registrarão altas audiências junto aos veículos de comunicação audiovisual de lá. Desta forma, com um olhar estrangeiro único até então na história da humanidade, os seres humanos de Marte reescreverão a história dos *sapiens* aqui na Terra.

O ponto de vista singular da humanidade marciana, aliado à sua provável poderosa economia baseada no turismo Terra-Marte e Marte-Terra, na extração de recursos minerais locais e principalmente na mineração dos asteroides localizados no cinturão entre Marte e Júpiter - esse futuro formidável poder econômico – forçará os governos e empresas da Terra a darem ouvidos às reclamações do público marciano. Sim: adaptações baseadas em censura provocada pelos humores dos humanos marcianos – grosso modo, de maneira parecida às concessões que governos estatais e empresas transnacionais ocidentais têm feito para atender aos anseios do Partido Comunista Chinês que administra a República Popular da China. O descaso para com os cuidados com a Natureza, a destruição de habitats e a extinção de espécies que a humanidade pratica aqui na Terra serão extremamente mal vistos pelos humanos marcianos. Até onde o poder econômico e a influência diplomática deste mundo serão capazes de interferir na trajetória da vida humana na Terra é de difícil predição. A questão é que, por certo, neste futuro imaginado, esta interferência ocorrerá. Assim, o que é possível concluir agora com base neste experimento mental?

O *Homo sapiens* é ainda, nesta terceira década do século XXI, primitivo e tribal. Toda a organização social e econômica segue sendo um reflexo de nosso passado nômade quando ainda convivíamos com outras espécies de humanos como os Neandertais, milênios atrás. Nossa

ordenação segue, insistentemente, sendo patriarcal, sexista e inacreditavelmente racista. Este é o básico do atraso cuja superação a humanidade já deveria ter sido capaz de alcançar – não conseguimos e parece que em um espaço de tempo de cem anos também não conseguiremos. Neste sentido, pode-se pensar que questões como o debate acerca do mais eficiente e correto sistema econômico; nossa relação com a natureza e o clima; e nosso insistente especismo demandam um estágio avançado de solidez no pensamento coletivo, capaz de produzir aderência junto aos parlamentos nacionais, cujo alcance ainda não nos é viável aqui na Terra. A academia, a universidade – produtos do Método científico -, cumprem dignamente com sua função de levantar posicionamentos pioneiros. Porém, ainda que suas vozes não sejam nulas, tragicamente seguem não sendo fortes o suficiente para alterar nossas más práticas e costumes. Não respeitamos a existência dos nossos parentes planetários: os animais. Já sabemos que seus cérebros são capazes de reproduzir muitas das mesmas experiências que os humanos vivenciam. Sabemos que cachorros amam. Que porcos sentem esperança. Que camundongos riem quando lhes fazem cócegas. Que vacas reagem à música. Que elefantes e chimpanzés manifestam luto pela perda de entes queridos. Sabemos de tudo isso. Mesmo assim, não tem sido o suficiente para mudarmos. Para que paremos de errar.

O especista é aquele cujo pressuposto é o de que as formas de vida não humanas seriam inferiores ao *Homo sapiens*. Até mesmo nossas leis e organização comercial possuem características especistas – daí ser tão difícil avançar na proteção à Natureza, à biodiversidade e na concessão de direitos análogos aos dos humanos aos animais. Países europeus como a Alemanha (que tem um público treinado por um eficiente sistema nacional de educação, com compreensão mais inteligível no que se refere ao tipo de existência que impomos aos animais) deram passos nessa direção, mas o avanço é tão tímido que só pode despertar incômodo naqueles cuja visão de mundo já foi capaz de identificar o mal que praticamos.

Quem sabe, o empurrão decisivo, a ajuda determinante para que caminhemos em direção a ações práticas tomadas nos parlamentos nacionais venha, literalmente, do céu: porém, nada de sobrenatural. Apenas pessoas nascidas em um planeta próximo e cuja visão de mundo e filosofia de vida seja mais precisa e adornada de compaixão – como as observadas nas relações entre pessoas e animais domésticos no bairro da São Remo.

Vida eletrônica, vida em condição periférica e a felicidade possível

Ricardo Lima da Silva

O censo do IEA-USP constatou a quase onipresença de animais domésticos nas residências do bairro São Remo. O procedimento adotado fora o de direcionar o levantamento apenas a cães e gatos. Ainda que não registrados, outros exemplares domesticados como calopsitas e hamsters foram também encontrados.

A presença muito capilarizada de animais domésticos em lares periféricos é um fenômeno sociológico. Esta extensão do núcleo de convivência humana dá forma às chamadas famílias multiespécies e guarda características em comum com outro fenômeno: a popularização de jogos eletrônicos de mundo aberto, nos quais é possível viver experiências virtuais cotidianas diversas. Ainda que as realidades socioeconômicas no seio desses dois eventos não sejam, grosso modo, equivalentes – os fundamentos que os sustentam são os mesmos. A experiência eletrônica de mundo aberto a sustentar esta ideia de “isomeria geométrica sociológica” indicada é o jogo *Animal Crossing: New horizons*, lançado pela empresa Nintendo no seu console portátil chamado *Nintendo Switch Light*, comercializado por cerca de R\$ 2.300,00 enquanto o jogo, separado do console, custa R\$ 440,00. Dentro do mundo proposto por esse game, o joga-

dor assume o papel de um personagem customizável que se muda para uma ilha deserta. A experiência é em tempo real e pode-se explorar a ilha à vontade, sem linearidade, e estabelecer convivência com uma multivariada comunidade de animais antropomórficos falantes com personalidades e aparenças bastantes agradáveis. Nesses dois casos, os animais virtuais e os animais domésticos cumprem com a função de satisfazer a necessidade humana por afeto e sociabilidade.

As artes e os pensadores clássicos esboçaram, ao longo da história moderna humana, suas conjecturas sobre o que seria a felicidade. Endocrinologistas e neurocientistas, no contexto e estágio atual de desenvolvimento científico, procuram estudar a felicidade enquanto processo biológico. Os hormônios dopamina, oxitocina, endorfina e serotonina são o centro desse palco. A primeira é parte da resposta biológica que chamamos de amor; a segunda é um composto cerebral importante na construção da confiança necessária para relacionamentos emocionais; a terceira atua como analgésico emocional natural que favorece a união social; a última desencadeia a sensação de importância, de utilidade. Nada em Biologia faz sentido exceto à luz da evolução, afirmara Theodosius Dobzhansky. Com tal pensamento em tela, é fácil observar que cada um daqueles hormônios, seus efeitos, suas combinações e os efeitos de suas combinações são produtos do processo evolutivo pelo qual passou o grupo de primatas que somos, o *Homo sapiens*.

Estas associações entre hormônios dos quais derivam os sentimentos foram essenciais para que, como espécie, desenvolvêssemos a capacidade de cooperação que nos levou a dominar a Terra. No caso de cães e gatos, o que ocorreu foi a domesticação de humanos por animais. Os antigos lobos e gatos selvagens aprenderam, ao longo de uma série de gerações e linhagens evolutivas, a manipular nossos sentimentos e mexer com nossos corações. Conseguiram a façanha evolutiva de perceber o padrão de que, se abandonassem a agressividade em relação aos humanos e os ajudassem a caçar, eles lhes dariam seus restos – o que lhes garantiria um suprimento mais contínuo de alimento, fato que por sua vez lhes permitia deixar mais descendentes. Esta foi a Seleção Artificial promovida, a princípio, sem querer pelos humanos. Assim, o gentil miado felino e seu ronronar; o abanar de rabos e aquele irresistível olhar cheio de fofura dos cães são todos truques desenvolvidos pela evolução desses animais de modo a nos domesticar.

Animal Crossing é uma experiência de vida eletrônica que, tal qual cães e gatos, se aproveita das lacunas afetivas dos seres humanos. Este produto fabricado pela *Nintendo* é um jogo muito relaxante e seu sucesso em vendas pode ter tido relação com o fato de ter sido disponibilizado durante a pandemia de Sars-Cov-2, com muitos jogadores buscando um sentimento de escapismo no seio das necessárias quarentenas impostas pelos governos. Nesse jogo eletrô-

nico, direcionado à manipulação de hormônios e ativação de sentimentos agradáveis, existe a necessidade de trabalho em equipe com os animais falantes (aumento de endorfina, breve sensação de euforia); o jogador recebe mensagens de apoio e incentivo dos bichinhos antropomórficos (aumento de serotonina, importante para reduzir os sentimentos de solidão que podem levar à depressão); além disso, o fornecimento de um propósito agradável a se cumprir, mesmo virtual, leva ao aumento de dopamina e oxitocina, essenciais para combater as sensações de exclusão que podem produzir transtornos físicos e mentais.

A comunidade São Remo é hoje, essencialmente, um bairro de trabalhadores ligados ao setor de serviços. São muitos os terceirizados e aqueles cujas ocupações têm vínculo informal. A vida é, então, escassa no que se refere ao tempo livre, em contrapartida, rica em volume de trabalho. No geral, esses trabalhadores possuem um único dia de descanso semanal. Como experimentar a felicidade tendo liberdade tão delgada? Como forçar a ativação daqueles hormônios e fazer com que sintetizem as boas sensações que conferem prazer ao existir? Como escapar um pouco, mesmo que momentaneamente, daquilo que é necessário (o trabalho precário), porém excruciente? Este é o propósito ao qual se aplica a quase onipresença dos animaizinhos nos lares da São Remo: eles são uma pequena, porém preciosa fonte de dopamina, oxitocina, endorfina e serotonina. For-

necem um tanto de amor, de refúgio, de saudável distração, de apego e carinho, de sensação de validação àquelas pessoas que bastante trabalham a cada semana e muitas horas de suas vidas perdem no trânsito da cidade e São Paulo. Esta é a felicidade possível a quem não possui dois ou até três dias de folga por semana, como possibilitam algumas poucas profissões não facilmente acessíveis a um público de baixa renda. Esta é a felicidade possível para aqueles que não podem se dar a liberdade de consumir quase R\$3.000,00 em uma maneira virtual e eletrônica de se experimentar um bom sossego psicológico, de se alcançar um modelo pós-moderno de nirvana.

Córrego, quintais e vielas: espaços de convívio multiespécie na Vila Guaraciaba

Carla Maria dos Santos Silva

Introdução

A visão deste relato de experiência parte da minha vivência como recenseadora da Vila Guaraciaba entre fevereiro de 2019 e março de 2020. O relato é um recorte de alguns episódios da minha experiência de escuta dos moradores através das entrevistas, mas também das percepções do campo e das relações construídas em todo o processo com os moradores, sendo eles animais humanos ou não humanos.

O objetivo aqui é refletir como se compõe o sistema de organização socioespacial da Vila Guaraciaba, dando atenção às dinâmicas sociais, às condições estruturais e aos hábitos da comunidade, tanto fora como dentro das residências, e considerando a participação de animais não humanos. Minha reflexão enfoca cachorros e gatos, tendo em vista a coleta de dados realizada a partir do questionário de animais, os quintais a que tive acesso, e os espaços coletivos, como corredores, ruas e vielas, os quais revelam parte das relações dos moradores entre si e com seres não humanos.

Duas perguntas guiaram o relato e algumas das reflexões apresentadas nas considerações finais. São elas: ao

perceber a família e a comunidade no sistema de organização socioespacial da Vila Guaraciaba, qual o papel de cada uma delas nesse sistema? E quais são os fatores que afetam as dinâmicas familiares e comunitárias com a presença de animais não humanos?

Relato

Geralmente, fazia o trabalho de campo no período da manhã na Vila Guaraciaba, intercalando dias úteis e fins de semana. Nos dias úteis, grande parte dos moradores que trabalhavam já não estavam em suas residências, mas muitas das vezes eu encontrava seus filhos/as, ou parentes idosos, ou animais não humanos, estes últimos aguardando por seus tutores. Antes da entrada da Vila é possível avistar o córrego a céu aberto (Figura 16), ele é um dos elementos ambientais que configuraram parte da Guaraciaba e um dos afluentes dos braços do Rio Tietê que se constitui como fator limitante da expansão ocupacional à direita da Vila.

Na foto a seguir, podemos ver que na parte da frente da Vila as casas estão coladas ao córrego e entre si; sendo que os moradores delas foram os primeiros a serem entrevistados entre os meses de fevereiro e março de 2019. Algumas residências continham mais de um andar e o esgoto era diretamente jogado no afluente, apesar de os moradores relatarem o pagamento regular de água encanada e esgoto. Na

parte mais estreita ao fundo da Vila, o córrego era a divisão direta entre a expansão ocupacional dos moradores e os limites do terreno da Universidade de São Paulo. Nessa parte, era possível observar que a mata ciliar do lado da universidade mantinha-se parcialmente conservada, sendo muitas das vezes utilizada como espaço de lazer em que os moradores ultrapassavam o córrego por uma ponte improvisada com tábuas para relaxar ao pé de árvores. O lado voltado ao muro da Universidade de São Paulo, ou seja, onde as casas foram construídas na Vila, competia espaço com o córrego, no entanto, essa área tornava-se maior à medida que eu caminhava mais ao fundo da Vila, pois algumas das casas, especialmente os sobradinhos, foram construídas com um recuo do córrego a fim de utilizar esse espaço de alguma maneira.

Figura 16 – Córrego Vila Guaraciaba



Fonte: Midiateca do IEA-USP. Foto de Leonor Calasans (2019).

A presença de quintais urbanos, assim como a escolha por não os ter, revela os diferentes significados dados a eles pelos proprietários e ocupantes do terreno. Para alguns, os quintais eram elementos importantes no cotidiano da casa e da vida de seus moradores, com papel relevante na economia doméstica, como a criação de animais, amenização climática e espaço de descanso e convívio social. Tal visão corresponde a do quintal tradicional presente no

Brasil desde o período colonial até as primeiras décadas do século XX, sendo um lugar de refúgio, lazer, conforto térmico, tradição, cultura e interação familiar. Enquanto que, para outros proprietários, os quintais eram espaços supérfluos, difíceis de serem cuidados e melhor aproveitados para outros usos, como garagem, piscinas, espaços de churrasqueiras. Mas também poderiam ser aproveitados como mera reserva de valor, ou seja, um espaço com potencialidade de agregar valor adicional em rendas fundiárias futuras ou espaço adicional para a construção das moradias ou abertura de comércios em busca de complementação da renda familiar, se não a principal renda (TOURINHO E SILVA, 2016). Esse era o caso de um dos moradores da Vila cuja renda principal era extraída de um terreno no qual alugava três domicílios e vendia diversos produtos, enquanto morava em outro espaço.

Poderia se pensar que é impossível as famílias dispor em de quintais tradicionais no contexto de favelas, posto que é característico em sua forma de ocupação as casas serem emendadas umas às outras, o que resulta na quase inexistência de sobras de terreno. No entanto, é importante destacar a especificidade da Vila com a presença da mata ciliar desse afluente do Rio Tietê, atrelada ao fato de alguns dos próprios moradores optarem por utilizar esse espaço como quintais voltados para a criação de animais, como galinhas e galos, e inclusive o plantio de ervas e legumes, como

camomila, batata, cebola, tomate. Isso revela a variedade de relações dos moradores com o espaço e de formas de ocupação do terreno.

Já os moradores de domicílios que não podiam ocupar o terreno no formato de quintal no chão de terra, faziam das lajes uma espécie de “quintal suspenso”, onde eram desempenhadas também as funções de lazer, plantio de horta, criação de pássaros e outras espécies animais, e área de serviço, situação mais corriqueira que encontrei em domicílios que não faziam fronteira com o córrego e sim com a linha de trem da CPTM (Companhia Paulista de Trens Metropolitanos), à esquerda da Vila.

Cada dia de campo em que passava pela entrada da Vila, numa rua sem asfalto, era imprevisível o que encontraria, ouviria e compartilharia. Apesar de que, com o passar do tempo, tornei-me familiarizada com os cheiros, sabores e tatos. Nos dias quentes, a poeira invadia as narinas junto com o gostoso cheiro de café pela manhã ou do feijão cozinhando e a linguiça fritando pela tarde. Já nos dias de chuva, formavam-se largas poças com lama, muitas vezes difíceis de ultrapassar sem molhar o calçado. Nesses dias, a dinâmica de campo configurava-se diferente. As mães moradoras levando seus filhos mais cedo às escolas, os moradores utilizando botina para ultrapassar as áreas mais inundadas a fim de ir trabalhar. Nos dias seguintes às enchentes, enfrentava-se a perda de bens recuperáveis, tais como eletro-

domésticos e móveis, mas também aqueles irrecuperáveis, como entes queridos.

Se cada dia de campo era único, na mesma medida era cada entrevista, sendo que, com ela, realizava-se a oportunidade de perceber o espaço social da Vila, como se relacionavam os moradores no conjunto de sua família em cada residência, mas também a relação com o ambiente externo da casa, em especial com os animais não humanos presentes em ambos os espaços. Animais domésticos – como gatos, cachorros, pássaros, hamster e tartarugas – cujos tutores ofereciam, para além de abrigo e alimentação, o afeto e carinho de uma companhia. Da mesma forma a presença dos animais de criação para produção e alimentação de subsistência e complementação da renda familiar, como galos e galinhas. E, por fim, mas não menos importantes, existiam os animais sinantrópicos que se adaptaram a viver junto aos moradores no território e se tornavam mais visíveis nos relatos das entrevistas quando eram percebidos durante a circulação em campo, tais como mosquitos, baratas, ratos, lagartos e cobras, muitas das vezes abrigados não somente no espaço do córrego, ou seja, na divisa das ocupações das moradias, como também nos locais de receptação de lixo, em especial as duas caçambas de metal que aparecem na Figura 17, localizadas na entrada da comunidade. O mesmo local servia para despejo e queima de mobílias e objetos indesejados, o que, segundo os moradores, contribuía para

a proliferação desses animais e para a presença deles nas residências e nas três unidades de ensino básico que estavam localizadas na mesma rua.

Figura 17 – Caçambas Vila Guaraciaba



Fonte: Midiateca do IEA-USP. Foto de Leonor Calasans (2019).

Apesar do censo ser limitado na abrangência de assuntos familiares, animais e peridomiciliares, esses temas eram ampliados no processo de realização das entrevistas quando os moradores mobilizavam histórias, causos e memórias para responder às questões sobre suas condições de vida, informações sobre o seu domicílio e seus animais. Minhas próprias percepções nas visitas ao campo formavam também um olhar e ouvir dessas relações, mesmo que de fora da comunidade.

Em determinada ocasião, em um domicílio do terceiro andar, logo à entrada da Vila, a entrevistada, uma mulher branca, casada e mãe de uma criança, comentou que em seu tempo livre sentava-se à beirada da varanda e, com sua vista voltada para o córrego, conseguia se distrair vendo os lagartos e cobras passarem atrás dos ratos que também eram presentes no córrego. No entanto, ao responder uma pergunta específica do formulário, ela disse não ter nenhum animal em grande quantidade que a incomodava, o que é compreensível dada a altura em que residia. Enquanto que, para outros moradores, cujas casas eram sobrados, era maior a reclamação por proliferação de tais animais indesejados tendo em vista a maior incidência em suas residências.

Outras duas entrevistas foram realizadas em um sobrado cuja parte de trás tinha um recuo de terreno até chegar ao limite das margens do córrego. Esse espaço possibilitava o desenvolvimento da vegetação natural que, por sua vez, viabilizava a criação de animais, em específico galinhas, mas também permitia o próprio plantio de algumas ervas para chá ou tempero e leguminosas. Com isso, era possível observar outra relação que esses moradores desenvolviam através desse espaço de quintal, utilizando-o como complemento de subsistência.

Ainda assim, tanto o córrego quanto o lixo que ali era jogado e os animais indesejados que se reproduziam foram relatados nas respostas a perguntas do questionário ou

mesmo como desabafo, em discursos e histórias mobilizados pela experiência com enchentes. Os moradores relataram dificuldades e até impossibilidade de locomoção para sair da Vila quando se formavam poças de água, assim como danos irreparáveis decorrentes do desbordamento do córrego, que trazia dejetos e animais, vivos e mortos, transmissores de doenças.

Adentrar em mais de uma centena de domicílios me possibilitou ouvir muitas narrativas, que envolviam memórias dolorosas e relatos do cotidiano do entrevistado escapados por entre as respostas. Essas brechas deram um novo colorido para as minhas impressões sobre o campo, em especial respostas mais detalhadas a questões da entrevista que possibilitaram concessão dos moradores em me mostrar espaços de suas residências, como foi o caso do acesso aos quintais ao fundo das casas. Ou as interrupções no decorrer da entrevista por demandas externas, desde a panela queimando, a água que acabou e a necessidade de ligar a caixa d'água, o animal de estimação com fome ou o barulho do trem ao lado da casa impedindo a comunicação. Todos esses episódios foram brechas que, no dia a dia das entrevistas, permitiram com que conhecesse as diferentes estratégias de sobrevivência dos moradores, mas também a forma deles mesmo contarem sobre si, onde vivem e a relação que tinham com a comunidade em que viviam.

É perceptível que, historicamente, a comunidade

constituiu-se com precariedades estruturais que deterioram a qualidade de vida e inviabilizam o uso social pleno do território como cidadãos. Exemplo disso é a ausência de um sistema de esgoto com bueiros para devida drenagem das cheias e que suportem a eliminação dos resíduos dos domicílios. Por outro lado, a resiliência permite outras dinâmicas familiares e comunitárias, outra relação com o ambiente, outros usos do espaço para atender interesses da comunidade, incluindo os de seus animais.

Foi através desse ouvir que pude compreender uma parte do mosaico que é o sistema de organização social e espacial da comunidade Vila Guaraciaba. Aqui ofereço um recorte, com o retrato de dois espaços: o primeiro e já mencionado, os quintais à margem do córrego limitando com o muro da Universidade de São Paulo. O segundo, as vielas e ruas de passagem na frente dos domicílios, que também serviam às atividades comunitárias, entre as quais destaco o cuidado coletivo de animais.

O percurso para a realização das entrevistas, a partir do rigor metodológico de levantamento de dados, consistiu em começar com as casas localizadas na rua principal da vila, primeiro ao lado direito, para então retornar à entrada realizando as entrevistas aos moradores dos domicílios ao lado esquerdo da vila.

No processo de concretização desse objetivo de casa em casa, coladas umas às outras, era observável como a Vila

se mantinha agitada, com moradoras absortas em seus afazeres domésticos; crianças brincando na rua empinando pipa ou com seus animais de estimação sob olhar dos pais; vendedores e prestadores de serviço em garagens abertas expondo os produtos à venda, salgadinho, doces, picolé até o tardar – pois após o pôr do sol o que se tornava mais rentável de vender eram as bebidas alcoólicas. E nesse momento, sentia que a rua se tornava o ambiente mais movimentado, com cadeiras à frente das casas, o som de carros tocando músicas e os moradores relaxados conversando.

Não era somente nesse observar a Guaraciaba que eram perceptíveis alguns dos hábitos sociais desenvolvidos pela comunidade, principalmente nesses espaços de convivência compartilhada, mas também ao realizar as entrevistas, ainda mais nas dificuldades em aplicar os questionários. Esse foi o caso do questionário de animais, que direcionava as perguntas ao tutor do animal e excluía a pesquisa dos animais criados comunitariamente na rua. Havia uma cadela na rua principal da Vila Guaraciaba, ela foi adotada por um morador que a deixou ao se mudar da comunidade. A comunidade passou a alimentá-la e por ela desenvolveu afeto, até que o inquilino seguinte a residir na casa passou a ser o “mais” responsável pelo animal, como se junto com a residência também se adquirisse a responsabilidade pela tutela da cadela. No entanto, a comunidade não deixou de ter afeto e empatia por ela, e quando ela se via na falta do seu tutor,

que passava um longo tempo fora de casa, a comunidade a amparava novamente. Foi o que aconteceu quando o tutor partiu em viagem e, durante sua ausência, a cadela foi assistida pelos vizinhos e vizinhas até a sua volta.

Essa empatia mais-que-humana na Vila Guaraciaba, em que o “sofrimento” e a “qualidade” de vida dos animais, os domésticos – sejam eles ligados à alimentação de subsistência ou os animais de estimação – e os animais silvestres, amplia a compreensão das famílias e comunidades multiespécies. (LEWGOY; SORDI; PINTO, 2015).

Mas vale observar que nem todo animal é incluído nesse sentimento e expressão moral de simpatia. Para compreender os crivos da inclusão, deve-se considerar a organização do meio urbano. De um lado, têm-se os animais “indesejáveis” no convívio urbano, tais como aqueles encontrados às margens do córrego; e por outro lado, os “animais de rua” ou “abandonados”, estes recobertos pela intervenção compassiva dos animais humanos.

Por trás dessa lógica, podemos pensar na existência de um dispositivo biopolítico classificatório (LEWGOY; SORDI; PINTO, 2015) que separa os animais “selvagens” dos “domésticos”, os “domésticos de produção” dos “domésticos de companhia”, os “selvagens rurais” dos “selvagens urbanos”, a “fauna a ser conservada” das “pragas a serem erradicadas”.

Essas classificações são móveis e têm múltiplos desdobramentos. No caso dos cachorros e dos gatos, alguns

são adotados no que podemos chamar de coabitacão multiespecífica responsável (LEWGOY; SORDI; PINTO, 2015) e outros são mantidos nos domicílios, mas submetidos a maus tratos. Aqueles que permanecem nas ruas podem ser acolhidos comunitariamente, ser deixados no abandono ou, em algumas circunstâncias, se tornarem ferais. Os animais enquanto indivíduos transitam entre essas categorias a depender da sua relação com os humanos, que, por sua vez, é determinada pelas posições morais que eles adotam.

Nesse sentido, essa visão simbólica pode inclusive ser crivo de decisão para os moradores adotarem algum animal de rua e, por empatia, torná-lo como responsabilidade comunitária, como ocorreu com a cadela na Vila Guaraciaba. Sendo assim, “os diferentes modos de proteção e manejo da relação entre natureza e cultura para o universo dos animais domésticos de estimação, no meio urbano, criam uma dimensão de negociação e agência multiespécie” (KIRKSEY; HELMREICH, 2010 apud LEWGOY; SORDI; PINTO, 2015, p. 81)

Por fim, vale destacar que, a aplicação do questionário de animais foi inesperada para alguns moradores. Em certos momentos, foi uma porta de entrada para o morador ter o gosto de falar sobre o animal de estimação, possibilitando a quebra do desconforto pela entrevista que às vezes o morador estava resistente a conceder. Em outros momentos, a residência tinha mais de um animal e a entrevista já tinha

se alongado ao ponto de o morador se queixar de ter que responder informações dos animais também, mas ainda assim respondia. Pois, em ambos os casos, família englobava um novo significado, a partir da ideia de que são famílias aquelas que têm por fundamento o amor e o cuidado, muito além do simples vínculo sanguíneo ou do vínculo por força de lei, abrangendo também os animais de companhia ou animais que os humanos escolhem tutelar, individual ou coletivamente, como entes dessa relação alicerçada nos laços afetivos.

Considerações finais

A experiência como recenseadora na Vila Guaraciaba que expresso a partir de um recorte neste relato constituiu-se em diversos momentos: na busca da aplicação dos questionários (domicílio, pessoas e animais), nas observações diárias que mudavam em virtude da variação climática, na própria aplicação dos questionários e nos fatores que às vezes dificultavam ou impossibilitavam a sua aplicação. A partir da diversidade desses momentos consegui entender melhor algumas dimensões familiares, comunitárias e de organização socioespacial na Vila Guaraciaba. Aqui optei por apresentar a síntese de alguns entendimentos a partir da forma ocupacional presente no limite da Vila com o córrego, onde quintais, ruas e vielas desempenhavam variadas funções e permitiam formas de

convívio multiespécie também diversificadas. Tais formas são inclusivas e empáticas em relação a alguns animais, mas exclusivas em relação a outros.

Referências

LEWGOY, Bernardo; SORDI, Caetano; PINTO, Leandra. Domesticando o Homem Humano para uma Antropologia Moral da Proteção Animal. **Revista ILHA**, v. 17, n. 2, p. 75-100, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/viewFile/38946/31056>. Acesso em: 7 set. 2020.

TOURINHO, Helena Lucia Z.; SILVA, Maria Goreti C. A. da. Quintais urbanos: funções e papéis na casa brasileira e amazônica. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, v. 11, n. 3, p. 633 651, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1981.81222016000300006>.

Laços entre animais

Dayane Pereira de Souza

São Remo é um lugar cheio de vidas, seja nas ruas, becos, quadras ou casas. Nessas casas e ruas sempre encontrávamos animais que tinham atenção de vários moradores, entre eles cachorros, gatos, pássaros e até uma tartaruga. Mesmo em casas pequenas ou com muitos moradores nunca faltava espaço para mais um membro na família. As pessoas ficavam felizes em saber que a pesquisa que traria benefícios sociais para a comunidade estava incluindo seus animais. Cada casa tinha suas particularidades e suas histórias, mas era perceptível que os animais eram vistos como boas companhias e faziam parte da vida dos moradores, sendo acolhidos em meio à correria da rotina de trabalho, estudos e vida cotidiana.

Em cada visita feita para a pesquisa, na casa em que se tinha algum animal de estimação era possível observar uma dinâmica mais viva entre os moradores. A minha primeira entrevista foi feita com uma senhora que morava com seu neto, mas que ficava grande parte do tempo ocupando-se com sua televisão e seus gatos. Durante a entrevista, ela mostrava felicidade por partilhar informações e falar um pouco da sua história, mas quando chegou a parte dos animais ela ficou muito empolgada para falar de cada um deles e suas personalidades. O carinho que prin-

cipalmente os idosos tinham ao se apoiar nos animais de estimação como companheiros contra a solidão é um fator que se via muito na São Remo, pois existe uma grande problemática, principalmente nas periferias, onde os idosos que moram sozinhos não sabem ou não participam de atividades físicas e eventos de lazer quando estes estão disponíveis para esse público.

Muitos animais que não tinham um lar eram acolhidos na própria São Remo por seus moradores, como no caso de uma família que após ter perdido um gato por envenenamento adotou dois gatos do bairro ou a que acolheu um gato do vizinho que sempre ia pedir comida e acabou se tornando um novo morador da casa. Ou a senhora que voltava do trabalho e se apaixonou por um filhote de gato que estava com fome, adotando-o no mesmo instante.

Apesar das várias histórias e relações com os diversos animais encontrados no decorrer da pesquisa, ao me locomover em campo era muito comum ver animais circulando pelas ruas e becos. Cachorros que por vezes seguiam os pesquisadores ou que ficavam curiosos com a movimentação de pessoas que nunca tinham visto, fazendo amizades e nos reconhecendo quando voltávamos ao território. Quando batíamos palmas para sermos atendidas pelos moradores, não era raro ter gatos nos muros miando, descendo para receber carinho ou fugindo do susto.

Figura 18 – Cachorro no Jardim São Remo



Fonte: Acervo DASP (2019). Foto de Danilo Pereira Sato.

Embora encontrasse vários animais circulando junto às pessoas, muitas histórias estavam relacionadas ao acolhimento de animais que demostravam afeto e cativavam o coração de uma família, sendo comum ver comida e ração em algum canto da São Remo para que esses animais de rua pudessem se alimentar. Essa era a forma de cuidar dos animais desabrigados demonstrada por alguns moradores, que não podiam acolhê-los por conta das condições financei-

ras, falta de espaço na casa, ou mesmo, por não ficarem em casa em razão do trabalho. A preocupação com os animais desabrigados era vista também na ação de pessoas que os acolhiam até serem adotados, com campanhas que eram divulgadas entre os moradores e com a colaboração dos pesquisadores do censo.

Os laços que os moradores criavam com os animais dentro e fora de suas casas era de companheirismo, solidariedade e ajuda em meio às dificuldades. Mais do que animais domésticos, alguns eram tratados como amigos ou parte da família. Eram tratados com afago, comida e um pouco de água fresca e, em retribuição, davam para os moradores e mesmo para nós, pesquisadores, um olhar de carinho, uma lambida... e tornavam nossos dias melhores com uma abanada de rabo ou um miado, o que aquecia o coração e gerava um sorriso para enfrentar um dia duro de trabalho.

Figura 19 – Gato recebendo carinho no Jardim São Remo



Fonte: Acervo DASP (2019). Foto de Danilo Pereira Sato.

Deixem-nos respirar! Uma breve perspectiva sobre o cotidiano da favela a partir das noções de racismo ambiental e necropolítica na comunidade Jardim Keralux – zona leste /SP

Jacqueline Jaceguai Chagas Nunes dos Santos

Historicamente as ocupações às margens do Rio Tietê mostram-se como um problema a ser enfrentado, muitos moradores alegam viver com poucas perspectiva e ínfimo suporte público.

O Jardim Keralux foi ocupado em decorrência da crescente atividade industrial e instalação de estrada de ferro em meados do século XX. Antes da consolidação da ocupação, desde o final do século XIX, aconteciam alagamentos em várias regiões de São Paulo, inclusive na zona leste da cidade. Diante dessa problemática o departamento epidemiológico empenhava pesquisas e estudos referentes à qualidade da água e à proliferação de doenças. De acordo com reportagem retirada do jornal O Estado de São Paulo (2012), em 17 de outubro de 1898 uma das preocupações dos moradores relacionava-se às condições sanitárias e ao acesso à água potável.

Figura 20 – Rio Tietê, século XIX



Fonte: Arquivo/AE, matéria de Carlos Eduardo Entini (2012).

Sabemos que no período pós-abolição da escravatura muitos negros libertos ocuparam espaços longínquos e distantes dos investimentos e desenvolvimento urbano, a fim de livrarem-se do subjugo compulsório. Anos após esse processo, as injustiças continuam, e assim como a aristocracia rural cafeeira se apropriava de espaços, incluindo pátios industriais, na atualidade as classes privilegiadas se apropriam dos espaços socioeconomicamente mais vantajosos e impõem formas precárias de ocupação às classes menos favorecidas. Com o passar do tempo, diversas intervenções financiadas pelo poder público aconteceram nas margens do Rio Tietê. O processo de retificação ou “endireitamento” do rio, ações de aterramento das margens desrespeitando a mata ciliar, ou mesmo os limites naturais, trouxeram consequências: o aumento da ocupação das bordas do Rio Tietê causa uma maior incidência das áreas alagadas, impactando diretamente a vida das pessoas.

A forma de consolidação da comunidade do Jardim Keralux não foi diferente do que acontece em outros lugares, pois, de acordo com a observação no bairro, conclui-se que a comunidade cresceu no entorno de pátios industriais, próxima à linha férrea de trem, além de ser margeada por um braço do Rio Tietê. Segundo a prefeitura de São Paulo²², o avanço da ocupação deu-se por meio da venda ilegal de terrenos particulares para indivíduos que tinham o sonho de conquistar a casa própria. Grileiros e agenciadores venderam áreas irregulares e em decorrência disso, moradores buscam até hoje a regularização da moradia junto a prefeitura e órgãos competentes.

Além da problemática em relação à ocupação imobiliária, os moradores encaram as consequências da poluição do solo devido ao lançamento de insumos químicos da indústria Bann Química Ltda. e Cerâmica Keralux S/A. O *Mapa de conflitos envolvendo injustiça ambiental e saúde no Brasil*, da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), alerta sobre os perigos deixados no território por conta da contaminação do solo causado por pesticidas proibidos no Brasil desde 1985. A indústria Cerâmica Keralux S/A foi à bancarrota, sendo inviabilizado o pagamento das indenizações devidas aos moradores, prejudicados por essas ações. Ainda segundo a publicação, a Bann Química Ltda abandonou o territó-

22. Ver: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/blog/contaminacao-no-jardim-keralux-nao-ameaca-moradores-diz-cetesb/>. Acesso em: 18 jul. 2021.

rio após ser detectado o lançamento de substâncias tóxicas nos córregos do bairro, expondo assim inúmeras famílias a diversos problemas de saúde.

Por meio dessas ações entendemos que o racismo ambiental²³ pode ser observado em diversas práticas no Jardim Keralux. O despejo intencional de substâncias tóxicas, que afetam desproporcionalmente populações pobres e majoritariamente negras, escancara a permanência de paradigmas coloniais que resultam em ocupações precárias, descaso estatal e invisibilidade de reivindicações. É uma situação em que as subjetividades dos opressores se impõem e moldam as potencialidades subalternas, com a consequente desconsideração da preservação do território e dos interesses das populações oprimidas.

A objetificação dos indivíduos, atrelada a aposta na impunidade, explicita pontos fundamentais que priorizam

23. De acordo com Stephanie Ribeiro (2019), racismo ambiental “é um termo cunhado por uma pessoa negra, para que ninguém tenha dúvidas da importância de sua origem na luta racial, no caso pelo Dr. Benjamin Franklin Chavis Jr. Ele, que é um líder negro pelos direitos civis, chegando em sua juventude a ser assistente de Martin Luther King Jr., no ano de 1981 cunhou o termo a partir de suas investigações e pesquisas entre a relação de resíduos tóxicos e a população negra norte-americana. Segundo sua própria fala ‘racismo ambiental é a discriminação racial no direcionamento deliberado de comunidades étnicas e minoritárias para exposição a locais e instalações de resíduos tóxicos e perigosos, juntamente com a exclusão sistemática de minorias na formulação, aplicação e remediação de políticas ambientais’”. Fonte: <https://www.geledes.org.br/racismo-ambiental-o-que-e-importante-saber-sobre-o-assunto/>. Acesso em: 18 jul. 2021.

os aspectos da acumulação econômica em detrimento das potências e articulações possíveis no bairro, sendo assim, alinharam-se a questões basilares do racismo ambiental. Tais proposições formam-se diante das demandas vivenciadas no território, a exemplo dos conjuntos habitacionais que apresentam precariedades estruturais. Além disso, a falta de fiscalização referente às questões ambientais facilita a atuação de empresas que despejam substâncias nocivas no território, majoritariamente negro.

As atividades que exploram o espaço e depositam no solo poluentes químicos danosos à comunidade trazem consigo um histórico de negligência das autoridades locais e a falta de comprometimento público com as políticas socioambientais. Benjamim Franklin, intelectual pioneiro no debate referente ao racismo ambiental e integrante do movimento negro de Chicago, entende que a instalação intencional das indústrias em bairros pretos e periféricos traz em si a ciência da impunidade e heranças da mentalidade escravocrata, pois se cometem crimes ambientais e se despejam materiais corrosivos por conta da invisibilidade desses espaços que são ocupados por pessoas de origem popular e tolhidas de seus plenos direitos e cidadania.

Em meio a esses problemas a comunidade se reinventa, segue o seu cotidiano e continua a luta política pelo atendimento das demandas locais²⁴. Mesmo diante de tantas

24. Por meio da atuação de instituições locais, como o Instituto Keralux

estratégias de silenciamento, a comunidade permanece engajada junto aos movimentos reivindicatórios e marca presença em fóruns, como o Fórum Keralux, um espaço criado para expressar essas demandas²⁵.

Ainda neste contexto e de acordo com as impressões verificadas durante o trabalho de campo, podemos destacar a resistência de certas particularidades apresentadas em diversos espaços dinâmicos e que interagem entre si. Ao mesmo tempo em que temos a consolidação do bairro em meio aos escombros industriais, há a presença marcante de aspectos rurais, a exemplo de criadouros de animais próprios de espaços agropecuários e também a criação de suínos, ovinos, caprinos, aves e equinos, estes últimos importantes para a circulação de mercadorias por meio de carroças. Jardim Keralux ainda apresenta pequenas hortas espalhadas pelo território, produção de ervas medicinais para o consumo de chás, remédios caseiros, auxílio no tratamento com benze-deiras e curandeiras, alternativas importantes à comunidade desassistida pela limitação de atendimento da Unidade Básica de Saúde (UBS). Além disso, há o sustento familiar com a venda em pequenos comércios de legumes, verduras

(INKER) e o Instituto Conexão Social Mãoz que se Unem.

25. Em 2005, foi criado o fórum Intersetorial do Jardim Keralux, que conta com a participação das profissionais de saúde do posto de Jardim Keralux, além de professores da EACH-USP. Ver: <http://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/sp-duas-empresas-deixam-grave-passivo-ambiental-na-regiao-leste-da-cidade-de-sao-paulo>. Acesso em: 18 jul. 2021.

e insumos agrícolas, o que se tornou necessário para a manutenção familiar e composição da renda. Mas como pensar as problemáticas relacionadas à poluição do solo, de aquíferos e do ar? Essas questões estendem-se há anos por vias judiciais, sem qualquer indenização às famílias ou mesmo práticas que atenuem a problemática.

Entretanto, mais do que ausência, o que se tem é uma presença estatal em favor do lucro industrial. O Estado se faz presente com o descaso e a manutenção de espaços marginais propícios à violação de direitos.

A naturalização das perseguições, torturas, assédios e outras ações violentas do Estado faz acreditar que ele não está no território, e isso deve ser questionado. As representações ostensivas das instituições marcam o território, a exemplo das ações policiais, o posto de saúde precário, a assistência social restrita, além da escola margeando o córrego invadida pelos ratos e afetada pelos alagamentos. Eis as formas de representação do Estado na sua versão mais violenta, sucateada e limitada, na qual aspectos qualitativos são suprimidos.

Tais ações são marcadas pela necropolítica (MBEM-BE, 2018) que comprehende a comunidade como passível de ser morta, há uma escolha deliberada de quem vive e de quem morre, seja social ou fisicamente. Segundo Borges (2018), os lugares subalternizados são costumeiros cenários para a atuação da necropolítica, há nítida licença para matar onde

se concentra a maior densidade de população negra, contrariamente do que ocorre nos espaços considerados de elite.

A instrumentalização da necropolítica no território traz como pano de fundo articulações importantes para a instauração do racismo ambiental, racismo estrutural e nulidade das ações coletivas. O racismo ambiental apresenta-se na sofisticação desses artifícios, a fim de invisibilizar os sujeitos, suprir e engessar as suas potencialidades. O racismo ambiental é estrutural e suas políticas centram-se em calar, suprimir e aniquilar qualquer forma emancipatória dos sujeitos que se reconhecem ou tentam se articular.

Tal realidade dista de qualquer passividade ou conformismo comunitário, pois o coletivo reivindica seus direitos junto às instituições, apesar de todos os artifícios para marginalizá-lo. A presença da Universidade de São Paulo (USP) trouxe maior visibilidade ao bairro, além de potencializar os espaços nas mídias. Diante disso, projetos e ações conjuntas vêm sendo pensadas para impulsionar os movimentos populares com representatividade para além dos muros institucionais da USP. Isto tem aumentado o acesso da comunidade aos espaços acadêmicos, mais ainda no contexto de políticas afirmativas (que pelo menos parcialmente contrariam a necropolítica mencionada), instituídas para reparar falências no acesso à educação superior. Outro ponto importante é o acesso de moradores da comunidade à academia, por meio desses projetos e ações, a fim de aproxi-

mar e estimular o interesse ao ingresso neste universo.

Entender o processo de formação da comunidade e seus enfrentamentos consiste em ressignificar as subjetividades, redefinir os espaços de poder e ainda incentivar a pluralidade narrativa. Afinal, vidas negras e periféricas, assim como os coletivos multiespécies em que estão inseridas, importam.

Referências

- ALEXANDER, Michelle. **A nova segregação:** racismo e encarceramento em massa. São Paulo: Boitempo, 2018.
- BORGES, Juliana. **O que é encarceramento em massa?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018.
- ENTINI, Carlos Eduardo. Rio Tietê é destino de esgoto há mais de um século. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 15 out. 2012. Disponível em: <http://m.acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,rio-tiete-e-destino-de-esgoto-ha-mais-de-um-seculo-,7203,0.htm>. Acesso em: 18 jul. 2021.
- FERRARI, Mariana. O que é necropolítica. E como se aplica à segurança pública no Brasil. **Ponte Jornalismo**, São Paulo, 25 set. 2019. Disponível em: <https://ponte.org/o-que-e-necropolitica-e-como-se-aplica-a-seguranca-publica-no-brasil/>. Acesso em: 18 jul. 2021.
- MAPA DE CONFLITOS ENVOLVENDO INJUSTIÇA AMBIENTAL E SAÚDE NO BRASIL. SP – Duas empresas deixam grave passivo ambiental na região leste da cidade**

de São Paulo. Rio de Janeiro: Neepes/ENSP/Fiocruz, 01 abr. 2015. Disponível em: <http://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/?conflito=sp-duas-empresas-deixam-grave-passivo-ambiental-na-regiao-leste-da-cidade-de-sao-paulo>. Acesso em: 18 jul. 2021.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018. Disponível em: <https://www.procomum.org/wp-content/uploads/2019/04/necropolitica.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2021.

RIBEIRO, Stephanie. Racismo ambiental: o que é importante saber sobre o assunto? **Marie Claire**, São Paulo, 08 out. 2019. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/racismo-ambiental-o-que-e-importante-saber-sobre-o-assunto/>. Acesso em: 18 jul. 2021.

Viagens rotineiras

Adna Ribeiro Cavalcante Costa

Parque São Rafael, zona leste de São Paulo

5h

Despertador tocando

Aaah, nãaaao! Mas já? Não tenho nem cinco minutos para ativar a opção soneca. Lá vamos nós novamente pra mais um dia! Como conseguimos levantar, depois de ter um dia maçante, para mais um dia maçante? Não existe outra opção, mas me surpreende como nossos corpos conseguem se manter com tantas adversidades e por tanto tempo. Mas será que consegue mesmo? Porque mesmo sem conseguir, temos que estar “lá”, de pé, pontuais e ainda minimamente bem e dispostos. Isso porque sou uma mera estudante e não estou saindo de casa para vender a minha força de trabalho, o que envolveria milhões de outras questões.

Saio de casa correndo e sem tomar café, meu tempo está realmente apertado e isso é mais comum do que gostaria. Não me recordo quando consegui sentar para comer a “refeição mais importante do dia” tranquila. Sempre estou saindo afobada, ora mastigando um pão de ontem, que passei na frigideira, ora só indo, com a consciência de que irei comer apenas no almoço. Já começamos com o pé esquerdo, a sorte é se tivermos uma boa noite de sono. É sair de casa sabendo que voltará só a noite, é não ver o seu lar à luz do dia.

Parece que boa parte da minha vida foi vivida dentro do transporte público. Não é difícil de imaginar o porquê. Onde moro o acesso à mobilidade urbana é difícil. Demoro um pouco mais de três horas para chegar na faculdade, totalizando seis horas por dia apenas me deslocando. Tenho um amigo que mora no bairro mais extremo da zona leste, no entanto o acesso ao transporte público é mais eficiente, ele faz o mesmo trajeto na metade do tempo. Os setores responsáveis pela mobilidade urbana parecem não entender como funciona esse deslocamento na prática. A partir da semana que vem, a linha de ônibus que atende a minha região não passará pelo metrô mais próximo – que fica a 1:30h da minha casa –, nos obrigando a fazer mais uma baldeação.

Ainda tá escuro, o sol não nasceu, mas a fila no ponto final/inicial do ônibus segue grande, dá voltas. Os rostos são conhecidos, são os mesmos de todos os dias. Muitos conhecemos até pelo nome, não por intimidade, mas porque moramos no bairro há tanto tempo que é inevitável não nos reconhecermos. Sou a neta da Dona Tereza e do Seu Zé. Filha da Cristina, sobrinha do César, o pintor, e do Zeca, o porteiro da igreja. Conversando, na fila do ponto de ônibus, com uma passageira, descobri que somos parentes. Minha família está aqui no bairro há 55 anos, brinco que farei parte desse centenário – pra ser sincera, acredito de verdade nisso.

No ônibus, não passo a catraca. Não quero correr o risco de perder a integração, muitos fazem o mesmo que eu.

Sobe mais um, outro, e mais outro... Quando parece não caber mais ninguém, damos mais uma apertada, sempre cabe mais um, tem que caber. Praticamente um coração de mãe, só que enlatado e sem afetos. O cobrador e o motorista, que são conhecidos nossos, entram e dão a partida.

Quanto mais me afasto da periferia e me próximo do meu destino, menos animais avisto nas ruas. Sempre que estou na fila do ônibus, observo o Bidu e o Bob. Eles são dois cachorros simpáticos que moram ali, mas que são cuidados pela vizinhança. Sempre estão com a comida e água em dia, possuem casinhas individuais e até uma cobertinha. Estar na fila do ônibus é saber que eles vão se aproximar com seus rabinhos frenéticos para receber afago e carinho. Também recebem mimos durante o dia, Seu Ivair, dono do açougue, sempre leva aqueles ossos gigantes pra eles se deleitarem. Todos sabem quem eles são e eles sabem que sempre estamos por ali. Claro que eles sofrem morando na rua, mas em comparação com outros cães de rua – ou com cães que moram em domicílios, mas sofrem maus tratos – eles estão bem. Nossas relações com animais sempre me chamaram a atenção.

Antigamente víamos muitos animais, que iam desde cachorros, gatos, galinhas e até jumentos. A primeira vez que vi um pavão, sem ser pela televisão, não foi no zoológico. Minha mãe e meus tios têm diversas histórias com os animais que meu avô já criou em nosso quintal. “A pata do Tio Júlio morreu de morte natural porque nos apegamos demais

para comer”, além de serem comuns as “granjas locais” onde comprávamos frangos recém abatidos.

Hoje o cenário é outro, mas o número de cachorros pelas ruas continua o mesmo. Ainda que alguns sejam cuidados, como o Bidu e o Bob, essa não é a regra. É muito comum ver animais que possuem dono passarem períodos do dia nas ruas ou vivendo em espaços extremamente limitados. Quanto aos gatos, ainda se carrega a crença de que são independentes e por isso não necessitam de tantos cuidados.

Percebo que hoje as pessoas com as quais convivo, que vivem realidades adversas, estão cada vez mais apegadas aos seus animais. Eles são parte da família, e chegam a ter certos privilégios, porém não estão no mesmo patamar que uma criança, por exemplo. É muito difícil de ver a dita “humanização” dos bichos, porque no final das contas eles ainda são vistos como bichos. A pata do Tio Júlio pode ter se livrado do abate, o carinho por ela era real, mas se fosse necessário, com dor no coração, ela teria este fim. Cresci com a mentalidade de que os animais não devem ser criados dentro de casa, o sentimento de afeto existe, mas ele se mantém da porta pra fora. Cachorro em cima da cama? Jamaaais! Água e comida já são suficientes, o que contradiz tudo aquilo que aprendo na faculdade de Medicina Veterinária para onde estou me dirigindo agora.

Tenho que ter em mente que isso é mais do que um fator individual, pessoal. Quando o nosso meio não questiona

e banaliza determinadas ações, ele reforça que não há nada de errado nessas relações. É muito difícil convencer alguém de levar seu animal ao veterinário se seu vizinho diz que deu um remedinho quando o dele ficou doente e ele logo ficou curado. E não há como dizer que esses animais não possuem grande valor emocional para essas famílias, pois eles possuem e muito. Os fatores sociais, econômicos e culturais irão determinar os privilégios que esse animal terá, mesmo os que ditamos, na academia, serem requisitos básicos.

No final da minha rua há uma divisão, de um lado a favela do Jardim Vera Cruz e no sentido oposto, na rua de baixo de casa, temos o caminho de um rio. Em todas as minhas lembranças, ele sempre foi poluído e para atravessá-lo temos que passar por uma ponteinha bem instável, cuja manutenção é feita pelos moradores mesmo. Lá encontramos de tudo, desde lixo doméstico até lixos volumosos, como colchão, sofá e madeiras. O caminhão coleto passa na minha rua, mas não consegue adentrar na comunidade logo abaixo, as ruas são muito estreitas, então temos muito problemas envolvendo dejetos. A presença de alguns *containers* para descarte não é suficiente. Ainda hoje, acontece constantemente a queima de lixo pelos moradores. Como está tudo interligado, isso reflete na nossa saúde, no ambiente e nos animais, que muitas vezes rasgam os sacos atrás de alimento. Sem contar a presença dos ratos, baratas e outros animais sinantrópicos...

Apesar desses fatores, é inegável que cresci com o hábito da reciclagem. A Aninha, moradora da minha rua, trabalha como catadora. A mulher conhece todo mundo. Toda semana recolhe os recicláveis. Há quem diga que a reciclagem é coisa de rico, mas conheço inúmeras pessoas que tem coleta seletiva em seus condomínios e nunca se deram o trabalho de separar o lixo. Separamos, inclusive, o óleo de cozinha usado para que nossa vizinha faça sabão...

Chegamos no metrô! É aqui que me separo das pessoas do meu bairro. Com certeza é a pior parte do trajeto inteiro! Quem mora na zona leste e precisa pegar a linha vermelha no horário de pico sabe muito bem do que eu tô falando. Se acontece um aperto no ônibus, no metrô somos embalados a vácuo. Não tem pra onde ir, não há uma janelinha que salve, é claustrofóbico. O metrô é cruel e aqui os rostos já não são mais conhecidos.

Demoro cerca de 30 minutos para conseguir entrar num vagão, preciso prestar atenção no vão entre o trem e a plataforma. Ao entrar, tenho que tomar cuidado pra não cair nas pessoas, tomar cuidado com as minhas coisas, tomar cuidado pra não ser abusada... Tomar cuidados! É aqui que as pessoas são grossas, invasivas, que a maioria das brigas acontecem, que a senhorinha é xingada, que ocorrem empurrões que machucam... O metrô no horário de pico não é brincadeira!

Cada vez que nos colocamos nessa situação, sinto

como se uma parte da nossa humanidade fosse perdida. Parece que viramos números, uma carga, uma coisa não dotada de sentimentos. O sistema nos desumaniza ao ponto que nós nos desumanizamos também. É o momento que deixamos de ser pessoas e entramos no modo automático. Não é de se surpreender que a frase clássica “Não está levando gado não, viu?!” sempre é proferida após uma brecada forte. A comparação é fácil porque sabemos que existe transporte de animais vivos em situações deploráveis, envolvendo longos trajetos, superlotação...

Engraçado que esse pensamento pode ser intimamente relacionado aos animais de produção, principalmente quando conseguimos nos enxergar como parte dessa cadeia. Na vida exercemos vários papéis de grande importância, como nas relações interpessoais, sociais e familiares, nas quais criamos fortes laços. Porém somos colocados num contexto em que somos influenciados a produzir independente das condições em que estamos inseridos e, aqui, essas relações pouco importam. Elas são enfraquecidas pelo sistema, seja no trajeto e/ou trabalho exaustivo que afeta nossas capacidades físicas, psicológicas e emocionais, seja negando o sofrimento dos animais decorrente da exploração na cadeia produtiva. No final das contas, estamos no caminho certo se a produção não for afetada negativamente.

Nesse sistema nos imagino como um grande código de barras, onde não há camaradagem o suficiente capaz

de não nos substituir quando os nossos corpos começam a falhar e não atender as demandas. Afinal, o objetivo é produzir mais com o menor gasto possível. No micro, na perspectiva do indivíduo, esse corpo faz parte de algo, tem família, amigos, filhos... mantém relações. Essas dores, no macro, pouco importam, a roda tem que continuar girando sem grandes problemas. Pelo menos temos a liberdade de escolha! É o que dizem. Mas será que temos mesmo? Digo e repito, como conseguimos levantar, depois de ter um dia maçante, para mais um dia maçante? E por que nos colocamos em situações que nos violam como indivíduos? Temos escolhas mesmo?

A bandeirinha de bife no refrigerador do mercado somos nós, todos os códigos de barras que estão nesse mercado só estão aqui porque passaram por mãos como as nossas, inclusive os produtos dos quais não temos acesso em nossas casas. E quem se beneficia com tudo isso anda engravatado, cheio de privilégios e, com certeza, vive uma realidade muito distante da minha e dos meus.

Entre as estações Brás, Pedro II e Sé sempre tenho um momento no qual me desligo da realidade para admirar a minha paisagem favorita do centro de São Paulo. Ela consiste na presença dos trilhos, do sol que está nascendo tímido atrás de uns prédios clássicos e de muito movimento, que vai desde o meu, dentro desse vagão, até o da cidade que não parou em nenhum segundo. Olho para esses pré-

dios e vejo as mãos grossas e calejadas dos meus que ergueram essa cidade e que, até hoje, a sustentam. A arte sempre tenta resistir, então é de se esperar que o *hip hop*, o funk, as danças urbanas, os *graffitis*, entre um milhão de outras manifestações artísticas, nasceram nas periferias. Conheço o centro de cabo a rabo, porque fiz questão e pude estar presente nesses ambientes que muitas vezes negam a nossa presença. Tinha dias que se perdesse cinco centavos eu não pegava o ônibus, mas estava lá. Olho para os prédios e vejo os piches gritando, grandes, em letras garrafais, querendo ser vistos, querendo ser ouvidos. Deve ser por isso que gosto tanto dessa visão, porque nos vejo resistindo em meio à selva de pedra. Deve ser por isso, também, que a elite banaliza as nossas artes. Amo e sou apegada a muitas artes que vejo durante o meu trajeto.

Aaaaaah! Hahaha... Rio mentalmente, é irônico demais estar no meio desse caos pensando sobre essas questões, e no meu fone de ouvido começar aleatoriamente uma música da Elza Soares na qual ela canta que “a carne mais barata do mercado é a carne negra”. Ô vida! Vozes potentes que gritam que não é à toa que, apesar de nós negros sermos a maioria no Brasil, também somos a maioria nas periferias, no sistema carcerário. Quase nunca dentro das universidades ou liderando cargos de poder, ainda mais se você for mulher. E não estar nesses lugares faz com que nossas demandas sejam cada vez mais negligenciadas. Te-

mos feridas e cicatrizes que ninguém deveria carregar e que não deveriam nos definir. Sempre nos colocaram à margem e nessa posição na qual temos que aturar tudo, ser fortes, inabaláveis... O que não deixa de ser um outro processo de dominação, onde até o ato de sentir nos é negado, onde nossas narrativas não são ouvidas ou, até mesmo, tratando nossa história como se ela fosse só dor. As estruturas racistas e machistas que dão vida a esse sistema sabem que é um privilégio meu, vindo de onde vim e com a minha história, ter esse tipo de pensamento.

A resistência me dá certa segurança e é essa segurança que me faz acreditar em mim. A questão não é me sentir segura, a questão é que preciso viver. Somente o fato de estar viva já me coloca em riscos, então que ao menos eu tente andar por aí sem medo. Não me isento de sentir, sinto demais, mas é o mecanismo de sobrevivência que aprendi desde muito cedo, sem ele não boto a minha cara no mundo.

Cheguei no meu destino final, a Universidade de São Paulo. Como sempre estourando o tempo. São 8h da manhã, mas já passei por tantas coisas que estou exausta, o dia é longo e a volta tão exaustiva quanto. Coloco meus pés aqui e já não tenho o sentimento de pertencimento. Esse lugar parece tão distante de mim, que mesmo se morasse a dez minutos eu ainda não estaria tão perto assim. Há inúmeras barreiras dizendo que esse não é o meu lugar, tive que ultrapassar muitas delas só para estar aqui e outras tantas

para permanecer. É um choque de realidade muito grande, é você andar nos corredores e não se ver nos alunos, nos professores e nem na profissão. E pra variar um pouco, as pessoas que mais se parecem contigo não estão sentadas ao meu lado na sala de aula, elas estão a trabalho. Trabalhando muito pra ganhar muito pouco. O abismo é tão grande que só fui à feira do bairro com a camiseta da universidade uma única vez. A universidade pública, principalmente a USP, está tão distante da nossa realidade que não nos enxergamos lá, estar com a camiseta desse lugar que representa a elite me colocou automaticamente do outro lado.

Somos dita a melhor faculdade de Medicina Veterinária da América Latina, mas pergunto: pra onde vai todo esse conhecimento? Por que que ele não nos acessa? Os olhos nunca estão voltados pra gente e para as nossas demandas, o nosso diálogo nunca é de igual pra igual, não somos ouvidos. Tenho a sensação de que nem em épocas de eleição ganhamos essa atenção, é como se as políticas públicas simplesmente não nos abordassem ou não chegassem até nós. Não me surpreende, inclusive justifica, em partes, a força que as igrejas evangélicas possuem nas comunidades. Elas fazem o papel do Estado e nos dão uma segurança bem mais efetiva que o próprio Estado que finge que nós não existimos. E é assim que a gente vai aprendendo a sobreviver. É muito difícil receber na cara e ser violado o dia inteiro e não se endurecer com a vida, é uma luta constante para

não perder a sensibilidade com o mundo, é uma luta constante para nos manter sãos. E nem sempre conseguimos.

É por essas e outras que sempre tento me manter com os pés no chão e isso me fez buscar alternativas dentro da Universidade, que me tirassem da visão elitizada da Medicina Veterinária. E foi assim que, desde o início, faço questão de participar de projetos de extensão a fim de levar aquilo que aprendo em aula para uma realidade que se parece com a minha, na qual possa me expressar e ser ouvida, como pessoa e como futura profissional, sem deixar de ouvir e aprender. Nessas, conheci a SUP (Saúde Única em Periferias), uma rede de pessoas, projetos e instituições que visa promover, através da educação, diálogo e outras ações, a saúde de coletivos multiespécies e do ambiente do qual fazem parte. Nossa trabalho era focado na favela São Remo, que apesar de ser localizada ao lado da universidade, possui características e problemas muito parecidos com o lugar de onde vim. Estar lá e ter essa proximidade com a comunidade nos deu a oportunidade de compreender e detectar as demandas que essa população possui, direcionando nosso trabalho. É nosso papel como profissionais da área da saúde nos mantermos atentos a essas necessidades, e usar de nossos conhecimentos para questionar e propor mudanças que vão impactar positivamente aquele contexto.

Há muito trabalho de base a ser feito, inclusive dentro da academia. Aprendemos medicina como se vivêssemos

num mundo ideal, sendo que a minha medicina veterinária começa quando vejo e tento explicar, para um cliente do *pet shop* do bairro, de forma acessível os diferentes preços de ração sendo que “é tudo igual, é tudo comida”. Não tem como eu jogar uma verdade que tá lá nos livros, se nem sei qual é o acesso que esse senhor tem à alimentação. E esse tato a gente não aprende na faculdade. Somos ótimos em aprender a curar doenças, mas ignoramos totalmente o contexto social e cultural em que aquele animal está inserido ao não enxergar além do indivíduo. Por exemplo, quando não questionamos o porquê que naquela região há muitos animais com leptospirose. Sabemos que é uma doença ocupacional em humanos, que envolve fatores ambientais e socioeconômicos, como enchentes, mau planejamento da ocupação urbana, destino inadequado de lixo... É muito mais cômodo pra gente curar o indivíduo e ignorar a raiz do problema.

É importante que tenhamos a sensibilidade e o senso crítico para reconhecer os reais problemas presentes naquele contexto e ter consciência da nossa responsabilidade perante a isso. Os serviços de saúde precisam investir na nossa educação permanente e incluir a população nesse processo, para que políticas públicas possam ser pensadas e empregadas. Ouço muito que a escolha pela veterinária é justamente para não lidar com pessoas. Essa é uma das maiores barbaridades que alguém, ainda mais dessa área, pode dizer. Exercer medicina é um ato político e ela deve ser vista como uma ciência política.

Estou em um mundo que não é o meu e quero levar o melhor dele para o meu mundo. É muito fácil se perder nessa bolha e sempre tenho que me agarrar nas razões que me fazem estar aqui dia após dia para não sucumbir:

Ver minha mãe sorrindo e orgulhosa toda vez que fala de mim pra alguém;

Levar o meu trabalho pra lugares onde ele não costuma chegar;

Olhar para as nossas crianças e ver futuro;

Nos dar voz, alternativas e possibilidades;

Nos dar a chance de sonhar, algo que muitas vezes é negado;

Nos ver superar todas as estatísticas;

Para quando eu completar o centenário da família no Parque São Rafael, ver um bairro totalmente diferente e que acredita em si.

Mãe, eu sempre voltarei pra casa!

As mulheres do Keralux e seus animais de companhia: uma entre tantas relações de afeto na periferia

Caio Gabriel da Silva

Nesse texto farei uma leitura das relações entre humanos e não humanos nas famílias multiespécies que pude acompanhar durante minha pesquisa no bairro Keralux, situado na periferia da zona leste de SP. Realizei a pesquisa em dois setores censitários do território. Dois setores que, apesar de serem próximos geograficamente, diferenciam-se em suas características ambientais, sociais e econômicas.

Um acontecimento durante uma de minhas visitas a campo serve de exemplo. Estava percorrendo o setor situado em um beco, quando a supervisora da equipe encontrou um barbeiro, inseto transmissor da doença de Chagas. Este ocorrido aponta para o contexto desta parte do território em que estive trabalhando, pois barbeiros são insetos que costumam aparecer em regiões rurais, em matas, no entanto, apareceu em um ambiente urbano inserido próximo a regiões com matas e córrego.

O olhar constante e a escuta atenta durante as entrevistas possibilitaram a construção de uma relação com o território e seus moradores, tendo por base a alteridade. Isso é, a alteridade proporcionou entre pesquisador e entrevistados relações em que tanto semelhanças quanto diferen-

ças aproximavam e geravam diversos aprendizados. Alguns desses conhecimentos e experiências vivenciadas durante a pesquisa me servem como base empírica para a construção de minha análise. No entanto, para além disso, somo a esta pesquisa empírica reflexões de cunho teórico.

Durante a pesquisa pude conhecer muitas e diversas famílias com as quais construí ricos diálogos. Predominavam famílias multiespécies e chamou-me bastante a atenção a recorrente relação de profundo afeto entre algumas pessoas e seus animais, evidenciando como os animais são parte integrante e importante das famílias.

Observei que nas relações de afeto entre pessoas e animais predominavam as mulheres, especialmente as de idade avançada, por vezes solteiras ou viúvas, ou mulheres que, apesar de terem marido e filhos, costumavam estar sozinhas em casa. Na solidão de casa, entre atividades domésticas e de outro tipo, elas encontravam companhia nos animais não humanos e nas plantas.

Vale considerar que estou referenciando as mulheres de periferia, especificamente do bairro Keralux, e que entre elas havia diversidade de crenças, idades, origens, raças e saberes. Algumas se autodeclararam brancas e outras como negras. No entanto, havia também padrões. Muitas dessas mulheres eram nordestinas – há grande presença de nordestinos no bairro de Keralux.

Encontrei também homens de idade avançada que

tinham por companhias plantas, cachorros e gatos, entretanto, não eram tão comuns quanto as mulheres. Parece-me importante pensar nesse recorte de gênero e idade para indagar a solidão de mulheres, o lugar de mulheres e/ou de idosos nas famílias, e a relação desta questão com a composição das famílias multiespécies.

Embora os meus exemplos sejam do bairro Keralux, provavelmente a situação é semelhante em outras periferias. O primeiro deles é de uma mulher entrevistada que tinha muitos cachorros e gatos em casa. Essa entrevista foi marcante não somente pela quantidade de animais, como também pelo motivo relatado de serem tantos: a filha com certa frequência recolhia animais da rua para cuidá-los. Tanto mãe quanto filha tinham uma relação afetiva com os animais, que consideravam parte da família e cuidavam bastante.

Outras duas mulheres entrevistadas mantinham relações afetivas e cotidianas com animais não humanos e plantas. Eram mulheres de idade mais avançada, uma aposentada e outra que estava buscando garantir o direito da aposentadoria. Ambas moravam com filhos e suas respectivas famílias, porém, passavam grande parte do dia somente com a companhia de animais de outras espécies.

A frequência de exemplos como os anteriores, considerando a diversidade do território pesquisado, gerou-me interesse em entender os motivos dessas relações afetivas

entre mulheres e seres não humanos. A antrozoóloga Ceres Berger Faraco (2015) aponta em entrevista²⁶ que humanos, cães e gatos são espécies gregárias, ou seja, necessitam viver em grupo, necessitam do contato social. Isso contribui para a compreensão da relação entre não humanos e pessoas, especialmente como estratégia para evitar a solidão, adotada por donas de casa, mulheres, idosos e idosas. Adicionalmente, mostra a importância da presença dos não humanos nas famílias. Analisando esse fato social, Tereza Vieira e Valéria Cardin (2017, p.130), a partir do estudo de algumas pesquisadoras, apontam que “o animal de companhia é um elemento estável na família contemporânea”. Neste mesmo sentido, Samantha Oliveira (2006, p.27) explica que a característica individualista marcante das sociedades modernas, onde o isolamento e a solidão são fenômenos sociais muito presentes, acaba sendo de alguma forma minimizada com a presença de um animal.

Ou ainda, segundo Irvênia Prada (2011, p. 103):

Parece que as pessoas estão cada vez mais sozinhas, não confiam seus sentimentos a outras pessoas, e assim, na condição de parentes afetivos, transferem para os animais o seu apego e os seus cuidados. [...] É possível que o ser humano esteja descobrindo

26. Ver: <https://youtu.be/l3XrQlXdrDg>. Acesso em: 2 de set. 2020.

a sensibilidade dos animais e, através dela, percebendo a possibilidade de interagir de maneira harmoniosa com toda a criação.

Sendo já evidente a importância dos animais domésticos como companhias e integrantes das famílias nas periferias, é preciso compreender os benefícios dessa relação, como também suas demandas. Nesse sentido, Faraco (2008, p. 13) observa que em sua clínica viu muitas pessoas

(...) dizerem, espontânea e entusiasticamente, sobre seu sentimento de amor por seus animais de companhia, afirmando que se sentem próximos a eles e os consideram membros significativos da família. Estes fenômenos sociais, frequentes na contemporaneidade, têm sido um dos focos de investigações da Antrozoologia. Os resultados de pesquisas apontam inúmeros benefícios físicos e psicológicos para os humanos que compartilham suas vidas com os animais de companhia: redução na pressão sanguínea, na frequência cardíaca, modulação em eventos estressores, redução de sentimentos de isolamento social, auxílio em estados depressivos e incremento na autoestima.

Ou seja, há inúmeros benefícios a animais humanos e não humanos nas relações multiespécies baseadas no afeto. A partir disso, faz-se preciso um olhar delicado e sensível para as relações na periferia, tanto as relações entre humanos, quanto entre humanos e não humanos.

É válido também olhar para estas relações por outros ângulos. É possível relativizar estas relações, ou em outras palavras, é preciso compreender que há diferentes formas de estabelecer relações com animais e com a natureza segundo diferentes percepções e diferentes culturas. O conceito de perspectivismo ameríndio, por exemplo, criado pelo antropólogo Eduardo Viveiros de Castro (1996), aponta que a visão para a natureza e a cultura são construções por perspectiva, de modo que as cosmologias indígenas e suas relações com os animais não humanos não podem ser lidas a partir da lógica eurocêntrica. A cultura europeia sempre agiu em função da dominação de povos e da natureza. Enquanto os povos ameríndios estabelecem vínculos tendo por premissas a indistinção entre natureza e cultura e a humanidade como condição compartilhada entre uma multiplicidade de corpos e seres, que na tradição ocidental foram classificados como humanos e animais, mas que nas teorias indígenas podem incluir deuses, espíritos, mortos, fenômenos meteorológicos, vegetais, objeto, entre outros.

Voltando o olhar para o território pesquisado, há tutores de animais domésticos do bairro Keralux que sa-

bem que esses animais não existem para servi-los. Mas, que assim como os humanos, vivem para dar e receber afetos, são seres gregários e fundamentais para nossa sobrevivência. Para além disso, é preciso compreender que as pessoas das periferias possuem variados modos de vida e saberes plurais, nem sempre presentes nas universidades. Inclusive saberes diretamente ligados a como essas pessoas, e no caso do recorte aqui dado, as mulheres, se relacionam com outros humanos e o resto da natureza.

Durante o censo, a marcada presença de moradores nordestinos no bairro Keralux refletiu-se em relatos de vindas de espaços rurais, onde as pessoas estavam sempre se relacionando com plantações, com a terra e com animais não humanos. Esses migrantes agora estão situados em um espaço urbano, em que precisam se adaptar a novas realidades, inclusive lidando com o isolamento social e a marginalização que mantém suas famílias subalternas.

Frente à diversidade das periferias, suas famílias multiespécies e o afeto pelo qual se constituem, faz-se preciso pensar o que o Estado e outros órgãos podem oferecer a essas famílias. Áreas como a antrozoologia, a psicologia e o direito já estão proporcionando bases conceituais e evidências empíricas para fundamentar políticas públicas. A partir das impressões adquiridas durante a realização do censo e a antrozoologia, o presente texto soma-se a essas contribuições, destacando as necessidades, as particularidades e

a complexidade das periferias que devem ser consideradas em políticas públicas inclusivas.

Referências

BRASIL DAS GERAIS. Famílias multiespécies. Brasil dos gerais. **Rede Minas**, Belo Horizonte, 2015. Disponível em: <https://youtu.be/l3XrQLXdrDg>. Acesso em: 02 de setembro de 2020 às 11:25.

CANTERLE, Josiane. Monitoramento de barbeiros evita transmissão da Doença de Chagas. **Agência Saúde DF**, Brasília, 26 ago. 2020. Disponível em: <http://www.saude.df.gov.br/monitoramento-de-barbeiros-evita-transmissao-da-doenca-de-chagas/>. Acesso em: 18 jul. 2021.

FARACO, Ceres Berger. **Interação humano-cão**: o social constituído pela relação interespécie. 2008. Tese (Doutorado em Psicologia), Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

OLIVEIRA, Samantha B. C. de. **Sobre Homens e Cães**: Um estudo antropológico sobre afetividade, consumo e distinção. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia). Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

PRADA, Irvênia Luiza de S. **A questão espiritual dos animais**. São Paulo: FE Editora, 2011.

VIEIRA, Tereza R.; CARDIN, Valéria S. G. Antrozoologia e

Direito: o afeto como fundamento da família multiespécie.
Revista de Biodireito e Direito dos Animais, Brasília, v. 3,
n. 1, p. 127-141, 2017.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. **Mana**, v. 2, n. 2, p. 115-144, 1996.

A relação dos moradores das ruas Helenira de Rezende e Beira Rio, do Jardim Keralux – São Paulo (SP), com o meio ambiente e os animais sinantrópicos

Diana Cristina Enriquez Cueva

Rafaela Carolina Pereira Campos

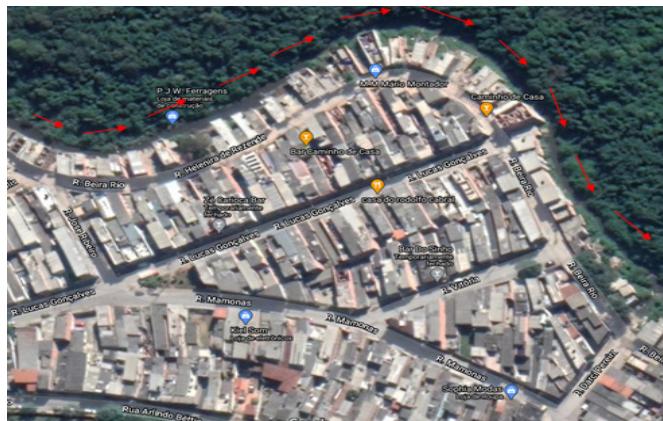
Introdução

O objetivo deste texto é analisar como os moradores das ruas Helenira de Rezende e Beira Rio, localizadas no Jardim Keralux, lidam com as condições de esgotamento sanitário, disposição de lixo e presença de animais sinantrópicos no córrego que as avizinha. Partindo de experiências de campo e relatos dados durante as entrevistas nessa parte do território, verificamos as principais adversidades ambientais e sanitárias encaradas pelos moradores. Usando dados do censo, foi possível constatar diferenças e semelhanças de problemáticas encontradas nas ruas Helenira e Beira Rio em relação ao restante do bairro, como por exemplo, um grande número de domicílios próximos ao córrego sem acesso à rede de esgoto. Por fim, ponderamos sobre as informações e dados apresentados, considerando o potencial de transformação socioambiental do bairro.

Uma comunidade em constante crescimento, o

Jardim Keralux, localizado no distrito de Ermelino Matarazzo, lida com problemáticas de regularização fundiária e questões socioambientais desde o seu surgimento em meados dos anos 1990. Para além de graves problemas como a poluição do solo e de recursos hídricos provocadas por indústrias locais (FIOCRUZ, 2015), moradores do bairro também têm de encarar a presença indesejada de animais considerados perigosos ou transmissores de zoonoses. Esse aspecto é observado com maior intensidade do lado leste do bairro, próximo ao córrego que leva a um canal do Rio Tietê (adjacente às setas vermelhas na Figura 21).

Mapa 1 - Imagem de satélite
indicando a localização do córrego



Fonte: Google Maps (2020).

Frente a tais problemáticas, este ensaio se propõe a investigar algumas relações existentes entre os humanos, os animais e o meio ambiente, bem como os impactos causados na saúde dos moradores da ocupação recente que se estabeleceu ao lado do córrego e daqueles que habitam as ruas próximas. Dessa forma, temos o interesse de analisar como os moradores lidam com as condições de saneamento básico, descarte incorreto de resíduos sólidos e a proximidade com este córrego. A partir de dados do censo, buscaremos observar quais são os animais que aparecem com maior frequência nesta região do Jardim Keralux e, juntamente a relatos e experiências adquiridas durante o trabalho de campo, ter uma melhor compreensão da relação entre os moradores e animais sinantrópicos.

Contextualização do território

Os domicílios das ruas Helenira de Rezende e Beira Rio são bem recentes quando comparados com os de outras partes do bairro, tanto é que não existe registro correspondente a tais domicílios no Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010. Essa área próxima ao canal que leva ao Rio Tietê é motivo de discussões que datam desde as origens do Keralux.

Durante as entrevistas foram frequentes as reclamações da poluição do córrego e por isso decidimos investigar mais a fundo essa temática. O documentário “Keralux” (2011,

dir. Juliana Cavalcanti) também aborda, apresentando os desafios socioambientais da comunidade por meio de relatos de moradores incomodados com as condições do córrego. Nas Figuras 21 e 22 é possível observar o estado atual do mesmo:

Figuras 21 e 22 – Córrego atrás das ruas

Helenira de Rezende e Beira Rio



Fonte: Midiateca do IEA-USP. Foto: Leonor Calasans.

O bairro apresenta um histórico tanto de desprovimento de políticas públicas de proteção ambiental como de uma problemática de poluição química decorrente de indústrias localizadas no bairro. As indústrias declararam ter controlado o problema (ADUSP, 2008), mas o incômodo da comunidade persiste frente às múltiplas fontes de contaminação ambiental.

Para poder fazer uma análise mais embasada, fizemos uso de dados do censo, utilizando as questões relacionadas à presença de animais indesejados no território, eliminação do esgoto e destino do lixo. Para isso, comparamos as respostas dos moradores dos domicílios adjacentes ao córrego (436 no total), com o restante das respostas (2.521 no total).

Questões ambientais e sanitárias

O fato de a comunidade estar geograficamente situada nas várzeas do Rio Tietê resulta em algumas condições naturais do solo e que são preexistentes à chegada dos moradores da ocupação. Assim, o sedimento produtor de gás leva ao acúmulo de CH₄, CO₂ e outros gases no subsolo. O metano (CH₄) é perigoso em alta pressão e em confinamento tende a emergir para a superfície, onde pode causar incêndios ao entrar em contato com quantidades significativas de oxigênio (G1 SP, 2012). A isto se soma a irregulari-

dade da superfície dos terrenos que acrescenta instabilidade às casas construídas sem supervisão técnica, e os restos de animais e vegetais em decomposição.

Segundo Raísa Bezerra (2015), a composição desses contaminantes presentes no subsolo pode ser muito heterogênea devido à deposição de resíduos sólidos urbanos em solos não asfaltados. Infelizmente, não encontramos dados sobre a contaminação do solo no Keralux, o que enfatiza a necessidade de se fazer análises ambientais para estimar, entre outras coisas, o risco de asfixia por CO₂ e de combustão por CH₄.

Sabe-se que a contaminação do solo por metano é uma preocupação também da USP Leste, *campus* vizinho ao bairro, uma vez que é realizado um tratamento de drenagem de gás metano dentro do *campus* (EACH AMBIENTAL, [s.d.]). Contudo, esse tipo de tratamento não se estende ao Jardim Keralux, que tem de conviver com riscos ambientais e inseguranças de moradia decorrentes da presença desses gases no subsolo.

Destino do lixo

As observações feitas durante os percursos de campo e da aplicação de entrevistas nos permitiram constatar diferenças marcantes dentro do Keralux no que se refere à presença de lixo e acúmulo de entulho nas ruas. Tanto na

Rua Helenira quanto na Beira Rio, era possível encontrar frequentemente lixo acumulado e espalhado no solo, próximo ao córrego e dentro dele.

A partir dos dados apresentados na Tabela 3, vemos como 91,98% dos domicílios afastados do rio tinham seu lixo coletado na porta de casa. Podemos ver também, como apenas 73,17% dos domicílios próximos ao rio tinham o seu lixo doméstico coletado na porta. Cabe salientar que as respostas dadas quanto à coleta seletiva de resíduos sólidos no bairro não refletem unicamente a atuação da coleta realizada pela Ecourbis Ambiental S.A., mas principalmente o recolhimento de materiais recicláveis feito por catadores locais.

Tabela 3 – Destino dado ao lixo, Jardim Keralux, 2019

Destino do lixo	Beira Rio/Helenira		Outras ruas	
	Domicílios	%	Domicílios	%
Coletado na porta	147	33,72%	1313	52,08%
Coletado na porta (coleta seletiva)	172	39,45%	1006	39,9%
Depositado no local	108	24,77%	183	7,26%
Deixado no terreno	7	1,61%	4	0,16%
Jogado no canal	0	0%	4	0,16%
Queimado no local	0	0%	5	0,20%
Outro	2	0,46%	0	0%
Sem informação	0	0%	6	0,24%
Total geral	436	100%	2521	100%

Fonte: IEA-USP/Censo Vizinhança USP. Elaboração das autoras (2021).

Dos 436 domicílios adjacentes ao córrego, 108 depositavam seu lixo no local — uma alternativa encontrada frente à ausência do caminhão de coleta em alguns trechos das duas ruas, como relatado em algumas entrevistas. O ato de descartar o lixo em lotes baldios ou curso d’água próximos era um hábito comum, presente em áreas nas quais a disposição correta não era incentivada ou acessível.

O incômodo causado pela disposição incorreta não se limitava a um aspecto visual; como exposto por Carlos Alberto Mucelin e Marta Bellini (2008, p. 113), isso pode provocar “entre outras coisas, contaminação de corpos d’água, assoreamento, enchentes, proliferação de vetores transmissores de doenças e de outros animais”. O entulho de casas recém construídas ou em construção favorece ainda mais a proliferação de animais sinantrópicos. Além do mais, não é só o lixo favorecendo a proliferação de animais, alguns destes, como cães, rasgam os sacos de lixo, piorando assim a contaminação ambiental e visual e dificultando a limpeza.

Eliminação do esgoto doméstico

Por serem ainda tão recentes, é comum encontrar domicílios nas Rua Helenira de Rezende e Beira Rio que não são ligados à rede de esgoto da Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (Sabesp). Como podemos ver na Tabela 4, menos metade dos domicílios dessas duas ruas

não estavam ligados à Sabesp e despejavam seu esgoto no córrego, enquanto a grande maioria do restante do bairro, 91,91%, tem seu esgoto ligado à rede da Sabesp. Nas entrevistas com os moradores, essa discrepância em comparação com o restante do Jardim Keralux era bastante evidente; os próprios habitantes da Beira Rio e Helenira se mostravam incomodados com ter que eliminar o esgoto dessa forma.

Tabela 4 – Forma de eliminação do esgoto, Jardim Keralux, 2019

Forma de eliminação do esgoto	Beira Rio/Helenira		Outras ruas	
	Domicílios	%	Domicílios	%
Rede de esgoto da Sabesp	188	43,12%	2.317	91,91%
Fossa séptica	12	2,75%	8	0,32%
Fossa rudimentar	2	0,46%	5	0,2%
Lançado no rio	218	50%	98	3,89%
Vala	1	0,23%	3	0,12%
Outro	1	0,23%	4	0,16%
Sem informação	14	3,21%	86	3,41%
Total geral	436	100%	2.521	100%

Fonte: IEA-USP/Censo Pontes e Vivência de Saberes.

Elaboração das autoras (2021).

O despejo do esgoto doméstico caracteriza um dos “principais fatores responsáveis pela alteração dos ecossistemas aquáticos em áreas urbanizadas” (CAMARGO; BINI; SCHIAVETTI, 1995, p. 396), afetando características físico-químicas da água. O efluente sanitário pode ser fonte de alimento à fauna e flora do meio aquático quando em pequenas quantidades, contudo o excesso resulta em uma demanda de oxigênio proveniente de atividade biológica ou bioquímica, reduzindo os níveis de oxigênio dissolvido (ROCHA; ROSA; CARDOSO, 2009)²⁷. Assim, a degradação do material despejado no corpo d’água acaba sendo muito mais lenta.

Para que ações de revitalização sejam efetivas, é essencial que todos os domicílios citados sejam devidamente ligados à rede de esgoto da Sabesp, permitindo que processos de autodepuração ocorram a partir do equilíbrio entre as fontes de consumo e de produção de oxigênio (VON SPERLING, 1996). Todavia, um estudo mais aprofundado da natureza atual deste curso d’água e as possibilidades de recuperação através da autodepuração se faz necessário.

27. A medição é feita a partir da Demanda Bioquímica de Oxigênio (DBO) e é “proporcional à concentração de matéria orgânica assimilável pelas bactérias aeróbicas.” (ROCHA; ROSA; CARDOSO, 2009, p. 54).

A relação com os animais sinantrópicos

Devido à capacidade do homem de se expandir, ocupar e se habituar a diversos ambientes terrestres, é comum encontrar a presença de animais não humanos que compartilham o mesmo habitat. Entre esses animais que são chamados de sinantrópicos estão ratos, pombos, escorpiões, baratas, aranhas, entre outros (BARBOSA, 2015).

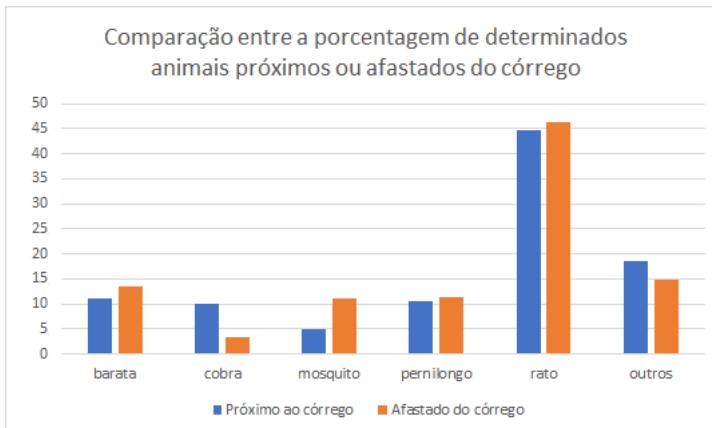
Os ambientes urbanos oferecem nichos favoráveis à proliferação de animais sinantrópicos. Assim, corriqueiramente encontram-se aranhas em cantos escuros e úmidos, ratos e baratas nas tubulações do esgoto e nos amontoados de resíduos urbanos, cobras escondidas na vegetação e no entulho. Mas não é apenas um ambiente o que humanos e animais sinantrópicos compartilham, há várias doenças comuns a ambos os grupos e também acidentes com os animais sinantrópicos peçonhentos.

Devido a tais fatores, esses animais estão longe de serem considerados companheiros do homem ou fonte de alimento e têm sua aparição em áreas urbanas respondidas com hostilidade e repugnância. A convivência com animais sinantrópicos também acaba por expor desigualdades socioespaciais. A presença de ratos, por exemplo, é comumente associada a espaços urbanos menos privilegiados, e a coabitAÇÃO entre os roedores e seres humanos nesses territórios carrega consigo uma dimensão social que não deve ser negligenciada (JARZEWSKA, 2018).

O contato direto com os entrevistados nos permitiu constatar essa relação de rejeição e aversão à presença de alguns animais sinantrópicos de forma explícita no tom de fala e nas expressões faciais ao responder à pergunta: “Há algum (outro) bicho em grande quantidade próximo ao domicílio que possa causar doenças ou pôr em risco a saúde de algum morador?”. A questão, então, era seguida de um espaço para respostas abertas em que o entrevistado menciona quais eram esses animais.

Tomando essas informações como referência, foi possível classificar os animais que aparecem com maior frequência em cinco grupos, sendo eles: *barata, cobra, rato, mosquito e pernilongo*. Já na categoria “outros” estão contemplados animais que apareceram em frequência baixa, sendo estes, entre outros: quatis, capivaras e saruês, em domicílios próximos ao córrego.

Gráfico 1 – Frequência de citação de animais sinantrópicos em domicílios próximos ou afastados do córrego,
Jardim Keralux (%) – 2019



Fonte:IEA-USP/Censo Vizinhança USP. Elaboração das autoras (2021).

Provavelmente não é só o córrego o que explica a maior frequência de cobras e animais agrupados na categoria “Outros”. O Parque Ecológico do Tietê, uma área de proteção ambiental, é próximo ao córrego e preserva flora e fauna típica da várzea do Rio Tietê (FUNDAÇÃO FORTALEZA, 2013). Acreditamos que alguns animais do parque podem ter se afastado ou perdido, podendo ter sido avistados pelos moradores em regiões próximas aos domicílios.

A vegetação nestas ruas é típica de floresta de várzea e apresentava condições ambientais que também contribuem para a presença de cobras, já que constituem ambien-

tes úmidos e de mato alto (REDAÇÃO NSC, 2018). Esses animais procuram ambientes frios e úmidos para regulagem da temperatura corporal e, quando há alguma alteração nas condições ambientais, podem ser avistados mais próximos aos domicílios ou até mesmo dentro deles, embaixo da pia ou à procura de outros lugares escuros e menos quentes (PORTAL DO DEPARTAMENTO DE ÁGUAS E ENERGIA ELÉTRICA, 2020). Esta situação pode ser corroborada pelas informações presentes no Gráfico 1, em que a porcentagem de cobras é maior em regiões perto do córrego (10%) quando comparadas àquelas mais afastadas (aproximadamente 4%).

A divisão de mosquitos e pernilongos em dois grupos diferentes seguiu as respostas dadas pelos entrevistados, por não se ter mais informações sobre os critérios utilizados para classificar mosquitos e pernilongos pelos moradores, a análise da presença destes insetos não foi muito aprofundada. No entanto, segundo Rosemery Baracho (2013), a presença significativa desses dois grupos, quando somada, apenas constata a relação existente entre mosquitos e pernilongos com ambientes úmidos e quentes que forneçam fontes de sangue quente para sua alimentação (capivara, cachorro, gato, humano etc.).

É importante mencionar que dentro dessas categorias, algumas respostas especificavam a presença de mosquitos da espécie *Aedes aegypti*, conhecidos por serem vetores da dengue, zika e chikungunya. Na percepção dos

entrevistados, os períodos de chuvas fortes são um agravante que, devido à falta de planejamento urbano, favorece a formação de poças. Chama a atenção que os mosquitos foram relatados com mais frequência entre os moradores afastados do córrego. A vigilância entomológica poderia ajudar a esclarecer se se trata de um viés de informação ou se, pelo contrário, há características ambientais que explicam esse aparente paradoxo.

Considerações finais

Diante do cenário ambiental descrito, a organização e mobilização dos moradores foi importante para a canalização de alguns córregos presentes na extensão do território. A mobilização vem desde antes da ocupação das margens discutida neste ensaio, quando houve demandas para solucionar os problemas associados ao mesmo. Contudo, apenas canalizar iria unicamente esconder o problema, e tampouco o resolveria.

As problemáticas de contaminação que permeiam o território foram aqui apresentadas e analisadas para embasar análises mais aprofundadas, sendo, portanto, mais um apontamento da necessidade da elaboração de propostas que mudem as condições descritas neste ensaio. As questões ambientais têm a sua ligação direta na saúde dos moradores, na qual eles têm uma boa parcela de participação; por

isso, para além de políticas públicas ambientais, como implementação de ecopontos e cestas de lixo para o descarte adequado, também seria significativo dinamizar a educação ambiental no bairro.

Mudanças significativas levam tempo, e dados como os apresentados pelo censo servem como base para a reivindicação de melhorias. A partir da divulgação integral dos dados, há um enorme potencial quanto ao seu uso para levantar discussões pertinentes na própria comunidade sobre os problemas causados pelo descarte incorreto de resíduos sólidos, o despejo de esgoto doméstico no córrego e como lidar com os animais sinantrópicos tão frequentes em todo o Jardim Keralux.

Referências

ADUSP. Poluição Ambiental do Jardim Keralux desaconselhava construção do campus. **Informativo ADUSP n. 259**, São Paulo, 18 mai. 2008. Disponível em: <https://www.adusp.org.br/files/informativos/259/info259.pdf>. Acesso em set.

2020.

BARBOSA, Maisie M.; OLIVEIRA, João Leonardo F.; MENDONÇA, Valdir A. de; RODRIGUES, Manoel F. Ensino de ecologia e animais sinantrópicos: relacionando conteúdos conceituais e atitudinais. **Ciên. Educ.**, v. 20, n. 2, p. 315-330, 2014.

BARACHO, Rosemery. C. M. **Influência de variáveis meteorológicas sobre a incidência de casos de dengue no município de Areia-PB.** 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Biológicas). Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal da Paraíba, Areia, p. 32, 2013.

BEZERRA, Raísa. **Avaliação geoambiental de solos contaminados por antigos depósitos de resíduos urbanos:** um estudo de caso em Nova Descoberta. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil). Centro de Tecnologia e Geociências da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, p. 129, 2014.

EACH Ambiental. **Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP**, São Paulo, [s.d.]. Disponível em: <http://www5.each.usp.br/questoes-ambientais/>. Acesso em 6 set. 2020.

FUNDAÇÃO FLORESTAL *et al.* **Plano de Manejo APA Várzea do Rio Tietê.** São Paulo: 2013. Volume Principal. Disponível em: <http://arquivos.ambiente.sp.gov.br/fundacaoforestal/2018/03/diagnostico-apa-varzea-do-rio-tiete.pdf>. Acesso em 6 set. 2020.

G1 SP. Antigos lixões de SP são monitorados para evitar explosões. **Portal G1.** São Paulo, 14 abr. 2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/sao-paulo-mais-limpa/noticia/2012/04/antigos-lixoes-de-sp-sao-monitorados-para-evitar-explosoes.html>. Acesso em: 6 set. 2020.

INSTITUTO DE ESTUDOS AVANÇADOS DA USP. **Cen-**

so vizinhança USP. Características domiciliares e socioculturais do Jardim Keralux e da Vila Guaraciaba. São Paulo: Cátedra Olavo Setubal de Arte, Cultura e Ciência, 2021.

JARZEBOWSKA, Gabriela. Follow the Rat: From Necropolitics to a Theory of Interspecies Cohabitation. **Journal for Critical Animal Studies**, v. 15, issue 3, p. 4-25, 2018.

MAPA DE CONFLITOS ENVOLVENDO INJUSTIÇA AMBIENTAL E SAÚDE NO BRASIL. SP – Duas empresas deixam grave passivo ambiental na região leste da cidade de São Paulo. Rio de Janeiro: Neepes/ENSP/Fiocruz, 1 abr. 2015. Disponível em: <http://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/?conflito=sp-duas-empresas-deixam-grave-passivo-ambiental-na-regiao-leste-da-cidade-de-sao-paulo>. Acesso em 24 ago. 2020.

MUCELIN, Carlos Alberto; BELLINI, Marta **Lixo e impactos ambientais perceptíveis no ecossistema urbano**. Soc. nat., Uberlândia, v. 20, n. 1, p. 111-124, 2008.

PORTAL DO DEPARTAMENTO DE ÁGUAS E ENERGIA ELÉTRICA. Parque Ecológico do Tietê. 2020. Disponível em: <http://www.daee.sp.gov.br/site/parquenascentesdotiete/>. Acesso em 6 set. 2020.

REDAÇÃO NSC. Aumenta o número de serpentes capturadas na área urbana de Joinville. **NSC Total**, Joinville, 3 out. 2018. Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/aumenta-o-numero-de-serpentes-capturadas-na-area-urbana-de-joinville>. Acesso em 6 set. 2020.

ROCHA, Julio Cesar; ROSA, André Henrique; CARDOSO, Arnaldo A. **Introdução à Química Ambiental**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.

VON SPERLING, Marcos. **Introdução à qualidade das águas e ao tratamento de esgotos**. 2. ed. Belo Horizonte: Departamento de Engenharia Sanitária e Ambiental, UFMG, 1996.

Comunidades e famílias multiespécies nas periferias urbanas: reflexão sobre a relação homem-animal na comunidade São Remo

Isamara Oliveira Guimarães

Paulo Rogério Nunes dos Santos

Introdução

Este texto visa elucidar as relações humanas para com os animais, tendo como norte conceitos foucaultianos, com a comunidade São Remo como pano de fundo. Contudo, é importante ressaltar que apesar das experiências e dados serem reais e concretos, eles serão tratados como ponto de partida, uma vez que para a reflexão dos conceitos foucaultianos iremos extrapolar para a subjetividade das relações tratando-as como histórias fictícias. O corpo do texto será composto pela remontagem da nossa passagem em campo e dos exemplos mais emblemáticos que podem ilustrar os conceitos do filósofo. Assim sendo, faremos croquis das residências e os utilizaremos como aporte visual relacionado ao questionário. O objetivo deste trabalho é propor uma reflexão foucaultiana para mostrar que as relações entre animais e seres humanos são mais complexas do que parecem e podem indicar a forma em que os humanos se relacionam entre si.

Reflexão

Nos questionamos sobre a pertinência e o porquê da realização de um ensaio sobre as relações entre humanos e animais na especificidade dos ambientes que percorremos e dos contextos em que elas se dão, e a resposta simples a que chegamos nos revela que a iniciativa de abordar questões, mesmo que sobre temas tão complexos, pode instigar e inspirar a colocação de outras questões futuras, que talvez possam ser capazes de realizar o humilde feito que nós aqui propomos. Ou seja, chegar ao âmago da subjetividade dessas relações e demonstrar como elas fazem parte de algo maior, um sistema cultural em que estamos todos inseridos (seres animados e inanimados, humanos e animais). E, com isso, tornar a discussão corrente e comum, alcançando os exemplos e pessoas que nos inspiraram a tais reflexões.

Para tanto, a partir de um ponto de vista antropocêntrico²⁸, é possível compreender o ser humano e a posição deste na sociedade ao longo do tempo. O seu desenvolvimento mostra que o domínio da subjetividade e da psicologia acompanham essa evolução, que permitiu uma compre-

28. “O antropocentrismo (do grego *anthropos*, “humano”; e, *kentron*, “centro”) é uma concepção que considera que a humanidade deve permanecer no centro do entendimento dos humanos, isto é, o universo deve ser avaliado de acordo com a sua relação com o ser humano, sendo que as demais espécies, bem como tudo mais, existem para servi-los” (ANTROPOCENTRISMO, 2020).

ensão da sua diferenciação em relação aos outros animais. Para além das mudanças físicas, o homem tornou-se mais racional e social, criando sistemas para a classificação de tudo à sua volta. Esse domínio da própria posição e o conhecimento de si mostrou-se como uma necessidade e desejo de distanciar-se dos outros animais o que possibilitou classificá-los e colocar-se no topo dessa hierarquia.

Para realizar o feito da classificação do mundo à sua volta, o ser humano criou diversos sistemas de linguagem. Entretanto, é interessante notar que todos esses sistemas e analogias, no intuito de dar significados para as coisas, convergem para o ser humano. A exemplo das sociedades ditas moderno-ocidentais, quando se descrevem os corpos dos animais e das plantas, as analogias são baseadas no corpo humano ou são simplificadas para a compreensão humana, sempre tendo o homem como medida das coisas. Todavia, a natureza surgiu muito antes dos seres humanos e não precisa de sistematização ou simplificação, assim como descreve o filósofo Michael Foucault, em sua referência à *episteme* clásica resgatada por Saïd Chebili (2017, p. 96, tradução nossa):

A planta e o animal são vistos não tanto em sua unidade orgânica como pela padronização visível de seus órgãos. São patas e cascos, flores e frutos, antes de serem sistemas respiratórios ou líquidos internos. A histó-

ria natural atravessa uma área de variáveis visíveis, simultâneas, concomitantes, sem nenhuma relação interna de subordinação ou organização

Assim sendo, durante séculos tem havido uma necessidade e esforço humano de classificar o mundo ao seu redor, na medida em que a incompreensão do mundo à sua volta amedronta e tira a sensação de poder. Aliado a isso, o ser humano ocidental tem o desejo de se colocar no topo dessa hierarquização, ou seja, ao sistematizar a quantidade de funções nas diferentes espécies e olhar para as semelhanças entre elas e suas complexidades, ele julga que é o mais complexo e que é o controlador desse universo por ele criado, como mostra a frase abaixo (Chebili, 2017, p. 102, tradução nossa):

O homem herda o poder de se dar representações e se encontra no centro do trabalho, da vida e da linguagem. Entre os animais, ele ocupa um lugar de organização. Mas de uma forma muito ambígua, o homem só ganha vida por meio de suas obras (que o pré-existem), seu organismo e suas produções. O animal não só o precede filogeneticamente, mas obtém seu significado somente graças a ele.

Após essa empreitada bem-sucedida de se colocar no topo de uma organização societal, o ser humano desenvolve o aparato que vai justificar a exploração e a subjulação de todas as outras espécies, o especismo, que faz parte da definição antropocêntrica criada pelo homem para si e para os outros seres vivos. Para Chebili (Pugliese, 2017, p. 20, tradução nossa):

humanos, através dos atos de razão soberana, confinam os animais, comunicam seu senso de excepcionalismo e reconhecem a si mesmos como a espécie suprema, através da linguagem impiedosa do especismo.

A milenar dominação animal funcionou como o protótipo para classificar e dominar também seres humanos. A exemplo das práticas coloniais na África, na Ásia e na América, espaços onde as teorias raciais se fizeram extremamente necessárias para a legitimação do discurso da inferioridade desses povos frente às invasões europeias. O pensamento hierárquico ocidental e suas teorias raciais estão intimamente informados pelo discurso especista, fornecendo a justificação para a exploração e classificação desses povos como inferiores e animalizados, possibilitando sua aproximação ao estatuto inferior dado aos animais e a via de legitimação de sua exploração.

A partir das ideias foucaultianas, Joseph Pugliese (2017) propõe que a divisão homem/animal pode ser exemplificada pela antítese racional/irracional, que coloca o homem, “aquele possuidor da razão”, em uma posição de poder frente aos animais considerados irracionais e “coisas”. Tal coisificação dos corpos animais corrobora, entre outras coisas, a violência que informa a relação marcadamente biopolítica entre homem e animal, visto que durante muito tempo a noção de que os animais irracionais eram desprovidos de alma e de sentimentos serviu como justificação para sua utilização nas mais diversas das práticas, como a viviseção ou a tortura.

Reconhecendo quem são os “possuidores” de razão e os que incorporam atos irracionais e a loucura, o homem completa a construção de seu quadro conceitual que busca estabelecer todos os limites da relação homem/animal. Entretanto, uma falha torna-se perceptível a partir da leitura do livro *História da loucura*, do filósofo Michel Foucault (1978), em que, a partir de uma reflexão não ortodoxa, depreendemos que, de certa forma, a loucura representa o elo que une o ser humano racional à sua natureza selvagem e primitiva. Para o filósofo, a definição que estabelecemos desse “outro” que incorpora a loucura funciona como uma reafirmação da separação entre “nós” e “eles” como se fossem coisas distintas, externas e separadas e, principalmente, impossibilitadas de qualquer comunicação.

Ademais, para o homem, o distanciamento de sua natureza selvagem e primitiva é ponto necessário para a constituição de sua própria noção de si e de sua humanidade. Para esse afastamento ele se apoia na sua competência cognitiva e racional, ou seja, tem na capacidade de criar e sistematizar informações, tornando-se o maior argumento para ser colocado acima das outras espécies. Contudo, outras similaridades, além da psicológica supracitada, aproximam-no mais do que o afastam dos outros seres vivos. Para exemplificar essa afirmação é fundamental pensar primeiramente por meio das relações entre os corpos humanos e animais. Biologicamente, suas funções vitais são análogas, como a capacidade de reprodução e os impulsos advindos do instinto.

Diante do exposto, é perceptível que por mais que o homem tente se distanciar do seu lado animal, criando sistemas complexos e se apoiando na racionalidade, as características da sua animalidade se revelam em aspectos naturais da vida, como em sua biologia e na própria psicologia humana, caso da loucura. Essa conclusão nos faz refletir sobre o nosso lado animal e também tentar usar nossa racionalidade para buscar a compreensão de outros animais que julgamos não serem dotados de razão.

Está posto que o homem ocidental institucionaliza a prática de cuidar e ajudar certas espécies animais em detrimento de outras, argumentando que é por uma causa “mais humana”. Se observarmos como o nosso bom instinto

de ajudar e cuidar se transformou em um costume que força outros seres a depender dos nossos cuidados e que também os coage a ficar presos dentro dessa relação de confiança, vemos que, na maioria dos casos, dificilmente existe espaço e possibilidade para a agência do animal em transgredir a relação de poder estabelecida.

Após a apresentação dessas ideias, partiremos para a problematização das experiências e observações de campo úteis para a análise das relações entre homem e animal. Isto posto, nossa análise consistirá na remontagem da nossa passagem em campo, identificando as residências que se mostram exemplos exímios dos conceitos que apresentamos juntamente com questões do questionário de animais aplicado no âmbito do censo do IEA-USP. Além disso, iremos utilizar como suporte gráfico ilustrações das residências reais do território da São Remo e as memórias do campo.

Práticas constitutivas, intervenção na biologia e docilidade do corpo animal

Nesta seção iremos abordar um assunto que acreditamos ser pouco pensado pelas pessoas que possuem animais: a intervenção humana na biologia animal. Ao olhar para a comunidade da São Remo e o censo animal nela realizado, vemos que 541 animais em um total de 1316 estavam castrados. O interessante são os relatos dos moradores

ao perguntar se o animal é castrado, tendo respostas como, “São todos castrados bonitinho!” ou “Lógico que são, tem que castrar né!”. Tais afirmações mostram que, para os donos dos animais, a castração deve ser feita, caso contrário, acham que estão fazendo algo de errado. São compreensivos esses pensamentos e afirmações, uma vez que é difícil sermos reflexivos sobre o que fazemos cotidianamente e o que consideramos como fatos dados. Por outro lado, elucidar esses comportamentos humanos e suas consequências em relação aos animais é fundamental para rever a forma em que nos relacionamos com outros animais.

Há uma grande diferença no comportamento do animal antes e depois da castração. Este procedimento é utilizado para o controle populacional dos animais, impedindo-os de se reproduzir, mas também para prevenir algumas doenças venéreas e determinados tipos de câncer. Por outro lado, há pontos negativos pouco discutidos, como é o caso da incontinência urinária, retardo do crescimento e obesidade, além de mudanças psicológicas, tal como ilustra Clare Palmer (2017, p. 124, tradução nossa):

Talvez um excelente exemplo da maneira como os corpos dos animais são tratados como “coisas” seja o que chamo de “práticas constitutivas”, isto é, práticas humanas que afetam a constituição biológica e a forma

dos animais. Predominantemente, essas práticas são: domesticação, reprodução seletiva e biotecnologia, normalmente a fim de tornar os corpos dos animais mais “dóceis” ou “produtivos” e para otimizar as características do corpo ou temperamento que são mais desejáveis para os fins humanos.

Assim sendo, essas práticas constitutivas modelam as relações e o corpo dos animais e não estão somente no ato da castração, tendo outros exemplos: técnicas de treinamento, domesticação e ofertas de recompensa. Todas essas ações têm um objetivo comum: visam mudar os animais fisiológicamente e psicologicamente de maneiras que reduzem sua capacidade de resistir, em situações em que seus antepassados poderiam ter resistido.

Diante do exposto, a problematização e o conhecimento das consequências da intervenção humana na biologia animal são de suma importância para melhorar o tratamento para com os animais. Além do mais, evidenciam que ações ditas normais podem acarretar problemas de saúde e psicológicos aos animais e que a aplicação de tais ações deve ser repensada, uma vez que o único motivo que as corrobora é a tentativa de tornar os animais mais úteis para fins humanos.

A transgressão da relação de poder

Figura 23 - Croqui de uma das vielas



Fonte: Paulo Nunes, 2020.

O primeiro questionamento que surge ao pensarmos na relação homem-animal refere-se ao estatuto “*relação de poder*” que a designa. Cabe nos perguntarmos se existe a possibilidade de subversão dessa ordem e quais tipos de resistência o animal pode exercer frente à estrutura de poder estabelecida.

É pertinente discorrer sobre o que Foucault considera como “relações de poder”, visto que estamos norteados por seus conceitos. O filósofo argumenta que: “o poder permeia, caracteriza e constitui o corpo social e que não existem relacionamentos que não sejam, em algum sentido, ma-

nifestações de poder” (Palmer, 2017, p. 112, tradução nossa).

De modo geral, observamos diversas situações em que pequenas “transgressões” podem ser enumeradas a partir da observação do comportamento animal. Consideramos as respostas animais ao exercício do poder humano como “transgressões” e tentativas de inverter a ordem da relação de dominador e dominado. Tais respostas encontram-se no espectro das possibilidades criativas que são inerentes a todas as relações de poder, pois, para Foucault, todas as relações de poder proporcionam espaço para a reação do sujeito dominado, mesmo que uma resposta irrisória e incapaz de reverter a balança do poder, revelando a instabilidade que é inerente a essas relações.

O beco, na Figura 24, é conhecido vulgarmente como “beco dos gatos”, pois diversos animais circulam por ali (abandonados ou não), ilustrando um tipo de transgressão da ordem de poder na relação de animais domesticados, ou seja, a proibição de sair da casa do dono e andar livremente na rua, ou a limitação e proibição dos comportamentos “selvagens”, visto que o homem busca estabelecer a obediência do animal a todo custo. Uma situação muito marcante foi a observada nesse beco, onde um cachorro, que vivia em situação de abandono e “morava” no beco, estava acompanhado de um homem de meia idade que circulava com frequência ali e todos os moradores conheciam. Percebemos que ambos compartilhavam certa relação de carinho

e companheirismo, vivendo uma situação de rua similar. Os moradores que passavam por ali e se deparavam com a situação provavelmente enxergavam ambos os seres vivendo como “animais”, isto é, animalizados, na rua, dividindo o alimento e o cobertor na hora de dormir.

Com isso depreendemos que ambos estão, de certa forma, transgredindo o código comportamental pré-estabelecido para si, pois o primeiro (o cachorro) conseguiu estabelecer uma relação que supera a ordem de domesticação comum, porque seu “dono” o vê como um companheiro e ele se comporta com certa liberdade, por morar na rua. Já o segundo (o homem), rejeita o padrão comportamental estabelecido para um ser humano, *comportando-se de forma similar* ao seu cachorro, que é considerado de um estatuto inferior.

Com isso, podemos testemunhar como o limiar de operação do animal nessa relação é muito amplo, pois ele é capaz de produzir respostas inesperadas à situação que vive, bem como para o homem, que também produz uma resposta à relação de poder da qual faz parte com os outros seres com que convive e se insere em uma superestrutura societal.

Relação de dominação e relação de poder

Figura 24 - Croqui residência na Vila Clô



Fonte: Paulo Nunes, 2020.

A ilustração acima, mostra a residência de uma família “padrão”, ou seja, pai, mãe, filho e um cachorro, localizada na Vila Clô. Ela servirá para explicar os conceitos de *relação de poder* e *relação de dominação*. Tal escolha se dá devido ao fato de como foi respondida à pergunta “O animal sai sozinho a rua?”. A resposta por parte do entrevistado foi “Não, ele não sai nem no quintal”. Diante disso, é possível observar que o primeiro conceito é a relação de dominação que está no fato da não liberdade do animal, sendo que ele é obrigado a conviver naquele núcleo e, com base na experiência em campo, acreditamos que os moradores não saíam muito com o cachorro na rua. Essa relação de dominação,

segundo o filósofo Foucault, é classificada como um tipo hierárquico, ou seja, é mais estável e persiste ao longo do tempo, com pouca possibilidade de resistência ou reversão. Atrelada a isso há uma amplificação da domesticação, ou seja, quanto mais um animal está em contato com os seres humanos, maior é sua dependência deles. O outro conceito é a relação de poder, que consiste em um vínculo mais instável, possibilitando a resistência ou inversão da ordem presente. Nesse sentido, a resistência está presente e é inerente às relações de poder, ou seja, antes deste animal estar nesse estado pleno de domesticação, a ponto de realizar suas necessidades vitais até dentro de casa, houve uma resistência e aversão à essa relação. Um exemplo dessa manifestação é quando o animal não evaca no local indicado como o “jornalzinho”, mas faz em vários locais da casa para marcar seu território ou fica latindo durante o dia e a noite com outros cachorros, até mesmo para chamar a atenção.

A observância desses dois conceitos é imprescindível para olhar para o animal e respeitar as suas necessidades e seus instintos, uma vez que, se não houver esse respeito, acarretará na obstrução da liberdade do animal e da instituição de uma completa relação do animal com o ser humano. Além disso, outros problemas surgem como o esquecimento do animal devido à rotina humana e à propensão de problemas comportamentais.

Figura 25- Croqui residência de migrantes bolivianos



Fonte: Paulo Nunes, 2020.

As relações de dominação e de poder levam a condições de vida particulares e no campo foi possível observar vários exemplos. A casa da ilustração acima abrigava diversos passarinhos e imigrantes bolivianos. Como podemos observar na ilustração, a casa se parece muito com uma jaula, por seu aspecto fechado e as grades na fachada. Os moradores da casa se recusaram diversas vezes a realizar a entrevista, mesmo após inúmeras tentativas de explicar quais eram os nossos propósitos e o intuito da pesquisa, mas ainda assim, mantiveram sua posição desconfiada e de recusa. Podemos refletir sobre

a situação de ambos (pássaros e imigrantes bolivianos) e problematizar a situação hostil que vivenciam. De certa forma, os humanos da casa, que possuem outros animais enjaulados, não se encontravam de forma diferente na vida real - percebemos que o trato para com os pesquisadores era sempre de medo e desconfiança, como se estivessem prontos para se defender. Já os animais, que eram inquietos e cantavam de forma gritada e estridente, pareciam seguir essa tendência.

O tratamento dos imigrantes vulneráveis no Brasil e o tratamento dado aos animais se assemelha no sentido que ambos revelam seu traço violento com muita distinção. Tratando-se dos imigrantes bolivianos, que não recebem apoio algum ao enfrentar a jornada de mudança de um país para outro (neste caso por vulnerabilidades econômicas e sociais), encontram-se inseridos numa estrutura política que visa sua exploração e que não promove amplamente as políticas sociais de acolhimento e inserção desses povos na nossa sociedade. Guardadas as devidas particularidades dos sujeitos e do contexto, o mesmo acontece com os animais silvestres que são capturados, enjaulados e levados para ambientes domésticos (totalmente estranhos) apenas para o deleite e o divertimento humano. Ambos são violentados ao serem expelidos de seus ambientes “naturais” e inseridos numa estrutura totalmente alheia àquela que conhecem. São constantemente submetidos a processos

de insignificação, sendo que seus *corpos* são docilizados e adaptados à norma vigente de exploração.

Considerações finais

O exercício de deslocar o ser humano da posição superior e tentar olhar/compreender os animais nos traz a perspectiva que demonstra que a justificação dessa diferenciação não pode estar apoiada somente na nossa capacidade cognitiva e racional frente aos animais. Desse modo, os conceitos foucaultianos serviram como base para entender as relações entre o homem e os animais e, consequentemente, entre os seres humanos. Partindo disso, apesar dos seres humanos criarem esses diversos conceitos para estabelecer a diferenciação e a hierarquização entre as espécies, negando o seu lado animal, fica evidente a semelhança que compartilhamos, não somente biológica, mas também física, psicológica e social. Destarte, estabelecemos que no Ocidente todas as espécies estão inseridas num sistema de relações de poder que está orientado pela lógica dominador/dominado. Sendo assim, percebemos as similitudes que compartilhamos com os animais de outras espécies em muitas esferas de tais relações. A grande maioria dos casos que analisamos demonstram a importância de reter tais episódios e rever qual o relacionamento que entendemos como “normal” e “saudável” com tais seres, assim como nos questionarmos

sobre as consequências e implicações que ele acarreta para ambos os lados.

Percebemos que há diversas possibilidades de resposta do sujeito em desvantagem nessas relações (o animal), ou seja, a possibilidade de transgressão, e como na maioria das vezes, o padrão desse relacionamento funciona para nos beneficiar e adaptá-los à nossa lógica de exploração. O presente ensaio facilitou a compreensão dos conceitos foucaultianos aplicados ao cotidiano. Buscou dar visibilidade para sujeitos e contextos normalmente ignorados e incitou a uma reflexão que, futuramente, possa levar à reversão dos valores atuais para representar um novo código de conduta para com os animais. Um longo caminho nos espera pela frente, mas ele pode ser mais curto se a discussão ganhar corpo hoje e agora, pois repensar a maneira como nos relacionamos com os animais pode revolucionar o nosso relacionamento com todos os seres que vivem na Terra e, quem sabe, mudar o curso trágico protagonizado pelo antropocentrismo que a nossa história anuncia.

Referências

ANTROPOCENTRISMO. In: **WIKIPÉDIA**, a enclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Antropocentrismo&oldid=59835269>. Acesso em: 19 nov. 2020.

CHEBILI, Saïd. The Order of Things: The Human Sciences are the Event of Animality. (Translated by Matthew Chrulaw and Jeffrey Bussolini). In: CHRULEW, Matthew; WADIWEL, Dinesh Joseph (ed.). **Foucault and Animals**. Leiden: Boston, 2017. p. 87-103. Series: Human-animal studies, vol. 18. CHRULEW, Matthew; WADIWEL, Dinesh Joseph (ed.). **Foucault and Animals**. Leiden: Boston, 2017. Series: Human-animal studies, vol. 18.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura na idade clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

MACEDO, Jorge de B. **Castração Precoce em Pequenos Animais**: Prós e Contras. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-Graduação lato sensu em Clínica Médica e Cirúrgica de Pequenos Animais). Universidade Castelo Branco, Goiânia, 2011.

PALMER, Clare. Taming the wild profusion of existing things: A Study of Foucault, Power, and Human/Animal Relationships. In: CHRULEW, Matthew; WADIWEL, Dinesh Joseph (ed.). **Foucault and Animals**. Leiden: Boston, 2017. p. 105-131. Series: Human-animal studies, vol. 18.

PUGLIESE, Joseph. Terminal Truths: Foucault's Animals and the Mask of the Beast. In: CHRULEW, Matthew; WADIWEL, Dinesh Joseph (ed.). **Foucault and Animals**. Leiden: Boston, 2017. p. 17-36. Series: Human-animal studies, vol. 18.

Inclusão dos animais de estimação como membros da família e adaptação à vida moderna

Raquel Pereira Ires

Introdução

Observando os dados da Pesquisa Nacional de Saúde (2013) percebe-se quão comuns são os animais domésticos nas famílias, e como isso traz consigo a necessidade de adaptação desses animais ao convívio com seres humanos. Vêm se tornando comuns casas com espaços menores, o que favorece a maior interação com membros da família e maior acesso aos ambientes da casa. Para existir essa adaptação, os animais têm sofrido consequências não benéficas, pois são obrigados a deixar de lado alguns comportamentos próprios da sua espécie e composição racial, o que pode gerar distúrbios nos seus comportamentos e até mesmo de saúde. Essa adaptação, muitas vezes, vem acompanhada da necessidade de diminuir a sua animalidade, e cada vez mais torná-los mais próximos e parecidos com crianças (TOMA, 2015; LIMA, 2016). Portanto, neste texto será abordado como tem sido essa inclusão nos dias atuais, como ocorre o tratamento a esses animais de classes sociais baixas a classes altas e o processo de inclusão como

membros da família moderna.

Inclusão dos animais de estimação como membros da família e adaptação à vida moderna

Vemos que muitos animais de estimação são adquiridos com o intuito de entreter famílias que já possuem filhos ou até mesmo para substituí-los e preencher o vazio em lares. Em países desenvolvidos, chega a ser tendência famílias não quererem ou demorarem mais tempo para ter bebês (LIMA, 2016). Ao mesmo tempo, também observamos o aumento da população idosa, cujos filhos já saíram de casa, o que leva muitas vezes à adoção de um animal de estimação. Os dados do IBGE de 2013 confirmam essa informação, pois vemos que foram estimados no país 52,2 milhões de cães; 37,9 milhões de aves; 22,1 milhões de gatos; e 18 milhões de peixes. A estimativa total segundo a Pesquisa Nacional de Saúde (2013) do IBGE chegou a 130,2 milhões de animais de estimação. Por outro lado, a Pesquisa Nacional por Amostra de domicílios (2013), também do IBGE, estimou que havia cerca de 35,5 milhões de crianças (pessoas de até 12 anos de idade) no Brasil, ou seja, o número de animais de estimação superou o número de crianças de até 12 anos.

A inclusão dos animais de estimação nas famílias urbanas provavelmente está ligada ao ganho de maior status

por parte desses animais, incentivado pelo mercado *pet* e suas propagandas. Esse status talvez varie entre classes sociais e é claramente diferente do atribuído aos animais que vivem nas ruas

As percepções aqui apresentadas se deram por meio da minha experiência como pesquisadora do censo, realizando entrevistas no território do Keralux, com o objetivo de determinar o número de habitantes e sua origem geográfica, a distribuição etária, a composição étnico-racial, o nível de escolaridade, as condições de saúde, a religião, o nível e modalidades de renda e trabalho, as práticas culturais e outros aspectos de interesse demográfico das comunidades, além das informações sobre os animais. Fiz entrevistas em pouco mais de 180 domicílios, a maioria formados por casais com filhos e com animais de estimação, como cachorros ou gatos, raramente encontrei outros animais, tais como pássaros. Isso demonstra que a inclusão de animais de estimação como membro da família também ocorre amplamente nas periferias.

Ao referir-se a esses animais, a maioria dos habitantes da comunidade com quem conversei demonstrava carinho, respeito e importância com cuidados como higiene, castração, proteção, vacinação. Além disso, poucos deixavam seus animais saírem para rua sozinhos e terem contato com outros cães e gatos que vivem nas ruas. Nas entrevistas encontrei mais cães que gatos, principalmente de raças de

grande porte e vira-latas. Talvez, pela condição periférica, esses cães tinham menos acesso a *pet shops*, clínicas veterinárias etc., porém, via o esforço dos tutores para fornecer-lhes conforto, saúde e segurança.

Vi animais nos ambientes internos dos domicílios, com seus tutores acariciando-os e conversando com eles. Acredito serem comuns as famílias multiespécies, nas quais os animais recebem cuidados parentais e participam em rituais familiares como festas, viagens, fotos etc. Porém, se a aquisição dos animais é motivada por falsas expectativas ou apenas para satisfazer às crianças, o cuidado com os animais pode ser visto apenas como uma obrigação, ser inadequado e inclusive levar ao abandono.

A inclusão dos animais nos rituais familiares também é perceptível no consumo do mercado *pet*, através do lançamento de produtos como roupas para animais, carinhos de bebê, serviços de fotografia, produção de festas de aniversários para animais etc. (OLIVEIRA, 2006; TOMA, 2015). Outro fato visível nessa necessidade de incluir os animais nos momentos familiares é o surgimento de hotéis adaptados para receber animais de estimação e de *playgrounds* caninos (cachorródromos) em condomínios e edifícios empresariais (LOIOLA, 2014).

Porém, essa intitulação dos animais como membros familiares não anula as diferenças que foram construídas entre esses animais e os humanos. Ainda existe uma hierarquia

culturalmente estabelecida entre os membros da família e, portanto, animais de estimação como cães e gatos entram na família em uma posição subordinada e com uma distância moral traçada entre eles e outros membros familiares, o que fica claro quando há velhice, adoecimento ou problemas comportamentais do animal. Em alguns desses casos é habitual que o animal perca seu status e espaço físico na casa, ou ainda, seja doado, vendido ou abandonado. Por isso pode-se afirmar que em muitas famílias há uma situação de instabilidade do animal, pois o tratamento conferido a ele varia de acordo com as condições sociais e mudanças na forma de vida de seus tutores (TOMA, 2015; LIMA, 2016).

Ainda que muitas pessoas considerem os animais como membros da família, há diferenças morais e até constrangimento social quando essas diferenças se reduzem. É o caso de tutores julgados por estarem “tratando o bicho como gente”. É como se essa proximidade fosse um risco à manutenção da fronteira entre humanos e outros animais. Além do mais, cresce o discurso, entre muitos tutores, de que esses animais merecem o melhor tratamento porque são moralmente equivalentes ou mesmo superiores à raça humana (COHEN, 2002; OSÓRIO, 2011; TOMA, 2015).

Essa superioridade é defendida, por exemplo, no caso de animais como cães e gatos, que são caracterizados como inteligentes e sempre amorosos, tidos como fiéis e que amam incondicionalmente, incapazes de fazer mal àqueles que não

fizeram mal a eles. Por outro lado, os humanos são capazes de cometer atrocidades até mesmo com quem não conhecem.

Esse discurso se restringe a cães e gatos e, portanto, não favorece a consideração moral e o convívio domiciliar com outras espécies. Vemos também que o crescimento do mercado *pet* é mais focado em cães e gatos, e que outras espécies são deixadas de lado e ficam mais distantes do convívio com os humanos. É possível, hoje em dia, encontrar facilmente produtos e serviços que facilitam a convivência desses animais dentro de casa, porém produtos e serviços destinados a outras espécies são mais escassos. Assim, presume-se que o maior distanciamento moral em relação a outras espécies causa ainda mais constrangimento social nas pessoas que as incluem nas suas famílias.

Essa hierarquia e superioridade não fica restrita apenas a outras espécies, mas afeta também outras raças. Cães e gatos durante séculos passaram por cruzamentos seletivos para exaltar certas características estéticas em função do convívio com os seres humanos, algumas os tornando mais frágeis, incapazes de sobreviver ou ter qualidade de vida. Além do controle das características estéticas desses animais, também é imposto o crescente controle sobre o comportamento e o funcionamento de seus corpos, com o intuito de distanciá-los da animalidade. Privados, ao máximo, de seus cheiros, instintos e hábitos, muitos passam também por procedimentos estéticos regulares para que se mantenham

agradáveis aos olhares humanos. Enquanto alguns consideram esses procedimentos prejudiciais porque incomodam ou mesmo humilham os animais, outros consideram que se trata de uma forma de valorizá-los (TOMA, 2015; LIMA, 2016).

Cães têm sido selecionados de acordo com sua afeição pelos humanos antes mesmo dos primeiros experimentos de cruzamento intencional. Todo esse longo processo de seleção resultou em cães cuja dependência emocional em relação aos humanos pode causar distúrbios comportamentais, sendo que um dos problemas mais comuns é a dependência excessiva dos seres humanos, como, por exemplo, o comportamento de ansiedade quando são deixados sozinhos (SERPELL, 2003).

Esses animais têm sido criados em locais com menos espaço, menos estímulos para exercícios e pouca ou nenhuma convivência social e convívio com a mesma espécie. Nessas circunstâncias podem surgir vários problemas de comportamento, além de obesidade, ansiedade de diversos tipos, depressão, comportamentos compulsivos, destrutivos e estereotipados, agressividade, micção e defecação em lugares impróprios (SERPELL, 2003; SOARES; TOLEDO; PAIXÃO, 2009). O aspecto de dependência e fragilidade é menos acentuado nos felinos. No livro *Cat Sense*, lançado em 2013 pelo biólogo John Bradshaw, encontra-se a afirmação de que os gatos estão melhor adaptados à vida moderna que os cães. Porém, também sofrem problemas comportamen-

tais, têm sua reprodução controlada e suas condutas predatórias são frequentemente reprimidas e interrompidas.

Portanto, vemos cada vez mais a adequação de animais de estimação ao modo de vida humano e isso implica no comprometimento de suas necessidades espécie-específicos, e em tentativas de amenizar as fronteiras entre espécies. Nenhuma dessas adaptações se parece com a vida que levariam se estivessem “na natureza”, porém cães e gatos domésticos não têm um *habitat* natural para onde possam regressar, pois, após muitos anos de convivência com os humanos, tornaram-se dependentes. Assim, adequar hoje em dia cães e gatos a uma convivência equilibrada com os humanos, manter a natureza desses animais e não os prejudicar, não significa promover uma vida idêntica à que teriam antes da domesticação, vivendo em matilhas, caçando e se reproduzindo livremente. No lugar disso, deve proporcionar-lhes uma vida compatível às suas necessidades tanto de espécie quanto individuais, uma vida sem angústias que podem ser evitáveis.

Conclusão

Fica cada vez mais visível a antropomorfização dos animais tratados como crianças e membros da família, o que inclui atenção, gastos no orçamento familiar e uso dos espaços públicos. Muitas vezes também leva à confusão sobre

as fronteiras entre eles e os humanos. Vemos o crescimento de uma lógica de mercado que difunde a ideia de que animais de estimação seriam parte obrigatória do “kit família feliz”, e para isso eles passam por uma domesticação na qual são adequados aos desejos dos “donos”. Desejos que muitas vezes não levam em consideração os instintos e necessidades desses animais. Vemos no mercado *pet*, por exemplo, a tendência de “humanizar”, “mimar” e “idolatrar” e compará-los com bebês. Atualmente transformados em objetos de desejo e, em alguns casos, comprados ou adotados de forma impulsiva, esses animais são descartados quando começam a causar barulho, bagunça, destruição e gastos excessivos. Esses fatos geram uma contradição no apego, paixão e necessidade de torná-los mais próximos dos seres humanos, o que evidencia a posição subordinada desses animais na hierarquia familiar.

É necessária uma análise mais profunda das interações e da construção de laços com animais que leve em conta os interesses dos sujeitos envolvidos e as dinâmicas próprias das interações interespécificas, pois há uma variação na interação, no tratamento de tutores com seus animais e isso pode depender de múltiplos fatores, um deles é a condição socioeconômica.

Referências

- BRADSHAW, John. **Cat Sense: The Feline Enigma Revealed.** 1st ed. New York: Basic Books, 2003.
- COHEN, Susan P. Can Pets Function as Family Members? **Western Journal of Nursing Research**, v. 24, n. 6 p. 621-638, 2002.
- INSTITUTO DE ESTUDOS AVANÇADOS DA USP. Censo Vizinhança USP. Características domiciliares e socioculturais do Jardim Keralux e da Vila Guaraciaba. São Paulo: Cátedra Olavo Setubal de Arte, Cultura e Ciência, 2021.
- INSTITUTO PET BRASIL. **Censo Pet:** 139,3 milhões de animais de estimação no Brasil. São Paulo: IPB, 2019. Disponível em:<http://institutopetbrasil.com/imprensa/censo-pet-1393-milhoes-de-animal-de-estimacao-no-brasil/>. Acesso em: 25 ago.2020.
- IRVINE, Leslie. **If you tame me:** understanding our connection with animals. Philadelphia: Temple University Press, 2004.
- LIMA, Maria Helena. **Animais de estimação e civilidade:** a sensibilidade de empatia interespécie nas relações com cães e gatos. Tese (Doutorado em Sociologia). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, p. 362, 2016.
- LOIOLA, Rita. Gato: o animal ideal do século XXI. **Revista Veja**, São Paulo, 26 jan. 2014. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/ciencia/gato-o-animal-ideal-do-seculo-xxi/>. Acesso em: 4 set. 2020.

OLIVEIRA, Tiago P. Redefinindo o status jurídico dos animais. **Revista Brasileira de Direito Animal**, v. 2, n. 3, p. 193-208, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/RBDA/article/view/10363/7425>. Acesso em: 18 jul. 2021.

OSÓRIO, Andréa B. Humanidade e não-humanidade: notas sobre um grupo de protetores de gatos de rua. **4º Seminário de Pesquisa, do Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional**, 2011, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro.

SERPELL, JAMES A.; PAUL, E. *Pets and the development of positive Attitudes to animals*. In: SERPELL, A. M. AND J. (ed.). *Animals and human society: changing perspectives*. Taylor & Francis ed., New York: Taylor & Francis e-Library, 2003.

SOARES, Guilherme M.; TELHADO, João; PAIXÃO, Rita L. Construção e validação de um questionário para identificação da Síndrome de Ansiedade de Separação em cães domésticos. **Ciência Rural** [online], v. 39, n. 3, p. 778-784., 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-84782009005000004>. Acesso em: 18 jul. 2021.

TOMA, Renata H. C. Emoção e empatia: os limites do humano e do não humano nas relações entre os homens e seus animais de estimação. **V REA/XIVABANNE**, 2015, Maceió, Alagoas.

WSPA. Pesquisa Radar Pet avalia o perfil e o comportamento dos donos de animais no Brasil. São Paul: WSPA, 2009. Dis.

Reflexões sobre a periferia: uma abordagem histórica e conceitual das relações sociais dentro da saúde e de composições multiespécies

Fagner de Souza Gonçalves

Introdução

Em uma perspectiva territorial, os bairros Jardim Keralux e Vila Guaraciaba (ambos da zona leste de São Paulo), São Remo e Sem Terra (ambos da zona oeste), apresentam questões em comum: a vizinhança com a Universidade de São Paulo (USP) e o fato de se configurarem como bairros periféricos. E em que exatamente difere essa dualidade de uma relação com outras localidades? Trata-se da questão histórica estabelecida na formação de cada um desses bairros, que foram construídos a partir de uma dicotomia que revela o contraste entre espaços “vizinhos”. Isto é, um lugar construído para o desenvolvimento educacional superior, enquanto o outro, não muito diferente das formações periféricas, construído para abrigar aqueles que constroem as instituições de ensino. De modo geral, esses últimos são trabalhadores ligados à classes operária, que só vão utilizar os espaços educacionais décadas mais tarde do trabalho empreendido.

Estas reflexões nos servem para uma breve compreensão do processo de desenvolvimento desses territórios

periféricos, em especial, os que serão tratados aqui, o Jardim Keralux e a Vila Guaraciaba, comunidades localizadas ao lado do *campus* leste da USP, e dois dos territórios pesquisados no censo.

Com este recorte territorial, o presente texto irá elucidar brevemente três aspectos centrais: questões históricas que envolvem a formação do Jardim Keralux, da Vila Guaraciaba e da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EA-CH-USP); implicações na saúde coletiva e/ou única no contexto periférico; e, por fim, será retratada minha percepção como pesquisador de campo na coleta dos dados do censo, a partir das entrevistas realizadas presencialmente com os moradores dos referidos bairros.

A primeira etapa do recenseamento foi composta pela produção de dados quantitativos a partir de três questionários: domicílios, pessoas e animais. O primeiro (domicílios) abordou diversas questões, entre elas, saneamento básico, presença de animais sinantrópicos e/ou domésticos, situação fundiária, acessibilidade à tecnologia e comunicação, infraestrutura, saúde e cultura. O segundo (pessoa) abordou questões de gênero, raça/cor, nacionalidade, naturalidade, tempo de moradia no bairro, religião, saúde, educação, acessibilidade à internet, trabalho/renda e participação em atividades socioculturais. O terceiro questionário (animais) abordou apenas questões referentes à presença de aves e à demografia de cachorros e gatos nos domicílios, levando em consideração,

entre outras coisas, idade, forma de aquisição (onde, como e quando o/a adquiriu), fertilidade e destino dos animais que já estavam no domicílio na data referencial da entrevista.

Contexto histórico: Jardim Keralux e EACH-USP

O Jardim Keralux surgiu a partir de uma extinta indústria de cerâmica, a Keralux S.A, juntamente com a Bann Química Ltda., que atua com variados produtos químicos (Fiocruz, 2015). O curioso é que, segundo os moradores, a Keralux S.A localizava-se onde hoje está a Vila Guaraciaba, e apesar da separação dos distritos desses bairros (Jardim Keralux pertence ao distrito de Ermelino Matarazzo e a Vila Guaraciaba pertence ao distrito de Cangaíba), ambos os territórios partilham histórias semelhantes e proximidade geográfica, ao ponto em que é possível identificar que parte dos moradores entende que estão unificados em um mesmo bairro.

Um dos moradores da Vila Guaraciaba por mim entrevistado, por exemplo, informou que estava no bairro desde seu início, nos anos 1980, e que a ocupação dos territórios se deu pelos próprios trabalhadores das indústrias anteriormente citadas. Salientou que o processo se iniciou através dos funcionários que dormiam e viviam na própria indústria Keralux S.A, que, quando entrou em processo de falência, demitiu em massa seus funcionários. Muitos deles

passaram a ocupar o território, que rapidamente aumentou em densidade populacional.

Até esse ponto, entende-se a ocupação do Jardim Keralux e da Vila Guaraciaba com certa semelhança a de outros bairros periféricos da zona leste de São Paulo, pois esta é uma das sub-regiões que concentrava maior atividade industrial na metrópole. É também umas das mais impactadas, com uma queda de 0,7% do setor industrial entre 2003 e 2016 (SEADE, 2019), deixando terrenos abandonados e suscetíveis a ocupações da população. Entretanto, há dois fatores que, somados, diferenciam a história política, social e ambiental do Jardim Keralux/Vila Guaraciaba a de outros territórios: a contaminação do solo pelas indústrias e a posterior construção da EACH-USP.

De acordo com o *Mapa de Conflitos Envolvendo Injustiça Ambiental e Saúde no Brasil*, elaborado pela Fundação Oswaldo Cruz (2015), apesar da desativação da Keralux S.A datar de 1985, já havia ciência da contaminação do solo, como destacado nas Figuras 27 e 28. Só houve apuração da contaminação em 2001, quando a fábrica industrial Bann Química Ltda. passou a ser investigada após erros de manipulação de seus materiais tóxicos. O acontecimento resultou em contaminação atmosférica, que chamou atenção através da morte de animais presentes no Jardim Keralux e na Vila Guaraciaba.

Figura 26 – Remoção de substâncias químicas no Jardim Keralux, São Paulo, 1997



Fonte: SVMA/DECONT (1997 apud RAMIRES; RIBEIRO, 2011).

A Figura 26 retrata o início das escavações no Jardim Keralux em 1997, que tinha como objetivo a retirada de resíduos tóxicos presentes no solo. Ao fundo, pode-se observar a presença de construções domiciliares, evidenciando a ocupação territorial que estava em curso. Já a Figura 27 retrata a preparação de uma vala com impermeabilizantes, destinada ao depósito dos resíduos tóxicos. Dessa forma, é notório que, mesmo antes do início das fiscalizações, já havia ciência da contaminação e da presença de construções residenciais no local.

Figura 27 – Remoção de substâncias químicas no Jardim Keralux, São Paulo, 1997



Fonte: SVMA/DECONT (1997 apud RAMIRES; RIBEIRO, 2011).

A investigação gerou um aumento na fiscalização da fábrica, que entre 2004 e 2006 foi autuada por diversas vezes pela Cetesb (Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental) e a SVMA/DECONT (Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente de São Paulo/ Coordenação de Licenciamento Ambiental), resultando em diversas multas (MAPA DE CONFLITOS, 2015). Abaixo, a Figura 28 destaca algumas das multas aplicadas no período mencionado:

Figura 28 – Consulta de multas da Empresa Bann Química Ltda na Cetesb

Razão Social	BANN QUÍMICA LTDA					
Nro Auto	Data	Nro Processo	Auto de Infração de Imposição de Penalidade	Valor(ufesp)	Situação	Desde
Logradouro	RUA ARLINDO BÉTTIO , 989					
Bairro	ERMELINO MATARAZZO - CEP 03828-000					
Município	SÃO PAULO					
CNPJ	061.067.930/0001-57					
Cadastro CETESB	100 -24838					
Descrição da Atividade	Reagentes de diagnóstico ou de laboratório; fabricação de					
30002353	12/05/2005	30/00132/05	Advertência		Emitida	12/05/2005
Enquadramento: Artigo (s) 2º combinado com 3º IncisoV do Regulamento da Lei nº 997, de 31 de maio de 1976, aprovado pelo Decreto nº 8468, de 08 de setembro de 1976 e suas alterações.						
Descrição da Infração: Lançar efluentes líquidos provenientes de suas atividades em rede águas pluviais, sem o devido tratamento, tornando ou podendo tornar ultrapassáveis os padrões de qualidade estabelecidos na legislação em vigor.						
Auto de Inspeção: 1043310						
Local da Infração:						
30001007	06/01/2006	30/00050/02	Multa	1200.00	Emitida	06/01/2006
Enquadramento: Artigo (s) 19-A Incisos IV, V e VIII alínea j do Regulamento da Lei nº 997, de 31 de maio de 1976, aprovado pelo Decreto nº 8468, de 08 de setembro de 1976 e suas alterações.						
Descrição da Infração: Lançamento de efluentes líquidos industriais em desacordo com o artigo 19-A, ou seja, Óleos e Graxas = 337 mg/L, Sulfeto = 2,54 mg/L e 52,7 mg/L e Clorofórmio = 2.20 mg/L.						
Auto de Inspeção: 1043347						
Local da Infração:						
30002669	10/05/2006	30/00222/06	Advertência		Emitida	10/05/2006
Enquadramento: Artigo (s) 79 do Regulamento da Lei nº 997, de 31 de maio de 1976, aprovado pelo Decreto nº 8468, de 08 de setembro de 1976 e suas alterações.						
Descrição da Infração: Não ter apresentado à CETESB, a devida comprovação da eficiência do sistema de controle das emissões de poluentes provenientes da operação das autoclaves, utilizadas na produção de MBTcru.						
Auto de Inspeção: 1065638						
Local da Infração:						
30001066	15/05/2006	30/00132/05	Multa	650.00	Emitida	15/05/2006
Enquadramento: Artigo (s) 2º Combinado com 3º Inciso V do Regulamento da Lei nº 997, de 31 de maio de 1976, aprovado pelo Decreto nº 8468, de 08 de setembro de 1976 e suas alterações.						
Descrição da Infração: Lançar efluentes líquidos provenientes de suas atividades em rede de águas pluviais, sem o devido tratamento, tornando ou podendo tornar ultrapassáveis os padrões de qualidade estabelecidos na legislação em vigor.						
Auto de Inspeção: 1065638						
Local da Infração:						

Fonte: Site da Cetesb. Acesso em: 25 jan. 2021.

Ainda de acordo com o *Mapa de Conflitos Envolvendo Injustiça Ambiental e Saúde no Brasil* (2015), nesse mesmo período houve a construção e inauguração da EACH-USP, que se iniciou após a doação do terreno, pelo Governo do Estado de São Paulo. Em 2005, foi criado o Fórum Intersetorial do Jardim Keralux a partir da iniciativa da UBS (Unidade Básica de Saúde) do bairro em parceria com a EACH-USP. A função desse colegiado era de articulação entre o bairro e a universidade na obtenção de informações e resoluções, em vista do surgimento de problemas de saúde da população local e dos estudantes, relacionados à contaminação existente no solo.

No ano seguinte foi divulgado o relatório da situação socioambiental do território, sendo constatada a contaminação tanto na universidade quanto no Jardim Keralux e na Vila Guaraciaba (CPI do processo nº 0032, 2006). A partir desse ponto, a Bann Química Ltda., além das diversas penalidades financeiras, também foi multada por irregularidades no Imposto de Renda. Somados os fatores, a empresa se afundou em dívidas e teve o terreno tomado pelo Banco do Brasil (BB), que com a posse do terreno, também adquiriu responsabilidade ambiental sobre o mesmo, e foi posteriormente multado em 4 milhões de reais pela SVMA por não tomar ações em prol da resolução da problemática (MAPA DE CONFLITOS, 2015). Além da multa, foi determinado que o BB deveria realizar uma análise do território para compreensão mais aprofundada da contaminação.

Nos anos seguintes, mais algumas ações foram tomadas, como a criação de uma nova CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) dos Danos Ambientais; de uma rota de fuga alternativa (pelo *campus* universitário) para a população, visto que, anteriormente, tanto a universidade quanto o Jardim Keralux e a Vila Guaraciaba detinham apenas uma entrada/saída (MAPA DE CONFLITOS, 2015). Em 2011, segundo a Folha de São Paulo, a EACH-USP foi notificada pela direção geral do Parque Ecológico, com a acusação de que materiais contaminados haviam sido depositados nas dependências territoriais do parque.

É importante ressaltar que até esse ponto, desde sua inauguração, o *campus* leste da USP funcionou normalmente, assim como o crescimento populacional e estrutural do Jardim Keralux e da Vila Guaraciaba continuou a acontecer. Isso só mudou em 2013, quando a USP foi autuada pela Cetesb, que solicitou à universidade que tomasse medidas em prol da despoluição do solo (FOLHA DE S. PAULO, 2013). A autuação se tornou pública, fomentando a manifestação e paralisação dos funcionários, alunos e professores, que cobravam ações da instituição.

A USP, então, elaborou um novo relatório sobre a situação de contaminação do solo e, no intuito de descontaminação, instalou tubulações por todo o terreno do *campus* (LUCCHESI, 2015). Em 2014, uma nova CPI foi formada na Câmara dos Vereadores para apuração de todos os acon-

tecimentos envolvendo a contaminação do solo. Por fim, a CPI se encerrou em 2015 com determinações, que em sua maioria, não foram cumpridas até o dado momento. Como, por exemplo, a regularização fundiária dos domicílios, pavimentação das ruas, reabilitação do solo correspondente ao antigo terreno da Bann Química Ltda., entre outros (BRA-SIL, 2015).

Implicações da saúde coletiva e/ou única no contexto periférico

Através do contexto histórico apresentado anteriormente é possível destacar diversas abordagens relacionadas à saúde da população. Entretanto, é necessário romper com a ideia convencionada de população dentro da temática da saúde automaticamente caracterizada como humana. Afinal, todo grupo animal, racional ou não, pode ser considerado uma população a partir de um conjunto de indivíduos da mesma espécie, configurado com diferentes questões de saúde que, vistas do ponto de vista social, nos remetem à saúde coletiva de determinada espécie. Dito isto, a partir das reflexões discutidas até este ponto, entende-se a necessidade e complexidade de abordar a saúde dentro do contexto periférico. Essas questões nortearão a presente discussão, propondo ao leitor mais uma reflexão acerca da temática de composição multiespécie.

Desde a perspectiva da Saúde Única em Periferias (BAQUERO, 2021), o que se tem retratado até aqui é a situação de um coletivo multiespécie marginalizado pelo desasco estatal e a irresponsabilidade industrial que dá mais valor ao lucro que ao bem viver coletivo. Essa marginalização, somada à contaminação atmosférica e do solo, constitui um processo histórico de insalubridade ambiental, expressado na mortalidade de animais domésticos anteriormente relatada, e provavelmente em padrões de mortalidade na população humana. Cabe lembrar que a contaminação do solo foi constatada pela primeira vez em 1997, a ação dos órgãos ambientais só veio quatro anos depois, os crimes ambientais continuam impunes e a discussão da problemática persiste.

Dentro dessa lógica, entendem-se relações intrínsecas às noções de biopolítica, que apesar da amplitude conceitual, abarcam essa reflexão nas relações de poder político em meio às problemáticas ambientais dentro do Jardim Keralux e Vila Guaraciaba. Para tanto, entende-se como biopolítica uma forma de poder onde se externa o “esvaecimento da separação entre o público e o privado, políticas sobre a vida e da vida, a administração de populações, a produção de corpos dóceis e rentáveis, e os dispositivos de marginalização subjacentes às hierarquias” (BAZZICALUPO, 2017; LEMKE, 2011; FOUCAULT, 1995 apud BAQUERO, 2021, n.p.). Portanto, trata-se de dispositivos biopolíticos de marginalização agindo sobre coletivos multiespécies, inseridos

nesse contexto periférico e invisibilizados diante de burocracias sociais e econômicas que instrumentalizam a vida, tal como a caracterização de uma necropolítica (MBEMBE, 2018), onde a soberania econômica consegue o poder político para definir quem morre e quem vive.

Percepções a partir da prática: Censo Pontes e Vivências de Saberes

Apesar da referência mais geral aos territórios de Keralux e Vila Guaraciaba, o recorte de minha percepção será focado nos três setores (divisões do território) em que fui responsável pela coleta dos dados. Embora distintos, esses setores apresentam quatro semelhanças principais em suas características: todos localizados em extremidades da comunidade, englobavam domicílios construídos na encosta da várzea do Rio Tietê, parte de suas ruas não tinha pavimentação e suas ocupações eram recentes.

Baseados nessas semelhanças, podemos identificar diversos fatores que influenciam diretamente na questão de saúde da população que reside nesses setores. Um exemplo dessa constatação pode ser observado na Figura 29, referente a um desses setores citados, onde podemos ver claramente condições degradantes na estrutura das casas, caracterizadas por frágil sustentação (madeiras fincadas no próprio rio), junção de diferentes tipos de madeira nas paredes de cada domicílio e aberturas entre as paredes e os telhados.

Figura 29 – Domicílios do Jardim Keralux construídos na encosta da várzea do Rio Tietê, pós chuva



Fonte: Midiateca do IEA-USP. Foto: Leonor Calasans (2019).

Além do perigo estrutural das casas, os domicílios não possuem qualquer saneamento básico. O lixo produzido, fosse orgânico, reciclável ou decorrente das necessidades fisiológicas humanas, era depositado diretamente no rio. Isso porque não havia sistema de esgoto instalado e o serviço de coleta do lixo não chegava a essa região, sendo necessário que os moradores se deslocassem até o ponto de coleta mais próximo, que se encontrava em outra rua do bairro.

Havia, também, numerosa presença de animais siantrópicos nos domicílios e em seu entorno, tais como ratos, baratas, moscas e mosquitos dos mais diversos tipos,

aranhas, cobras, sapos, entre outros citados através das entrevistas do recenseamento.

Os efeitos da chuva eram outra grande problemática do território. Além do iminente perigo estrutural em decorrência da umidade que penetra as madeiras dos domicílios, com a chuva havia o aumento de nível do rio e o surgimento de mais animais sinantrópicos. Em alguns momentos de chuva, presenciei por diversas vezes o surgimento de determinada espécie de formiga, que empestava as casas e outros espaços de circulação.

Estando os moradores desses setores expostos a diversos aspectos que podiam impactar negativamente em sua saúde, a situação não era diferente com seus animais domésticos, que compunham as famílias multiespécies. A presença de cachorros e gatos era numerosa, a primeira mais do que a segunda (especificamente nos setores citados). Em sua maioria, os animais não estavam castrados e ficavam fora das residências, expostos a diversos riscos, fossem esses infecciosos, climáticos ou de abuso/violência.

O curioso é que através da observação e da aplicação das entrevistas é possível verificar níveis socioeconômicos demasiadamente distintos em um mesmo setor. O setor onde foi registrada a fotografia da Figura 29, por exemplo, apesar de não ter pavimentação em nenhum fragmento, tinha em outro quarteirão a presença de casas bem estruturadas, com questões melhores de saneamento, trabalho e renda.

Referências

BAQUERO, Oswaldo Santos. One Health of Peripheries: Biopolitics, Social Determination, and Field of Praxis. **Frontiers of Public Health**, v.9, p. 1-12, jun.2021.

BRASIL. **Relatório Final da Comissão Parlamentar de Inquérito para Apurar Denúncias de Áreas Contaminadas na Cidade de São Paulo.** Processo RDP Nº 38-2013. Seção 1, São Paulo, SP, ano 60, n. 38, p. 81-84, 27 fev. 2015.

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. **Relatório Final da CPI de Processo Nº 0032/2006.** São Paulo, 19 dez. 2006. Disponível em <http://documentacao.saopaulo.sp.leg.br/iah/fulltext/relatoriocomis/RELFINRDP08-0032-2006.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2021.

CASTRO, Cristina de M.; TAKAHASHI, Fábio. Em área de preservação, USP Leste recebe caminhões de terra suspeita. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 23 out. 2011. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2310201115.htm>. Acesso em: 22 jan. 2021.

MAPA de conflitos envolvendo injustiça ambiental e saúde no Brasil. **SP – Duas empresas deixam grave passivo ambiental na região leste da cidade de São Paulo.** Rio de Janeiro: Neepes/ENSP/Fiocruz, 01 abr. 2015. Disponível em: <http://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/?conflito=sp-duas-empresas-deixam-grave-passivo-ambiental-na-regiao-leste-da-cidade-de-sao-paulo>. Acesso em: 16 set. 2020.

FUNDAÇÃO SEADE. Mapa da Indústria Paulista 2003-2016. São Paulo: SEADE 40 anos, 2019.

LUCCHESI, Gabriela Pereira. USP Leste: Diagnóstico Ambiental e Proposição de Medidas Mitigadoras. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Engenharia Ambiental). Escola de Engenharia de São Carlos, São Carlos, 2015.

“Política da morte”, educação e saúde: o que estão fazendo com nossas vidas?

Minha mãe dormindo na calçada, durante toda a madrugada sentada em uma cadeirinha dobrável de praia, com a cabeça encostada no muro frio de uma escola pública, é uma das lembranças mais marcantes que carrego na vida. Ela dormia ali para garantir que seria uma das primeiras da fila. Já no início da madrugada, as pessoas iam chegando e, pela manhã, a fila não tinha fim. Estavam ali majoritariamente mães, mas também algumas avós, pais, tios e tias, todos com o mesmo objetivo: conseguir matricular suas crianças na escola.

Meus pais valorizam muito a Educação e comprehendem que esta é a ferramenta mais eficaz quando se busca uma transformação social sólida. Eles sempre fizeram tudo o que era necessário para conseguir uma vaga para mim nas melhores escolas públicas que havia na cidade. Por não termos uma estrutura educacional com qualidade minimamente aceitável onde moramos, estudava sempre em outros bairros, já estudei, inclusive, em outra cidade. Quase todo ano eles me transferiam de escola. O esforço e incentivo dos meus pais possibilitou que, no Ensino Médio, eu conseguisse bolsa de estudos em uma instituição de ensino privado muito prestigiada. Atualmente, estou concluindo a graduação de

período integral na Universidade de São Paulo (USP).

Quando fui aprovada no vestibular, um amigo que estudou comigo na 6^a série do Ensino Fundamental me perguntou como eu pagaria a mensalidade da faculdade. “A USP deve ser maior grana, né?”, ele comentou. Expliquei que a USP é uma universidade pública, os alunos não pagam mensalidade e quem “banca” a maioria das despesas dessa autarquia é o governo do Estado de São Paulo, com dinheiro arrecadado de impostos. Havia um abismo social ali. Uma pessoa que na infância frequentou a mesma escola que eu, sentou nas mesmas cadeiras, teve as mesmas aulas, não sabia que a maior universidade do país é financiada com recursos públicos.

Nesse momento, me questionei sobre as nossas vidas e quais oportunidades nos foram ofertadas. Frequentar a mesma escola não foi um fator decisivo para o encaminhamento de nossa educação. O acesso à educação não se trata apenas de esforços e méritos pessoais, é evidente que ao desconhecer uma possibilidade, esta simplesmente não existe. Por que o meu colega de classe, que viveu no mesmo bairro e tem a mesma condição socioeconômica que eu, tem menos oportunidades? O que cria essa diferença? Qual é o fator que impõe limitações?

Darcy Ribeiro, famoso antropólogo brasileiro, disse assertivamente em 1977, na 29^a Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), que “[...]

a crise educacional do Brasil, da qual tanto se fala, não é uma crise, é um programa. Um programa em curso, cujos frutos, amanhã, falarão por si mesmos”, reconhecendo que a precariedade da Educação não ocorre neste país por um mero acaso, ou como consequência de crises econômicas ou estruturais. A Educação brasileira, bem como outros serviços essenciais, como a Saúde, faz parte da estratégia de um plano de governabilidade já definido. As estratégias governamentais não se propõem à inclusão daqueles indivíduos que são, por diversas razões, menos favorecidos, e compõem a parcela da sociedade mais marginalizada, muitas vezes sem acesso a condições de vida dignas. Em outras palavras, o Estado se ocupa apenas de ações que amenizam consequências de problemas estruturais (como adoção de alguns programas sociais), porém raramente trabalha em prol da resolução desses problemas (adotando medidas, por exemplo, em favor da distribuição de renda e terra).

Há nitidamente um desinteresse, por parte do Estado e de alguns estratos da sociedade, pelo desenvolvimento e implementação de políticas públicas que corrijam iniquidades sociais, muitas vezes de origem histórica. O poder público, em suas diferentes esferas, define políticas que orientam ações com base em suas prioridades, sendo a ausência de ações uma escolha. Conclui-se, assim, que os principais problemas estruturais responsáveis por gerar e perpetuar profundas iniquidades sociais não são prioridade do Es-

tado. Quando um governo escolhe não agir, mantendo-se omissos em relação a situações que condenam parte da população a condições de vida desfavoráveis, submetendo-a a um contexto de intrínseca desvantagem social, que favorece inclusive a ocorrência de mais mortes, em comparação a outros estratos sociais, este governo está praticando a chamada “necropolítica” (MBEMBE, 2018), que literalmente significa “política da morte”.

O termo “necropolítica” foi cunhado pelo filósofo Achille Mbembe (2018), que entende as políticas da morte como uma macroestrutura presente em países colonizados, como o Brasil. Essa macroestrutura tem seu funcionamento garantido através da soberania do Estado, que ao escolher ignorar ou perpetuar diversos problemas sociais, acaba por gerenciar a morte de uma parcela da população.

Um dos principais problemas brasileiros é a desigualdade social. O Brasil está entre os dez países mais desiguais do mundo, de acordo com o Índice de Gini²⁹. Isso

29. “O Índice de Gini, criado pelo matemático italiano Conrado Gini, é um instrumento para medir o grau de concentração de renda em determinado grupo. Ele aponta a diferença entre os rendimentos dos mais pobres e dos mais ricos. Numericamente, varia de zero a um (alguns apresentam de zero a cem). O valor zero representa a situação de igualdade, ou seja, todos têm a mesma renda. O valor um (ou cem) está no extremo oposto, isto é, uma só pessoa detém toda a riqueza. Na prática, o Índice de Gini costuma comparar os 20% mais pobres com os 20% mais ricos. No Relatório de Desenvolvimento Humano 2004, elaborado pelo PNUD, o Brasil aparece com Índice de 0,591, quase no final da lista de 127 países, sendo um dos países mais desiguais do mundo”. (WOLFEN-

significa que há elevada concentração de renda no país, ou seja, é absurdamente alta a diferença entre a renda da parcela da população mais rica em comparação à renda da parcela mais pobre. Ao não adotar medidas que potencialmente podem reduzir essa iniquidade tão expressiva, o Estado brasileiro contribui para a perpetuação de contextos socioeconômicos que funcionam como promotores de condições precárias de vida. Exemplo disso é a existência de uma parcela da população que não tem acesso a alimentação e moradias adequadas, habitando locais de estrutura sanitária inexistente ou muito precária, facilitadora da propagação de diversas doenças.

Dengue, leishmaniose visceral ou calazar, doença do sono, doença de Chagas e malária são exemplos de doenças que ocorrem no Brasil, acometendo principalmente a população mais desfavorecida. Todas essas doenças são classificadas como “negligenciadas” pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Doenças negligenciadas são aquelas que, além de prevalecerem em indivíduos que vivem em condição de pobreza, prejudicam o desenvolvimento dos países. Há atualmente no Brasil diversas instituições desenvolvendo importantes pesquisas na área de doenças negligenciadas, porém há pouco investimento do setor privado no combate a essas doenças, e o conhecimento produzido por instituições de pesquisa não gera avanços que se traduzam em impac-

BÜTTEL, 2004, não paginado)

tos diretos para a vida da população, como a produção de novos tratamentos ou vacinas. Desse modo, o Estado exerce mais uma forma de necropolítica, negligenciando a saúde da população mais vulnerável ao não garantir a melhoria de sua condição de vida e não criar instrumentos de combate a doenças que prevalecem no contexto de pobreza.

Infelizmente, o desmonte da saúde vai muito além. Somados aos prejuízos diretos, há ações que prejudicam indiretamente a saúde da população e comumente estão relacionadas àquelas que de alguma forma ocasionam dano ou transtorno ao meio ambiente e aos animais não humanos. Os valores morais da sociedade ainda são antropocêntricos, ou seja, atribui-se ao ser humano a posição central em relação a todo o universo, como se tudo ocorresse em função da humanidade, e como se a humanidade tivesse poder e direito natural sobre todas as coisas, sendo, literalmente, superior a tudo. A lente antropocêntrica prejudica o entendimento de que o ser humano não é o elemento mais relevante da biosfera, mas apenas uma das muitas outras partes constitutivas do conjunto de ecossistemas. Além de ser eticamente necessário o respeito ao meio ambiente e animais que compartilham com a humanidade o mesmo espaço e seus recursos, deve-se atentar para o fato de que, todas as vezes que há injúrias cometidas contra eles, o ser humano, de alguma forma, também é prejudicado. O ramo da saúde que estuda e orienta suas ações considerando as relações indissociáveis

entre estes três elementos do ecossistema (meio ambiente, animais e seres humanos) é chamado Saúde Única.

A Saúde Única é uma abordagem integrativa que reconhece as relações entre meio ambiente, saúde animal e saúde humana como inseparáveis. Considera-se, assim, que os animais fazem parte da vida dos seres humanos, seja compondo famílias ou comunidades multiespécies, como cães e gatos (geralmente chamados “animais de companhia”), seja em situações conflituosas como acontece com os ratos (geralmente chamados “animais sinantrópicos”). Esses últimos, como o termo “sinantrópico” indica, têm sua presença relacionada com a intervenção humana no meio ambiente, pois encontram fatores que favorecem sua proliferação, sendo atraídos para perto dos humanos. Deve-se lembrar sempre que essa convivência próxima entre seres humanos e animais possibilita a troca de agentes infecciosos entre as espécies, e tem consequências para a Saúde Única. A convivência harmoniosa de seres humanos, tanto com animais de companhia como com a fauna sinantrópica, é promovida através da Educação em Saúde, que permite a troca e construção de saberes plurais sobre diversos temas relevantes na Saúde Única, como adequação da intervenção humana no meio ambiente, manejo de animais, higiene pessoal e de alimentos. A Educação em Saúde é uma ferramenta muito efetiva para o controle de diversas doenças.

Há variadas formas de se promover boas práticas em saúde através da educação da população. O acesso à informação é assim fundamental para a vida de qualquer indivíduo. Tive a oportunidade de trabalhar em ações de extensão universitária promovidas pela rede “Saúde Única em Periferias” (SUP) e, muito mais do que ensinar, aprendi coisas valiosas. Uma das atividades da SUP é exercida por um grupo de estudantes de graduação e pós-graduação de diversas áreas que, coordenados pelo Prof.^o Dr. Oswaldo Baquero, da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da USP, desenvolvem oficinas para crianças e adolescentes alunos do Circo Escola da São Remo. Essas oficinas são lúdicas, envolvem muitas brincadeiras, e durante as atividades os alunos refletem, aprendem e nos ensinam sobre os temas abordados, como doenças transmitidas por alimentos e por animais, mordeduras e arranhaduras de cães e gatos, bem-estar animal e cuidado do meio ambiente. Durante os seis meses em que participei da organização e condução de oficinas, tive contato mais próximo com os alunos e pude perceber grandes mudanças. As crianças ganharam consciência de assuntos relevantes para sua rotina. As informações começaram a fazer sentido em seu cotidiano, tendo poder transformador, mesmo que limitado. Na minha opinião, isto facilitou a adoção de práticas de autocuidado e cuidado coletivo, algumas das quais eram previamente conhecidas, mas desvalorizadas.

Criei vínculos com os alunos, cheguei a sentir saudade quando, por algum motivo, não pude estar presente. participei de ensaios da bateria, assisti a ensaios das artes circenses e fiquei deslumbrada com a apresentação de encerramento do ano. Que coisa maravilhosa! Os alunos me emocionaram muito. A troca de conhecimentos, sentimentos e vivências promovida pela SUP é real. Sou eternamente grata por ter trabalhado a Educação em Saúde de uma forma tão humana e com tanta reciprocidade entre todos os envolvidos.

Não existe Saúde sem Educação. Além disso, a educação é também elemento fundamental para a superação de condições sociais limitantes, às quais, infelizmente, uma parcela da população está submetida.

O acesso de indivíduos periféricos e pobres a espaços como a universidade pública e outros órgãos estatais é fundamental para enfraquecer a “política da morte”, criando novas estratégias de governabilidade que incluem ações favoráveis à população mais vulnerável. Há um potencial de que esses indivíduos, através do desenvolvimento de pesquisas, projetos de extensão e ações políticas, criem iniciativas que supram interesses de sua classe social de origem, pois compreendem mais profundamente suas necessidades. A integração real entre a comunidade acadêmica, trabalhadores da esfera pública e comunidade civil deve ser constante. O instrumento público deve funcionar em favor do interesse do povo.

Cabe a nós, seja como acadêmicos ou população civil, assumir uma postura de participação ativa perante os mecanismos estatais. A “política da morte”, que custou a vida de tantos antepassados do povo periférico, não deve prevalecer. Nesse contexto, somente a disputa política salvará nossas vidas. Atualmente, existem diferentes formas para controle social do Estado e uma delas consiste na participação dos cidadãos na gestão pública, fiscalizando, monitorando e controlando suas ações.

Enquanto filha de mãe que dormiu na calçada da escola e trabalhadora da área da saúde, tenho consciência do poder transformador da Educação, tanto para um contexto de vida pessoal quanto para a modificação de estruturas da sociedade. Educar a população é urgente. Além da promoção de mudanças atitudinais positivas, a educação promove a transformação da ótica antropocêntrica, com consequente valorização do meio ambiente e dos animais, que passam a ser elementos de importância comparável à vida humana no julgamento individual e coletivo.

É indispensável que as condições geradoras de iniquidades sejam resolvidas, só assim muitos de nossos maiores problemas deixarão de existir. Reitero, por fim, que a Educação é o meio que torna possível e praticável a dignidade, tanto para vidas humanas como não humanas.

Referências

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018. Disponível em: <https://www.procomum.org/wp-content/uploads/2019/04/necropolitica.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2021.

RIBEIRO, Darcy. A crise na educação brasileira não é uma crise, é um projeto. **29ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência** (SBPC), São Paulo, 1977. WOLFFENBÜTTEL, Andréa. O que é? - Índice de Gini. **Revista Desafios do Desenvolvimento** -IPEA, ano 1, edição 4, n.p., 2004.

A relação entre humano e cão é mais do que uma amizade

Nayara Klinger Castilho dos Santos

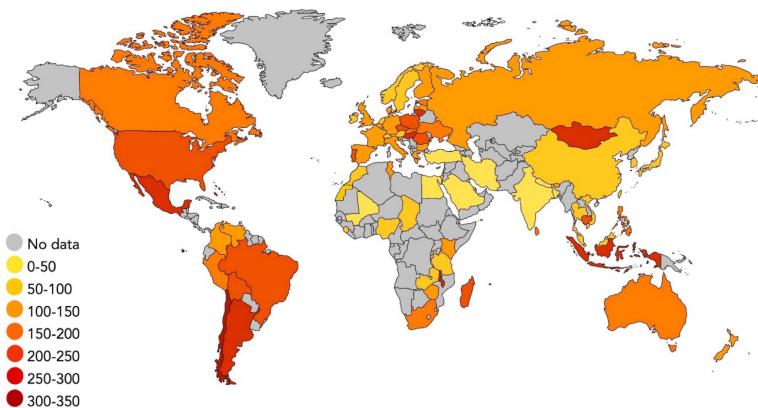
“O cão é o melhor amigo do homem”. Uma frase que todo mundo ouviu e tende a concordar. Existem inúmeros filmes, livros e histórias de uma bela amizade entre um cão e o seu dono, sempre retratando sobre o quanto esses animais são fiéis e companheiros, trazendo um final emocionante que mexe com o coração de todo mundo. Eles estão conosco desde antes da invenção da escrita; arqueólogos encontraram a sepultura Natufiana datada de pelo menos 12.000 a.C., onde um velho foi enterrado junto a um filhote de cachorro, evidenciando a domesticação do animal (Mark, 2019)

Esses animais tão queridos se tornam os melhores amigos de bebês, crianças, adolescentes, adultos e idosos, sem distinção de faixa etária. São fiéis a negros, brancos, indígenas, amarelos, e a qualquer outra etnia. Amam dos mais ricos aos mais pobres da mesma maneira. Por isso, se tornam muito especiais e presentes nas casas.

Além disso, não é incomum ao andar pelas cidades notar pessoas em situação de rua acompanhadas de seus amigos caninos. Muitas vezes, estão com placas e pedem ajuda financeira para alimentar os cachorros. Assim, percebe-se que mesmo quando não se tem muito a oferecer, os cães continuam sendo fiéis, configurando uma parte da vida da pessoa.

Segundo uma questão incluída na Pesquisa Nacional de Saúde, parte de um levantamento realizado IBGE em 2013, de cada 100 famílias no país, 44 criam cachorros, enquanto só 36 têm crianças.. Essa pesquisa mostrou a existência de 52 milhões de cães, superando 45 milhões de crianças de até 14 anos. Tal característica não é exclusiva do Brasil; em países como os Estados Unidos e Japão a situação é semelhante (Mapa 2). Esse elevado número de *pets* pode ser resultado de um processo demográfico, no qual muitas pessoas optam por não ter filhos humanos, e sim, cães.

Mapa 1 – Países do mundo com a frequência de cães por 1.000 pessoas. As tonalidades mais escuras representam países com maior número de cães per capita. O sombreamento cinza indica países para os quais os dados não estavam disponíveis

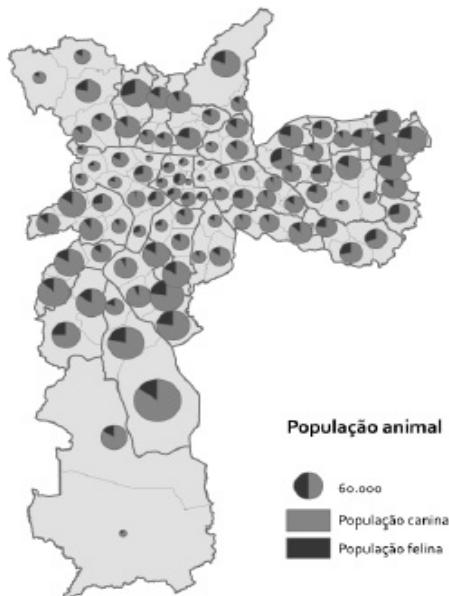


Fonte: Naomi Sykes *et al.* (2020).

Tal fato não poderia ser diferente nas comunidades periféricas. Além dos muitos animais como cachorros, gatos, galos, encontrados “sem dono” nas ruas (muitas vezes cuidados por alguém ou comunitariamente), no censo do DASP, a quantidade de domicílios com a presença de *pets* foi numerosa. Dentre eles, posso citar cães, gatos (os mais tradicionais), e também pássaros (papagaios falantes, piriuitos e cheguei a conhecer até um corvo!), porquinhos-da-Índia, hamsters, entre outras espécies não humanas.

Segundo a pesquisa *Caracterização demográfica das populações de cães e gatos supervisionados do município de São Paulo* (Canatto *et al.*, 2012), existe uma relação positiva entre o total de humanos e o total de cães e gatos nos distritos administrativos. De forma geral, as maiores populações animais, em termos absolutos, estão localizadas na periferia da cidade, seguindo o padrão de distribuição de humanos (Mapa 2).

Mapa 2 – Participação relativa de cães e gatos na composição da população animal domiciliada nos distritos administrativos no município de São Paulo



Fonte: Bianca Canatto *et al.* (2012)

Várias entrevistas no território da São Remo foram marcantes para mim por motivos distintos: identificação com a história, carinho do entrevistado para comigo, relatos tristes, presença de crianças, oferta de um pedaço de bolo, a conversa que aconteceu posteriormente... Mas hoje venho contar sobre uma entrevista feita na casa de uma senhora que morava apenas com um cachorrinho.

Era uma moradia provisória enquanto sua casa (bem ao lado de onde estava morando no momento) esta-

va em reformas. A casa oficial era grande e espaçosa; já a provisória era pequena. Ao me apresentar e explicar sobre o censo, tal senhora me chamou para entrar, e prontamente aceitei o convite. Percebi logo a presença do cachorro, um vira lata de porte pequeno, de pelagem mesclada, que era muito querido e tratado de maneira diferente e especial do esperado para um *pet*.

Vestido de uma roupinha costurada por sua dona, o cão tinha personalidade forte. Não tirou os olhos de mim durante toda a aplicação do questionário. Nitidamente sentia ciúmes da senhora entrevistada, pois toda vez em que perguntava algo a ela, ele começava a latir; e era brevemente reprimido pela senhora. E até a forma com que ela brigava com ele era carinhosa: o puxava para perto do corpo, fazia “shhhh” e começava a passar a mão em sua cabeça, tentando acalmá-lo.

Ao longo da entrevista, confesso que fui reparando mais na relação desses dois do que nas respostas. E a cada pergunta, ia conhecendo sobre esse cãozinho. Com certeza a informação que mais me surpreendeu e chamou atenção foi que o amigo canino possuía uma mesa e cadeira para se alimentar! Isso mesmo, sua dona arquitetou uma mesinha e um banquinho de tamanhos compatíveis com o porte do animal, onde servia seu pote com ração e ele comia com classe.

Depois disso, pude confirmar o que já suspeitava: o cachorro não era apenas um animal de estimação, era na verdade como um ente querido, uma companhia mais que especial com quem ela conversava, dividia momentos e cuidava como se fosse seu filho. E também era nítido o orgulho que ela possuía desse “filho”, porque falava dele e de como se comportava bem, de como era diferente dos outros cães, com muito brilho nos olhos e muito sentimento.

Essa e outras histórias que vi durante as entrevistas realizadas durante o censo, além das que meus amigos e colegas de trabalho me contavam, serviram para confirmar algo que os dados já demonstravam: a existência de famílias multiespécies. Humanos são capazes de amar e cuidar de animais como se fossem entes de sua família, porque acabam se tornando mesmo. E os *pets* são capazes de retribuir esse amor com enorme gratidão e fidelidade aos seus donos, ou melhor, familiares.

Referências

- MARK, Joshua J. Cães no Mundo Antigo. **Enciclopédia da História Mundial**, jan. 2019. Disponível em: <https://www.ancient.eu/article/184/>. Acesso em: 19 mar. 2021.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional de Saúde 2013**. [Internet]. Rio de Janeiro: IBGE, 2013. Disponível em: <http://www.ibge.gov>.

br/home/estatistica/populacao/pns/2013/. Acesso em: 19 mar. 2021.

SYKES, Naomi *et al.* Humanity's Best Friend: A Dog-Centric Approach to Addressing Global Challenges. **Animals**, v. 10, n. 3, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/ani10030502>. Acesso em: 19 mar. 2021.

CANATTO, Bianca D. *et al.* Caracterização demográfica das populações de cães e gatos supervisionados do município de São Paulo. **Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia**, v. 64, n. 6, p. 1515-1523, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-09352012000600017&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 19 mar. 2021.

O caráter multiespécie e multidimensional das noções de bem viver latino-americanas

Gabriel Castro Siqueira Júnior

Bruno Simões Gonçalves

Alessandro de Oliveira dos Santos

As culturas como sistemas de interpretação de mundo possuem modos próprios e diferentes de valorar as relações dos seres humanos com outros seres e o ambiente. Ao longo da história, o encontro entre culturas quase nunca se deu em termos de igualdade e reciprocidade. Mas, por meio da subjugação, com uma cultura tentando impor sobre a(s) outra(s) seus modos de valorar enquanto princípios de lógica, estética, ética e espiritualidade, produzindo hierarquias e transformando as diferenças em desigualdades.

Por conseguinte, refletir sobre a noção de saúde única como paradigma de interdependência entre a saúde humana, animal e ambiental (BAQUERO, 2021) implica também em se debruçar sobre as estruturas de poder que configuram e modulam as relações dos seres humanos com outros seres e o ambiente. Tais relações são sempre culturais e políticas, evidenciando que qualquer conhecimento produzido acerca das mesmas deve ser tomado como contextual (SOUZA SANTOS, 2008).

Com isso queremos dizer que não são todas as cul-

turas que detém privilégio epistêmico e força política para definir o que é a verdade, a saúde e o que pode ser considerado adequado em termos de convivência do ser humano com os outros seres e o ambiente. A hegemonia de um sistema de interpretação de mundo é o resultado direto da subjugação de outros sistemas de interpretação e quase sempre envolve genocídio e epistemicídio (GROSFOGUEL, 2016).

Para impor seu sistema de interpretação de mundo baseado na exploração de forças produtivas fora do seu território, os colonizadores europeus forjaram a ideia de que sua cultura era superior a todas as outras. Tal hierarquização fundada no colonialismo inaugura a modernidade enquanto novo padrão mundial de poder que se alimenta e se perpetua através da violência frente a povos de África e das Américas, sobre os quais são adjudicados os termos negros e indígenas. A outra face da modernidade é, portanto, o colonialismo, e a conjugação de ambos produz o sistema de interpretação de mundo moderno colonial capitalista que configura atualmente as relações do ser humano com os outros seres e o ambiente no planeta terra.

Destarte, outros modos de conceber as relações do ser humano com os demais seres e o ambiente coexistem até hoje indicando que ainda há um campo de lutas entre forças das utopias desejáveis e das realidades possíveis. Tais modos podem ser lócus de coesão interna e solidariedade de grupos e fornecer um impulso em direção à superação do sistema

de interpretação de mundo moderno colonial capitalista, visto que se organizam e operam nos interstícios deste sistema e permitem que as hierarquias não sejam silenciadas e ocultadas, mas visibilizadas e enfrentadas (WALSH, 2005).

Na América Latina os modos das populações autóctones de conceber as relações do ser humano com os demais seres e o ambiente preservam cosmovisões distintas que continuam a ser transmitidas pelas novas gerações. Tais cosmovisões têm sido incorporadas nas discussões atuais sobre as noções de bem viver.

Em linhas gerais, as noções de bem viver latino-americana formam um conjunto heterogêneo de ideias, em construção, que apresentam em comum propostas de bem-estar coletivo, envolvendo relações comunitárias com um território em direção ao equilíbrio entre todos os seres, ou seja, a boa convivência multiespécie (SIQUEIRA, 2020). Tais cosmovisões compreendem noções de ser ditas humanas e não humanas, ou seja, a noção de ser, diferentemente da tradição ocidental, envolve também elementos do território e todos os seres que nele se encontram.

Apesar da imensa diversidade e heterogeneidade de povos indígenas no continente, é possível indicar pontos comuns de encontro e convergência entre muitos povos. Este texto não tem a pretensão de discorrer sobre a imensa variedade de povos, mas de apresentar um panorama capaz de indicar possíveis caminhos de articulação com o tema da

convivência multiespécie e as noções decoloniais de bem-estar e saúde. Para esta breve discussão abordaremos modos de viver de algumas comunidades andinas e amazônicas, notadamente Aimaras, Quéchuas, Tupis e Guaranis.

Ora, o paradigma ocidental de saúde não encontra correspondente nessas cosmovisões (HERMIDA; 2011, MELIÁ, 2015; ROZAS, 2015; FIGUEIREDO, 2017; SOUSA, 2018; MOREL, 2019), logo, os debates sobre bem viver, situados no encontro entre culturas, apresentam abordagens para tratar o tema de forma intercultural, ou seja, considerando as especificidades de cada comunidade, suas necessidades e suas formas de agir no âmbito do que pode ser considerado saúde nas línguas indo-europeias.

As noções de bem viver inspiradas em cosmovisões diversas transcendem a visão limitada da saúde que separa corpo e alma. Por exemplo, a abordagem da atual Constituição do Equador (2008) aplica um conceito holístico de saúde para indivíduos, grupos e sociedade, combinando corpo, alma, espiritualidade e território, visando a promoção integral da saúde (HERMIDA, 2011).

No Brasil, Flaviana Sousa (2018) aponta que embora não haja objeto comum entre as perspectivas de saúde ocidental e Guarani Mbya, existem pontos de articulação entre esses mundos, por exemplo: alimentação, corporeidade, práticas de prevenção e cura, religião, a força da palavra, a relação com os remédios da mata e da natureza, o respeito

à tradição e ao conhecimento ocidental sobre saúde. Também em relação aos Guarani Mbya, Grégori Turra (2018) relata que embora não haja uma palavra que designe saúde em Guarani, as práticas voltadas para a produção da saúde e do contentamento no cotidiano também estão relacionadas com a realização do *teko porã* (vida boa em guarani), ou seja, de um bem viver que abrange todas as dimensões do ser e a sua convivência com os demais seres. Segundo o autor, entre os Guarani Mbya estar alegre ou triste, por períodos prolongados, se assemelha a um entendimento de estado de saúde (TURRA, 2018).

Portanto, faz-se necessário operacionalizar práticas de promoção e cuidado em saúde que considerem a pessoa em sua relação com determinada coletividade de seres diversos e um território (SIQUEIRA; SANTOS, 2018). As noções de bem viver para além de serem multiespécies também são multidimensionais, elas abrangem intrinsecamente noções de espiritualidade e religiosidade próprias de cada povo. Como apontado por Oswaldo Baquero, Mario Fernández e Myriam Aguilar (2021), noções de bem viver refletem abordagens holísticas de cuidado, na expressão de saberes milenares exercidos por “totalidades plurais”, de acordo com especificidades de cada comunidade.

Baseado em experiências com povos Tupi, no Brasil, Tânia Stolze Lima (1996) e Eduardo Viveiros de Castro (1996) estabeleceram as bases da teoria do perspectivismo

ameríndio, “as idéias, presentes nas cosmologias amazônicas, a respeito do modo como humanos, animais e espíritos vêm-se a si mesmos e aos outros seres do mundo” (VIVEIROS DE CASTRO, 1996, p. 115). A teoria apresenta uma visão de mundo em que o universo é povoad de intencionalidades, pessoas humanas e não humanas, que possuem perspectivas próprias: plantas, rios, meteoros, humanos e animais, todos considerados seres vivos com espíritos. Destacamos na pesquisa de Lima (1996, p.23) o relato de um membro de uma comunidade Tupi explicando como a caça dos porcos é, de certa forma, autorizada por um líder da comunidade de porcos, o “porco-xamã”, incluindo nessa autorização o local e o dia que a caça pode acontecer. Ou seja, mesmo nos tensionamentos entre espécies há respeito em relação ao tempo, ao espaço e aos modos de conviver. É nesse sentido que podemos afirmar haver uma boa convivência multiespécie.

Em estudo sobre o bem viver, feito em colaboração com a comunidade Mbya Guarani Tekoa Jata’ity, no Sul do Brasil, Turra (2018, p. 53, grifos no original) relata que as lógicas Guarani não atribuem o estatuto de objeto ao que o pensamento ocidental toma por “natureza”, de modo que vegetais, minerais, animais, espíritos e divindades recebem o estatuto de sujeitos em contínua interação:

Os animais, por sua vez, não passam despercebidos. Há alguns que são criados para

consumo próprio, como o uru (galinha) – solta ou em pequenos galinheiros rústicos – e o ype (pato); assim como há os que são domesticados, como os jagua (cachorro), que sempre estão às voltas atrás de alguma migalha – e sempre oferecendo “proteção” –, e os que dificilmente se verá fora de uma aldeia guarani, como os nativos – nem tão domesticados assim: urvu (urubu), xi'y (quati), anguja yapo (ratão do banhado) e karaja (bugio). Desse último, não raro se ouve o ronco estridente vindo do fundo das brenhas, manifestação que entrega o quão próximas estão suas aldeias. Mesmo assim, não podem ser comidos, pois foram gente há pouco tempo. Ele e outros silvestres acompanham as famílias mbya por tempo determinado, comumente até cumprirem as suas designações espirituais junto às mesmas. Voltam, seguido disso, por si próprios para a floresta, onde reencontrarão seus parentes.

Bartolomeu Meliá (2015) afirma que para os povos Guarani, e outros povos da família Tupi-Guarani, com os quais conviveu longamente, o *teko porã* é uma noção que

atravessa toda a experiência de vida. Ela representa muito mais que uma filosofia, visto que os Guarani incorporam o sagrado na compreensão da existência em uma visão de que todos formam parte de um organismo vivo, uma consciência viva que combina constantemente o passado e o futuro.

De acordo com Graciela Chamorro (2011, p. 03) “mais que simplesmente viver bem, bem viver trata-se, fundamentalmente, de conviver bem, viver bem em comunidade”. Segundo a autora, a metáfora do bem viver e seus reflexos estão relacionados às noções acadêmicas de interculturalidade e descolonização. Trata-se de uma “descolonização dos saberes, da natureza e, também, de colonizados e colonizadores” (CHAMORRO, 2011, p. 04). A autora afirma que para as comunidades Guarani o divino está presente na natureza, nas plantas, nas pedras e em todos os seres vivos, ela tem alma, vida própria e estabelece relação com seus seres protetores. Portanto, as noções de bem viver presentes entre os povos Guaranis apresentam aspectos intrínsecos de boa convivência entre todos os seres, reconhecendo e ritualizando a interdependência entre eles (CHAMORRO, 2011, p. 10).

Na Bolívia, o conjunto de debates em torno do termo *buen vivir* ou *vivir bien* remetem diretamente aos termos *Suma Qamaña*, advindo da língua aymara. O termo *Suma* se traduz como o adjetivo “bom”. Já a palavra *qamaña* remete a habitar, mas que ganha sentido de se relacionar com os demais seres que expressam a vida. Xavier Albó (2011), se-

guindo essa significação, traduz *Suma Qamaña* como “Conviver Bem”. Importante lembrar que há também o termo na língua quéchua *Sumak Kawsay*, em que *sumak* significa “bom” ou “boa”, e *kawsay* é traduzido como “vida”.

Trata-se, portanto, de um modo específico de existência e convivência guiado por uma noção de uma “boa vida”. Em ambas as acepções temos a proposição de uma ontologia na qual a relação entre os humanos e demais seres com vida em uma “comunidade cósmica” (YAMPARA, 2014) é base para uma ética e uma racionalidade. O *Suma Qamaña* também se apresenta como uma nova imaginação política, já que se desenvolve como proposta de levar a toda Bolívia a forma de vida das comunidades Aymara em que, segundo os defensores de *Suma Qamaña*, opera o respeito para com a natureza (*Pachamama*), uma cultura igualitária entre os seres humanos, o tensionamento equilibrado e o respeito entre todos os seres, e a complementariedade entre as forças naturais (CHOQUEHUANCA, 2010)

Além do termo *Suma Qamaña*, há outros termos de significação central para a compreensão do bem viver desde o universo andino. A palavra *Pacha*, de forma geral, pode ser compreendida como espaço (matéria) e tempo (espírito), enquanto conceito gerador da vida no espaço-tempo em constante mudança. De acordo com Silvia Cusicanqui (2011, p. 171), “*Pacha es un concepto dual: pä (dos), cha (fuerza). En esta dualidad reside su dinamismo y su capa-*

ciudad de transformación y regeneración". A partir da matriz semântico-filosófica andina de *Pacha*, há outros dois termos essenciais para compreensão do bem viver: os dois termos complementares *Pachamama* e *Pachakama*, como explicam Bruna Huertas-Fuscaldo e Vivian Urquidi (2015, p 81):

A *PachaKama* ou *Pachatata* é a força cósmica, que vem do céu. Já a *Pachamama* é a força telúrica, que vem da terra. As duas convergem no processo da vida, gerando as diferentes formas de existência – cada qual uma ponte, uma síntese destas duas energias – que se relacionam através do *Ayni*, o princípio de complementaridade (...). Dentro da filosofia aymara, estas diferentes formas de existência, todas elas, orgânicas e inorgânicas, são possuidoras de vida. A vida, por sua vez, corresponde a uma totalidade do visível – existências compreendidas no âmbito das forças telúricas, a *Pachamama* – e do invisível – aquelas que se referem ao âmbito da energia cósmica, a *Pachakama*.

A *Pachamama* tem sido associada à ideia ocidental de natureza. O processo de tradução e recriação de termos

é uma constante no encontro entre sociedades colonizadas e sociedades dos povos originários, pois, as noções de bem viver não clamam por uma volta a um passado idealizado, e sim por condições de equilíbrio nos tensionamentos entre todos os seres. Desse modo, articulando distintos conceitos e concepções próprios ao mundo andino com a historicidade contida na luta anticolonial, uma concepção de bem viver vem sendo construída na Bolívia. Ela é um legado em que está presente de maneira central a memória da luta dos povos andinos e sua cosmovisão de mundo.

No Equador, dentre os acontecimentos políticos e sociais envolvendo noções de bem viver, a natureza (*Pacha-mama*) foi reconhecida como sujeito de direitos (respeito, preservação e restauração), sendo mencionada na Constituição política como *Pachamama* (EQUADOR, 2008), especificamente nos artigos 71 a 74. Por exemplo, no artigo 71 afirma-se que:

La Naturaleza o Pacha Mama, donde se reproduce y realiza la vida tiene derecho a que se respete integralmente su existencia y el mantenimiento y regeneración de sus ciclos vitales, estructura, funciones y procesos evolutivos. Toda persona, comunidad, pueblo, o nacionalidad podrá exigir a la autoridad pública el cumplimiento de

los derechos de la Naturaleza. Para aplicar e interpretar estos derechos se observarán los principios establecidos en la Constitución, en lo que proceda. (Artigo 71, EQUADOR, 2008)

Boaventura de Sousa Santos (2016, p. 40) argumenta que tal fato gerou uma entidade intercultural ao associar noções oriundas de cosmovisões indígenas com a ideia de direitos humanos, unindo “humanidade e natureza”, uma inovação para lutar contra a profunda crise ecológica de nossos tempos e agregada à crítica ao caráter capitalista da ciência ocidental moderna.

O fato dos textos constitucionais do Equador e da Bolívia terem incluído noções de bem viver (*buen vivir, suma qamaña, sumak kawsay*) e de plurinacionalidade do Estado não significa que tais sociedades tenham alterado os padrões de acumulação capitalista, nem tenham transformado as relações de poder que as atravessam. Significa que foi posicionado um discurso que deve ser sustentado a partir das práxis dos movimentos indígenas, num contexto político amplamente dominado pelo capital e em tensão com forças políticas internacionais.

O Equador, país cuja parte significativa de seu território se encontra na selva amazônica, apresenta outra importante contribuição à matriz indígena do bem viver:

a concepção de *Kawsak Sacha*. Essa expressão, traduzida como *selva vivente*, defende que um território é povoado por seres humanos e não humanos que interagem entre si em relações cosmopolíticas e interdependentes que geram a vida. A intencionalidade presente nos humanos está também nos animais, nas plantas e em todos os elementos que compõem o território, de acordo com Marina Ghiroto Santos (2019, p. 11):

Kawsak Sacha é o reconhecimento de que a floresta é feita inteiramente de seres e das relações de comunicação estabelecidas entre si. Esses seres, desde as menores plantas até os mais supremos que protegem a floresta, são pessoas (*runas*) que habitam as cachoeiras, as lagoas, os pântanos, as montanhas e os rios. Em síntese, a *Selva Vivente* é um telar ecológico; o mundo natural é também um mundo social.

Outro importante conjunto de esforços para construção do bem viver advém do pensamento ecologista e pós-desenvolvimentista de intelectuais vinculados à crítica do desenvolvimento e aos movimentos sociais latino-americanos (ACOSTA, 2014; GUDYNAS, 2011; QUIJANO, 2014; ESCOBAR, 2015). Tais autores defendem que as noções de

bem viver são utopias a serem reconstruídas como expressões de modos de vida centrados em territórios. Nessa matriz histórico-filosófica, rejeita-se a ideia de que o desenvolvimento moderno seja uma aspiração social, e o mesmo é considerado uma forma de dominação. Propõe-se a criação de processos locais de participação social, de maneira que cada comunidade possa definir seu próprio bem viver, ou boa convivência, e assegurar que a sustentabilidade ambiental seja um requisito central para a realização destes modos de vida (ACOSTA, 2014).

Essa matriz visa a construção de uma sociedade biocêntrica, cujo território ocupa o centro das preocupações dos cidadãos (GUDYNAS, 2011). De fato, o biocentrismo é o objetivo central do uso das noções de bem viver nessa perspectiva. A principal influência dessa matriz é a ecologia profunda, da qual deriva o conceito de biocentrismo (GUDYNAS, 2011): uma concepção de mundo em que o território, enquanto espaço de vida, é a medida para todas as coisas e, portanto, tem um valor intrínseco e independente da utilidade que tem para o ser humano.

Das comunalidades entre as noções de bem viver consta a compreensão da vida consubstanciada entre humanos e não humanos (outras espécies, plantas, espíritos), da interdependência entre espécies para o equilíbrio da vida (SIQUEIRA, 2020). A compreensão de cuidado e reciprocidade também abarca todos os seres, na busca por um equi-

líbrio biosférico (MEDINA, 2011), plantas e outras espécies animais não são externalidades (como no sistema capitalista), são um contínuo.

Portanto, o conjunto das noções de bem viver forma uma categoria heterogênea, composta por múltiplas determinações e percursos históricos distintos. A partir da apresentação desse conjunto de elementos heterogêneos, concluímos que as noções de bem viver latino-americanas encontram importantes convergências centradas no bem-estar coletivo e na vida em suas distintas formas de manifestação, na interdependência multiespécie, na ética do igualitarismo, na autodeterminação dos povos e de seus territórios, na espiritualidade e na articulação de memórias, conhecimentos e cosmovisões de mundo.

De acordo com Baquero *et al.* (2021), as tentativas de “transformações de arranjos institucionais estabelecidos e mantidos pela modernidade” servem como uma referência para a promoção da Saúde Única em Periferias. Esse é o caso das discussões sobre noções de bem viver enquanto esforços para a descolonização de conceitos e acepções sobre qualidade de vida e bem-estar. Busca-se a desconstrução de propostas modernas ocidentais a partir de propostas que trazem especificidades de povos originários e de suas cosmovisões. Para elas, a totalidade da vida e das relações que conformam as comunidades e os territórios se articulam a partir de uma complexa cadeia de negociações e convívio

entre espécies, seres e entidades próprias de cada cosmovisão e espiritualidade.

Nessa direção, noções institucionais modernas ocidentais, como família e comunidade, também são reinterpretadas através do prisma das noções de bem viver. A noção de “família conjugal nuclear”, que figura como padrão hegemônico, sobretudo nos países ocidentais, emerge de processos ocorridos entre os séculos XVI e XVII como fruto do “destacamento de um núcleo, formado por pai, mãe e filhos, do grande grupo familiar que anteriormente incluía outros parentes, criados, pessoas próximas e amigos” (TOLEDO; PAIVA, 2014, p. 02). Nesse contexto, a família, enquanto agente socializador, seria o núcleo humano onde se nasce e onde se é introduzido “numa cultura, numa dinâmica complexa de relações humanas” (MANDELBAUM, 2010, p. 124). Tal modelo familiar conjugal nuclear, heterossexual, de características patriarcais e patrimoniais (embora em processo acelerado de decadência) foi e continua sendo utilizado para justificar opressões étnico-raciais, de classe, de gênero e de sexualidade. Ao longo da história esse padrão amparou o aumento de desigualdades nas transmissões de capitais materiais e simbólicos.

Por outro lado, o pensar com e para o coletivo está no âmago das noções de bem viver. Por exemplo, para diversas comunidades indígenas Guarani, crianças são responsabilidades da comunidade como um todo, sua educação

para a vida, sua alimentação e seu bem-estar são realizados coletivamente, trata-se de uma responsabilidade compartilhada (FIGUEIREDO, 2017; SILVA PRESTES, 2018) e com um sentido de coletivo que abrange outros seres e outras dimensões, como os animais da aldeia e da floresta e os espíritos de ancestrais. Tal noção ampliada de comunidade-família também está presente em comunidades do Movimento Sem-Terra, no Brasil, onde, por exemplo, para além do cultivo, o preparo e a distribuição de alimentos são atividades que visam o sustento e o bem viver do todo, são narrativas em que predominam o “nós” em vez do “eu” ou “minha” (GRUPIONI, 2020).

Nesse sentido, em estudo realizado no Peru com um grupo de 42 mulheres Quíchua, Andrea Delgado (2018) aponta que a partilha de alimentos e rituais de celebração aparecem com frequência nas falas relacionadas ao bem viver dessas mulheres. Segundo a autora: “ao compartilhar suas colheitas com a comunidade, as famílias diversificam sua dieta e ao mesmo tempo fortalecem seus laços comunitários em eventos sociais para celebrar casamentos e aniversários” (DELGADO, 2018, p. 49). Fernando García-Quero e Jorge Guardiola (2017), por sua vez, coletaram dados de 977 famílias de uma região rural do Equador, em investigação sobre traços culturais e ideológicos para a compreensão de sua noção de bem viver. Os autores reportam que os índices de bem-estar elevado nessa região estão relacionados

ao sentimento de pertença a um grupo e a um território, à solidariedade e à capacidade de produção de alimentos de forma coletiva (GARCÍA-QUERO; GUARDIOLA, 2017).

Novamente, na contramão da individualidade característica da modernidade ocidental, as noções de bem viver ampliam os sentidos ocidentais de família e comunidade. São propostas de organizações sociais mais abrangentes, que sustentam uma noção de comunidade-família-multiespécie, partindo da compreensão de que o ser humano é parte de um todo, composto por diferentes espécies, pelos seres em seus territórios. Por exemplo, entre os Aymara:

(...) *el subsuelo, el suelo, el agua, el aire, las montañas están vivos y son, además, los espacio-tiempos en que “los seres espirituales están latentes”; los ecosistemas mismos: altiplano, valles, yungas son organismos vivos; las plantas cultivadas y silvestres, los animales salvajes y domesticados, son seres vivos. Todos estos seres vivos “conviven y comparten” con el individuo, su familia y la comunidad humana. Son parte del continuum de la vida.* (MEDINA, 2011, p. 46)

Nossa discussão está inserida num espectro colonial-decolonial em que símbolos de diversas culturas coa-

bitam, colidem e transformam-se. Como destacado por Baquero *et al.* (2021, p. 12), ao discutirmos noções de povos indígenas latino-americanos no contexto científico acadêmico ocidental, é essencial levar em conta que “o conjunto de práticas exercidas a partir de determinada posição possui elementos decoloniais ‘e’ coloniais, em vez de elementos de-coloniais ‘ou’ coloniais” (aspas nossas).

A perspectiva das noções de bem viver, subjetivadas através de cosmovisões ancestrais e memórias coletivas expressas nos mais diferentes âmbitos da vida pessoal, comunitária e coletiva, compõem um paradigma decolonial para pensar a saúde mental e física das populações oprimidas da América Latina a partir de suas organizações e lutas por condições básicas de uma vida digna. Para tanto é necessário pensar como potencializar as organizações coletivas e comunitárias, assim como a singularidade das pessoas.

Em suma, o conjunto das noções de bem viver latino-americanas inclui propostas alternativas ao projeto de colonialidade e são projetos históricos de descolonização da sociedade moderna. Enquanto “horizontes éticos e políticos alternativos” (PRESTES, 2018), carregam a proposta de uma relação integralizadora do ser humano com seu espaço de vida e demais seres.

Referências

- ACOSTA, Alberto. **O Bem Viver**: uma oportunidade para se imaginar outros mundos. Tradução de T. Breda. São Paulo: Editora Elefante, 2014.
- ALBÓ, Xavier. Suma qamaña = convivir bien. ¿ Cómo medirlo? In: FARAH, Ivonne; VASAPOLLO, Luciano (coord.). **Vivir bien: ¿Paradigma no capitalista?**. La Paz: CIDES-UMSA, 2011. p. 133-144.
- BAQUERO, Oswaldo Santos. One Health of Peripheries: Biopolitics, Social Determination, and Field of Praxis. **Frontiers of Public Health**, v.9, p. 1-12, jun. 2021.
- BAQUERO, Oswaldo Santos; FERNÁNDEZ, Mario Nestor Benavidez; AGUILAR, Myriam Acero. From modern Planetary Health to Decolonial Promotion of One Health of Peripheries. **Frontiers of Public Health**, v.9, p. 1-11, jun. 2021.
- CHAMORRO, Graciela. A arte da palavra cantada na etnia kaiowa. **Bulletin-Société suisse des américanistes**, n. 73, p. 43-58, 2011.
- CHOQUEHUANCA, David. El Buen Vivir/Suma Qamaña. 25 postulados para entender el Buen Vivir. **La Razón**, v. 3, n. 02, p. 2010, 2010.
- CUSICANQUI, Silvia Rivera. Entre el Buen Vivir y el Desarrollo: una perspectiva indianista. In: ERREJÓN, Iñigo; SER-RANO, Alfredo (ed.). **¡Ahora es cuando, carajo!** Del asalto a la transformación del Estado en Bolivia. La Paz: El Viejo Topo, 2011. p. 169-180.

DELGADO, Andrea. **Sumaq Kawsay, Allin Kawsay**: Conceptions of Well-Being among Quechua Female Vendors in the Face of Change in Chincher, Peru. 2018. Thesis (Master of Arts in Latin American Studies) - Faculty of the Graduate School of Vanderbilt University. Nashville, Tennessee, USA, 2018.

EQUADOR. **Constituição (2008)**. Constituição Política da República do Equador. Quito: Assembleia nacional constituinte do Equador, 2008.

BAQUERO, Oswaldo Santos. One Health of Peripheries: Biopolitics, Social Determination, and Field of Praxis. **Frontiers of Public Health**, v.9, p. 1-12, jun. 2021.

BAQUERO, Oswaldo Santos; FERNÁNDEZ, Mario Nestor Benavidez; AGUILAR, Myriam Acero. From Modern Planetary Health to Decolonial Promotion of One Health of Peripheries. **Frontiers of Public Health**, v.9, p. 1-11, jun. 2021.

GARCÍA-QUERO, Fernando; GUARDIOLA, Jorge. *Economic Poverty and Happiness in Rural Ecuador: the Importance of Buen Vivir (Living Well)*. **Applied Research in Quality of Life**, vol. 13, n. 4, 2017.

GHIROTTO SANTOS, Marina. *Sinzhi warmiguna*: notas sobre política e gênero entre as/os Sarayaku Runa. **Amazônica - Revista de Antropologia**, v. 11, n. 2, 2019.

GROSFOGUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI.

- Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 25-49, 2016.
- GUDYNAS, Eduardo. Bem-Viver: Germinando alternativas ao desenvolvimento. **América Latina em Movimento-ALAI**, n. 462, p. 1-20, 2011.
- HERMIDA, César. Sumak Kawsay: Ecuador builds a new health paradigm. **Meddic rev.**, v. 3, n. 3., online, 2011.
- HUERTAS-FUSCALDO, Bruna M.; URQUIDI, Vivian. El Buen Vivir y los saberes ancestrales frente al neo-extractivismo del siglo XXI. **Polis (Santiago)**, v. 14, n. 40, p. 81-99, 2015.
- LIMA, Tânia Stolze. O dois e seu múltiplo: reflexões sobre o perspectivismo em uma cosmologia tupi. **Mana**, v. 2, n. 2, p. 21-47, 1996.
- MEDINA, Javier. Acerca del Suma Qamaña. In: FARAH, Ivonne; VASAPOLLO, Luciano (coord.). **Vivir bien: ¿Paradigma no capitalista?**. La Paz: CIDES-UMSA, 2011. p. 39-64.
- MELIÀ, Bartolomeu. El buen vivir se aprende. **Sinéctica**, n. 45, p. 1-12, 2015.
- MOREL, Ana Paula M. Lekil kuxlejal: Bem Viver na saúde autônoma do movimento zapatista. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, v. 13, n. 4, 2019.
- QUIJANO, Anibal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, Edgard. **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales**. Buenos Aires: CLACSO, 2000. p. 122-151.

ROZAS, Germán. Hacia una Psicología Social Comunitaria del Sur. **Psicología, Conocimiento y Sociedad**, v. 5, n. 2, p. 12-12, 2015.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Epistemologias do sul. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v. 80, p. 5-10, 2008.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma nova visão da Europa: aprender com o Sul. **Sociologias**, v. 18, n. 43, p. 24-56, 2016.

SIQUEIRA, Gabriel C. **Noções de bem viver latino-americanas na perspectiva da psicologia**: uma revisão de escopo. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

SIQUEIRA, Gabriel C.; SANTOS, Alessandro O. A felicidade segundo o povo guarani mbya: a noção de bem-viver. **Acta Psicossomática**, v. 1, n. 1, 2018.

SOUZA, Flaviana R. **Povos indígenas e saúde mental**: a luta pelo habitar sereno e confiado. Dissertação (Mestrado em Psicologia Experimental). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

TURRA, Grégori H. **Nheẽ vy'aa**: reflexões etnográficas sobre bem viver e práticas cosmopolíticas entre os Mbya Guarani no Sul do Brasil. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Sociais). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. **Mana**, v. 2, n. 2, p. 115-144, 1996.

WALSH, Catherine. La interculturalidad en educación. Perú: Ministerio de Educación. Dirección Nacional de Educación Blingüe Intercultural, 2005.

YAMPARA, Simón. El Viaje del Jaqi a la Qamaña. El Hombre en el Bien Vivir. In: QUINTERO Pablo (ed.). **Crisis Civilizatoria, Desarrollo y Buen Vivir**. Buenos Aires: Del Sig-
no, 2014. p. 193-199.

Sobre autoras e autores

Adna Ribeiro Cavalcante Costa. Graduanda de Medicina Veterinária pela Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo (FMVZ-USP). Engajada em projetos de extensão relacionado à Saúde Única desde o início de sua formação. Membro do Saúde Única em Periferias (SUP-VPS-FMVZ-USP) em 2019/20. Mulher negra e periférica, residente do bairro Parque São Rafael/Jd. Vera Cruz, extremo leste de São Paulo, no qual compartilha vivências desde seu nascimento.

Alessandro de Oliveira dos Santos. Professor Livre-Docente do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP) e pesquisador associado do Grupo de Pesquisa nPeriferias do Instituto de Estudos Avançados da USP. Pesquisa temas relacionados a intercultura e raça-etnia.

Amanda Escobar Costa. Formada em Comunicação Social-Jornalismo, graduanda em História na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), integrante dos projetos Democracia, Artes e Saberes Plurais (DASP) e CineGRI (Cinema, Geopolítica e Relações Internacionais). Moradora da zona leste de São Paulo.

Bruno Simões Gonçalves. Psicólogo, Doutor em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Atualmente, realiza Estágio de Pós-Doutorado

no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP) com bolsa do Programa Nacional de Pós-Doutorado da CAPES. Pesquisa as noções de bem viver e sua relação com o pensamento da descolonização latino-americana.

Caio Gabriel da Silva. Graduando em Letras no Bacharelado e em Português e Espanhol na Licenciatura da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Integrante do grupo de estudos de Teoria Literária e Ética. Atuou como pesquisador no Projeto Democracia, Artes e Saberes Plurais (DASP) do IEA-USP. Idealizador do Sarau Marginália e poeta, tem autopublicado seus textos.

Carla Maria dos Santos Silva. Graduanda em História, integrante do Grupo de Pesquisa Ana Gertrudes de Jesus e do Coletivo Negro Beatriz Nascimento, ambos ligados à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Atuou como pesquisadora no Censo Pontes e Vivências de Saberes do IEA-USP, no território da Vila Guaraciaba.

Danilo Pereira Sato. Graduado em Gestão Ambiental pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP), mestre e doutorando no Programa de Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH-USP) sob orientação da Profª Drª. Neli Aparecida de Mello-Théry. Membro dos grupos de pesquisa Políticas Públicas, Territorialidades e Sociedade;

Psicologia Política, Políticas Públicas e Multiculturalismo (GEPSIPOLIM), do Laboratório de Geografia Política e do Grupo de Educação Ambiental Crítica (GEAC).

Dayane Pereira de Souza. Graduanda de Engenharia Elétrica na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (Poli-USP). Foi pesquisadora do censo do IEA-USP, no território da São Remo e Sem Terra.

Diana Enriquez Cueva. Graduanda em Ciências Biológicas no Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo (IB-USP). Nasceu no Peru e mora no Brasil há 10 anos com a sua família. Engajada em temáticas ambientais, educacionais e questões sociais.

Douglas Henrique Santos da Silva. Graduando em Gestão de Políticas Públicas na Universidade de São Paulo (EACH-USP) e em Direito na Universidade São Judas Tadeu (USJT). Atuou como recenseador no Jardim Keralux.

Eduarda Ribeiro Rodrigues. Graduanda do curso de Letras, Habilitação Português e Francês, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Atuou como pesquisadora do censo em São Remo e Sem Terra.

Érica Peçanha. Antropóloga, pesquisadora de pós-doutorado do Instituto de Estudos Avançados da USP e do nPeriferias – Grupo de Pesquisa das Periferias. Supervisora geral do Projeto Democracia, Artes e Saberes Plurais (DASP).

Fagner de Souza Gonçalves. Estudante de Lazer e Turismo na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP). Pesquisador do censo no território do Jardim Keralux. Homem preto e periférico, captivado pela potência de transformação individual e coletiva da favela.

Francisca Eveline dos Santos. Estudante de Medicina Veterinária da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo (FMVZ-USP). Integrante da rede Saúde Única em Periferias (SUP-VPS-FMVZ-USP).

Gabriel Castro de Siqueira Júnior. Bacharel em Psicologia pela Concordia University of Montreal. Mestre e Doutorando em Psicologia Social pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP). Pesquisa temas relacionados à qualidade de vida e relações étnico-raciais.

Isadora Nunes Ferreira. Graduanda em gestão de políticas públicas pela Universidade de São Paulo (USP). Atuou como pesquisadora do censo nos territórios do Jardim Keralux e da Vila Guaraciaba e atualmente contribui com o projeto Saúde Única em Periferias (SUP-VPS-FMVZ-USP). Também integra o Coletivo Denegrir da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH-USP) e a Comissão de Graduação da Representação Discente da mesma unidade.

Isamara Oliveira Guimarães. Graduanda em História, atuou como pesquisadora do censo no território da São Remo. Estudante oriunda da escola pública e cursinho popular, acredita no poder transformador da educação democrática.

Jacqueline Jaceguai Chagas Nunes dos Santos. Doutoranda do Programa em Mudança Social e Participação Política da Universidade de São Paulo (EACH-USP), sob a orientação do Prof. Dr. Marcos Bernardino de Carvalho. Supervisora de campo do censo nos territórios de Jardim Keralux e Vila Guaraciaba.

Kaio Gabriel Gameleira da Silva Pinto. Morador da Vila Guaraciaba, graduando em Gestão de Políticas Públicas na Universidade de São Paulo (USP), articulador local no Projeto Democracia, Artes e Saberes Plurais (DASP), integrante do grupo de pesquisa em educação INTERFACES - Interfaces e Núcleos Temáticos de Estudos e Recursos da Fantasia nas Artes, Ciências, Educação e Sociedade.

Luciana Lima Marques. Estudante de Graduação em Saúde Pública na Universidade de São Paulo (FSP-USP), bacharela em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Tem origem periférica, na Cidade Tiradentes. Decidiu fazer das pesquisas e projetos ferramentas para compreensão, produção e assistência social em prol da gestão e saúde coletiva brasileira.

Mayara Bertanhe. Médica veterinária formada pela Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo (FMVZ-USP). Trabalha com genômica e virologia. É membro da rede Saúde Única em Periferias (SUP-VPS-FMVZ-USP) desde 2019.

Nayara Klinger Castilho Santos. Graduanda em Geografia na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da

Universidade de São Paulo (FFLCH- USP). Atuou como re-censeadora no território da São Remo.

Oswaldo Santos Baquero. Professor do Departamento de Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Animal (VPS-FM-VZ-USP) e do nPeriferias – Grupo de Pesquisa das Periferias do Instituto de Estudos Avançados da USP. É coordenador da rede Saúde Única em Periferias (SUP-VPS-FMVZ-USP).

Paulo Nunes Rogério dos Santos. 25 anos, graduando em Arquitetura e Urbanismo na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP). Advindo do Capão Redondo, periferia de São Paulo, objetiva por meio da arquitetura impactar a realidade nas comunidades. Bolsista dos projetos Democracia, Artes e Saberes Plurais (DASP) e USP Legal. Integra o Coletivo Negro Malungo e a FAU Social.

Rafaela Carolina Pereira Campos. Graduanda em Geografia na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH- USP). Atuou como pesquisadora do censo, como bolsista cedida pelo projeto Saúde Única em Periferias (SUP-VPS-FMVZ-USP).

Raquel de França Bezerra. 21 anos, graduanda em Ciências Contábeis na Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (FEA-USP). Advinda da periferia de Cubatão, na Baixada Santista. Acredita que a economia pode se somar à proteção ambiental e ao setor cultural na busca de equidade e melhores condi-

ções de vida para toda a população, sobretudo, a periférica.

Raquel Pereira Ires. Graduanda em Geologia do Instituto de Geociências da Universidade de São Paulo (IGc-USP). Atuou como pesquisadora do censo, como bolsista cedida pelo projeto Saúde Única em Periferias (SUP-VPS-FMVZ-USP).

Ricardo Lima da Silva (*in memoriam*). Estudante de Geografia na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH- USP). Pretendia ser estudante de Economia. Sonhou fazer Astronomia. Seja qual for o curso, sua aspiração era vivenciar uma experiência acadêmica numa universidade de alto nível. Atuou como recenseador do DASP no contexto da São Remo, ao lado do *campus* Cidade Universitária da USP.

Yasmin da Silva Alexandre. Estudante de Medicina Veterinária pela Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo (FMVZ-USP). Nasceu e cresceu na São Remo, comunidade vizinha à Cidade Universitária, onde vivenciou a realidade periférica e a “distância” em muitos sentidos em relação à USP. É membro da rede Saúde Única em Periferias (SUP-VPS-FMVZ-USP) desde 2019, onde encontrou um espaço para repensar a Saúde Única e a Medicina Veterinária pelas particularidades vividas na periferia.

Realização e parcerias

Realização

Universidade de São Paulo - USP

Reitor: Vahan Agopyan

Vice-reitor: Antonio Carlos Hernandes

Instituto de Estudos Avançados - IEA

Diretor: Guilherme Ary Plonski

Vice-diretora: Roseli de Deus Lopes

Cátedra Olavo Setubal de Arte, Cultura e Ciência

Coordenador acadêmico: Martin Grossmann

Coordenadora executiva: Liliana Sousa e Silva

Parceria

Itaú Cultural

Presidente: Alfredo Setubal

Diretor: Eduardo Saron

Observatório Itaú Cultural

Equipe: Marcos Cuzziol (até 2020), Jader Rosa, Luciana

Modé e Andréia Briene

Apoio estratégico

Fundação Tide Setubal

Presidente do conselho: Necá Setubal

Superintendente: Mariana Neubern de Souza Almeida

Apoios institucionais da USP

Apoios institucionais da USP

Edital de Apoio a Projetos de Pesquisa com Iniciativas de Ciência-Cidadã

Escola de Artes, Ciências e Humanidades - EACH

Gabinete da Reitoria

Programa Unificado de Bolsas de Estudos para Apoio e Formação de

Estudantes de Graduação
Pró-Reitoria de Cultura e Extensão
Pró-Reitoria de Graduação
Pró-Reitoria de Pesquisa
Pró-Reitoria de Pós-Graduação

Apoios externos

Arq.Futuro
Elisa Bracher
Escola da Cidade

Expediente dos projetos
Projeto Democracia, Artes e Saberes Plurais - DASP

Idealizadora e coordenadora geral
Eliana Sousa Silva

Coordenador acadêmico
Martin Grossmann

Supervisora geral
Érica Peçanha

Centralidades Periféricas
Consultor
Marcio Vidal Marinho

Plataforma Conexões USP Periferias
Pesquisadora de pós-doutorado
Érica Peçanha

Pesquisadores de pós-graduação
Claudia Rosalina Adão
Leandro de Oliva Costa Penha
Telma Azevedo

Pesquisadores de graduação
Ísis Belon Fernandes
Marianna Gabrielli Alves (Bolsista do Projeto Práticas
Mediativas)
Vítor Soares Miceli (Bolsista do Projeto Práticas
Mediativas)

Censo Pontes e Vivências de Saberes
Consultores

Dalcio Marinho Gonçalves (coordenador de pesquisa e formação)
Everton Pereira da Silva (coordenador de campo)

Articuladores locais

Camila Mendes Ferreira dos Santos
Charleton Pierre
Cíntia Salvador Ferreira
Eraldo Virginio da Silva
Ericsson Michel Silva Magnavita
Kaio Gameleira da Silva Pinto
Laís Rodrigues da Cunha
Rafael Pompeu da Silva
Rosangela do Nascimento Ferreira
Sebastião Gomes

Pesquisadores de pós-graduação

Adriana Pereira do Nascimento
Danilo Pereira Sato
Jacqueline Jaceguai Chagas Nunes dos Santos
Manfrin
Roberto Morettho
Thais Barbosa Passos

Pesquisadores de graduação

Aline de Carvalho Santos (Bolsista do Programa
Aproxima-Ação)
Amanda Escobar Costa
Arlindo Alves Pereira Junior
Breno Môroni Veloso dos Santos
Caio Gabriel da Silva
Carla Maria dos Santos Silva
Caroline de Jesus Cabral
Dayane Pereira de Souza
Diana Cristina Enriquez Cueva

Douglas Henrique Santos da Silva
Eduarda Ribeiro Rodrigues
Eduardo da Silva Moreira
Erika Souto (Bolsista do Projeto Saúde Única em Periferias)
Fagner de Souza Gonçalves
Gabriel Souza Belém Pimenta dos Santos
Gustavo Pontes da Silva
Henrique Gomes de Andrade Silva
Isadora Nunes Ferreira (Bolsista do Projeto Saúde Única em Periferias)
Isamara Oliveira Guimarães (Bolsista do Projeto Práticas Mediáticas)
Izadora Ferreira Santos
Jacia Kanarski Braz da Silva (Bolsista do Programa Aproxima-Ação)
Jade Bernardes
Jardielson Araújo da Silva
Jhonatan Ferreira Alencar
Juliana Alves Frade
Leonardo Francez
Leonardo Rossato Tavares (Bolsista do Projeto Saúde Única em Periferias)
Luciana Lima Marques
Maria Luiza Rocha Bueno (Bolsista do Projeto Práticas Mediáticas)
Mateus Oliveira Santos
Natália Galvão Azevedo Silva
Nayara Klinger Castilho Santos
Patrícia Mendes Gomes
Paulo Rogério Nunes dos Santos
Paulo Victor Simões
Pedro Gabriel Miranda e Silva
Pedro Henrique Santos

Rafaela Pereira Campos (Bolsista do Projeto Saúde Única em Periferias)
Rafaela Tauani Rodrigues de Freitas
Raquel de França Bezerra
Raquel Pereira Ires (Bolsista do Projeto Saúde Única em Periferias)
Ricardo Lima da Silva (*in memoriam*)
Richard Melo da Silva
Simony Silva Campello
Victoria Caroline de Souza Alves
Vitória Andrade Reis
Weckson Oliveira
Wellington Luiz Ferreira
Wellyda Christina de Oliveira Araújo
Yone Maximiniano

Projetos parceiros na USP

Notícias do Jardim São Remo
Programa Aproxima-Ação
Rede SUP – Saúde Única em Periferias

Docentes parceiros da USP

Dennis de Oliveira
Edemilson Antunes de Campos
Francisca Dantas Mendes
Gerardo Kuntschik
Lúcia Maciel Barbosa de Oliveira
Maria de Lourdes Zuquim
Maria Helena Pereira Toledo Machado
Oswaldo Santos Baquero
Rosenilton Silva de Oliveira

Parceiros nos territórios

Jardim São Remo e Sem Terra

Associação de Moradores do Jardim São Remo
Associação Poliesportiva São Remo
CAPS Infantil
Circo Escola
Conselho de Usuários UBS São Remo
Grupo Composição Urbana
Grupo Ideologia Fatal
Instituto Cybernetikos
Projeto Alavanca
Projeto Girassol
Projeto Social Catumbi Futebol

Jardim Keralux e Vila Guaraciaba

Centro para Crianças e Adolescentes Jardim Keralux -
CCA Keralux
Conselho Gestor da Comunidade
Escola Estadual Irmã Annette Marlene Fernandes de Mello
Igreja Adventista do Sétimo Dia
Instituto Conexão Social Mãos que se Unem
Instituto União Keralux - INKER
UBS Keralux

Agradecimentos

Ana Estela Haddad, Antonio Carlos Hernandes, Aziz Salem, Beatriz Cristina Rocha, Edmund Chada Baracat, Fernanda Cunha Rezende, Fernando Black Nandão, Jorge Paulo Soares, Liliana Sousa e Silva, Lúcia Maciel Barbosa de Oliveira, Marcos André de Almeida Santos, Maria Leonor de Calasans, Mônica Sanches Yassuda, Necá Setubal, Oswaldo Santos Baquero, Paulo Saldíva, Ricardo Ricci Uvinha, Mauro Bellesa, Sérgio Ricardo Villani Bernardo, Rafael Borsanelli, Raimunda Rodrigues dos Santos, Roque Celeste Passos e Tizuko Terezinha Sakamoto.

Saúde Única em Periferias – SUP

Coordenação

Evelise Oliveira Telles

Júlia Amorim

Júlia da Mata

Ligia Neves Scuarcialupi

Oswaldo Santos Baquero

Yasmin da Silva Alexandre

Colaboradores

Alessandro de Oliveira dos Santos

Ana Carolina Basso Schmitt

Beatriz Gagete Veríssimo de Mello

Beatriz Rocha

Ana Claudia Germani

Carlos Curtidor

Carlos Dumangue

Carolina Carvalho

Diana Magdalena Jiménez

Dora Mariela Salcedo Barrientos

Elbio Miyahira

Érica Peçanha

Fabio Gregori

Fernando Ferreira

Ericsson Magnavita

Gisella Dias

Gislene Aparecida dos Santos

Juliana Tozzi de Almeida

Leonardo Rossato

Ligia Ferreira Gomes

Marcos Bryan Heinemann

Mario Benavides Fernández

Myriam Acero Aguilar
Rosangela Ribeiro Gebara
Simone Rennó Junqueira
Tatiane Braz Camargo
Yarlenis Mestre

Estudantes de graduação

Ana Carolina Pinheiro
Ana Clara Kohara Roman
Ana Karoline Martins de Lima
Ana Renata Pereira da Silva
Bia Naiara Cordeiro Xavier
Bruna Camillo Barbosa
Camila Barbieri Alves
Danielle Santos
Danillo Handerson Garcia Rodrigues
Gabriela Andrade
Gabrielle Solano Donadon
Giovanna de Moraes Rizzo
Giovanna Guimarães Casoni
Giovanna Nalin Parmegiani
Giulia Martoni Fernandes
Helena Martos
Isadora Nunes
João Víctor Barbosa Tenório Fireman
Julia da Mata Goes Silva
Julia Quental Caribe
Julia Silvestrini
Juliana de Cassia Gildo
Larissa Carvalho dos Santos
Leonardo Miguel dos Santos
Leonardo Rossato Tavares
Letícia Duarte Beio

Luiz Felipe Noronha de Magalhães Venosa
Luiza Lopes Romero
Luiza Saad Pierucci
Maria Eugenia Furtado Walther
Matheus Silvestre Martins
Mayara Palos Araujo
Mirela Soares Viliti
Natália Leite
Nayara Klinger Castilho Santos
Nicoly Fialho de Souza
Paula Santa Maria Rodrigues Marto
Raissa Nouér de Oliveira
Raquel Gomes Catozo
Rubia Diaz Taveiros Kuhne
Sabrina Alves Luz
Thainara Rodrigues de Oliveira
Thais Helena Almeida
Thaminne Barros dos Santos
Yasmin da Silva Alexandre
Yasmin Vieira Franklin

Apoios institucionais da USP

Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia
Instituto de Estudos Avançados - Grupo de Pesquisa das Periferias
(nPeriferias)
Pró-Reitoria de Cultura e Extensão - Edital de Inclusão Social e
Diversidade na USP e em Municípios de seus campi
Pró-Reitoria de Cultura e Extensão - Programa Aproxima-Ação
Pró-Reitoria de Graduação - Programa Aprender na Comunidade
Pró-Reitoria de Graduação - Programa Unificado de Bolsas
de Estudos para Apoio e Formação de Estudantes de Graduação

Apoios institucionais de São Remo e Sem Terra

Associação de Moradores do Jardim São Remo

Associação Poliesportiva São Remo

CAPS Infantil

Centro Cultural Riacho Doce

Circo Escola

Grupo Composição Urbana

Grupo Ideologia Fatal

Projeto Alavanca

Projeto Espaço Girassol

Projeto Social Catumbi Futebol

UBS São Remo

Agradecimentos

Adelvan de Lima Nunes, Adriana Lucia da Silva dos Santos, Ana Claudia Carvalho de Almeida Venceslau, Centro Latinoamericano de Aprendizaje y Servicio Solidario – CLAYSS, Dalcio Marinho Gonçalves, Eliana Sousa Silva, Martin Grossmann, Rosangela do Nascimento Ferreira, Stefanie Sussai, Tauane Brabo da Silva.

Ficha técnica Editora Amavisse

Conselho Científico

Ana Maria Haddad Baptista (PUC/SP)
Cecília Pescatore Alves (PUC/SP)
Érica Peçanha do Nascimento (USP)
Geruza Zelnys de Almeida (UNIFESP)
Lidiane dos Anjos (PUC/SP)
Lilian Amadei Sais (USP)
Marina Silva Ruivo (USP)
Paula Chagas Autran Ribeiro (USP)
Pricila Gunutzmann (PUC/SP)
Sonia Regina Albano de Lima (PUC/SP)
Solange Aparecida Emílio (USP)
Vânia Warwar Archanjo Moreira (Mackenzie -SP)
Vanilda Aparecida dos Santos (PUC/SP)

Editora

Pricila Gunutzmann

Revisora

Maíra Vale

Fotografia de capa

Oswaldo Santos Baquero

Capa, projeto gráfico e diagramação

Henrique Lourenço
@henriqueloren

Esta obra foi composta em Minion Pro
em dezembro de 2021
para a Editora Amavisse

Os estereótipos impostos às periferias urbanas impedem a reorganização equitativa, sustentável e saudável das cidades. Não permitem assimilar o caráter multiespécie das favelas e de outras periferias, onde diversos tipos de viventes se relacionam e são marginalizados. E onde as comunidades e as famílias não são constituídas apenas por humanos.

Neste livro, um grupo de estudantes e pesquisadores com vivências periféricas, em sua maioria da graduação, mostram-nos algumas das facetas multiespécies que quebram estereótipos e revelam periferias dentro de periferias.

Oswaldo Santos Baquero

*Professor da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia
e do Instituto de Estudos Avançados da USP*



Coleção Democracia, Artes e
Saberes Plurais - IEA/USP

[#2]

Realização

Cátedra Olavo Setubal
de Arte, Cultura e Ciência

ie]

A Instituto de
Estudos
Avançados da
Universidade de
São Paulo

Parceria

IESP

V

ItaúCultural

OBSERVATÓRIO

ITAU CULTURAL

Fundação
Tide
Setubal

ISBN 978-65-88152-21-8



9 786588 152218 >